

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

**FABRÍCIO DE PAULA GOMES MOREIRA**

**A CONSTITUIÇÃO POLÍTICO-CULTURAL DA AUTORIDADE DOS  
PRÍNCIPES RUS' ENTRE OS SÉCULOS X E XII.**

**MARIANA/MG  
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

**FABRÍCIO DE PAULA GOMES MOREIRA**

**A CONSTITUIÇÃO POLÍTICO-CULTURAL DA AUTORIDADE DOS  
PRÍNCIPES RUS' ENTRE OS SÉCULOS X E XII.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História por Fabrício de Paula Gomes Moreira.

**Área de concentração:** Poder e Linguagens

**Linha de Pesquisa:** Ideias, Linguagens e Historiografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata

**Mariana/MG  
2014**

M838c

Moreira, Fabrício de Paula Gomes.

A constituição político-cultural da autoridade dos príncipes Rus' entre os séculos X e XII [manuscrito] / Fabrício de Paula Gomes Moreira. - 2014. 158f.: il.: color; mapas.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. História. Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração: Poder e Linguagens.

1. Rus'. 2. Principado. 3. Política. 4. Cultura. 5. Cristianismo. I. da Mata, Sérgio Ricardo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(470.24)(477.41)



**Fabício de Paula Gomes Moreira**

A Constituição Político-Cultural da Autoridade dos Príncipes  
RUS' entre os séculos X e XII.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em  
História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau  
de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora  
abaixo assinada.

**Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata**  
Departamento de História/ UFOP

**Prof. Dr. Celso Taveira**  
Departamento de História/ UFOP

**Prof. Dr. Renato Viana Boy**  
UFFS

*Dedico a minha família.*

## **Agradecimentos**

Durante o período de desenvolvimento dessa pesquisa, muitas pessoas e instituições foram fundamentais para o seu bom andamento. É necessário agradecer inicialmente à UFOP pelo incentivo financeiro à pesquisa e mais especificamente ao Programa de Pós-Graduação em História. No entanto, dentro e fora dessas duas instituições, várias pessoas merecem nossos agradecimentos individuais. Aqui deixamos expressa nossa gratidão:

Ao meu mentor e incentivador, Professor Celso Taveira, por desde o longínquo início de minha graduação ter me inspirado a tratar todo o mundo como um lugar de investigação e descoberta; e por ter me ensinado a alegria proveniente desse sentimento. Toda essa inspiração não cabe em uma atribuição institucional específica.

Ao meu orientador, Professor Sérgio Ricardo da Mata, por aceitar me orientar nessa empreitada “atípica” quando pensei que ninguém aceitaria; por me mostrar o lugar da teoria em um estudo histórico; e por me mostrar a importância de unir as três características principais do que, para ele, é um bom estudante.

A todos os professores que participaram de minha formação até aqui, com destaque especial para os Professores do LEIR/UFOP, Fábio Faversani, Fábio Duarte Joly e Alexangre Agnolon. O benefício que extraí da convivência e da troca de ideias com vocês e os demais participantes do grupo foram fundamentais para que eu pudesse entender o universo dos antigos e medievais. Também destaco o saudoso Professor José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima, exemplo de entrega à docência e alegria de viver.

A todos os funcionários e funcionárias do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, sempre dispostos a acolher e a ajudar a resolver meus inúmeros problemas durante essa trajetória. Obrigado pelo café, pelas conversas, piadas e amenidades. Obrigado ainda a todos os amigos e colegas do instituto, que por seu companheirismo e pela troca de ideias sempre merecerão reverência. Luquinha, depois de incontáveis eras nós ainda nos toleramos! Mamede, continuamos na briga por uma história menos ordinária. China, Marcelle, Fernandinha e Lucas, precisamos de mais uma pausa para o café! Gabi e Thiago, obrigado pela oportunidade de testar alguns insultos novos! A todos os amigos e amigas da turma, muito obrigado por tudo! Ao Vinícius ao Zé e a todos os companheiros do café, precisamos procrastinar mais um pouco! Ao pessoal do grupo de Medieval, continuem as pesquisas brilhantes e procurando espaço para nosso trabalho.

A todos os meus familiares, sem exceção, que todos os dias me ajudam a descobrir a complexidade e a beleza da condição humana em todos os momentos, sejam eles felizes ou tristes. Saúdo ainda aqueles que já se foram, pois a lembrança de nossa convivência sempre será motivo

para bons sentimentos e algumas daquelas gargalhadas desenfreadas. Espero que este trabalho faça jus ao esforço passado e presente de cada um para que nos mantenhamos unidos e felizes.

À República Chora Rita, minha família de cá, que por todas as suas peculiaridades me faz sentir que é ainda é possível encontrar pessoas dispostas a dividir e compartilhar seu espaço mas, além disso, suas alegrias e tristezas, seus momentos de glória e, principalmente, sua diversão. Lá se vão oito anos e acredito que a decisão errada que tomamos juntos em 2006 provavelmente foi uma das mais acertadas que já tomei.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à Michele e a seu vestido de grãos de café. Nosso interesse por História Medieval é mais uma das felizes coincidências da vida. Ter te apresentado ao site de fontes documentais foi uma das melhores coisas que já fiz. Obrigado por suas traduções e por sua cuidadosa revisão. E não me canso de agradecer por você ter acreditado em minha capacidade quando eu mesmo não acreditava.

“Porque grande é o benefício do aprendizado com livros.”

*(Crônica dos tempos passados)*

(CROSS, 1968: 137)



## RESUMO

Essa pesquisa analisa a constituição politicocultural da autoridade nos principados Rus' no leste europeu entre os séculos X e XII d.C., a partir da imbricação de várias matrizes diferentes, tais como a religião Cristã Ortodoxa, as tradições consuetudinárias Rus', o incremento da cultura letrada, entre outros influxos. Estes principados se localizavam no território que corresponde atualmente à parte mais ocidental da Rússia e partes da Ucrânia e Bielorrússia. Nosso argumento se baseia principalmente em duas fontes: a *Crônica dos Tempos Passados* (do início do século XII), e o *Sermão sobre a Lei e a Graça* (1049 d.C. circa) atribuído ao bispo metropolitano Hilarion de Kiev (1051-1054). Através da leitura desses documentos tentamos estabelecer um panorama da elaboração política impulsionada pela difusão do Cristianismo ortodoxo de matriz bizantina entre os Rus'. Diante disso, pretendemos elucidar como esses documentos se inseriram no processo de cristianização e de consolidação política na região, como instrumentos discursivos do poder nascente que agiam sobre o contexto do qual eram oriundos.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the politico-cultural establishment of authority in Rus' principalities in Eastern Europe, from the 10<sup>th</sup> an overlapping of many different sources, such as the Orthodox Christianity, Rus' customary traditions, the raise of literacy, among other influxes. Those principalities were located in a land which now corresponds to the westernmost part of Russia and parts of Ukraine and Belarus. Our argument is based primarily on two sources: the *Tale of Bygone Years*, from the beginning of the 12<sup>th</sup> and the *Sermon on Law and Grace* (1049 AD, circa), ascribed to metropolitan bishop Ilarion of Kiev (1051-1054). Through the reading of those documents we have tried to establish an overview of the political development bolstered by the propagation of Orthodox Christianity from Byzantium among the Rus'. Thus, we aim to clarify how those documents placed themselves in the process of Christianization and political consolidation in the region as discursive instruments of the rising power, also acting upon the context from which they derived.

## Lista de Mapas

**Mapa 1:** Extensão aproximada do principado Rus', pouco depois da morte de Vladimir, em meados do século XI d.C. sobre as fronteiras atuais da região da Planície Russa. Página **27**.

**Disponível em:** [en.wikipedia.org/wiki/Kievan\\_Rus'](http://en.wikipedia.org/wiki/Kievan_Rus'). Acessado em: 23/05/2013

**Mapa 2:** Extensão máxima dos domínios Kázaros. Os tons de azul decrescem em intensidade demarcando o território inicial dos Kázaros e suas expansões posteriores. Página **30**.

**Disponível em:** [en.wikipedia.org/wiki/Kievan\\_Rus'](http://en.wikipedia.org/wiki/Kievan_Rus'). Acessado em: 23/05/2013

**Mapa 3:** Principais rotas dos Vikings na região. A linha vermelha representa a rota que levava os Vikings aos mercados árabes, ao Califado Abássida e ao Emirado Samânida. A linha azul representa a rota que levava-os aos mercados do Império Bizantino. Página **31**.

**Disponível em:** [en.wikipedia.org/wiki/Khazars](http://en.wikipedia.org/wiki/Khazars). Acessado em: 23/05/2013

## Sumário

Conteúdo	Pág.
<b>Introdução</b>	12
<b>Capítulo 1: Aspectos geográficos e etnológicos e descrição das principais fontes documentais.</b>	15
1.1 Aspectos geográficos da Planície Russa.	15
1.2 Fontes.	18
1.2.1 A <i>Crônica dos tempos passados</i> .	18
1.2.2 O <i>Sermão sobre a Lei e a Graça</i> .	23
1.2.3 O <i>De administrando imperio</i> .	26
<b>Capítulo 2: A formação do principado Rus' no século X: uma análise dos fatores econômicos e culturais.</b>	28
2.1 Primeiras considerações.	28
2.2 Contatos culturais e econômicos e o surgimento da primeira entidade política eslava.	30
2.3 Controvérsia normandista.	35
2.3.1 Discussão sobre os termos: Varângios e Rus'.	36
2.4 O estabelecimento do principado.	41
2.5 O batismo de Vladimir.	54
2.5.1 O Contexto político do Império Bizantino às vésperas do acordo com Vladimir.	56
2.5.2 O Contexto político do principado Rus' às vésperas do batismo.	59
2.6 O batismo: reconstituição dos eventos e debate historiográfico.	64
<b>Capítulo 3: A <i>Crônica</i> e o <i>Sermão</i> e seus autores como agentes de transformação social. A educação pelo exemplo e o orgulho do pertencimento à comunidade.</b>	74
3.1 Ambiente de produção	74
3.2 A chegada do cristianismo entre os Rus'	78
3.3 O <i>Sermão</i> e a <i>Crônica</i> como fundadores de uma percepção de comunidade entre os Rus'.	85
3.4 Os testemunhos da <i>Crônica</i> e do <i>Sermão</i> sobre a história da cristianização dos Rus'.	87
3.4.1 Como Vladimir é caracterizado por nossos documentos no início de seu governo?	90
3.4.2 Quais foram as circunstâncias do batismo de acordo com a <i>Crônica</i> e o <i>Sermão</i> ?	96
3.4.3 O que significou sua vida após o batismo para a <i>Crônica</i> e para o <i>Sermão</i> ?	113
3.5 A morte de Vladimir ou como sua trajetória de vida se tornou modelo para a <i>Crônica</i> e para o <i>Sermão</i> ?	121
<b>Conclusão</b>	146
<b>Referências bibliográficas</b>	156

## **Introdução**

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a constituição político-cultural da autoridade dos príncipes Rus' entre os séculos X e XII. Durante esse período se consolidou a autoridade dos riurikidas, uma dinastia de príncipes que remontava sua origem a Riurik, um guerreiro semilendário que teria conquistado a região em meados do século IX.

Pretendemos também demonstrar como a ruptura ocasionada pela adoção do cristianismo ortodoxo por Vladimir, príncipe Rus' entre 980 e 1015 d.C., trouxe consequências para a organização política e para a conformação e percepção social desse povo, alterando drasticamente sua dinâmica interna e exigindo uma nova apresentação e identificação polítocultural da autoridade nessa região. Essa abordagem visa esclarecer como se deu a transição de um poder baseado no costume e na tradição para um poder baseado em referências a instituições e entidades externas. Essas instituições foram implantadas gradativamente em um amplo território com populações profundamente diferentes entre si, seja no plano econômico, cultural, social ou étnico.

Como articulação desses dois objetivos, pretendemos também entender como nossas fontes atuaram no sentido de fornecer essa legitimidade ao período em que viviam. Dadas suas características intrínsecas, que exploraremos durante nossa exposição, elas forjaram um discurso identitário para essa população e expõem as peculiaridades dessa sociedade que tentava unir e harmonizar concepções históricas de dois arcaísmos drasticamente diferentes entre si: seu passado político, com a elevação e consolidação da dinastia Riuríkida ao poder; e o passado da religião cristã, com a ideia do plano de Deus para os homens dentro do espectro da Providência divina atuando para retirar esse povo do paganismo e levá-lo à religião verdadeira e, conseqüentemente, à ordem política ideal.

Para cumprir esses objetivos, dividimos nosso estudo em duas grandes partes: constituindo a primeira parte estão o capítulo 1 e o capítulo 2. No primeiro, faremos uma breve descrição de alguns aspectos geográficos e etnológicos da região onde se desenvolveu o principado Rus' de Kiev, foco de nosso estudo. Além disso, faremos uma pequena exposição de algumas características formais de nossos documentos, sendo os

dois principais a *Crônica dos tempos passados* e o *Sermão sobre a lei e a graça*<sup>1</sup> a respeito de sua composição, autoria, datação e possível público ouvinte.

No segundo capítulo, faremos um exercício de interpretação dos principais aspectos da formação políticocultural da autoridade dos príncipes Rus', ao contextualizar seu desenvolvimento histórico e nos interrogar sobre quais eram as condições para o estabelecimento dessa entidade política e, além disso, por quê a adoção do cristianismo constituiu ponto tão fundamental para a consolidação desse aparato de poder.

Como princípio norteador para nossa pesquisa, deixaremos clara desde já nossa hipótese de trabalho: acreditamos que a adoção do cristianismo constituiu um ponto central nesse processo pois o cristianismo trouxe um novo princípio de legitimação para o príncipe Rus', visto que dotou-o de nova justificativa para seu poder “manter a ordem estabelecida por Deus” e propagar a fé verdadeira. No entanto, a decisão de adotar o cristianismo foi oriunda, em nosso ponto de vista, de uma situação mais multifacetada e complexa do que a impressão inicial pode dar a entender. Pensamos que para além do proselitismo cristão, presente nessa região desde muito antes do batismo de Vladimir, nosso evento fundador, a decisão do príncipe se baseou em muitos outros problemas de específicos a respeito dos quais ele deveria se posicionar. Não queremos dizer, no entanto, que essa decisão não foi religiosa, muito antes pelo contrário: o que se coloca para nós é o desafio de demonstrar como o pensamento medieval difere do contemporâneo, visto que não separava as esferas do conhecimento ou da atividade humana tal como nos dias de hoje.

Após a delimitação e reconstrução desse evento histórico, no capítulo 3 prosseguiremos para a difícil tarefa de identificar, em nossos documentos, os principais argumentos utilizados por eles para dotar os Rus' de uma identidade e um passado próprios, estabelecendo os princípios para sua autoreferenciação. Também pensaremos sobre qual era o grupo social mais diretamente relacionado com a formação desse discurso sobre o passado, o dos religiosos, e pensaremos sobre qual foi seu papel específico nesse processo dinâmico de elaboração de uma identidade político-cultural Rus'. O feito desses homens do passado foi o de transpor o passado Rus' para o processo de pensamento teológico medieval, que perpassava a atividade humana em

---

<sup>1</sup> Doravante, exceto quando fizermos alguma descrição aprofundada de seu conteúdo, chamaremos a *Crônica dos tempos passados* apenas de *Crônica* e o *Sermão sobre a lei e a graça* apenas de *Sermão*, para abreviação.

todos os seus aspectos, inserindo os Rus' em uma metalinguagem prestigiada e amplamente difundida durante a Idade Média, o discurso da igreja cristã.

Tentaremos também, entender como as nossas fontes desenvolveram o que chamamos de papel “educacional” em seu contexto, ao propor exemplos de conduta para os sucessores de Vladimir e também como, ao enaltecer as virtudes desse príncipe, se enalteciam por extensão as virtudes dos Rus' como um todo. Esse papel educacional é, para nós, importantíssima evidência de quanto esse processo estava ainda em curso à época da compilação e elaboração de nossas fontes. Dessa forma consideramos que os religiosos que fizeram parte desse processo participaram ativamente na conformação daquela nova ordem, ao propor um discurso que lhe dava forma e justificativa institucional, coisa que faltava ao príncipe Vladimir, como destacamos em nossa primeira parte.

Por fim, tentaremos demonstrar como se articularam concomitantemente esses dois processos e como a ordenação social foi imaginada através de nossos dois testemunhos principais. Tentaremos entender também qual foi o significado da *Crônica* e do *Sermão* em seus contextos específicos, quais foram seus objetivos mais pontuais e quais foram os mais gerais, seus pontos de acordo e desacordo, em suma, como se situavam essas fontes em seu contexto social.

## **Capítulo 1: Aspectos geográficos e etnológicos e descrição das principais fontes documentais.**

Nesse capítulo pretendemos discutir alguns aspectos da geografia e das práticas de sobrevivência adotadas pelos diversos povos da Planície Russa no período, bem como alguns aspectos da interação entre os povos ali. Também abordaremos brevemente alguns aspectos formais das principais fontes analisadas em nosso estudo. Datação, atribuições de autoria e alguns aspectos de construção textual serão discutidos inicialmente nesse tópico.

### **1.1 Aspectos geográficos da Planície Russa.**

Para discutir os aspectos culturais que envolviam a ocupação desse território é necessário fazer alguns apontamentos geográficos. A região onde se desenvolveram os principados Rus' não se constituía exclusivamente do território Russo de hoje em dia – o território dos Rus' também compreendia partes do território das atuais Ucrânia e Bielorrússia. Todavia essa região é ainda chamada de Planície Russa pelos acadêmicos. Esse nome é justificado pela orientação da bacia fluvial que passa por essa região, onde a maioria dos rios corre em direção à Rússia e também pela própria magnitude do país, que abarca na parte ocidental de seu território a maior parte daquele ambiente.<sup>2</sup> É necessário ainda estabelecer uma tipologia das condições ambientais no território em questão e das estratégias de sobrevivência elaboradas pelos seus habitantes iniciais (SHAW, 2006: 23). Dessa forma, faremos um pequeno levantamento das zonas geográfico-econômicas por onde se distribuíam populações de acordo com suas preferências.

- Primeiramente temos uma estreita faixa litorânea, na Península da Criméia e nas costas setentrionais do Mar Negro, caracterizadas por um clima mediterrânico. Os principais produtos agrícolas produzidos na região aproveitavam as condições favoráveis do clima e a cidade contava com uma importante indústria de pesca. Essa região manteve desde a Antiguidade intensos contatos com os grandes impérios Mediterrânicos e durante boa parte da Idade Média fez parte do Império Bizantino contava ainda com pequenas possessões na região.

---

<sup>2</sup> Conferir mapa em em anexo.

Kherson (próxima à moderna Sevastopol) era um importante empório comercial que desempenhava um papel ativo nas trocas comerciais com os povos do norte. Dos nômades da estepe, Kherson obtinha ovelhas e cavalos, enquanto dos sedentários da zona mista e da zona de florestas obtinha peles, mel, cera, escravos e alguns grãos. Enquanto isso, dos grandes mercados da Ásia Menor e de Constantinopla, a cidade tinha acesso a produtos de luxo como sedas, vidraria e cerâmica refinadas (NOONAN, 1999: 490).

- Seguindo em direção ao norte temos a estepe, que se estende desde a Manchúria no extremo Leste da Ásia até a Hungria e desde a região de Kiev até a faixa litorânea do Mar Negro de Norte a Sul<sup>3</sup>, o segundo ambiente climático de nosso estudo. Na faixa da estepe que passa pela Planície Russa, os Kázaros, e Pechenegues, além dos Magiares por um breve período, adotaram o pastoreio nômade nas pradarias e estepes da região, mas eram, sobretudo, hábeis guerreiros. No entanto, como alerta Thomas S. Noonan, o pastoreio nômade não era um modo de vida completamente autossuficiente. Mesmo que alguma agricultura e artesanato existissem entre eles, era necessário obter comida e outros bens junto aos povos sedentários, o que era obtido seja pelo comércio, seja pela razia (NOONAN, 1999: 492). que viviam da agressão às grandes civilizações estabelecidas ao Sul, desde a China, a Índia, a Pérsia e Bizâncio. Como afirma René Grousset, “As necessidades da vida pastoral ou o acaso das transumâncias determinaram seu nomadismo, e os traços da economia nômade proporcionaram suas relações com os sedentários, relações alternando tímidos empréstimos ou sanguinárias razias” (GROUSSET, 2001: 11)<sup>4</sup>. Populações Turcas e Iranianas principalmente ocupavam esse território desde antes do aparecimento dos Citas, no século VIII a.C. Essa também é a zona da *Chernozen*, ou Terra Negra, conhecida por ser um dos solos mais férteis do mundo.
- Acima da estepe se encontrava a zona mista de florestas e estepes, onde os dois tipos climáticos se misturavam. As populações que ali viviam, de origem Eslava principalmente, praticavam a agricultura e suplementavam os rendimentos de suas plantações com os produtos obtidos na floresta. A própria ideia de viver

<sup>3</sup> No trecho em que a estepe passa pela Planície Russa.

<sup>4</sup> “Les nécessités de la vie pastorale ou hasard des transhumances ont déterminé leur nomadisme, et les données de l'économie nomade ont entraîné leurs rapports avec les sédentaires, rapports tour à tour de timides emprunts ou de sanguinaires razzias” (Tradução nossa).



apenas da agricultura era praticamente impossível dado o baixo rendimento das plantações desenvolvidas na região com as técnicas disponíveis então (NOONAN, 1999: 495). Esses eslavos viviam em pequenos núcleos muito isolados uns dos outros, o que se refletia na sua baixa organização política. É interessante notar que muito embora os eslavos tenham sido os últimos a chegar nessa região – arqueólogos datam com segurança a presença eslava na Planície Russa a partir de 500 d.C. – com o tempo passaram a se tornar o grupo dominante, expulsando ou absorvendo Fino-Ugrianos e Bálticos que ali viviam.

- As zonas de floresta das porções Central e Norte da planície Russa eram esparsamente habitadas principalmente por populações fino-ugrianas<sup>5</sup> e bálticas. Diferenças significativas entre os modos de vida dessas populações começaram a aparecer a partir do assentamento dos eslavos, quando os habitantes ancestrais deixaram de praticar a caça e coleta para complementá-la com a agricultura e a criação de animais. Além disso, a caça de animais selvagens que forneciam peles constituía parte fundamental de toda a rede comercial. Esses produtos eram trocados em mercados kázaros e vikings, que posteriormente eram vendidos para os mercados bizantinos e islâmicos.
- Por último, no extremo Norte, a Tundra e a Taiga, onde Lapões/Saami<sup>6</sup> e os Samoyed Nentsy<sup>7</sup> praticavam a caça e a pesca para sobreviverem. Nessa região também se encontrava grande número dos animais que poderiam fornecer peles valiosas para troca nos mercados da estepe, bizantino e árabe. Essa abundância levou a uma intensa competição entre os Vikings Noruegueses, presentes na região pelo Mar Ártico, os Rus´ e os Búlgaros, onde cada qual procurava estabelecer o controle sobre as riquezas naturais do norte às expensas dos outros (NOONAN, 1999: 498).

---

<sup>5</sup> Ou Ingrianos e Karelianos. Povos que habitam a região norte da atual Rússia e dependiam no período medieval de produtos da floresta. Hoje dependem da indústria como forma de sobrevivência (TAAGEPERA, 2004: 503-504).

<sup>6</sup> Povo de origem próxima à dos finêses. Se distribui pelo extremo norte da Europa, habitando principalmente territórios dos atuais Norte da Rússia, Finlândia, Suécia e Noruega. Praticam em adição às já citadas, a criação de animais acostumados a climas de frio extremo, tal como renas e caribus (TAAGEPERA, 2004: 1347).

<sup>7</sup> Nentsy, palavra que significava “entorpecido, paralisado, abobado” e era usada pelas populações eslavas para diferenciar os capazes de falar (a língua eslava) Slovo, dos incapazes. Foi especialmente atribuída a essa população pela dificuldade de estabelecer contato e pelas práticas de sobrevivência adotadas por eles, que se diferenciavam muito das práticas sedentárias dos eslavos (PIPES, 1995: 4).

Tal como discutido por Thomas Noonan, essas divisões não são e não podem ser interpretadas como um modelo rígido. Intersecções e influências mútuas no modo de vida dessas populações devem ser levadas em conta, visto que estas comunidades não se encontravam isoladas umas das outras e que não havia barreiras naturais que impedissem esse encontro, apenas fronteiras abertas que, ao contrário, acabavam criando condições para o mesmo (SHAW, 2006: 41). Dessa forma, nômades e sedentários (nesse caso principalmente os eslavos) habitavam a zona mista de florestas e estepes, ao mesmo tempo em que caçadores-coletores conviviam com os agricultores na zona de florestas; agricultores praticavam caça e coleta e mesmo nômades e caçadores praticavam alguma agricultura.

Graças ao clima frio, a temporada de plantio era muito curta em algumas regiões. Nos arredores de Novgorod e a atual São Petersburgo o plantio durava apenas quatro meses, de maio a setembro. Na região de Moscou a temporada ia do da metade de abril até o fim de setembro, aproximadamente cinco meses e meio. Já na estepe, a época do plantio era de seis meses (PIPES, 1995: 6). Com condições de plantio tão complicadas, o rendimento das plantações da região de florestas era muito fraco e manter criações de animais era dificultada. A respeito disso, R. E. F. Smith disse:

A fazenda camponesa podia prover grãos suficientes para os humanos, especialmente nos períodos da vida da família quando a responsabilidade por crianças em relação aos adultos trabalhadores não era grande, mas – o setor de criação de animais tendia a estar em parte, algumas vezes em grande parte, dependente dos suprimentos da floresta (SMITH, apud SHAW, 2006: 39)<sup>8</sup>.

Dessa forma, retomando Noonan, as dificuldades do ambiente levavam esses povos a diversificarem suas estratégias de sobrevivência (NOONAN, 1999: 489-490). A partir das relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o ambiente, as interações das etnias presentes na Rus´ medieval vão se configurar.

## 1.2 Fontes

### 1.2.1 A *Crônica dos tempos passados*

Segundo o historiador Samuel Hazard Cross, praticamente todos os textos cronográficos Russos escritos até o século XVI incluem um relato relativamente

---

<sup>8</sup> “The peasant farm unit could provide enough grain for the humans, especially in those periods of the family’s life when the burden of children relative to working adults was not too great, but – the livestock sector was likely to be in part, sometimes in large part, dependent on supplies from the forest” (Tradução nossa).

uniforme do período que se estende das origens tradicionais dos Rus' até o princípio do século XII (CROSS, 1968: 3). Essa narrativa é uma importante expressão literária da civilização e do sistema político que prevaleceu enquanto Kiev se impunha como o grande centro intelectual e civilizacional da região. A *Crônica*<sup>9</sup>, obra cronográfica compilada em princípios do século XII, é uma das principais referências para o estudo da criação e expansão da dinastia Riuríkida, ou seja, da formação do principado de Kiev, bem como da cristianização dos Rus'. Contudo, para além dessas afirmações, existem divergências de todo tipo quanto às características da *Crônica* nos meios acadêmicos. O que se conhece como a *Crônica* é, na verdade, um construto, uma unidade imaginada por acadêmicos modernos a partir de vários manuscritos preservados que se apresentam como tal, nomeadamente o Laurentiano, o Hipatiano, a primeira *Crônica* de Novgorod, o Radziwill, o Pogodin e o Khlebnikovsky.<sup>10</sup> Nesse estudo, trabalhamos com a tradução do Russo para o Inglês do manuscrito Laurentiano feita por Samuel H. Cross e publicada inicialmente em 1930, na revista *Harvard Studies and Notes in Philology and Literature*, mas reelaborada e publicada por Olgerd P. Sherbowitz-Wetzor em 1953 e reeditada em 1968.

A *Crônica* tem um passado fugidio e complexo. Aspectos como sua autoria, bem como sua datação foram – e de certa forma ainda são – motivos de polémicas e discussões acaloradas entre os estudiosos. O primeiro problema, quanto à autoria da obra, tem aspectos muito interessantes. No final do texto Laurentiano existe uma passagem interessante. Após a passagem referente ao ano 1111, após descrever a milagrosa descida de um “ pilar de fogo ” sobre o monastério das Criptas de Kiev, o narrador se identifica:

Na esperança da graça de Deus eu, Silvestre, Prior de São Miguel, escrevi essa Crônica no ano de 6624 [1116], o nono da indicação,

<sup>9</sup> *Povest' vremenykh let*, no original Russo.

<sup>10</sup> A respeito dos nomes dos manuscritos, o Laurentiano tem esse nome graças a um colofão do manuscrito, que declara que fora copiado entre 14 de janeiro e 20 de março de 1377 pelo monge Lourenço (Lavrentiy) para o príncipe Dmitri Konstantinovich de Suzdal' (CROSS, 1968: 3-4); O Hipatiano é assim nomeado graças ao local de descoberta desse manuscrito, o monastério de Ipatsky, na cidade de Kostroma, apesar de os especialistas acreditarem que ele fora copiado na cidade de Pskov, a partir de um original do Sul da Rússia. Acredita-se que esse manuscrito tenha sido copiado em 1425 (OSTROWSKI, 2003: xx); O de Novgorod tem esse nome por ser proveniente de Novgorod e incluir em seu texto grandes trechos derivados de outros manuscritos, com adições de eventos locais (OSTROWSKI, 2003: xix-xxi); Já o Radziwill tem esse nome graças aos príncipes lituanos que comissionaram esse manuscrito, riquíssimo em iluminuras. Estima-se que a elaboração do mesmo se deu durante a década de 1490 (OSTROWSKI, 2003: xx-xxi). Já o Pogodin e o Khlebnikovsky são os dois manuscritos mais tardios a conter o texto da *Crônica*. O Khlebnikovsky é datado do século XVI e o Pogodin do século XVII. Pertencem ao ramo da Galícia Volínia (região mais a sudoeste do território dos Rus') de textos cronográficos, seguindo a mesma linha de intercalar acontecimentos mais gerais dos Rus' com eventos locais (OSTROWSKI, 2003: xx-xxi; CROSS, 1968: 5-7).

durante o reino do Príncipe Vladimir [Monômaco] em Kiev, enquanto eu estava presidindo o Monastério de São Miguel. Oxalá quem quer que leia esse livro se lembre de mim em suas preces (CROSS, 1968: 204-205).<sup>11</sup>

No entanto, apesar dessa declaração de Silvestre, acredita-se que ele tenha elaborado seu texto com base em um texto mais antigo, dessa forma os pesquisadores continuaram procurando uma origem específica para o texto. Pensava-se que a *Crônica* tivesse sido escrita por Nestor<sup>12</sup>, graças a um trecho presente no manuscrito Khlebnikovsky<sup>13</sup>. Contudo, avanços na análise comparada entre obras atestadamente de Nestor<sup>14</sup> e a *Crônica* revelam uma série de diferenças de discurso em assuntos importantes e fatos contemporâneos à vida do monge (CROSS, 1968: 7-12).

Baseando-se nas diferenças encontradas, concluiu-se que muito embora a *Crônica* não tenha sido escrita por Nestor, o período de sua compilação cobre uma faixa de tempo relativamente curta, o que abre possibilidades para pensar a obra como trabalho de apenas um autor. Isso se deve principalmente ao fato de que o texto da *Crônica* só contém passagens onde o autor se posiciona em primeira pessoa a partir de 1050 d.C, até o seu último registro, em 1111 d.C., um período de cerca de 61 anos, que corresponde a um intervalo verossímil para a vida de um religioso no período.<sup>15</sup> De todo modo, a procura por um autor específico para a *Crônica* pode trazer muito mais problemas do que soluções nessa investigação. Tentar inculcar na mesma a noção

<sup>11</sup> “In the hope of God’s grace, I Sylvester, Prior of St. Michaels, wrote this Chronicle in the year 6624, the ninth of the indiction, during the reign of Prince Vladimir in Kiev, while I was presiding over St. Michael’s Monastery. May whosoever reads this book remember me in his prayers” (Tradução nossa). Na passagem, o termo Indicção (indiction) se refere ao sistema de coleta de impostos do Império Bizantino, usado comumente para delimitar datas na cronologia secular bizantina, da mesma forma que o antigo sistema de datação por consulados, do Império Romano. Se baseava em um regime tributário cujo ciclo durava 15 anos (CROSS, 1968: 233). Na passagem o príncipe Vladimir citado foi o príncipe Vladimir Monômaco de Kiev, que governou o principado no início do século XII.

<sup>12</sup> Religioso que viveu na segunda metade do século XI e tornou-se monge nos anos de 1070 no Monastério das Criptas de Kiev onde morreu na segunda década do século XII (FRANKLIN, *ODB* 1991b: 1459).

<sup>13</sup> Tal como se segue nas passagens a seguir. Onde o texto Laurentiano diz: “se pověsti vremyan’nykh lět otkudu est’ poshla russkaya zemya” (a *Crônica* dos tempos passados, de onde vieram as terras dos Rus’), o texto Hipatiano: “pověst vremennyykh lět chernoriztsa Fedoseva monastýrya Pecherskago oktudu est’ poshla Russkaya zemlya” (“Essa é a *Crônica* dos tempos passados de um monge do monastério das Criptas de Teodósio, de onde vieram as terras dos Rus’”), e o texto Klebhnikovsky: “pověst vremennyykh lět Nestera chernoriztsa monastýrya Pecherskago otkuda est’ poshla russkaya zemlya” (“Essa é a *Crônica* dos tempos passados de Nestor, um monge do Monastério das Criptas de Teodósio, de onde vieram as terras dos Rus’”). (CROSS, 1968: 220) (tradução nossa a partir da tradução inglesa elaborada por Samuel Hazard Cross).

<sup>14</sup> Nomeadamente a *Narrativa da Vida, Morte e Milagres dos Santos e Abençoados Mártires Boris e Gleb* e a *Vida do Venerável Teodósio*.

<sup>15</sup> Os autores da *Crônica* trabalham com a cronologia do Annus Mundi, adotada por eles a partir de exemplos de histórias provenientes do Império Bizantino. O ponto de partida dessa cronologia é a criação do mundo que, se calculada a partir do Antigo Testamento da Bíblia, se daria em 5508 antes de cristo. Dessa forma quando se fala em 1050 d.C., deve-se somar este número a 5508, obtendo-se 6558 A.M.

moderna de autoria pode dificultar muito mais sua compreensão do que o contrário. Por conseguinte, após esse período de polêmicas, os pesquisadores se dedicaram a explorar detalhes da composição da *Crônica*, ressaltando suas influências e intertextualidades.

Nesse sentido, as diferenças entre o manuscrito Laurentiano e o Hipatiano conduziram a diversas linhas de pesquisa. A. A. Shakmatov (1865 – 1920) enxergava a possibilidade de definir um protótipo hipotético que fosse o original a partir dos quais outros manuscritos, dentre eles o Laurentiano e o Hipatiano, fossem derivados, com acréscimos e interpolações que lidavam com acontecimentos locais (CROSS, 1968: 18-19), quando a prática de elaborar obras cronográficas se estendeu à maioria dos principados menores da Rússia (FRANKLIN, 1992: 162-163).

Já V. M. Istrin (1865 – 1937) acreditava que o protótipo a partir do qual se basearam os compiladores da *Crônica* fora importado da Grécia. Trata-se da *Crônica* bizantina de Georgius Hamartolus<sup>16</sup>, bem como sua continuação, atribuída a Simeão, o Logoteta<sup>17</sup>, que narra acontecimentos até 948. A hipótese de Istrin se baseia no período de implantação da Sé metropolitana de Kiev, em 1039, quando um grande número de religiosos gregos foi levado para a Rússia para constituir o clero e ampliar a evangelização, que já se iniciara com o batismo de Vladimir e dos habitantes de Kiev em 988 d.C. (CROSS, 1968: 20). Dessa forma, Istrin acreditava que a produção da *Crônica* foi um grande esforço de edição e suplementação das *Crônicas* gregas, levadas por religiosos bizantinos para a Rússia. Já em 2003, Donald Ostrowski publicou uma comparação – “intercolação”<sup>18</sup> – de todos os manuscritos da *Crônica*. Tal comparação evidenciou a existência de interpolações dentro de um modelo hipotético original, além disso, estabeleceu um novo *stemma*<sup>19</sup>. É dentro desse *stemma* que o autor sugeriu sua leitura recomendada da *Crônica*, ou seja, dentro da comparação entre os textos dos

<sup>16</sup> Cronista bizantino. Dados biográficos não sobreviveram até nossos dias. O que se sabe é que foi contemporâneo do imperador Leão VI. As datas mais prováveis para a escrita dessa obra são 867 e 872 d.C. (KAZHDAN, 1991: 836). Essa *Crônica* utiliza o modelo cristão de interpretação do tempo histórico, abordando desde a Criação bíblica com o mito de Adão e Eva, até 842 d.C. (KAZHDAN, 1991: 836).

<sup>17</sup> A atribuição dessa obra a Simeão, o Logoteta é incerta, tanto quanto dados biográficos desse autor. O que é possível observar é que também é atribuído a Simeão um poema sobre a morte de Estefano, filho de Romano I, Lecapeno (em 963 d.C.) e outro sobre Constantino VII. Não existem indicações cronológicas para dados da vida do autor, que é por vezes associado à figura de Simeão Metaphrastes que viveu no século X d.C. e morreu em torno do ano 1000 d.C. aclamado santo tempos depois (KHAZDAN, 1991: 1982-1983).

<sup>18</sup> Exposição conjunta de todos os textos que se pretendem um original mais antigo, evidenciando as diferenças textuais entre eles.

<sup>19</sup> Entende-se por *stemma*, a elaboração hipotética de uma árvore genealógica de textos, quando não há a correspondência textual entre duas obras que pretendem ser a mesma. Dessa maneira, considera-se a existência de um arquétipo anterior, alvo de “corrupções” textuais através do tempo que culminaram nas formas apresentadas pelos textos atribuídos. (ZUMPT, apud OSTROWSKI, 2003: XXVI).

manuscritos, indicou quais trechos aproximar-se-iam mais do original hipotético (OSTROWSKI, 2003: XXVI-XL).<sup>20</sup>

A *Crônica* é um exemplo notável da recepção e influência da literatura bizantina entre os Rus', integrando diversas citações e adaptações de sermões e obras de grandes padres e outros autores bizantinos. Samuel H. Cross cita diversas fontes que foram usadas pelo(s) compilador(es) da *Crônica*. Dentre elas, cabe destacar a já mencionada *Crônica* de Georges Hamartolus, o Credo de Miguel Syncellus<sup>21</sup>, que fora adaptado e inserido no discurso de Vladimir, após o batismo, e finalmente a *Paleyia*<sup>22</sup>, fonte fornecedora dos argumentos utilizados pela personagem do bispo bizantino que critica as religiões na passagem da Catequese de Vladimir, uma espécie de sinopse da história do Antigo Testamento (CROSS, 1968: 25).

A *Crônica* contém as únicas descrições dos tratados entre os Rus' e Bizâncio no século X d.C.. Também relata os feitos dos príncipes russos, suas guerras e conquistas antes e depois da cristianização, as polêmicas e guerras fratricidas entre eles. Narra os acontecimentos que culminaram com o batismo da princesa Olga, avó de Vladimir, suas relações com a corte constantinopolitana, além de entrevistas entre ela e Constantino VII. Contém também um longo relato da conversão do príncipe Vladimir e do cerco, conquista e saque da cidade de Kherson, na península da Criméia (FRANKLIN, *ODB*, 1991b: 1708).<sup>23</sup>

A *Crônica* narra a história dos Rus' sob um ponto de vista providencialista. Para seu(s) autor(es), a perspectiva da ação divina delimitando a conjuntura onde se deu o batismo de Vladimir é uma realidade apriorística fundamental para a compreensão do desenrolar da história dos Rus'. A intervenção do "milagre" entre os Rus' ainda pagãos é ressaltada, ao mesmo tempo em que se enfatiza o papel da região do médio Dnieper, como líder política e civilizacional da Planície Russa. A lenda do discurso de Santo

---

<sup>20</sup> Para uma exposição detalhada, conferir a Introdução da obra: OSTROWSKY, Donald: *The povest vremenykh let. An interlinear collation and paradosis*. Harvard: Ukrainian Research Institute of Harvard University, 2003.

<sup>21</sup> Homilista e gramático bizantino que viveu durante o período do Iconoclasmo. O Credo, atribuído a Miguel Syncellus foi uma das primeiras traduções de obras literárias, do grego para o Eslavônico (KAZHDAN, 1991: 1369-1370).

<sup>22</sup> Narrativa dos eventos bíblicos desde a Criação até Daniel, baseada em versões parafraseadas e apócrifas do Antigo Testamento, episódios e suplementos com passagens de, em particular, Flávio Josefo, Gregório Nazianzeno, André de Creta e Teodoro Studita (FRANKLIN, *ODB*, 1991b: 1557).

<sup>23</sup> Doravante, onde nossa referência para os textos de Simon Franklin indicarem o ano seguido de uma letra, leia-se: a) FRANKLIN, Simon C. *Sermons and Rhetoric of Kievan Rus'*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.; b) verbetes de autoria de Simon Franklin extraídos de: KAZHDAN, A.; TALBOT, A.-M.; CUTLER T. E.; A. GREGORY, T. E.; SHEVCHENKO, N.P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1991. 3 vols.

André quando teve passado por Kiev, profetizando a grandeza do lugar onde seria fundada a cidade posteriormente, é corolário desse esforço de engrandecimento (POPPE, 1976: 208).

No entanto, como seria de se esperar, por se posicionar tão claramente como a testemunha principal daquela sociedade, a *Crônica* foi considerada importante monumento e testemunha da fundação das posteriores entidades políticas criadas na região, o que traz à tona a necessidade de pensar os usos políticos desse documento na posteridade (LE GOFF, 1990: 471). A partir da coleta e catalogação das *Crônicas* russas, ordenada por Pedro, o Grande, em 1722 e, sobretudo, após a criação da Comissão Arqueográfica do Ministério da Instrução Pública, em 1834, época de grande efervescência nacionalista na Rússia, a *Crônica* foi a ferramenta utilizada por duas correntes teóricas diferentes e opostas entre si: a dos normandistas e a dos antinormandistas.<sup>24</sup> O que se nota é que mesmo com uma concepção mais científica de pesquisa histórica, o patriotismo e o nacionalismo, bem como questões étnicas constituíram até o século XX um obstáculo às pesquisas que discutem esse tema (CROSS, 1968: 39-40).<sup>25</sup>

Por fim percebemos que além da *Crônica* não trazer, em muitos casos, testemunhos em concordância com outras fontes do período quando comparadas, ela opera de acordo com um propósito religioso, qual seja, o de demonstrar a entrada dos Rus' nos desígnios de Deus, a salvação de sua terra de acordo com o cristianismo. Dessa forma, encaramos a *Crônica* como uma testemunha importantíssima da “consciência histórica dos Rus' na Idade Média” (POPPE, 1976: 208), visto que tenta delimitar e estabelecer um lugar específico no tempo e no espaço da salvação para aquela sociedade. É expressão da literatura e das visões de mundo da elite principesca Rus' de Kiev do começo do século XII d.C.. Ou seja, apesar de se valer de vários mitos e lendas de origem duvidosa e fontes pouco confiáveis, a *Crônica* é um importante documento para o estudo da cultura e do pensamento Rus' medieval no período de sua elaboração.

### 1.2.2 O Sermão sobre a Lei e a Graça

---

<sup>24</sup> Conferir o próximo capítulo para uma discussão mais detalhada.

<sup>25</sup> Nomeadamente o pan-germanismo e o pan-eslavismo, manifestações do nacionalismo europeu do século XIX (PORTAL, 1968: 25).

Após o batismo de Vladimir em 988 d.C. e durante o século que se seguiu a esse evento, o cristianismo se expandiu e consolidou na região do médio Dnieper, com o fomento a atividades religiosas, a construção de igrejas e o incentivo à vida monástica. Nesse contexto, o principado de Iaroslav (1019-1054 d.C.) ficou marcado nas fontes como um período de intensa produção cultural religiosa. No final desse período surgiu, pelas mãos do vigário da principal igreja frequentada pelos príncipes, a igreja dos Santos Apóstolos em Berestovo<sup>26</sup>, o *Sermão sobre a Lei e a Graça*. Ao contrário de sua designação contemporânea, os manuscritos que preservam o *Sermão* o designam por um nome mais extenso, porém muito mais elucidativo. Em nosso estudo contaremos com a tradução para a língua inglesa elaborada por Simon Franklin e publicada em 1991 na coleção de traduções para a língua inglesa *Sermons and Rhetoric of Kievan Rus'* da Harvard Library of Early Ukrainian Literature.

O objetivo da obra é explicar e celebrar a situação da terra recém-convertida dos Rus', no contexto da história sacra e temporal, além de proclamar a realização de Vladimir. Simon Franklin nota que os tópicos do *Sermão* são elaborados através de três estágios, que vão reduzindo sua escala a cada etapa: o teórico, então o histórico e então o pessoal; da organização do mundo dada pela teologia, para a providência agindo através da história e então para a vida do responsável pela conversão dos Rus', em um esforço biográfico (FRANKLIN, 1991a: xxxi). Esses pontos serão retomados com mais profundidade no capítulo 3. Aqui faremos apenas uma breve apresentação das ideias do metropolitano para um melhor acompanhamento de suas ideias no desenvolvimento de nosso texto.

No primeiro, o autor começa a definir, com base no Antigo Testamento, os principais tópicos abordados por Hilário: a Lei e a Graça. Na metáfora estabelecida na escolha de Abraão entre Sara e Hagar, o autor procura evidenciar a hierarquia entre as noções de Lei e Graça, com o predomínio da segunda sobre a primeira. A partir dessa metáfora, Hilarion vai analisar as manifestações do Pai e do Filho da Santíssima trindade, de forma a demonstrar a diferença nas posições da humanidade em relação a essas manifestações. O momento da *lei* é, para ele, o momento do desconhecimento, onde a aceitação é cega, dada a pequenez dos homens no mundo. Por outro lado o

---

<sup>26</sup> Localidade próxima a Kiev, residência dos príncipes. Foi usada por Vladimir para abrigar um contingente de suas concubinas antes de seu batismo em 988 d.C.. Após o batismo continuou a residência dos príncipes e a sede do grande salão principesco. Dessa forma, a igreja dos Santos Apóstolos era frequentada pela elite principesca da região e um texto como o do metropolitano Hilarion iria encontrar meio profícuo de aceitação neste meio (FRANKLIN, 1991a: xvii-xviii).



momento da *graça* é o momento da aceitação plena, onde os homens têm acesso à natureza dos desígnios de Deus.

O segundo ponto é caracterizado pelo encontro entre o movimento da Lei e da Graça e os povos gentios, onde os judeus perdem o direito à Graça por não se comportarem de acordo com a Lei, mesmo sendo o único povo com conhecimento desta. É o momento onde Hagar, a escrava que deu a luz ao primeiro filho de Abraão dá lugar a Sara, a mulher livre que trouxe ao mundo o segundo filho de Abraão (FRANKLIN, *ODB*, 1991b: 985). Essa metáfora tenta desenvolver uma teologia da relação entre Deus e os homens. Enquanto no início a relação estabelecida é a da escravidão, a liberdade vem em conjunto com a graça e o conhecimento dos planos de Deus para os homens. Os povos que aceitaram esses planos e se submeteram de espontânea vontade ao cristianismo se tornaram os legítimos seguidores de Deus, enquanto os que foram coagidos a fazê-lo e que não aceitaram a mensagem libertadora de Jesus Cristo foram destituídos de seu território e espalhados pela terra. Essa leitura da trajetória do judaísmo, inclusive de sua diáspora, era de uso corrente pelos pregadores da Idade Média e demonstra fortemente a influência da pregação religiosa bizantina entre os Rus'. Essa pregação se valia largamente, nesse período, de técnicas e efeitos retóricos, para aumentar o impacto e melhorar o entendimento e aceitação de suas ideias.

Na terceira parte do *Sermão*, Hilarion reconta a propagação do cristianismo em sua terra, enquanto enaltece a atitude nobre do príncipe Vladimir que o proporcionou, elogiando-o largamente por sua decisão. Ao contrário da *Crônica*, que discute o batismo de Vladimir em termos mais circunstanciais<sup>27</sup> o *Sermão* trata essa decisão como um ato de santidade de Vladimir, concebido como um abraço espontâneo à fé verdadeira em cumprimento ao que se estabelece na segunda parte. “Ela é uma parte necessária e integral da história sacra, do plano divino para a humanidade” (FRANKLIN, 1991a: xxxii).

Finalmente, na última divisão do texto do metropolitano Hilarion há uma prece destinada a Vladimir, para que ressurgisse dos mortos e contemple a beleza da obra iniciada por ele e completada por Iaroslav, seu filho e príncipe de Kiev na primeira metade do século XI d.C. Ele enaltece a construção de igrejas, o incentivo à formação dos mosteiros e à leitura da Bíblia. Enquanto ele enaltece essa atitude propagadora do

---

<sup>27</sup> Essa obra aborda os acordos políticos envolvidos na adoção do Cristianismo por Vladimir, além de vários outros fatores que contribuíram para essa adoção.

Cristianismo, o *Metropolita* também enaltece – tanto nessa última parte quanto na anterior – aspectos da nobreza do poder político do príncipe, que são herdados por seu filho.

O *Sermão* foi uma importante base para a posterior atividade pregadora entre os Rus'. Foi citado amplamente entre os autores posteriores desse tipo de obra. Simon Franklin, ao elencar os objetivos da posterior atividade literária Rus' que sobreviveu a nossos dias, enumera: primeiramente, essas obras tinham como objetivo explicar, justificar, e propagar os preceitos do Cristianismo em seu novo e, às vezes, hostil ambiente; e também o de reforçar a autoridade dos príncipes que o promoveram (FRANKLIN, *ODB*, 1991b: 1822). Esses objetivos saltam aos olhos na leitura do *Sermão*, e também na maior parte da produção literária entre os Rus', que herdaram esse modelo de Bizâncio e o utilizaram amplamente.

### 1.2.3 O *De Administrando Imperio*

O *De Administrando Império*<sup>28</sup> é um tratado acerca do bom governo, elaborado pelo imperador bizantino Constantino VII (913 d.C. – 959 d. C.) destinado a seu filho Romano. Composta entre 948 e 952 d.C., a obra traça um panorama das relações internacionais estabelecidas entre o Império Bizantino e as nações que o cercavam na época. Tinha como principal objetivo ensinar o jovem imperador as minúcias do poder. Ao conhecer o passado e o presente, além de saber quais políticas tiveram ou não o sucesso desejado no passado, o aprendiz estaria apto a agir no futuro, de acordo com sua posição de imperador (MORAVCSIK, 1993: 11).

Com este objetivo, o autor se dedica a trabalhar quatro temas diferentes: o primeiro, a política externa, analisando a região mais perigosa e instável na época, notadamente o Leste Europeu, a área das “nações do Norte e dos Citas” (TAVEIRA, 2008: 31); o segundo, uma exposição sobre como lidar com as nações dessa região; o terceiro, um exame histórico e geográfico das nações circundando o Império, desde os Sarracenos no sudeste até os Armênios na fronteira oriental, passando por várias nações do Mar Mediterrâneo, incluindo os Francos, e do Mar Negro; no último, algumas observações acerca da história, política e organização interna do Império no contexto da

---

<sup>28</sup> No texto, lemos um título diferente: *Constantino, em Cristo o eterno imperador imperador dos Romanos, para seu filho Romano, imperador coroado por Deus e nascido no púrpura*. O título *De administrando imperio* foi dado pelo erudito Meursius para resumir o conteúdo do manuscrito para seus leitores.

escrita da obra, e ainda uma longa história da cidade de Kherson, na península da Criméia (TAVEIRA, 2008: 31).

Por conter informações sigilosas, com certeza a obra era um documento secreto. Várias passagens, principalmente nos capítulos relacionados à Armênia demonstram ter informações obtidas por meio de espionagem (MORAVCSIK, 1993: 13). R. H. Jenkins, na introdução geral à edição do *De Administrando Imperio* que tivemos acesso, acredita nesse caráter sigiloso graças a algumas peculiaridades da fonte. Notadamente o fato de que apenas um dos manuscritos contendo a obra foi copiado no período bizantino e que não existem citações da obra nos trabalhos de nenhum dos historiadores ou cronógrafos bizantinos posteriores, o que leva à conclusão de que a obra nunca fora publicada durante o período bizantino e, ao contrário, era mantida em segredo na corte imperial (MORAVCSIK, 1993: 13).

Dessa forma, Gyula Moravcsik, editor crítico dessa edição, chega a algumas constatações. A primeira é que dada a natureza do documento, o *De administrando imperio* não fora copiado muitas vezes, permanecendo restrito a um pequeno círculo de leitores. Contudo existem anotações nas margens do manuscrito que confirmam seu uso até pelo menos o século XIV que é a data, segundo o autor, de anotações marginais no capítulo sobre os Sarracenos e suas origens, exatamente quando esses haviam acabado de cruzar o Helesponto, ameaçando Bizâncio (MORAVCSIK, 1993: 32).

Depois disso, a trajetória do manuscrito contendo o *De administrando imperio* é desconhecida. Qual caminho percorreu até chegar às bibliotecas italianas não se sabe ao certo. Dessa forma, a partir do *codex Parisinus* (P), é possível estabelecer a genealogia, e assim procede Gyula Moravcsik. Segundo ele, o *codex Parisinus* (P) é o manuscrito que mais se aproxima do original. Porém ele já apresenta corrupções textuais e parece ter sido copiado um século após a elaboração da obra, em fins do século XI. A partir dele, nas repúblicas italianas do século XVI, este fora copiado por Antônio Eparca, reconhecido humanista natural de Corfu, que é conhecido como *codex Vaticanus-Palatinus* (V). A partir dessa cópia, o outro *codex Parisinus* (F) foi feito, e a partir de adaptações do primeiro *codex Parisinus* (P), o *codex Mutinensis* (M) teve origem. A partir do manuscrito do Vaticano se deram as edições impressas, com algumas consultas ao Parisiense (MORAVCSIK, 1993: 32-33).

## Capítulo 2: A formação do principado Rus' no século X: uma análise dos fatores econômicos e culturais.

### 2.1. Primeiras considerações

Nesta etapa inicial, abordaremos o surgimento do Principado Rus' enquanto entidade política. A constituição desses principados se deu a partir do século IX, momento de restabelecimento dos contatos e do comércio entre as populações da planície russa, parcialmente interrompidas pelo constante movimento populacional na estepe euro-asiática. As rotas comerciais das bacias fluviais dessa planície constituíram o fio condutor da formação dos principados, primeiramente no norte, na região de Novgorod, na desembocadura do rio Volkhov no rio Niemen, posteriormente na região do médio Rio Dnieper, em Kiev, mais ao sul. A unificação desses principados sob a autoridade de um mesmo príncipe será investigada, além dos fatores principais de conexão entre os povos envolvidos. Além disso, a conectividade e as relações dos povos situados na planície russa com outros povos além desse território alterarão profundamente a cultura da região, com o fenômeno da penetração do cristianismo e a adoção do mesmo como religião oficial do principado com Vladimir, em 988 d.C..



Mapa 1: Extensão aproximada do principado Rus', pouco depois da morte de Vladimir, em meados do século XI d.C. sobre as fronteiras atuais da região da Planície Russa.

Optamos por não incluir diálogos com trabalhos teóricos mais aprofundados nesse capítulo por acreditar que a primeira iniciativa do historiador que procura soluções para suas indagações de pesquisa deve ser a lida com as fontes. Principalmente por seu envolvimento no projeto de construção de uma identidade dos Rus' no período, a *Crônica* e o *Sermão sobre a Lei e a Graça* podem fornecer subsídios importantes para a percepção dos próprios Rus' sobre esses eventos. Somente a partir dela é possível articular e confrontar diferentes posições teóricas sobre os vestígios do passado e a partir desse diálogo estabelecer interpretações e leituras sobre o objeto de pesquisa.

Esse mergulho nas fontes se organizou a partir de uma premissa central que leva a uma hipótese. Ambas perpassarão os conteúdos discutidos. A primeira é a de que: como a formação política do principado Rus' se deu em um ambiente de intensos contatos militares, culturais e econômicos – econômicos entendidos aqui de maneira ampliada, como transferência de recursos, seja a partir de relações comerciais convencionais, seja em razias, pilhagens, expedições de pirataria, botins de guerra – entre os povos da região. Acreditamos que esses contatos se aprofundaram e geraram intercâmbios culturais fundamentais para a formação política e a consolidação de uma razão de estado rudimentar, um tipo específico de autoridade que nasceu a partir da fusão de elementos culturais das populações da Planície russa com elementos apropriados de povos e culturas de outros lugares.

Nesse ponto nos aproximamos de nossa segunda hipótese: a de que essas apropriações e mesclas não se deram de maneira exclusivamente impositiva, nem internamente, quando as populações da planície passaram a ser governadas pelo mesmo príncipe, nem quando essa região recebeu influências externas. O evento do batismo de Vladimir é notável por demonstrar a capacidade de escolha e ação política efetiva baseada nas relações culturais estabelecidas entre os povos no contexto. O príncipe aceitou adotar a religião cristã vinda de Bizâncio graças a intensos intercâmbios culturais que aconteciam entre os Rus' e o Império Bizantino desde meados do século IX d.C. No entanto escolheu, a partir de uma conjuntura política concreta que se apresentava, os meios para essa adoção, além de propor uma nova razão de ser para seu governo, a partir de então uma monarquia cristã, com uma nova legitimidade intrínseca e propagada pela nova religião. Vladimir dotou seu governo de uma aliança em ótimos termos com uma das maiores potências culturais e militares do período, além removê-lo de uma situação periférica e alçá-lo à condição de aliado dos bizantinos, deixando um legado de prestígio para seus sucessores.

## 2.2 Contatos culturais e econômicos e o surgimento da primeira entidade política eslava

Começaremos nossa narrativa durante o século VII, período de certa calma na movimentação de povos das estepes partindo da Ásia rumo à Europa. Nesse contexto, surgiram os Kázaros, povo de origem turca da Ásia interior, que tomaram o controle da estepe entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, subindo até o médio Rio Volga. Durante esse processo, eles submeteram os eslavos que começavam a se assentar na região mista entre floresta e estepe, alcançando a cidade de Kiev (PIPES, 1995: 27). Nesse estabelecimento, os Kázaros diversificaram suas estratégias de sobrevivência e geração de excedente, praticando também a agricultura e o comércio, além da ancestral prática do pastoreio nômade. Com o seu estabelecimento na região e a formação de sua rede comercial, estimularam a integração da mesma, levando produtos obtidos no comércio do Mar Negro até o alto rio Volga, onde os trocavam por peles, materiais rústicos e escravos junto à população de origem majoritariamente Fino-Ugriana da região. A *Crônica* conta com uma passagem que descreve a ação dos Kázaros na região.

Então os Kázaros vieram sobre eles [os eslavos Polianos] já que eles viviam nas colinas e nas florestas e exigiram deles tributo. Após consulta entre eles, os Polianos pagaram como tributo uma espada por pessoa, as quais foram entregues ao seu príncipe [dos Kázaros] e aos anciãos, e disseram a eles, “Observem, nós encontramos novo tributo”. Quando perguntados sobre de onde vinha tal tributo, eles responderam, “Das florestas nas colinas próximas ao rio Dnieper”. Os anciãos perguntaram qual tributo era este, quando as espadas foram exibidas. Os anciãos Kázaros então protestaram, “Cruel é este tributo, ó príncipe. Conquistamo-los com uma espada de um gume, chamada sabre, mas a arma desses homens é afiada nos dois gumes e é chamada espada. Esses homens imporão tributo sobre nós e sobre outras terras (CROSS, 1968: 58).<sup>29</sup>

Essa passagem é claramente enviesada, visto que foi escrita séculos depois desses acontecimentos. A própria escrita da *Crônica* demonstra as incertezas referentes a esse período, já que a prática de registrar acontecimentos de maneira sistemática ainda não era comum na região até pelo menos meados do século XI, d.C. Mas de todo modo,

---

<sup>29</sup> Then the Khazars came upon them as they lived in the hills and forests, and demanded tribute from them. After consulting among themselves, the Polyanians paid as tribute one sword per hearth, which the Khazars bore to their prince and their elders, and said to them, “Behold, we have found new tribute”. When asked whence it was derived, they replied, “From the forest on the hills by the river Dnieper”. The elders inquired what tribute had been paid, whereupon the swords were exhibited. The Khazar elders then protested, “Evil is this tribute, prince. We have won it with a one-edged weapon, called a sabre, but the weapon of these men is sharp on both edges and is called a sword. These men shall impose tribute upon us and upon other lands.”

podemos dizer que esse estabelecimento é coerente com achados arqueológicos, além de registros de relações diplomáticas entre os Bizantinos e os Kázaros, atestando que estes estabeleceram domínio na região (MORAVCSIK, 1993: 183-185).



Mapa 2: Extensão máxima dos domínios Kázaros. Os tons de azul decrescem em intensidade demarcando o território inicial dos Kázaros e suas expansões posteriores.

Posteriormente a esse estabelecimento, a importância econômica da região cresceu, ampliaram-se os contatos com Bizâncio, bem como a participação dos Kázaros no caminho do norte da Rota da Seda, famosa rota comercial que interligava o ocidente ao oriente, desde a Criméia até Beijing (LAIUO, *ODB*, 1991: 1898). Esse estabelecimento também reiniciou os intercâmbios entre as populações do norte e as do sul da Planície Russa, bloqueadas anteriormente pelas migrações maciças de povos na zona das estepes. Também cresceram os contatos bizantinos com eles, que passam a ser tratados com mais cortesia diplomática, graças à importância estratégica da região para o comércio e a defesa do Império Bizantino (OBOLENSKY, 1988: 166). Os Kázaros mantiveram ativo o comércio com o Império Bizantino e eram aliados deste no combate ao Califado Abássida, que diversas vezes tentou expandir seus domínios sobre o território Kázaro. A partir dos Kázaros, os Eslavos adquiriram um ponto de partida



estável para sua ocupação da região de terra negra<sup>30</sup>, na estepe do Leste Europeu (PIPES, 1995: 27). A partir daí, cresceu a importância econômica dos Kázaros, que passaram a agir como atravessadores nesse comércio, o que é notado pelo grande crescimento da capital kázara, a cidade de Itil, na foz do Rio Volga, já no Mar Cáspio.

Em concomitância ao estabelecimento dos Kázaros, o processo de expansão Viking, durante o final do século VIII d.C. e o início do século IX d.C., trouxe para a região mais um povo que contribuiu de forma decisiva para a formação do principado. Desde o século VIII os Vikings faziam razias na região da Curlândia (golfo na costa das atuais Estônia e Letônia), mas a partir do século IX, penetraram nos rios da região, estabelecendo um primeiro empório no rio Volkhov, próximo ao encontro deste com o lago Ladoga, chamado *Aldeigjuborg* por eles e *Staraja Ladoga* pelos eslavos, certamente atraídos pela rede comercial estabelecida pelos Kázaros e pela possibilidade de alcançar os mercados do Mar Mediterrâneo e do Mar Cáspio através dos rios da região, impondo tributos à população local (PIPES, 1995: 28).



Mapa 3: Principais rotas dos Vikings na região. A linha vermelha representa a rota que levava os Vikings aos mercados árabes, ao Califado Abássida e ao Emirado Samânida. A linha azul representa a rota que levava-os aos mercados do Império Bizantino. Conferir a lista de mapas para referência.

<sup>30</sup> *Chernozen*, em russo. Região de terras extremamente férteis na fronteira entre a estepe e a floresta na Planície Russa.



A primeira notícia da chegada desse novo participante da formação política se dá, curiosamente, em uma passagem nos *Annales Bertiniani*, compilação histórica do século IX, que narra a história da Francônia – porção do antigo Império Carolíngio que mais praticava comércio com os eslavos, dada a sua proximidade com os antigos estados da Boêmia e da Morávia – durante o período. No relato, junto a uma embaixada, Teófilo, imperador bizantino, envia para Luís, o piedoso, filho de Carlos Magno e imperador dos Francos, um grupo de aventureiros que foi até Constantinopla para comprar e vender mercadorias. Oriundos da planície Russa, esses aventureiros serviam seu Khagan<sup>31</sup> e estavam receosos de voltar para a região pelo mesmo caminho pelo qual vieram, já que tribos nômades passavam por ali e com certeza impediriam seu retorno seguro pelos rios da planície.

Vieram, porém, no décimo quinto dia das Calendas de Junho, os embaixadores gregos enviados pelo Imperador Teófilo que o imperador [Luís, o piedoso] manteve honradamente em Inguelheim. Teófilo, juntamente com eles, enviou outros homens – que se diziam chamar “Rhos”, ou seja, a denominação de sua gente – uma vez que o rei deste povo, ‘chacanus’, na língua deles, enviara-os para o Imperador, segundo costumavam dizer, “como sinal de amizade”, só para remeter a famosa carta, visto que, em função da benignidade do Imperador, pudessem ter meios e assistência em tudo com o auxílio de seu poder, pois consideravam o trajeto pelo qual vieram até Constantinopla temerosíssimo, em meio a povos bárbaros e de demasiada ferocidade, por onde não queria que voltassem a passar, a fim de que não topassem casualmente com o perigo. O Imperador, inquirindo muito diligentemente a causa destes homens, descobriu que eram da nação dos Suecos (CROSS, 1968: 227-228).<sup>32</sup>

Apesar dessa passagem dos *Annales Bertiniani* situar a presença consolidada dos Vikings na região em 839 d.C., a primeira entrada da *Crônica* define a data de 852 d.C. para o surgimento dos Rus’ na região. Todavia, apesar da incompatibilidade dessas datas nos relatos observados até agora, achados arqueológicos atestam a participação ativa dos escandinavos no comércio com o oriente, passando pela Planície Russa.

<sup>31</sup> Do Dicionário Oxford de Bizâncio: “Título usado por povos da Ásia Central para designar o portador da autoridade política suprema. De acordo com alguns acadêmicos a palavra foi tomada de empréstimo por povos Turcos dos Juan-Juan (um grupo de Ávaros Asiáticos) nesse sentido específico. Autores Bizantinos usam esse título para se referir aos governantes dos Ávaros, Turcos, Kázaros, e Búlgaros; nos *Annales Bertiniani*, no ano de 839, o termo é aplicado ao príncipe dos Rus’. Também é utilizado no corpus da assim chamada inscrição de Orkhon dos Turcos Gök. Mongóis usaram uma versão dessa palavra e ela também foi adotada pelos Otomanos” (VRYONIS JR., 1991: 1126) (Tradução nossa).

<sup>32</sup> Venerunt autem legati Graecorum a Theophilo imperatori directi [...] quos imperator xv. Kal. Iunii in Ingulenheim honorifice suscepit [...] Misit [Theophilus] etiam cum eis quosdam qui se, id est gentem suam, Rhos uocari dicebant, quod rex illorum, chacanus uocabulo, ad se amicitiae, sicut asserebant, causa direxerat, petens per memoratam epistolam, quatenus benignitate imperatoris redeundi facultatem atque auxilium per imperium suum tuto habere possent, quoniam itinera, per quae ad illium Constantinopolim uenerant inter barbaras et nimiae feritatis gentes immanissimas habuerant, quibus eos, ne forte periculum inciderent, redire noluit. Quorum aduentus causam imperator dilligentius inuestigans comperit eos gentis esse Suenorum (Tradução: Prof. Dr. Alexandre Agnolon).

Grande quantidade de *dirhams* encontrados na ilha de Gotland, nas ilhas Aland e especialmente nas ruínas da cidade de Birka (todas situadas no território da atual Suécia), no lago Malar, a oeste da atual cidade de Estocolmo, sugerem a importância do comércio com o mundo muçulmano desde o final do século VIII d.C. e o início do século IX d.C. Já durante a penetração dos Vikings na região, com o estabelecimento de seus principais empórios, eles passaram a procurar negociar diretamente com o mundo árabe, já no emirado Búlgaro do Volga (NOONAN, 1999: 506).<sup>33</sup>

Essa presença escandinava na Planície Russa desde o final do século VIII d.C. traz questões sobre a estrutura dos poderes na região e, a partir das evidências arqueológicas, a presença dos Vikings ao norte, aliada à presença dos Kházaros ao sul (CROSS, 1968: 58-59), podem explicar porque potentados Suecos adotaram títulos Kázaros quando se estabeleceram na região da Planície Russa. Da mesma forma, vários símbolos de status da elite Rus' demonstram a utilização de montarias de metal, bem como de rédeas de estilo Kázaro. Esse fenômeno é coerente com o que Vikings fizeram em outras partes da Europa, como nas Ilhas Britânicas e na Normandia, tal como concluiu Jonathan Shepard em seu capítulo "The origins of Rus'", presente no volume 1 da compilação *The Cambridge History of Russia* (2006: 51), onde Vikings adotaram as formas políticas dos locais onde estabeleciam seu domínio. Essa adoção de títulos Kázaros também se faz presente no *Sermão*, do Metropolita Hilarion de Kiev (1049). Na narrativa, um encômio ao príncipe Vladimir, Hilarion o menciona como Khagan (FRANKLIN, 1991a: 18). Todavia, o uso desse título Kázaro vai ser inconstante nas fontes, visto que tanto a *Crônica* quanto a *Canção do príncipe Igor* utilizam a designação eslava para príncipe: *Kniazhi*<sup>34</sup> (OSTROWSKI, 2003: 1; CROSS, 1968: 51; PEREIRA, 1992: 20-21).

O contato desses vikings com a região também pode ser apreendido através dos nomes das cidades e regiões da Planície Russa. É possível encontrar diversos nomes de cidades dos Rus' que possuem correspondentes no nórdico medieval, inclusive nas sagas vikings, mesmo após longo período de declínio das relações entre a Escandinávia e os Rus'. Nomes como Novgorod (*Holmgarðr*), Kiev (*Koenungarðr*), Ladoga (*Aldeigjuborg*), Polotzk (*Palteskja*), Suzdal' (*Sursdal*) entre outras cidades atestam o conhecimento dos vikings sobre a região (CROSS, 1968: 44). Da mesma forma, o

---

<sup>33</sup> Chamamos essa entidade política de Emirado graças à adoção da população e dos governantes do mesmo da religião islâmica e da consequente reorganização política da mesma a partir dos pressupostos corânicos.

<sup>34</sup> *Kniazhi*, em russo na *Canção* e *piervie kniazhiti*, primeiros príncipes na *Crônica*.

tratado *De administrando imperio* também descreve as principais cataratas do rio Dnieper nomeando-as a partir do idioma Rus<sup>35</sup> e do Eslovo (MORAVCSIK, 1993: 56-63). Além disso, a arqueologia fornece importantes provas dessa presença, a partir da revelação de sítios de ritos funerários tipicamente nórdicos na região que, apesar do pequeno número, são evidência da presença, muito embora não da permanência, destes na Planície Russa (CROSS, 1968: 44).

### 2.3 Controvérsia Normandista

Mas afinal, como surgiu o Principado Rus' e que povo o formou? Ao propor essa questão, encontramos um dos maiores pontos de controvérsia sobre a origem do Principado Rus': o da composição étnica do Principado. A polêmica conhecida pela historiografia como "Controvérsia Normandista" gira em torno do debate sobre de onde vieram os Rus' e sobre o papel que populações escandinavas (os Vikings, chamados de Varângios nas fontes) desempenharam no processo. Entre o final do século XVIII e o início do século XX, quando vários acadêmicos, muitos deles de origem germânica, começaram a publicar as fontes Russas medievais. Dessa época surgiram também os primeiros trabalhos sobre as origens dos Rus', a partir da leitura da *Crônica dos tempos passados*, vários estudiosos que se dedicaram a estudar as crônicas coletadas a mando de Pedro, o Grande<sup>36</sup> estabeleceram as origens do Principado Rus' de Kiev com a chegada de Vikings (Varângios), na lenda do "Chamado dos príncipes", onde Riurik e seus irmãos são convidados a governar a Planície Russa em 862 d.C., *circa*. Nesse contexto surgiu a divisão entre os pesquisadores. Os normandistas argumentavam que os Vikings (Varângios) foram os fundadores do principado Rus', enquanto os antinormandistas argumentavam que a formação política do principado foi empreendida por povos eslavos. Uma breve descrição dos argumentos usados no debate será apresentada a seguir.

Na *Crônica*, existe um relato de que tribos "Varângias de além mar" impuseram tributo sobre os povos da Planície, mas estes os expulsaram logo em seguida. Como as

---

<sup>35</sup> Na descrição, o "idioma Rus'" é um idioma foneticamente próximo às línguas nórdicas modernas (MORAVCSIK, 1993: 56-63).

<sup>36</sup> Imperador russo que ordenou a catalogação cópia das Crônicas e Histórias do passado russo. Mas o fator fundamental para a grande proliferação dos estudos sobre as origens do principado Rus' foi a criação da Comissão Arqueográfica do Ministério da Instrução Pública, que alguns anos depois publicou a *Polnoe Sobranie Russikikh Letopisey (Coleção completa de Crônicas Russas)* (CROSS, 1968: 4-5).

tribos não conseguiram entrar em acordo entre si sobre como se organizar, chegaram à conclusão de que deveriam procurar um governante de fora: “Vamos procurar um príncipe que possa nos governar e nos julgar de acordo com a Lei” (CROSS, 1968: 59). Eles foram até os Varângios Rus’ para pedir-lhes que os governassem: “Nossa terra é grande e rica, mas não há ordem nela. Venham governar-nos e reinar sobre nós” (CROSS, 1968: 59).<sup>37</sup> Nessa passagem, as tribos da planície vão atrás dos Varângios Rus’ e essa distinção, com Varângio como uma designação genérica e Rus’ como uma variação particular vai ser fundamental para justificar os argumentos das posições conflitantes da controvérsia. (CROSS, 1968: 59). São designados três príncipes Varângios Rus’: Riurik (*Hroerekr*), Sineus (*Signiutr*) e Truvor (*Tdroraðor*) para governar a terra eslava. Riurik se assentou em Ladoga, Sineus em Beloozero, e Truvor em Izborsk, cidades do norte da Planície Russa (CROSS, 1968: 233).

### 2.3.1 Discussão sobre o termos: Varângios e Rus’

No entanto, antes de prosseguir a discussão sobre a lenda da chamada dos príncipes, algumas considerações devem ser feitas sobre o termo Varângio. Associado popularmente à guarda pessoal do imperador bizantino, a chamada Guarda Varângia, o termo tem raízes fugidias e complexas. Segundo Blondal e Benedikz, há um consenso quanto às origens da palavra Varângio. Acredita-se que deriva do vocábulo Nórdico Antigo (O.N. = Old Norse) *var*, cujo plural é *várar*, significando confiança, fé, voto de fidelidade, culminando no Proto-Nórdico *vāringr*, e então *vāringi*, *væringi*. Essas palavras se relacionam com outras em línguas germânicas, tais como no Inglês Antigo (O.E. = Old English) *wærgenga*, no Lombardo *waregang*, no Francês Antigo (O.F. = Old French) *wargengus*, derivando do protótipo Germânico Ocidental *\*wāreganga (-u)*, significando “um estrangeiro que entrou a serviço de um novo senhor, por um juramento de fidelidade a ele” (BLONDAL, 2007: 4). A partir dessa reconstrução linguística, nota-se que podem ser enquadrados como varângios quaisquer soldados que entravam em serviço em terras estrangeiras. Todavia a definição pode ter um significado mais livre quando aplicada ao contexto russo, tendo menos relações com juramentos de fidelidade do que o radical sugere. Blondal e Benedikz apontam então para um significado mais comercial, onde *Vaeringi* surge como um mercenário

---

<sup>37</sup> Primeiro trecho: “Let us seek a prince who may rule over us and judge us according to the Law.” Segundo trecho: “Our land is great and rich, but there’s no order in it. Come to rule and reign over us.” (Tradução nossa).

empregado por chefes russos (BLONDAL, 2007: 4). A definição correta dessa palavra se aproximaria então daquele que se junta a uma empresa, com a finalidade de oferecer segurança à viagem, ou seja, um soldado mercenário (BLONDAL, 2007: 5).

A partir disso, o que se nota é que a interpretação russa do termo Varângio se entrelaça entre as duas definições, designando, como afirmaram Blondal e Benedikz, ora um mercenário, ou um grupo desses, ora um grupo étnico, como exposto na *Crônica* (CROSS, 1968: 58-59). Segundo a *Crônica*, “Esses Varângios em particular eram conhecidos como Rus’, assim como alguns são chamados Suecos, outros Normandos, Ingleses e Gotlandeses, porque eles eram assim nomeados”(CROSS, 1968: 59).<sup>38</sup> Em outra passagem, afirma-se que esses Varângios viviam nas costas do Mar Varângio, estendendo-se também para as terras dos Ingleses e dos Franceses<sup>39</sup> e pertencendo à raça de Jafet.<sup>40</sup> Esse Mar Varângio corresponderia ao Mar Báltico, quando o texto descreve a rota comercial que o conecta com o Mar Negro, passado pelo Rio Neva, o Lago Ladoga, o Rio Volkhov, o Lago Il’men, o Lovot e o Dnieper, ao mesmo tempo em que afirma que o rio Dvina corre rumo ao Mar Varângio (CROSS, 1968: 53).

O termo Rus’ também é alvo de disputas. Cross acredita que a sua relação com o termo Varângio se daria por este ser uma designação mais ampla e genérica, enquanto Rus’ seria um termo particular. A hipótese mais aceita quanto a isso é a de que o termo Rus’ é relativo à alcunha dada por populações finesas para designar a Suécia e os suecos. Dessa forma, o termo Finês para Suécia é *Ruotsi*, e para os Suecos, *Ruotsalaiset*. Segundo Cross, essa terminologia é comum em todos os dialetos fínicos do Golfo da Finlândia, sendo derivada de *Ro(d)slagen*, o nome dado à costa da província sueca de Üpland, situada de frente para o Golfo da Finlândia (CROSS, 1968: 48). Outra corrente teórica aponta para o termo *Roðer*, ou *Roðin*, que era a designação do mesmo território de Üpland, Gotland do Leste e Södermanland em tempos antigos. Seguindo esse argumento e analisando os principais nomes que ocorrem nos tratados Rus’-Bizantinos entre 912 e 945, os especialistas observam que eram muito abundantes nesses territórios. Cross cita Thomsen, que sugere que *Roðer* provavelmente deriva de um

<sup>38</sup> “These particular Varangians were known as Russes, just as some are called Swedes, and others Normans, English, and Gotlanders, for they were thus named” (Tradução nossa).

<sup>39</sup> Remetendo à Normandia, conquistada pelo Viking Rollon, e à Inglaterra, dominada por Canut e posteriormente por Guilherme, o conquistador.

<sup>40</sup> Um dos Três filhos de Noé, o bíblico refundador da humanidade, após esta ter se corrompido e ter sido aniquilada com o dilúvio enviado por Javé. Segundo a cosmogonia bíblica, o mundo foi repartido pelos três filhos de Noé. Os outros eram Sem e Cam. Jafet ficou com a porção a Noroeste, que corresponderia à Europa, enquanto Cam ficou com a porção sul, remetendo à África e Sem com a parte Leste, a Ásia. (Cf. *Bíblia*. Gênesis 10, 1-31).

original *roðsmenn* ou *roðskarlar*, significando “marinheiro” ou “remador”, de forma que os Fíneses usaram esse último termo para indicar a nacionalidade, preservando apenas a primeira sílaba nas formas *Ruotsi* e *Ruotsalaiset*. As razões para isso são apontadas por Cross, que acredita na credibilidade dessa teoria a partir de outros exemplos, como a designação *Germani*, adotada pelos romanos para se referir às tribos Teutônicas, que a buscaram dos Celtas que por sua vez estavam em contato com essas tribos desde muito antes e os chamavam assim (CROSS, 1968: 48). Apesar da designação grega Ῥως, que é usada no masculino e não é declinável, atentar contra essa teoria, provavelmente os Gregos tomaram conhecimento da palavra Rus’ a partir de intermediários Turcos ou Kázaros (CROSS, 1968: 49).

O argumento dos primeiros pesquisadores normandistas era exatamente o da designação da terra natal, *Roslagen*, tal como já exposto, na parte central da Suécia, ou então derivava da designação finlandesa para os suecos, *Ruotsi*. Além disso, os normandistas usavam como evidência os tratados entre Rus’ e Bizâncio de 911 e 940 d.C., que listavam os nomes dos signatários, com vários nomes de origem escandinava, bem como a já referida descrição de Constantino VII Porfirogênio, em seu tratado *De administrando imperio*, que listava os nomes das cataratas do rio Dnieper tanto em Rus’ quanto em Eslavo, evidenciando a diferença das duas línguas (SHERMAN, 2004: 1060). Tal ideia foi alvo de duras críticas do grupo antinormandista, que argumentavam principalmente que Rus era o nome da tribo eslava que vivia às margens do rio Ros, próximo à cidade de Kiev, além de questionar a validade das premissas normandistas dada a escassez de palavras russas de origem escandinava e a pouca influência percebida nas características culturais russas de qualquer ancestralidade escandinava (SHERMAN, 2004: 1060-1061).

Porém, cabe salientar que no contexto desse debate, além de as argumentações se basearem principalmente em evidências filológicas, notamos que as correntes contrárias se mostravam fortemente vinculadas aos nacionalismos germânico e russo, o que entrincheirou os debates e impediu por muito tempo a discussão séria de tal tópico. No entanto, durante o século XVIII, nenhuma resposta séria a tal teoria foi proposta. Somente no século XIX, já em 1871, com o surgimento dos trabalhos de D. Ilovaysky: *O Mnimom Prizvanii Varyagov* e de S. Gedeonov *Varyagi i Rus’* que tal contraponto se deu. Todavia, como comenta Samuel H. Cross em sua edição crítica da *Crônica* (1953), a maior contribuição destes trabalhos foi a de deixar a questão em aberto ao revelar

fraquezas na teoria normandista (1968: 39). Todavia, a maioria dos pesquisadores do assunto tendia a aderir à ideia normandista.

Com o advento do século XX e a notável proliferação de pesquisas arqueológicas em território russo, ambos os argumentos foram revistos. Notou-se que na Planície Russa, seguindo as rotas fluviais que conectavam o Mar Báltico ao Mar Cáspio e ao Mar Negro, foi possível encontrar grande número de locais de sepultamento de características escandinavas no período que vai do final do século VIII até o início do século XI d.C, aproximadamente, atestando a presença dos mesmos na região. Todavia, a quantidade desses locais de sepultamento não sugere de forma alguma que escandinavos constituíam a maioria da população. No entanto, achados na Suécia sugerem ampla atividade viking na região, dada a grande quantidade de itens e produtos provenientes do Império Bizantino e principalmente de prata oriunda do mundo árabe. Além destas evidências, é claramente atestada a presença no Império Bizantino de vários grupos escandinavos que alcançaram Constantinopla através da rota fluvial da Planície Russa. Essas conclusões reunidas sugerem, tal como propôs Jonathan Shepard, que os escandinavos adentraram a região e participaram ativamente de sua vida política, criando principados e atuando na organização política e comercial da Planície Russa, além de fomentar o comércio na bacia dos rios Volga e Dnieper. No entanto, estes nunca chegaram a constituir a maioria da população, com a provável exceção de algumas cidadelas e sedes de príncipes, tal como Novgorod ou Smolensk, além da própria Kiev (SHEPARD, 2006: 49-56).

Dessa forma, a abordagem do tema nos dias de hoje considera a presença de escandinavos na Planície Russa, bem como pensa a formação política dos Rus' a partir de matrizes culturais escandinavas, mas não discute as origens do estado Rus' apenas por um viés étnico-demográfico. O que se salienta é, sempre, que uma elite guerreira e mercadora, de origem viking, passou a constituir e exercer um poder político na região dadas possibilidades geradas pelas rotas comerciais da região e a necessidade de assegurá-las sob seu controle. Richard Pipes, ao discutir essa questão afirmou que “o príncipe Rus' era um mercador *por excelência* e seu reino era essencialmente um empreendimento comercial, composto por cidades afiliadas espalhadas pelo território, cujas guarnições coletavam o tributo e mantinham, grosso modo, um tipo de ordem pública” (PIPES, 1995: 31). Essa perspectiva, que observa esse assentamento viking por um viés essencialmente econômico coloca em evidência o valor possível das rotas

comerciais da região e, ainda que mereça ressalvas, alerta para o que pode ter atraído os vikings para a planície Russa

Essa natureza comercial do empreendimento Varângio durante o século IX d.C. até o início do século X d.C. é corroborada por achados arqueológicos encontrados nos rios do norte da Planície Russa: vários objetos de origem Viking, principalmente nos rios que davam acesso ao Volga<sup>41</sup>, o que sugere um interesse grande no comércio com o Oriente, na chamada “Rota Sarracena”. Tal interesse é comprovado também pela arqueologia. Além dos já citados tesouros de *dirhams* foram encontrados vários objetos de proveniência persa pós-Sassânida datados do século IX d.C. (CROSS, 1946: 505). Curiosamente, peças desse tipo não foram encontradas até os dias de hoje em quantidade suficiente para indicar o interesse nessa rota em outras regiões da Planície, o que implica em caracterizar essas primeiras expedições como de caráter puramente comercial, sem interesse dos expedicionários em fincar raízes na região. A *Crônica* concorda com a evidência arqueológica, indicando o aumento no interesse pela rota que ligava a Planície ao Império Bizantino somente a partir do início do século X, quando o primeiro acordo entre Bizâncio e os Rus’ é firmado, em 911-913 d.C., *circa*. No entanto, apesar de comprovar o desinteresse dos Rus’ em se fixar na região até então, a *Crônica* também aponta a fundação de cidades após esse período, o que sugere que a abertura e consolidação da rota comercial que ligava a região ao Oriente Muçulmano foi o motor fundamental para que esses expedicionários procurassem fixar lugar e moradia por ali. Tal reviravolta também encontra corroboração nas evidências arqueológicas, objetos encontrados em abundância possuíam características típicas de ornamentos femininos de origem Viking, o que sugere que a partir desse momento os mercadores passavam a se converter em colonos, levando suas famílias para a região (CROSS, 1946: 505).

O interesse em se assentar na região, oriundo das facilidades que a segurança nas rotas e o controle na captação de mercadorias destinadas à revenda nos mercados do Oriente vai marcar o início da ocupação da mesma. Nesse sentido, se reúnem as proposições elencadas por nós até agora. Primeiramente, o do papel dos Kázaros na organização e no estabelecimento da interação entre os povos do lugar, bem como o estabelecimento de uma primeira rede comercial no contexto. Em segundo lugar o do surgimento dos Varângios Rus’ (Vikings) na região, que foram atraídos pelas

---

<sup>41</sup> Rios afluentes ou rios nos quais os viajantes saíam dos barcos e os carregavam terra adentro até encontrar um outro rio navegável.



possibilidades dos mercados para os quais as rotas da Planície davam acesso. E finalmente, a necessidade de assegurar as rotas comerciais, bem como a coleta de tributos, que levaram à fixação, criação ou recriação de mecanismos de autoridade intertribal, que seriam constituídos lentamente a partir de Novgorod e, posteriormente, Kiev.

#### **2.4 O estabelecimento do principado.**

A partir das possibilidades comerciais geradas pelas expedições Varângias pela rota Sarracena, são iniciadas a ocupação e a constituição de um principado no norte da Planície Russa, com sede em Novgorod, tirando proveito dessa rota comercial. As evidências arqueológicas e numismáticas sugerem que o período da lenda da “chamada dos príncipes” era um período de perigo para as expedições. Ladoga, Pskov e Gorodishche<sup>42</sup> sofreram incêndios nessa época, assim como vários achados de moedas enterradas apontam para os perigos do transporte de valores (SHERMAN, 2004: 1061). Uma evidência presente no manuscrito hipatiano da *Crônica*<sup>43</sup>, mas curiosamente ausente do manuscrito Laurentiano (os dois mais antigos contendo o texto da *Crônica*) aponta essa época como um período de crise. Com a chegada dos príncipes e com a morte de Sineus e Truvor, irmãos de Riurik, este último se torna o único chefe desse principado.

Depois de dois anos, Sineus e seu irmão Truvor morreram, e Riurik assumiu a autoridade única. Ele, então, foi ao lago Il'men e fundou no Volkhov uma cidade a qual eles chamaram Novgorod, e então ele se assentou lá como príncipe, designando cidades para seus seguidores, Polotsk para um, Rostov para outro, e Beloozero para outro. Nessas cidades então haviam colonos Varângios, mas os primeiros ocupantes foram, em Novgorod, Eslavos; em Polotsk, Krivichianos; em Beloozero, Ves'; em Rostov, Merianos; e em Murom, Muromianos. Riurik tinha o domínio sobre todos esses distritos (CROSS, 1968: 233).<sup>44</sup>

<sup>42</sup> Provavelmente a principal base de ocupação Varângia (Viking) na Planície Russa, em um momento inicial. Tratava-se de um assentamento fortificado, que servia como empório e se situava na margem do Lago Il'men'. Situava-se em posição privilegiada pois tinha acesso fácil tanto à cabeceira do Rio Volga, na rota Sarracena, quanto ao Dvina Ocidental, iniciando a rota Grega (SHEPARD, 2006: 52).

<sup>43</sup> Explicações sobre essa diferenciação de manuscritos podem ser encontradas no capítulo “Fontes”.

<sup>44</sup> “After two years, Rineus and his brother Truvor died, and Rurik assumed the sole authority. He then came to lake Il'men and founded on the Volkhov a city which they named Novgorod, and he settled there as prince, assigning cities to his followers, Polotsk to one, Rostov to another, and to another Beloozero. In these cities there are thus Varangian colonists, but the first settlers were, in Novgorod, Slavs; in Polotsk, Krivichians; at Beloozero, Ves'; in Rostov, Merians; and in Murom, Muromians. Riurik had dominion over all these districts” (Tradução nossa).

Essa passagem da *Crônica*, cuja verificação factual é quase impossível para o historiador pode, no entanto, trazer evidências sobre o modo de organização dos povos da Planície Russa. A ideia de uma assembléia tribal como modo de decidir problemas, tal como foi feito pelas tribos e a designação de cidades como premiação para os seus seguidores lança luz sobre a questão da origem do poder. Naquele contexto, com a ausência de um grupo hegemônico que unificasse as tribos, os povos da região não dispunham de uma concepção tão desenvolvida de autoridade. Da mesma forma, uma estrutura de poder forte e centralizada não era conhecida no mundo nórdico. Isso foi um ponto importante para a segurança e a manutenção do título dos príncipes. Da mesma forma, o séquito dos príncipes e posteriormente a instituição oriunda desse grupo, a *Druzhina*, será a base política da autoridade dos príncipes, como uma espécie de conselho deliberativo na corte principesca, já a partir dos séculos XI e XII.

Um aspecto importante dessa composição política que ainda não foi abordado é marca característica de todas as épocas anteriores à revolução industrial: a dificuldade, graças às barreiras naturais, de acesso e imposição de uma ordem estabelecida em determinado território, problema facilmente perceptível no processo da constituição desse principado. Nesse sentido, um acontecimento narrado pela *Crônica* pode ser ilustrativo dessa dificuldade, bem como das possibilidades econômicas da própria Planície Russa: o episódio de como um grupo de Varângios conseguiu o domínio da região do médio rio Dnieper. A *Crônica* narra que, em 862, dois Suecos, Askold e Dir, vikings seguidores de Riurik, mas que não pertenciam a seu clã, pedem permissão a este para empreender uma expedição rumo a Constantinopla<sup>45</sup>, carregando suas embarcações através da terra entre os rios Lovat e Dnieper<sup>46</sup> até chegar ao Império Bizantino. Riurik a concede, mas no caminho encontram a cidade de Kiev, controlada pelos Kázaros, e lá estabelecem seu domínio.

De lá partiu o primeiro ataque a Constantinopla, em 863, organizado por vikings sediados na Planície Russa. Apesar de não haver nenhum outro testemunho documental sobre este ataque, a *Crônica* afirma (a partir de sua premissa teológica, com destaque enfoque à providência divina) que os bizantinos só não foram massacrados graças a preces e procissões realizadas dentro da cidade, contando até mesmo com a exibição da relíquia do manto que supostamente pertenceu à Virgem Maria (CROSS, 1968: 60).

---

<sup>45</sup> Miklagard, em Nordico Antigo, e Tzargrad, em Eslavo Antigo.

<sup>46</sup> Prática que mais tarde vai se tornar comum no comércio com a rota que ligava o Principado Rus' ao Império Bizantino

Dmitri Obolensky afirma que o ataque parece ter sido planejado com cuidado, visto que o imperador bizantino Miguel III (840-867) estava em campanha na Ásia Menor, junto com a maior parte de suas tropas, e a cidade estava sem defensores. Esta tarefa coube ao prefeito da cidade e ao patriarca que, cada um em sua esfera de atuação, organizaram a defesa (OBOLENSKY, 1988: 183). Obolensky afirma que o propósito do ataque provavelmente não era o de tomar a cidade de Constantinopla, mas sim estabelecer vantagens comerciais, já que a frota Varângia levantou o cerco antes do retorno das tropas de Miguel III, evitando um combate mais feroz com as tropas imperiais, o que seria inevitável caso seu interesse fosse realmente o de obter o domínio total da cidade (OBOLENSKY, 1988: 183).

O estabelecimento Rus' em Kiev é de fundamental importância no processo de ocupação e construção da autoridade política nesse território. A cidade de Kiev, cuja criação é anterior à chegada dos Rus', participava há muito tempo do comércio internacional terrestre entre Oriente e Ocidente. Era um importante entreposto comercial, onde se trocavam os produtos da floresta pelos da estepe, ponto de contato entre povos mais adaptados a modos de vida nômades e sedentários. Especula-se que a cidade poderia participar do comércio entre o Ocidente e o Extremo Oriente, como parada de negociantes Judeus Radanitas, em seu caminho entre a Europa e a China, na chamada "Rota do Norte" da Rota da Seda, que passava pelas grandes estepes do Casaquistão, pela região dos rios da Transoxiana e pelo deserto de Gobi, na Mongólia (SHEPARD, 2006: 55). A grande mudança que se observou com a chegada dos Varângios Rus' seria uma maior possibilidade de comercializar com as civilizações mediterrâneas, pois graças à sua habilidade de navegação – tanto em mares quanto em rios, em suas "monoxylas"<sup>47</sup> – eles estariam aptos a transportar mercadorias pelas corredeiras e cataratas do Dnieper, alcançando os entrepostos bizantinos na Criméia, os mercados Kázaros do Mar de Azov e ainda a própria capital bizantina, Constantinopla.

Dessa forma é possível concluir que a ocupação da bacia do Dnieper através de Kiev, que antes não passava de uma busca de alguns Varângios Rus' – personificados em Askold e Dir na *Crônica* – por se separar da estrutura de poder que se consolidava no Norte e promover suas próprias conquistas, principalmente em Novgorod e Gorodishche, passa a ser uma possibilidade real e extremamente lucrativa, rivalizando e, a partir de meados do século X d.C., superando as possibilidades da rota da bacia do Rio

---

<sup>47</sup> Barcos feitos a partir de uma única tora de madeira.

Volga, a Sarracena, e tornando-se cada vez mais uma rota de comércio com Bizâncio.

Tal como a *Crônica* afirma:

Com Riurik havia dois homens que não pertenciam à sua família, mas eram boiardos. Eles obtiveram permissão para ir para Tsar'grad com suas famílias. Então eles desceram o Dnieper velejando, e no curso de sua jornada, avistaram uma pequena cidade na colina. Ao perguntar de quem era cidade aquela, eles foram informados que três irmãos, Kiy, Shchek e Khoriv, um dia construíram a cidade, mas desde suas mortes, seus descendentes vivem lá como tributários dos Kázaros. Askold e Dir permaneceram na cidade e, após reunir consigo vários Varângios, estabeleceram seu domínio sobre a terra dos Polianos ao mesmo tempo em que Riurik estava governando em Novgorod (CROSS, 1968: 60).<sup>48</sup>

Após a morte de Riurik, (em alguma data entre 870 e 879), Oleg herdou o comando do território, em nome de Igor, que a *Crônica* relata ser o filho de Riurik.<sup>49</sup> Tomou iniciativas para controlar e submeter às populações sob seu comando, além disso expandiu seus domínios quando capturou Smolensk, Lyubech e logo após tomou Kiev das mãos de Askold e Dir, alegando que eles não pertenciam à família de Riurik e, portanto, não tinham o direito de exercer o poder – nota-se aqui a pretensão dos riuríkidas em serem os únicos governantes da região. Após matá-los, Oleg se intitulou príncipe de todos os Rus' e residiu em Kiev, que se tornou a capital do principado (CROSS, 1968: 61). O significado dessa alteração no centro de poder da Rus' só seria perceptível, a partir dos achados arqueológicos, a partir da década de 940 d.C., período provável do declínio no comércio com o Oriente Próximo, com uma queda da importação de prata e vidrarias desse lugar (SHERMAN, 2004: 1061). No início do século X d.C., os Búlgaros do Volga, constituíram seu emirado na região do médio rio Volga, onde atuaram como intermediários no comércio com o Oriente e que também se engajaram na coleta de peles do Norte, para revenda nos mercados do Leste,

---

<sup>48</sup> With Riurik there were two men who did not belong to his kin, but were boyars. They obtained permission to go to Tsar'grad with their families. They thus sailed down the Dnieper, and in the course of their journey they saw a small city on a hill. Upon their inquiry as to whose town it was, they were informed that three brothers, Kiy, Shchek and Khoriv had once built the city, but since their deaths, their descendants were living there as tributaries of the Khazars. Askold and Dir remained in the city, and after gathering together many Varangians, they established their dominion over the country of the Polyanians at the same time that Rurik was ruling at Novgorod. (Tradução nossa). Nessa passagem, Tsar'grad significa cidade do César, que em Russo era a maneira como se conhecia a cidade de Constantinopla, capital do Imperio Bizantino.

<sup>49</sup> Todavia isso é pouco provável. Com a morte de Riurik, o primeiro príncipe Rus', ocorrendo em alguma data entre 870 e 879 d.C., seria muito difícil, praticamente impossível, que seu filho, Igor, estivesse ativo nas negociações entre Bizâncio e os Rus' de meados do século X d.C. (941-944), especialmente se considerarmos o modo de vida e as condições climáticas sob as quais esses indivíduos estariam sujeitos, bem como as constantes guerras pelas quais passavam. Posteriormente falaremos sobre os problemas historiográficos do principado de Igor.

principalmente o do reino Samânida da Transoxiana<sup>50</sup> (SHEPARD, 2006: 54). Os produtos negociados nessa rota eram obtidos pelos mercadores (predominantemente escandinavos) principalmente a partir de trocas, saques, razias, guerras, etc. Com as populações eslavas, fino-ugrianas e bálticas que, apesar de praticarem meios diferentes de subsistência, se integravam, voluntária ou involuntariamente, nesse comércio continental.

Isso também se deve aos produtos negociados pelos Rus' em cada mercado. Na rota Sarracena, as peles e produtos da floresta eram os principais itens a venda, enquanto na rota Grega de Kiev, em adição a esses, o mercado para a venda de escravos era muito mais amplo e também muito mais versátil. Graças a isso os interesses comerciais dos soberanos do norte cresceram em direção ao sul. A fonte revela esse interesse no episódio do assassinato de Askold e Dir por Oleg, e sua instalação em Kiev (CROSS, 1968: 61). A fonte também demonstra, na passagem da imposição de tributo por Oleg aos habitantes de Novgorod, as dificuldades de transição da sede do principado. Após conquistar Kiev, Oleg tentou estabelecer alguma organização administrativa em seu território. Esse esforço de manutenção de uma ordem sugere que houve conflitos diante da realocação de Oleg, que atuou visando acabar com essa resistência. Tal resistência é perceptível nos ataques que empreendeu, registrados nas passagens de 883, 884 e 885 d.C. na *Crônica*: a primeira contra os Derevlianos, povo que vivia na margem direita do rio Dnieper, próximo a Kiev, e que não havia se submetido a nenhuma tributação ou submissão anterior; posteriormente contra os Severianos e contra os Radimichianos, que viviam na margem esquerda do rio Dnieper, que pagavam tributo para os Kázaros, além dos habitantes originais da cidade de Kiev, os Polianos, bem como tribos que não submeteram-se a sua tutela, contra as quais ele teve de continuar os empreendimentos militares: os Ulichianos e os Tivercianos (CROSS, 1968: 61).

Uma outra possibilidade para o avanço dos Varângios sobre a região de Kiev é levantada por Samuel Cross. Para o historiador, Kiev era uma cidade com vocação comercial e profundamente conectada nas rotas do norte da Europa, Dessa forma, o comércio entre os eslavos e outros povos, tais como os Francos e os Germânicos, fazia parte do alcance dos mercados da região. Cross acredita nessa vertente graças à uma

---

<sup>50</sup> Dinastia de emires persas que governou a Transoxiana e a Pérsia entre os séculos IX e X (circa 874/5 – 999). Manteve, durante a existência do emirado, um intenso comércio com a Planície Russa, o Irã e a China (VRYONIS, 1991: 1835).

referência estranha e pouco usada na *Crônica*, quando esta vai relatar o tributo pago pelos Radimichianos e usa a palavra do eslavo eclesiástico para “Xelim”: “shch’lyag” no manuscrito laurentiano da *Crônica*, unidade de medida que não era corrente entre os eslavos, mas que pode ter sido adotada durante o século VIII d.C. graças ao comércio empreendido entre os eslavos e os povos da Europa Central (CROSS, 1968: 61: 234).

No entanto, a manutenção da estrutura de poder iniciada por Oleg na região do médio Dnieper, foi ainda mais problemática do que se parece. As populações situadas na região da bacia do médio Dnieper, onde se situa Kiev, já contavam com algum grau de organização social, armamento bélico e formas de sobrevivência capazes de abastecer um maior número de habitantes (várias tribos já praticavam a agricultura, entre outras) e de resistir às incursões do príncipe, o que dificultou a imposição de tributo e manutenção do controle por parte dos Varângios. Da mesma forma, controlar o próprio séquito dos príncipes era difícil, graças às possibilidades variadas de botim e razia, presentes na região e à própria percepção do território como apto à exploração indiscriminada por parte dos boiardos, forma como o séquito é nomeado na *Crônica*.

Podemos notar esse problema quando observamos a passagem do assassinato do príncipe Igor pelos nobres Derevlianos. Logo que assumiu a autoridade do principado, Igor teve de se impor sobre esses Derevlianos, para assegurar o pagamento de tributos da parte deles, iniciado por Oleg. Tempos depois, diante dos dois ataques empreendidos pelo príncipe à Constantinopla e da conclusão dos acordos deste com os imperadores, Igor foi pressionado por seu séquito por maiores honrarias e presentes e resolveu recolher tributos dos Derevlianos visando resolver tal problema. Na passagem, o príncipe foi interpelado por eles “[...] O séquito de Igor disse para ele, ‘Os servos de Sveinald estão adornados com armas e vestimentas finas, mas nós estamos nus. Venha conosco, Oh! Príncipe, atrás de tributo, para que possamos lucrar dessa forma.’ Igor ouviu suas palavras e atacou Dereva em busca de tributo”(CROSS, 1968: 78).<sup>51</sup> Após essa coleta, o príncipe voltou aos Derevlianos procurando ainda mais tributo e foi assassinado por eles após reunião das elites desse povo com seu príncipe, Mal<sup>52</sup>, onde deliberaram sobre o que fazer a respeito do pagamento de novo tributo a Igor.

---

<sup>51</sup> “[...] Igor’s retinue said to him, ‘The servants of Sveinald are adorned with weapons and fine raiment, but we are naked. Go forth with us, oh Prince, after tribute, that both you and we may profit thereby’. Igor heeded their words and he attacked Dereva in search of tribute” (Tradução nossa). Sveinald era o chefe da guarda de Kiev

<sup>52</sup> A própria menção deste príncipe na narrativa da *Crônica* demonstra que existiam outros potentados na região, que chegavam a concorrer com o príncipe de Kiev pelo controle do médio Dnieper.

O trecho acima expõe a natureza da estrutura dos bandos guerreiros que se aventuravam na Planície Russa, da mesma forma que demonstra o desenvolvimento dos Eslavos do sul dessa planície. O príncipe Igor, que passou a exercer o poder sozinho após a morte de Oleg (em alguma data entre 911 e 913 d.C.), mas cujos feitos só foram corroborados por outras fontes a partir de 940 d.C., precisava recompensar seus seguidores, seu séquito, e decidiu fazê-lo utilizando o tributo extraído dos Derevlianos, que é aumentado pelo príncipe. O interesse em razias, pilhagens, tão comum aos Vikings demonstra, nessa passagem, que Igor ainda enxergava a região como um lugar a ser explorado, tal como seu antecessor, Oleg. Essa visão mudou com Olga, esposa de Igor, que após a morte de seu marido, reorganizou a coleta de tributos, que ancestralmente era praticada por meio da “Poliudia”<sup>53</sup>, e conseqüentemente estabelece meios de adquirir mais eficientemente os produtos despachados para os mercados das rotas Grega e Sarracena que eram, em grande medida, os produtos arrecadados na coleta de tributos (SHEPARD, 2006: 58).

O assentamento e a organização de uma estrutura administrativa em Kiev demonstram a preferência, de parte dos Varângios, pela rota Grega do comércio na Planície Russa, e tal implicação traz consigo uma questão: por quê a rota Grega se mostrou mais atrativa para os Rus’ em relação à rota Sarracena? Algumas hipóteses podem trazer subsídios para a compreensão dessa preferência. A primeira e mais óbvia é a de que essa rota dava acesso ao Império Bizantino, que era um dos impérios mais prestigiados e sofisticados do mundo no período e que também possuía profundas relações diplomáticas e culturais com os povos eslavos, o que o tornaria atrativo por ser um ambiente já habituado a receber produtos e mercadorias de produção eslava e comércio Rus’.

O contato dos Rus’ com o Império Bizantino levava também, para os primeiros, o contato com a cultura mediterrânea e com a cultura religiosa bizantina, o que pode ser percebido na própria escrita da *Crônica*. Ainda que compilada mais de um século depois desses eventos tomarem lugar, uma passagem curiosa demonstra a natureza múltipla desses contatos entre os Rus’ e Bizâncio. Na passagem, ao atacar

---

<sup>53</sup> A prática ancestral do príncipe, acompanhado de seu séquito sair de sua residência e fazer uma ronda sobre os territórios dominados extraindo diretamente o tributo das populações submetidas. Constantino VII, no *De administrando imperio* define assim a poliudia: “Quando começa o mês de novembro, seus chefes em conjunto com todos os Rus’ saem de Kiev e vão fazer a ‘poliudia’, que significa ‘ronda’, ou seja, vão para as regiões eslavônicas dos Vervianos e Drugovichianos e Krivichianos e Severianos e para o resto das regiões eslavas tributárias dos Rus’. Lá eles são mantidos durante o inverno [...] (tradução nossa) (MORAVCSIK, 1993: 62-63).

Constantinopla em 941, os Rus' são derrotados diante de uma aliança entre vários chefes militares bizantinos. Postos em fuga, são perseguidos pela frota bizantina com o lendário fogo grego<sup>54</sup>, que quase destrói a frota Rus'. Diante desse evento – os Rus' nunca haviam se deparado com o uso ostensivo dessa arma – se impressionam, tal como se vissem um milagre: “eles relataram que os gregos tinham, em sua possessão, a luz do paraíso, e os puseram em chamas ao lançá-las adiante, de forma que os Rus' não puderam conquistá-los” (CROSS, 1968: 72).<sup>55</sup>

A segunda, e de mais sutil percepção, se deve aos produtos negociados pelos Rus' em cada mercado. Na rota Sarracena, as peles e produtos da floresta eram os principais itens trocados enquanto, em adição a esses, escravos eram muito apreciados no Império Bizantino, receptor das mercadorias da rota de Kiev. Como as duas viagens, tanto a da rota Sarracena quanto a da rota Grega, eram cheias de perigos naturais, tais como cataratas e corredeiras, além de povos inimigos, nômades das estepes, piratas, etc., era necessário que elas fossem feitas com a maior agilidade possível. O escravo não era um bem inanimado, e poderia desembarcar e caminhar pelos trechos mais complicados das viagens, que incluíam os já mencionados perigos.

Quanto aos ataques à cidade de Constantinopla, a *Crônica* narra com riqueza de detalhes principalmente os ataques de Oleg em 907 e os de Igor em 941 e 944. Nesses ataques, assim como no de 860, o objetivo não era o de tomar a cidade, mas de forçá-la a abrir suas portas para um comércio mais ativo com a Rus'. Em 907, Oleg concluiu um vantajoso acordo comercial, que foi atualizado por Igor em 944/45. As diferenças nesses acordos demonstram uma mudança nas relações entre Bizâncio e os Rus' (no segundo acordo os bizantinos reduzem os privilégios comerciais dos Rus' em relação ao primeiro acordo), mas ainda assim evidenciam a lucratividade proveniente desse intercâmbio comercial (SHEPARD, 2006: 56-58). As vantagens comerciais obtidas com Oleg e depois atualizadas com Igor foram confirmadas por Olga quando ela mesma visitou Constantinopla.<sup>56</sup> As evidências arqueológicas também sugerem o cuidado e a disciplina militar necessários nessas operações que não eram formadas por um grande

<sup>54</sup> Iluminuras riquíssimas com detalhes do uso naval do fogo grego, arma lendária da marinha bizantina, estão presentes no manuscrito de Madrid da *Sinopsis Historiarum* de João Skylitzes.

<sup>55</sup> “they related that the Greeks had in their possession the lightning from heaven, and had set them on fire by pouring it forth, so that the Russes could not conquer them” (Tradução nossa).

<sup>56</sup> As duas datas mais aceitas pelos historiadores para a visita de Olga que culminou com seu batismo em Constantinopla são 946 d.C. ou 957d.C. A descoberta recente de um palimpsesto de fragmentos do tratado de Constantino VII *De Cerimoniis* descrevendo a visita de Olga a Constantinopla fizeram os especialistas reavaliarem suas posturas quanto à provável data da visita da soberana Rus' à capital do Império Bizantino. De acordo com o fragmento, a data mais provável se situa entre primeiro e nove de setembro de 957 (POPPE, 2007: 278a).



número de pessoas haja vista que, embora emblemáticas em ferramentas, instrumentos e paramentos típicos de mercadores ricos, são hoje reduzidos o número de câmaras mortuárias desses mercadores encontradas na região do médio Dnieper. (SHEPARD, 2006: 58).

É emblemático ser dessa época o tratado *De administrando imperio*, do imperador bizantino Constantino VII, Porfirogênito (imperador de 945 a 959). Nele, há uma descrição das expedições comerciais feitas pelos Rus' até Constantinopla. Segundo o tratado, as chamadas “*monoxylas*”, saíam de Novgorod, através da descida pelos rios da Planície Russa, até alcançarem o Dnieper e se reunirem em Kiev, de onde a expedição partia rumo a Tsargrad. Seguindo o rio Dnieper, a cerca de cem quilômetros ao sul da cidade de Kiev, próximo à junção entre o rio Dnieper e o Samara, existiam uma série de cataratas, corredeiras e pórticos, onde os expedicionários precisavam, muitas vezes, carregar os barcos por terra até um local seguro onde pudessem voltar à navegação fluvial (CROSS, 1968: 41). Constantino VII narra, com riqueza de detalhes, os procedimentos da companhia, além de listar os nomes das cataratas em Rus' e em Eslavônico, uma distinção que aponta as diferenças entre os participantes do comércio internacional estacionados na Planície Russa.<sup>57</sup>

Essa narrativa demonstra também o cuidado e a preocupação dos bizantinos em saber a movimentação dos povos do norte, além de monitorar seus avanços a partir de contatos diplomáticos com tantos povos quanto possível na região. Isso pode ser visto nos primeiros treze capítulos do tratado *De administrando imperio*, a primeira parte da obra, dedicada a estabelecer parâmetros para lidar com as nações do Norte, da região do Mar Negro e além, que no período de escrita da obra (948-952 d.C, *circa*) constituíam a maior ameaça à segurança do Império Bizantino. O interesse era o de manter os vizinhos do norte em boas relações com o Império e poder negociar com eles em caso de guerras, além de, sempre que necessário, jogá-los uns contra os outros antes de se lançar em guerras contra eles. O imperador dedica muita atenção à forma com a qual esses povos se relacionavam entre si. Um trecho dessa obra será útil para que notemos a sutileza da observação de Constantino VII sobre o tema. Quando discute as relações entre os Rus' e os Pechenegues, o autor declara:

Os Rus' também estão muito preocupados em manter a paz com os Pechenegues. Eles compram destes, gado bovino, cavalos e ovelhas, com os quais eles vivem mais facilmente e mais confortáveis, já que nenhum dos já

---

<sup>57</sup> Essa distinção dos nomes das cataratas demonstra, para a discussão sobre as origens dos Rus', a já referida diferença étnica entre estes e os eslavos (MORAVCSIK, 1993: 56-63).

mencionados animais é encontrado na terra dos Rus'. Além disso, os Rus' são completamente impedidos de sair para guerras além de suas fronteiras a não ser que estejam em paz com os Pechenegues, porque enquanto eles estão fora de suas casas, eles podem vir sobre elas e destruir e ultrajar sua propriedade. E então os Rus', tanto para evitar ser feridos por eles quanto por causa da força daquela nação, são os mais preocupados sempre em estar em aliança com eles e tê-los para suporte, e então se livrar de sua inimidade e aproveitar sua assistência. Os Rus' também não podem vir até essa imperial cidade dos Romanos, seja para Guerra ou comércio, a não ser que eles estejam em paz com os Pechenegues, porque quando os Rus' vêm com seus navios para as barragens do rio e não podem passar por elas a não ser que tirem seus barcos do rio e os carreguem transportando-as sobre os ombros, então os homens dessa nação dos Pechenegues caem sobre eles e, como eles não podem fazer duas coisas ao mesmo tempo, eles são facilmente encontrados e cortados em pedaços (MORAVCSIK, 1993: 51) <sup>58</sup>

Esse trecho demonstra essa preocupação, da mesma forma que na *Crônica*, encontramos vestígios da ação bizantina para conter os ataques de Igor e monitorar a situação dos povos do norte. Quando Igor, em 935, resolveu atacar os bizantinos, os Búlgaros são os primeiros a enviar notícias do avanço dos Rus' sobre Constantinopla, preparando-os de antemão para o conflito (CROSS, 1968: 71-72). Também no ataque de 944, os Búlgaros enviaram avisos para o imperador bizantino do avanço dos Rus', inclusive que estes haviam se aliado aos Pechenegues (CROSS, 1968: 72-73). Além desse monitoramento, a diplomacia bizantina sabia lidar com cada um desses povos, distribuindo presentes e tesouros para estes, no intuito de evitar guerras e combates desnecessários, visto que o Império era um alvo potencial para todos os seus vizinhos, dado o fascínio que exercia sobre eles. Além dessas passagens, a sutileza da diplomacia bizantina é demonstrada em 968 e 971 d.C., quando Sviatoslav resolveu atacar os búlgaros e posteriormente os bizantinos. Nesse caso, a iniciativa imperial pode ser vista quando os Rus' estavam em expedição, atacando a península Balcânica e os pechenegues invadiram o território próximo a Kiev. Além disso, emboscadas constantes no trecho das cataratas do Dnieper tornavam as expedições Rus' extremamente difíceis, tal como a última expedição de Sviatoslav, em 971-972 d.C.

---

<sup>58</sup> The Russians also are much concerned to keep peace with the Pechenegs. For they buy of them horned cattle and horses and sheep, whereby they live more easily and comfortably, since none of the aforesaid animals is found in Russia. Moreover, the Russians are quite unable to set out for wars beyond their borders unless they are at peace with the Pechenegs, because while they are away from their homes, these may come upon them and destroy and outrage their property. And so the Russians, both to avoid being harmed by them and because of the strength of that nation, are the more concerned always to be in alliance with them and to have them for support, so as both to be rid of their enmity and to enjoy the advantage of their assistance. Nor can the Russians come at this imperial city of the Romans, either for war or for trade, unless they are at peace with the Pechenegs, because when the Russians come with their ships to the barrages of the river and cannot pass through unless they lift their ships off the river and carry them past by portaging them on their shoulders, then the men of this nation of the Pechenegs set upon them, and, as they cannot do two things at once, they are easily routed and cut to pieces (Tradução nossa).

No entanto, enquanto Bizâncio adotava essas políticas para lidar com os povos do Norte, os chefes Rus' passavam por um processo de intercâmbio cultural com as populações da região, de maioria eslava. Esse intercâmbio é notável nos nomes dos próprios chefes Rus', que de nomes de características nórdicas durante o século IX d.C. e a primeira metade do século X d.C., tais como Riurik (\**Hroerekr*), Igor (Ingvarr), Oleg (Helgi) e Olga (Helga) passaram a ser de origem eslava a partir de meados do século X: Sviatoslav, Iaropolk e Vladimir.

O que a mudança dos nomes dos príncipes sugere é, também, uma mudança na forma desses príncipes se relacionarem com a terra que dominavam. Sviatoslav será um forte exemplo disso. Enquanto os príncipes anteriores adotavam formas de organização política e apresentação tipicamente escandinavas, Sviatoslav procurou emular os soberanos de povos de origem turco tártara, tão presentes nas estepes vizinhas a Kiev. Da mesma forma, esse influxo ocorreu em relação à religião. Enquanto no primeiro acordo comercial entre o Império Bizantino e os Rus', firmado por emissários a mando de Oleg, os juramentos Rus' foram feitos em nome dos deuses adorados entre os próprios Rus' e entre os eslavos; no segundo, os juramentos foram feitos tanto em nome desses deuses quanto em nome do Deus cristão. Olga foi fundamental na difusão do cristianismo entre as elites Rus' quando ela mesma – que foi esposa do príncipe Igor e comandou esse povo enquanto seu filho Sviatoslav não atingia a idade de governar – adotou o cristianismo em Constantinopla.

No entanto, a aproximação dos dois povos teve um revés durante o período de governo de Sviatoslav, entre 964 e 972 d.C. Este príncipe adotava modos típicos de povos nômades, contrariando a atitude de seus antecessores imediatos que procuravam se aproximar do padrão de vida sofisticado dos Bizantinos. A *Crônica*, escrita muito posteriormente, adotando e ressaltando o ponto de vista de um povo já cristianizado, insiste na “insensatez” de Sviatoslav, que rejeitou a religião que sua mãe adotou em Constantinopla, com o argumento de que seus seguidores “ririam” dele caso o fizesse (CROSS, 1968: 83-84). Ela também fala, ainda que indiretamente, sobre as diferentes matrizes culturais em intercâmbio no contexto dos Rus'. Quando vai descrever Sviatoslav, a *Crônica* diz:

Ele não carregava consigo nem carroças [com alimentos] nem panelas e não cozinhava o hidromel, mas cortava pequenas tiras de carne de cavalo, caça, ou carne bovina, e comia depois de assá-la nas brasas. Nem tinha ele uma

tenda, mas estendia uma manta de cavalo debaixo de si e sua sela debaixo de sua cabeça; e todo seu séquito fazia o mesmo (CROSS, 1968: 84)<sup>59</sup>

A conduta de Sviatoslav interrompeu um processo que parecia contínuo na política de aproximação dos príncipes Rus' com Bizâncio. No período do principado de Sviatoslav, a política externa bizantina em relação aos Rus' percebeu efetivamente a necessidade de uma aproximação mais direta. Sviatoslav, tal como descrito no trecho acima, adotou valores e modos de vida típicos dos guerreiros nômades turcos e iranianos, vale citar, dos Pechenegues e dos Kázaros. Além disso, ao mesmo tempo em que Sviatoslav adotava costumes de povos estrangeiros o príncipe mantinha-se um resoluto pagão, evitando deixar sua corte e seu séquito se permearem com as religiões monoteístas estrangeiras, contrariando, como já afirmamos, a tendência iniciada no período de Igor, e principalmente de Olga. Essa adoção de costumes Kázaros e Pechenegues pode sinalizar a mudança de perspectiva dos príncipes Rus', Sviatoslav e também em seu sucessor, Vladimir. Isso significava uma postura mais vinculada à terra e sua cultura, empenhada em emular o modos de vida e de postura dos príncipes e dos povos que contavam com mais prestígio na região (OBOLENSKY, 1988: 168). Ou seja, o esboço de uma conduta exemplar, ou padrão, dos príncipes começou a ser formulada, o que nos leva à questão da legitimidade, de como um príncipe deveria ser e se portar para ser digno de governar o principado.

Essa questão surge pela primeira vez no discurso de um príncipe na passagem onde Sviatoslav negou adotar o cristianismo mesmo com o pedido de sua mãe. Eis um padrão de comportamento que o príncipe deveria seguir para governar esse povo. Essa negação se mostra fundamental para sedimentar o poder de Sviatoslav, que agiu como um conquistador obstinado durante todo o período de seu principado. Ademais, podemos notar seu interesse em se assentar na região dos Bálcãs, quando, em 968, João Tzimisces, imperador bizantino, pediu seu auxílio para combater os Búlgaros (KAZHDAN, *ODB*, 1991: 1045). Ao término da campanha na Península Balcânica, Sviatoslav decidiu ficar na região mas foi forçado a voltar para Kiev, graças ao estado de saúde de sua mãe e ao cerco que os Pechenegues – muito provavelmente a pedido dos imperadores bizantinos – impuseram à cidade. No entanto, um ano após esses

---

<sup>59</sup> “[...]he carried with him neither wagons nor kettles, and boiled no mead, but cut off small strips of horseflesh, game, or beef, and ate it after roasting it on the coals. Nor did he have a tent, but he spread out a horse-blanket under him and set his saddle under his head; and all his retinue did likewise” (Tradução nossa).

eventos Sviatoslav decidiu retornar aos Bálcãs e entrou novamente em atrito com os bizantinos.

Talvez seja por esse fato, o dos interesses de Sviatoslav na região, que ele tenha se negado a adotar o cristianismo, religião de seu inimigo nessa empreitada: o Império Bizantino. Isso contraria a hipótese de que sua recusa foi baseada apenas em uma resistência à penetração da religião cristã na Planície Russa; além disso pode ter sido uma escolha política, onde Sviatoslav não se aproximou dos valores de quem ele considerava seu inimigo. No entanto não podemos deixar de considerar essa resistência enquanto forma de afirmação desse príncipe. A parte sua apresentação como um pagão feroz e selvagem diante de seus inimigos; várias características de Sviatoslav, como seu desprezo por grandes tesouros em ouro<sup>60</sup>, sua fome de batalha, ainda estarão presentes nos textos como formas de afirmação e apresentação dos príncipes que o sucederam, séculos depois. Tal é o caso de Vladimir Monômaco (que foi príncipe de Kiev entre 1113-1125 d.C.), que um século e meio depois menciona em seu testamento a quantidade de campanhas empreendidas por ele: oitenta e três, sem mencionar as menores, como prova de sua capacidade militar (CROSS, 1968: 214). Nesse relato, o príncipe também alude ao fato do desaparecimento material e da pequena dependência de servos para as atividades cotidianas, característica marcante de Sviatoslav, que parece ter sido incorporada à forma recomendada de conduta dos príncipes (CROSS, 1968: 215).

Ainda que em contraposição à influência bizantina, as atitudes de Sviatoslav corroboram a influência cultural de Bizâncio na região. No entanto, cabe destacar que várias influências diferentes atraíram as elites da Planície Russa. Nesse contexto, notamos um intenso intercâmbio cultural, não somente entre os Rus' e Bizâncio, mas também entre os Rus' e os povos assentados há mais tempo na Planície Russa, os Eslavos e os Fino-Ugrianos, além do contato com povos nômades de origem Turco-Iraniana. Essas diferentes matrizes culturais confluíram e, o mais importante, trouxeram para esse principado uma noção ampla de formas diferentes de organização social e de maneiras diferentes de constituir e pensar a natureza de seu próprio poder. A título de

---

<sup>60</sup> Há uma passagem na *Crônica* que reflete bem o desprezo de Sviatoslav pelo luxo e a riqueza característicos das monarquias mediterrâneas. O imperador bizantino o envia presentes, ouro e seda em abundância, e ele os aceita com desdém. Em uma segunda tentativa, o imperador o envia uma espada. Esse presente agrada Sviatoslav, além de incitar medo no imperador. Possivelmente esse desprezo fosse decorrente da situação do oferecimento desses presentes, que implicaria em um ato recíproco. As possíveis implicações da ideia de reciprocidade serão analisadas quanto a esse tipo de evento no próximo capítulo.

conclusão dessa seção, é importante notar que a relação dos príncipes com seus domínios muda a partir da metade do século X. A permanência e expansão da autoridade da dinastia riuríkida naquela região passou a ser seu principal interesse, surgindo de uma espécie de razão de estado rudimentar. Essa dinastia se tornou uma realidade funcional para o exercício do poder na Planície Russa no período e estava cada vez mais assentada à terra e inserida no contexto cultural da região. Exemplo curioso desse fenômeno se deu com a própria palavra que designava o povo que exercia a autoridade ali: os Rus'. Tal como sintetizado por Dmitri Obolensky:

O termo 'Russos' é derivado do nome de um povo que, nos séculos IX e X, foi chamado *Rus'* pelos Eslavos, *Rhos* pelos Gregos e *Rūs* pelos Árabes. O nome Rus' ainda dispunha àquela época, de três significados diferentes apesar de ocasionalmente sobrepostos. Designava os Vikings Suecos, ou Varângios, que usaram o Volga e, posteriormente, o Dnieper para suas expedições comerciais rumo ao Sul e que ganharam o controle de grande parte da rota entre o Mar Báltico e o Mar Negro a partir de meados do século IX d.C.; ocasionalmente se referia tanto aos Varângios e a seus súditos Eslavos do Leste que, será retomado, então ocupavam a porção oeste e algumas porções centrais do que hoje é nomeado Rússia Européia; e gradualmente adquiriu uma conotação geográfica, designando o território em questão (habitado por tribos Fino-Ugrianas, assim como Eslavos do Leste), sobre o qual os Vikings detinham a soberania (OBOLENSKY, 1988: 180-181).<sup>61</sup>

## 2.5 O Batismo de Vladimir

Seguindo a ideia da ocupação da planície Russa pelos Rus', temos o gradual assentamento e organização de uma entidade política que lentamente se centralizou na região do médio Dnieper, mais precisamente na cidade de Kiev e expandiu seus domínios para os principais rios da região, tais como o Volga, o Niemen, etc. Vimos como, diante das possibilidades comerciais, essa entidade política passou a se orientar de acordo com os padrões da região e começou a se moldar visando fazer parte do cenário político da Planície Russa. Falaremos agora de um ponto crucial nesse processo e para nossa investigação, o batismo do príncipe Vladimir, sucessor de Sviatoslav, na

---

<sup>61</sup> "The term 'Russians' is derived from the name of a people who, in the ninth and tenth centuries, were called *Rus'* by the Slavs, *Rhos* by the Greeks and *Rūs* by the Arabs. The name Rus' still had at that time three different, though occasionally overlapping, meanings. It designated the Swedish Vikings, or Varangians, who used the Volga and later the Dnieper for their trading expeditions to the south, and who gained control towards the middle of the ninth century over the greater part of the Baltic-Black Sea river route: it occasionally referred both to the Varangians and to their East Slavonic subjects who, it will be recalled, then occupied the western and some of the central areas of what is termed today European Russia; and it gradually acquired a geographical connotation, designating the territory in question (inhabited by Finnic tribes as well as by the Eastern Slavs), over which the Vikings held sway (Tradução nossa).

religião cristã ortodoxa grega, um dos príncipes Rus' mais importantes na consolidação da dinastia Riuríkida, a dos sucessores do lendário Riurik.

A adoção do cristianismo pelo príncipe Vladimir em 988 é um evento importante, mas fugidivo, em nossa pesquisa. Aspectos de sua datação, bem como do significado dessa adoção variam profundamente entre os estudiosos do tema. As relações entre a Rus' e Bizâncio durante os anos de 986 e 989 foram interpretadas de maneiras variadas pelos historiadores desde, pelo menos, o final do século XIX. Dada a falta de seqüência lógica na narrativa desses fatos na *Crônica*, de um ponto de vista historiográfico, a necessidade de recompor o quadro desses acontecimentos sob a luz de outras fontes é latente. O que se nota é que nem a *Crônica*, nem as outras fontes sobre o processo de formação dos principados Rus' fornecem subsídios confiáveis para a investigação do batismo de Vladimir enquanto fato. No entanto, não podemos nos contentar em verificar essa impossibilidade de apreensão factual – derivada em última instância da condição dos próprios autores das fontes.<sup>62</sup> Cabe ao historiador notar a própria perspectiva dos autores e da obra como agentes de consolidação do processo de cristianização e formação política desses principados. Também é importantíssimo salientar que o batismo de Vladimir e o processo de conversão dos Rus', no final do século X d.C., só foram sistematizados em registro escrito a partir de meados do século XI d.C, com as primeiras obras e composições escritas produzidas pelos Rus'. Ou seja, pelo menos até meio século após o batismo de Vladimir, não houve preocupação alguma em organizar e sistematizar o passado por escrito – ou essa sistematização não chegou até nós. Nas palavras de Simon Franklin:

A procura por respostas articuladas do século X para a conversão leva à frustração. De fato, a procura por respostas articuladas do século X para *qualquer coisa* leva à frustração. Isso não é porque os Kievanos eram inarticulados, mas porque eles ainda não haviam começado a registrar suas articulações por escrito (FRANKLIN, 1992: 157).

Dessa forma, é necessário analisar a constituição do principado Rus' através de fontes estrangeiras, apesar das possíveis armadilhas que esse enfoque pode trazer, tão graves quanto a análise das fontes “nacionais”<sup>63</sup> dos Rus'. Enquanto os textos produzidos pelos Rus' narram o evento através de uma perspectiva majoritariamente

---

<sup>62</sup> Religiosos, escrevendo a partir de um ponto de vista providencial, enfatizando as benesses que a adoção do cristianismo trouxe para aquele povo. Nesse caso, o interesse missionário da obra claramente supera seu papel de narrativa histórica. Posteriormente discutiremos essa dimensão missionária, quando nossa pesquisa se encaminhar para o papel social da obra.

<sup>63</sup> Leia-se: envolvidas no projeto de construção da identidade dos principados Rus'.

missionária e teológica, exaltando o caráter milagroso da conversão de Vladimir, os observadores externos que registraram alguma informação sobre o evento praticamente negam a dimensão religiosa do mesmo, apontando-o como uma decisão exclusivamente política. Essa necessidade também traz boas possibilidades para o investigador. A narrativa enviesada da *Crônica* sobre os eventos do passado Rus' pode ser preciosa para a compreensão da percepção dos mesmos no final do século XI e início do século XII d.C. sobre a constituição de seu principado. O que faremos aqui, intercalando a leitura da *Crônica* com outras fontes, terá o objetivo de lançar luz sobre o evento do batismo, bem como deixar claras as interpretações e visões de mundo de nossa fonte principal, a própria *Crônica*, na tentativa de limitar as interpretações e visões de mundo dos Rus' no século XI. Inicialmente faremos um balanço das condições políticas do Império Bizantino no período do batismo, graças a sua importância nesse processo, posteriormente faremos o mesmo a respeito dos Rus' e finalmente abordaremos as principais interpretações sobre o evento do batismo.

### **2.5.1 O Contexto político do Império Bizantino às vésperas do acordo com Vladimir.**

Tal como discutido na seção anterior, as relações políticas e econômicas entre o principado Rus' e Bizâncio se expandiram enormemente a partir de meados do século X, quando a preferência pela rota Grega do comércio fluvial Rus' se tornou latente com os tratados comerciais obtidos por Oleg e Igor e o batismo de Olga, como corolários dessa nova orientação, voltada para o mar Negro, estreitando as relações com o Império Bizantino. O batismo de Vladimir vem na esteira dessas relações.

A complexidade deste próprio comércio deu origem a diversas respostas políticas, tanto da parte dos príncipes Rus', quanto da parte do Império Bizantino. Este último passou por uma transformação de sua orientação política durante o século X. A partir de sucessivos governos de imperadores com notável destreza militar, a conquista de novos territórios e a defesa dos já existentes pela força das armas se tornou um objetivo possível. Se até a metade do século X, com os governos de Constantino VII, Porfirogênito (913-959) e em parte o de seu filho Romano II (959-963), a orientação básica era a defesa de territórios e a convivência pacífica com os povos situados além das fronteiras, a partir de Nikephorus II Phocas (963-969) e, principalmente, de João Tzimisce (969-976), a orientação passou a ser a submissão dos outros povos pelas



armas, com a consequente expansão da *oikoumene*.<sup>64</sup> A contraposição entre as duas mentalidades, a diplomática e a militar, foi explorada por Liutprando de Cremona, bispo da cidade mencionada, na Itália, que visitou Constantinopla em 949 e em 968 e notou a diferença de atitude entre os imperadores nos dois contextos de sua estadia na sede do Império Bizantino. Ele descreveu Constantino VII como “Um homem brando [que] faz os outros povos amigos de si com coisas da natureza” e Nikephorus como “Um homem devotado à guerra [que] não ganha a amizade dos povos por oferecer-lhes dinheiro, mas os subjuga pelo terror e pela espada” (STEPHENSON, 2004: 54).<sup>65</sup>

Contudo, essa imagem do Império Bizantino como poderoso subjugador de povos, tal como fornecida pela propaganda imperial, estava mais distante da realidade do que gostariam de admitir os próprios bizantinos. Logo após a morte de João Tzimisces em 976<sup>66</sup>, quando assumiram Basílio II e Constantino VIII, filhos de Romano II, as conquistas de Nikephorus II Phocas (963-968) e João Tzimisces (969-976) foram postas em cheque. A Bulgária, reincorporada ao Império Bizantino após as campanhas de Nikephorus Phocas e João Tzimisces, se reorganizou devido à ausência de uma política de ocupação imperial capaz de manter essa região subjugada. Juntamente com isso, a situação de Basílio II se deteriorou graças às revoltas de duas grandes famílias da Anatólia<sup>67</sup>, os Skleros e os Phocas, duas famílias de prestígio nobiliárquico. Essas famílias entraram em confronto com os novos imperadores, Basílio e Constantino, para assumir o controle do império.

A primeira família a se rebelar contra esses dois imperadores foi a dos Skleros. Tal como relatado por Miguel Psellus, filósofo e historiador bizantino do século XI, o combate a Bardas Skleros, líder da revolta, foi encabeçado por Bardas Phocas, general habilidoso, que conseguiu conter a revolta e derrotar Skleros (OSTROGORSKY, 1963:

---

<sup>64</sup> Palavra que significa tanto universo quanto mundo habitado. Nesse caso o território controlado pelo Império Romano e posteriormente o Bizantino (KAZHDAN, *ODB*, 1991: 1518).

<sup>65</sup> Primeiro trecho: “a mild man... [Who] made other peoples friendly to him with things of this nature”. Por “coisas da natureza” devemos entender o oferecimento de dinheiro, produtos e presentes luxuosos; Segundo trecho: “a man devoted to warfare [Who] does not win the friendship of peoples by offering them Money, but subjugates them by terror and the sword” (Tradução nossa).

<sup>66</sup> As fontes não fornecem relatos concordantes entre si quanto à morte de João Tzimisces. Tal como o historiador Alexander Kazhdan expôs no verbete sobre João I Tzimisces no *Oxford Dictionary of Byzantium* (O.D.B.), enquanto Mateus de Edessa preserva uma lenda de que ao fim de seu reino João devolveu a coroa para Basílio II (do qual era regente enquanto o príncipe não atingia a maioridade) e se retirou para um monastério, há rumores de que ele tenha sido envenenado por Basílio, o bastardo, eunuco proeminente na corte bizantina no século X (KAZHDAN, *ODB*, 1991: 1045)

<sup>67</sup> Região situada no centro da Ásia Menor, atual Turquia. Ambas as famílias tinham profundos laços com o poder imperial. A família Skleros estava ligada a João Tzimisces, o último imperador, e os Phocas eram os descendentes de Nikephorus II. Bardas Phocas era sobrinho deste último.

296). Logo após a rebelião, Basílio II<sup>68</sup> se lançou à reconquista da Bulgária em 986, mas foi derrotado próximo à cidade de Sardica em 17 de Agosto do mesmo ano. Segundo Andrzej Poppe, essa derrota se deu graças à má condução da guerra pelos generais bizantinos que pertenciam a algumas das mais nobres famílias do império e pretendiam ensinar uma lição a Basílio, este Imperador suspeito, jovem, excessivamente independente e inexperiente em assuntos militares (POPPE, 1976: 224). Após esses reveses, o interesse da nobreza pelo poder foi despertado novamente, gerando a rebelião de Bardas Skleros. Novamente o Imperador se valeu da perícia militar de Bardas Phocas, que nesse momento era governador das províncias do Leste do Império. O Imperador o nomeou *domesticus*<sup>69</sup> do Leste (i.e. Ásia Menor) e comandante-em-chefe do exército. No entanto, Phocas, após participar ativamente da repressão à primeira rebelião de Bardas Skleros, se sentiu negligenciado e desprestigiado na corte constantinopolitana. Entrou em acordo com Skleros para em seguida o depor e se proclamar imperador na Anatólia, de onde marchou rumo a Constantinopla visando destronar os dois imperadores (SEWTER, 1966: 34).

A situação dos imperadores se tornou desesperadora. Com o rebelde Bardas Phocas contando com o apoio de tropas da Ibéria<sup>70</sup> e com toda a Ásia Menor reconhecendo a autoridade deste, eles se viram obrigados a recorrer ao tratado estabelecido entre Sviatoslav e João Tzimisces em 971, no qual ficou estabelecido que os Rus' ajudariam os Gregos, caso necessário, em troca de privilégios comerciais. Confiar nesse acordo não era fácil, visto que foi estabelecido logo após Sviatoslav invadir a Bulgária, entrando em conflito direto com o Império Bizantino pelo controle dessa região. O historiador bizantino Léo o Diácono, contemporâneo a esses eventos, afirmou que Sviatoslav havia prometido que estaria logo montando suas tendas dentro dos muros de Constantinopla (NIEBUHR, 1828: 175).

Esse tipo de acordo da diplomacia bizantina com chefes bárbaros sempre gerava desconfianças dentro do Império e para isso essa mesma diplomacia procurava jogar uns contra os outros nos casos em que esses chefes voltavam os olhos para a capital bizantina. Tal como afirma Andrzej Poppe, “a promessa de um rei Rus' morto por

<sup>68</sup> O imperador que detinha o poder de fato. Seu irmão, Constantino VIII se retirou espontaneamente das decisões do Império, preferindo viver uma vida faustosa e de privilégios (SEWTER, 1966: 27).

<sup>69</sup> Cargo do oficialado militar bizantino (também existiu em outras esferas da administração, notadamente civil e eclesiástica, mas não nesse caso), chefe de um regimento (*tagma*). No fim do século X o cargo era de grande importância e podia se estender (como aconteceu com Bardas Phocas) a vários *tagmata* diferentes, ou até mesmo de regiões inteiras (KHAZDAN, *ODB*, 1991: 646).

<sup>70</sup> Região situada no extremo nordeste da Ásia Menor. Foi incorporada ao Império Bizantino por volta de 1001. Nessa época a região era controlada pelo soberano David de Taik.

Pechenegues sob instigação Bizantina dificilmente poderia ter muito peso” (1976: 221).<sup>71</sup> Contudo, apesar da desconfiança em relação aos Rus’ e apesar do histórico das relações muitas vezes conflituosas entre Bizâncio e eles, era ainda mais difícil confiar na fidelidade das grandes famílias dentro do império, as quais, em sua maioria, se aliaram a Bardas Phocas. Dessa forma, pareceu ser, a Basílio II, uma solução possível, ainda que não recomendável, estabelecer um acordo com o príncipe Rus’ de então, Vladimir de Kiev.

### **2.5.2 O Contexto político do principado Rus’ às vésperas do batismo**

Quanto à situação política do principado Rus’, o que se pode dizer é que após um período turbulento, quando teve de disputar o poder com seu irmão Iaropolk, Vladimir conseguiu unir todo o território que compreendia o principado sob sua autoridade. Os combates com seu irmão e com outros potentados, que tomaram lugar após a morte de seu pai, Sviatoslav em 972, duraram até 978-80, quando Vladimir finalmente tomou o poder.

Sviatoslav morreu deixando três filhos, Iaropolk, Oleg e Vladimir. Segundo a *Crônica*, este último era filho de Malusha, uma criada de Olga. Quando Sviatoslav foi empreender a segunda campanha pela conquista da Bulgária (em 972), deixou a cargo de seus filhos as principais regiões do principado. Iaropolk ficou em Kiev, Oleg em Dereva e Vladimir em Novgorod, após a recusa dos dois primeiros irmãos a esta cidade.

As guerras que se sucederam logo após Sviatoslav ser atacado e morto pelos Pechenegues, na primavera de 972, culminaram em uma batalha, onde Iaropolk atacou e matou Oleg, quando este batia em retirada em 976 (CROSS, 1968: 90). Vladimir fugiu quando soube que Iaropolk havia vencido Oleg, temendo a perseguição de seu irmão. Dessa forma, Iaropolk se tornou governante único do principado Rus’.

Contudo, em 978, Vladimir retornou à cidade de Novgorod. Com um exército de aliados Varângios, conseguiu mais aliados fino-ugrianos, eslavos e bálticos e iniciou a guerra contra seu irmão. Enquanto esteve em Novgorod, tentou estabelecer um matrimônio com Rogneda, filha de outro chefe Varângio, que veio de além mar e estabeleceu seus domínios em Polotsk: Rogvolod. Nesse momento, sua condição de filho bastardo prejudicou sua posição nas relações internacionais. Rogneda negou o pedido, alegando que não queria relações com Vladimir. “Eu não vou, ela respondeu,

---

<sup>71</sup> “the promise of a Russian king killed by Patzinaks at Byzantine instigation could hardly carry much weight” (Tradução nossa).

retirar as botas de um filho de escrava, ao invés disso eu quero Iaropolk” (CROSS, 1968: 91).<sup>72</sup> Diante dessa negativa, Vladimir atacou a região da cidade de Polotsk, que constituía o domínio de Rogvolod, o matou e avançou rumo a Kiev, logo após se casar à força com Rogneda.

Segundo a *Crônica*, Chegando a Kiev, Vladimir subornou Blut, general de Iaropolk, para convencê-lo que lhe ajudasse a tomar Kiev. Dessa forma ele finalmente conseguiu assassinar seu irmão e assumir o controle da cidade (CROSS, 1968: 93). Após a conquista de Kiev, aconteceram conflitos entre Vladimir e os soldados Varângios que o ajudaram a conquistar a cidade. Eles demandavam um maior botim de guerra pela sua participação na campanha contra Iaropolk. Diante dessa pressão, Vladimir se viu forçado a dispensar a maioria desses - enquanto uns poucos foram agraciados com a administração de algumas cidades. Essa dispensa foi um pedido dos próprios mercenários Varângios e Vladimir aceitou por não querer aumentar a carga tributária sobre a população da região de Kiev (CROSS, 1968: 93).<sup>73</sup>

Contudo, Vladimir tinha problemas por não ter laços com elites locais ou populações do médio Dnieper (região de Kiev). Sua base política se situava em Novgorod, onde também se deu o início de sua empreitada rumo ao controle exclusivo da Planície Russa. Da mesma forma, sua origem, embora principesca, era alvo de desconfiança. Vladimir era, como já foi dito, filho bastardo de Sviatoslav com uma criada de Olga, Malusha. Além disso, os soldados Varângios dispensados se dirigiram para Bizâncio, deixando-o sem um séquito fiel e capaz de impor e executar suas ordens sobre a população. Por essas razões, era necessário que o príncipe não forçasse a situação das populações submetidas a ele.

Para compensar a falta de recursos, ele empreendeu expedições contra populações da região que não lhe pagavam tributos, ou que deixaram de pagar, tais como os Viaticchi, Liachs e Radimichianos. Segundo Jonathan Shepard, o principal objetivo dessas expedições era reimpor e assegurar a coleta dos mesmos, bem como estimular o trânsito de mercadorias, alimentando o mercado de Kiev e obter meios de recompensar seus seguidores (SHEPARD, 2006: 64).

Segundo a *Crônica*, a elaboração de um culto religioso oficial foi uma das primeiras iniciativas de Vladimir quando ele tomou a cidade de Kiev. Jonathan Shepard

---

<sup>72</sup> “I will not, she replied, draw off the boots of a slave’s son, but I want Yaropolk instead” (Tradução nossa).

<sup>73</sup> A região tomada após uma campanha militar normalmente era saqueada ou tributada e os tesouros obtidos dessa forma eram distribuídos aos soldados. Esse tesouro era conhecido como o botim de guerra.

acredita que essa atitude era útil por dois motivos: Inicialmente serviria para, ao homenagear os deuses da forma correta, assegurar as vitórias nas expedições militares empreendidas. Por outro lado, serviria também para incentivar uma maior união dos povos submetidos ao príncipe e conseqüentemente construir sua legitimidade, adotando tanto deuses como Perun (deus do trovão), com um culto mais amplo e difundido, quanto deuses locais (SHEPARD, 2006: 64). Contudo, era a primeira vez que, no território dos Rus', um príncipe tentava estabelecer um panteão de deuses, o que demonstra para o historiador a crise de legitimidade na qual se encontrava Vladimir, além de ressaltar a curiosa ligação entre religião e a legitimidade de regimes de poder através dela.

Por que, então, o príncipe passou a examinar as religiões de seus adversários poucos anos após estabelecer um culto oficial na Rus'? As razões para isso tendem a unir essa necessidade de afirmação do principado de Vladimir, além da conjuntura política do mar Negro, de forma mais ampla, com a própria irradiação cultural dessas religiões no território dos Rus'. A *Crônica* narra que, após estabelecer o panteão na cidade de Kiev, Vladimir empreendeu diversas expedições contra povos vizinhos. No entanto, quando tentou atacar os Búlgaros do Volga, esperando dominar seus mercados, Vladimir foi alertado por seu tio Dobrynya de que conquistar aquele povo não seria tarefa simples, dada a sua sofisticação<sup>74</sup> (CROSS, 1968: 96). Vladimir abandonou a campanha contra os Búlgaros e retornou a Kiev, onde se deu a chamada "Investigação das Religiões", forma como o episódio é conhecido pela historiografia. O primeiro missionário a visitá-lo foi um Búlgaro do Volga adepto do Islamismo.

Uma lacuna textual pode trazer preciosas implicações aqui. Não há nenhuma informação precisa, além do conselho do tio de Vladimir sobre o desfecho da campanha que o mesmo empreendeu contra os Búlgaros do Volga. A *Crônica* obviamente relatou uma vitória de Vladimir, no entanto, imediatamente após essa entrada na *Crônica* temos a visita do missionário Búlgaro.<sup>75</sup> Shepard sugere que essa discrepância no relato possa ser derivada de revezes na campanha e que a falha em conquistá-los e submetê-los a tributo fosse uma das razões para que Vladimir escutasse missionários de outras religiões, visto que seus próprios deuses teriam "falhado". Um povo vizinho ao seu (os

---

<sup>74</sup> De acordo com o texto da *Crônica* o alerta do tio de Vladimir se baseia principalmente no fato de os prisioneiros Búlgaros usarem botas. Ele recomenda que Vladimir procure inimigos que usem calçados mais simples, ou seja, menos sofisticados.

<sup>75</sup> Tal como já discutido, a penetração de outras culturas e religiões na Rus' era uma realidade muito anterior à essa entrada na *Crônica* (980).

Búlgaros do Volga) que conseguia inspirar tamanha insegurança quanto ao seu poder e a demonstração de que suas forças – naturais ou sobrenaturais – eram limitadas, pode ter sido um bom motivo para a indignação do príncipe diante de seus próprios deuses. A partir disso, um melhor fiador divino para suas causas seria compreensível (SHEPARD, 2006: 65).

Segundo a *Crônica*, o visitante islâmico advertiu Vladimir: “Apesar de você ser um príncipe sábio e prudente, você não tem religião. Adote nossa fé e reverencie Maomé” (CROSS, 1968: 96).<sup>76</sup> Vladimir então perguntou os fundamentos da natureza da religião deles ao que o muçulmano falou sobre as proibições corânicas e as recompensas de quem segue essa fé. Passagem curiosa se dá quando Vladimir negou essa fé. Ele não aceitava a proibição islâmica ao consumo de bebidas alcoólicas: “A bebida, disse ele, é a alegria dos Rus’. Não podemos existir sem esse prazer” (CROSS, 1968: 97).<sup>77</sup>

Depois dessa visita, enviados cristãos de origem germânica o procuraram, como enviados do Papa e o disseram: “Assim diz o papa, Seu país é como nosso país, mas tua fé não é como a nossa. Porque nossa fé é a luz. Nós adoramos a Deus, que fez o céu e a terra, as estrelas, a lua e todas as criaturas, enquanto seus deuses são apenas madeira” (CROSS, 1968: 97).<sup>78</sup> Então Vladimir perguntou como eram seus ensinamentos, ao que os germânicos responderam enfatizando a prática constante do jejum, que Vladimir negou, dispensando-os.

Em seguida, enviados Kázaros Judeus foram ao encontro de Vladimir, o instigando a adotar sua religião. Vladimir perguntou sobre seus princípios e, ao ouvir a resposta deles, os indagou sobre de qual terra vinha essa religião. Eles responderam: “Deus estava furioso com nossos ancestrais, e nos espalhou entre os gentios por culpa de nossos pecados. E então nossa terra foi dada aos cristãos” (CROSS, 1968: 97).<sup>79</sup> Vladimir então negou veementemente a fé dos judeus dizendo: “Como vocês esperam ensinar aos outros enquanto vocês mesmos foram jogados e espalhados a esmo pela

---

<sup>76</sup> “Though you are a wise and prudent prince, you have no religion. Adopt our faith, and revere Mahomet.” (Tradução nossa).

<sup>77</sup> “‘Drinking,’ said he, ‘is the joy of the Russes. We cannot exist without that pleasure’” (Tradução nossa).

<sup>78</sup> “Thus says the Pope: Your country is like our country, but your faith is not as ours. For our faith is the light. We worship God, who has made heaven and earth, the stars, the moon, and every creature, while your gods are only wood” (Tradução nossa).

<sup>79</sup> God was angry at our forefathers, and scattered us among the gentiles on account of our sins. Our land was then given to the Christians (Tradução nossa).

mão de Deus? Se Deus os amasse e amasse a sua fé vocês não seriam dispersos em terras estrangeiras. Vocês esperam que aceitemos essa fé?” (CROSS, 1968: 97).<sup>80</sup>

A *Crônica* diz que por último, Vladimir recebeu um missionário bizantino que foi enviado para convence-lo a adotar sua fé. Ele se esforçou por difamar as outras religiões e então explicou para Vladimir os fundamentos do cristianismo. A *Crônica* se detém longamente no debate entre Vladimir e o missionário bizantino (chamado de sábio na *Crônica*), quando este explicou para o príncipe os fundamentos da crença Cristã, do Antigo Testamento, do nascimento, morte e ressurreição de Jesus e do estabelecimento do apostolado cristão no dia de Pentecostes (CROSS, 1968: 98-110).<sup>81</sup>

É importante lembrar que a escrita da *Crônica* se deu a partir do século XI d.C., portanto, após o cisma entre Católicos e Ortodoxos, ocorrido em 1054. d.C. No entanto, a *Crônica* narra essa investigação como se essa separação já tivesse ocorrido. Muito embora a polêmica entre as sedes cristãs de Constantinopla e de Roma já existisse há muito tempo, desde pelo menos o estabelecimento da primazia da sé romana no século IV d.C. e alguns cismas menores já tivessem ocorrido entre as duas, motivados principalmente por diferenças doutrinárias e o apoio dos imperadores bizantinos a algumas correntes do cristianismo, as relações entre as duas vertentes eram rapidamente reestabelecidas. Também é fundamental salientar que essa investigação e a consequente discussão com os sábios dessas religiões não tem corroboração em nenhuma das outras fontes Rus' dos séculos XI e XII d.C.: somente a *Crônica* preserva essa tradição (CROSS, 1968: 245).

Essa demora na narrativa do debate entre o sábio bizantino e Vladimir demonstra claramente a perspectiva do momento da escrita da *Crônica*, onde, pelo menos um século depois da adoção do cristianismo pelo próprio Vladimir, a consolidação do mesmo já era uma realidade, pelo menos nos grandes centros da Planície. Da mesma forma, ressalta seu caráter educacional e catequético. No momento desse debate, em uma exposição com uma linguagem simples, porém demorada, o sábio explica para Vladimir os fundamentos da fé cristã, além da história da humanidade do ponto de vista dessa religião. Uma ferramenta de propagação dos fundamentos dessa fé para ser lida posteriormente.

---

<sup>80</sup> “How can you hope to teach others while you yourselves are cast out and scattered abroad by the hand of God? If God loved you and your faith, you would not be thus dispersed in foreign lands. Do you expect us to accept that fate also?” (Tradução nossa).

<sup>81</sup> A descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, dotando os dois dons da pregação e da cura, iniciando a difusão do cristianismo (Cf. *Bíblia*, Atos dos Apóstolos 1, 1-11).

A “Investigação das Religiões” continuou e após Vladimir debater com os representantes das religiões, principalmente com o sábio Bizantino, ele decidiu junto aos seus seguidores e conselheiros, enviar representantes em seu nome para examinar as práticas das religiões que lhes interessaram. Dessa forma, enviou dez homens para investigar a fé dos Búlgaros (do Volga), dos Germanos (que praticavam o cristianismo de rito Latino) e dos Gregos (que praticavam o cristianismo Grego Ortodoxo). Eles retornaram com duras críticas aos Búlgaros, de como a adoração a seu deus era feita sem alegria, só com o que eles chamaram de tristeza e pavor, questionaram a falta de glória nas cerimônias dos Germanos e cobriram de elogios as práticas dos Gregos. Após isso os guerreiros do séquito de Vladimir e os anciãos da cidade de Kiev o lembraram da aceitação do cristianismo de rito Grego por sua avó, Olga, anteriormente: “E então os vassalos o circularam e disseram, ‘Se a fé Grega fosse ruim, ela não seria adotada por sua avó Olga, que era mais sábia do que todos os outros homens’” (CROSS, 1968: 111).<sup>82</sup>

É importante ressaltar que o cristianismo bizantino já dispunha de adeptos no principado Rus’ pelo menos desde 944, quando alguns seguidores de Igor juraram cumprir as disposições de seu tratado com o Império Bizantino na Igreja de Santo Elias em Kiev, além da premissa no tratado de que caso alguém o violasse, que fosse amaldiçoado por Deus e por Perum – deus do trovão do panteão eslavo (CROSS, 1968: 77) sem contar a própria Olga, batizada em Bizâncio (MARTIN, 1995: 6). Dessa forma, a preferência pelo Cristianismo de rito Bizantino exposta na passagem da “Investigação das Religiões” acima descrita é apenas o corolário de quase um século de expansão do cristianismo naquela região, que se mostrava culturalmente receptiva, ainda que seletivamente em relação às religiões exteriores.

## **2.6 O batismo: reconstituição dos eventos e debate historiográfico**

Foi a partir das circunstâncias acima esboçadas que se desenrolou o batismo de Vladimir na religião cristã, em 988 d.C. Contudo, os eventos que culminaram nele merecem atenção especial, visto que são alvo de intensa polêmica entre historiadores e são cruciais para determinar o significado da mudança promovida por Vladimir, em termos políticos, religiosos e econômicos. Inicialmente veremos a posição tradicional da

---

<sup>82</sup> “Then, the boyars spoke and said, ‘If the Greek faith were evil, it would not have been adopted by your grandmother Olga who was wiser than all other men’” (Tradução nossa).



historiografia sobre o evento e posteriormente veremos a proposta de revisão encabeçada pelo historiador polonês Andrzej Poppe nos anos 1970.

De acordo com a visão mais aceita pelos historiadores (no decorrer do século XX), os eventos se deram da seguinte maneira: após sofrer duras derrotas diante dos Búlgaros em 986, Basílio II foi surpreendido por uma revolta seguida de guerra civil na Anatólia. O revoltoso Bardas Phocas se declarou imperador e foi reconhecido por toda a Ásia Menor. Desesperado e necessitando de suporte militar, Basílio enviou uma delegação ao príncipe Rus' Vladimir em busca de assistência. O príncipe Rus' aceitou enviar ajuda para Basílio, contanto que este lhe desse sua irmã Ana, uma princesa nascida na família imperial bizantina, em casamento.<sup>83</sup> Basílio aceitou o acordo, contanto que Vladimir se tornasse cristão e convertesse seu povo. Vladimir também concordou com os termos do imperador bizantino e enviou-lhe as tropas necessárias. Nas batalhas de Crisópolis e Abydos<sup>84</sup>, ambas na primeira metade do ano de 989, as forças Rus' inverteram as escalas em favor de Basílio, desempenhando um papel vital na obtenção da vitória sobre os rebeldes. Contudo, após a superação das guerras civis, Basílio demorou a cumprir sua parte no acordo, suscitando a ira do príncipe Rus', que atacou suas possessões na Criméia e tomou a cidade de Kherson em julho de 989, ameaçando fazer o mesmo com Constantinopla. As razões apontadas para a captura dessa cidade são associadas principalmente com interesses de estado, ou então pela própria ganância e luxúria que caracterizavam o príncipe Vladimir na *Crônica*, antes de ser batizado (POPPE, 1976: 200). Basílio II cedeu à pressão de Vladimir e enviou sua irmã, contra a vontade tanto dela quanto dele, para se casar com o príncipe Rus'. Havia uma tradição bizantina, quebrada nesse contexto, de não casar princesas da família imperial com estrangeiros, ainda mais pagãos. Ela foi levada até a cidade de Kherson, onde Vladimir se batiza e os dois se casaram. O príncipe Rus' devolveu a cidade bizantina ao imperador e partiu, levando Ana, até Kiev, onde Vladimir ordenou à população da cidade que se batizasse. O batizado da população ocorreu ainda em 989, nas margens do rio Dnieper.

---

<sup>83</sup> A procura, por potentes "bárbaros" por alianças de casamento com membros da corte bizantina foi excepcionalmente numerosa nesse período, de tal forma que o imperador Constantino VII Porfirogênito, no tratado *De administrando imperio*, aconselhou seu filho a evitar tal prática a todo custo (SHEPARD, 2003: 1-2).

<sup>84</sup> Cidades da Ásia Menor. A primeira ficava na parte externa do estreito do Bósforo, bem próxima a Constantinopla. A segunda ficava no estreito do Hellesponto, do outro lado do Mar de Mármara. O objetivo de tomar essas duas cidades era o de forçar um bloqueio naval à Constantinopla.

A descrição acima é a mais aceita acerca dos fatos que culminaram no batismo do Príncipe Rus' e na cristianização (pelo menos oficial) do principado Rus' de Kiev. Os principais expoentes desse ponto de vista são Francis Dvornik, em sua obra *The Slavs: Their Early History and Civilization* (1956), Georges Ostrogorsky em sua principal obra *Geschichte des byzantinischen Staates* (1963), Dmitri Obolensky, também em seu trabalho principal, *The Byzantine Commonwealth* (1972), além de um artigo dedicado diretamente a essa questão, 'Kherson and the conversion of Rus': an anti-revisionist view', publicado na *Byzantine and Modern Greek Studies* 13 (1989), além de trabalhos mais recentes como o de Paul Stephenson, *Byzantium's Balkan Frontier* (2004).

Contudo, esse desenrolar de acontecimentos é contestado na discussão historiográfica até hoje. Alvo de várias interpretações divergentes, a Cristianização dos Rus' foi abordada pelo historiador polonês Andrzej Poppe, em seu artigo "The Political Background to the Baptism of Rus': Byzantine-Russian Relations between 986-89" publicado em 1976 na *Dumbarton Oaks Papers*, famosa revista estadunidense de estudos Bizantinos, trazendo novas contribuições para a cronologia e ordenação dos acontecimentos. Algumas conclusões de seu trabalho serão apontadas aqui, ainda que brevemente.

Segundo esse autor, em setembro de 987 Bardas Phocas se declarou imperador e marchou rumo a Constantinopla, sendo reconhecido por toda a Ásia Menor. Desesperado diante da perda de metade de seus domínios, Basílio II pediu ajuda a Vladimir, em uma embaixada que chegou a Kiev no inverno de 987/988. Como as conversações com Vladimir já estavam adiantadas, uma vez que o príncipe já investigara as religiões dos estados vizinhos, tal como demonstrado na *Crônica*, a embaixada enviada por Basílio II tinha poderes para discutir assuntos tanto religiosos quanto políticos. Estabeleceu-se naquela ocasião que o príncipe enviasse ajuda militar para o imperador bizantino, enquanto este lhe daria sua irmã em casamento, contanto que Vladimir, bem como os Rus', se convertessem ao cristianismo.

Entre a primavera e o verão de 988, as tropas Rus' chegaram a Constantinopla e após um período de adaptação participaram das batalhas de Crisópolis e Abydus, em janeiro e abril de 989, quando o imperador bizantino venceu o revoltoso Bardas Phocas. As tropas Rus' permaneceram em serviço junto a Basílio e Vladimir foi batizado em Kiev. Após isso Vladimir atacou a cidade de Kherson, que tinha se declarado a favor de Phocas, graças à aceitação deste na Ásia Menor, principal região fornecedora de

alimentos para a cidade. Vladimir tomou a cidade em 27 de julho de 989 e a destruiu como punição por seu alinhamento com o rebelde Bardas Phocas, se casou com Ana Porfirogênita e levou ícones, relíquias e objetos litúrgicos da cidade de Kherson para Kiev, com o objetivo de criar uma igreja cristã ortodoxa na Rus'.

Tomando essa sequência de eventos como a mais verossímil a partir das informações – escassas – das fontes, estão o próprio Andrzej Poppe (1976) no artigo já referido, mas recorrente em toda sua obra, principalmente nas coletâneas de artigos *The rise of Christian Russia* (1982) e *Christian Russia in the Making* (2007), Janet Martin em sua obra *Medieval Russia: 980-1584* (1995), além de John Fennel em sua obra *A History of the Russian Church to 1448* publicada postumamente (1995). Alguns historiadores, no entanto, se esquivam de tomar um posicionamento a respeito, dentre os quais destacamos principalmente Jonathan Shepard e Simon Franklin em *The emergence of Rus 750-1200* (1996), e em inúmeros trabalhos individuais dos mesmos.

O que faz com que o argumento de Poppe seja plausível? Quanto ao desenrolar das batalhas de Crisópolis e Abydus, onde as tropas Rus' foram postas em campo de batalha pela primeira vez sob comando bizantino, as fontes que abordam esse ponto são muito obscuras e trazem poucas, porém valiosas contribuições para a datação dos combates. Psellus ressalta a preparação e o treinamento do destacamento usado nessas operações. Quando os soldados Rus' chegaram a Constantinopla (em julho de 988), rompendo o bloqueio naval imposto por Phocas, os soldados Rus' não foram postos em batalha imediatamente. Ao invés disso, foram preparados e treinados para formar um corpo operacional único com as tropas de Basílio II (SEWTER, 1966: 35). Concomitantemente ao rompimento do bloqueio naval a Constantinopla, que fora obtido justamente pela chegada das tropas Rus' à cidade, um destacamento de tropas foi liderado por Gregório Taronita, um general bizantino que não havia se aliado aos rebeldes, pelo mar para atacar a região de Trebizonda, visando dividir as tropas sob comando de Bardas Phocas. Gregório era natural daquela região e portanto, o que se pretendia era, além da divisão das tropas de Phocas, causar uma reviravolta na opinião pública daquela região - graças à influência desse militar na mesma (POPPE, 1976: 235). As tropas de Gregório foram derrotadas por um destacamento liderado por Nikephorus, filho de Bardas, com a ajuda do chefe Ibérico David de Tayk'. Contudo, seu objetivo fora cumprido: uma parte das tropas de Bardas Phocas tinha deixado o grupo nas margens do Mar Egeu e estava fora dos campos de batalha de Crisópolis e Abydus. A escolha da data do ataque, que aconteceu no inverno, demonstra como Basílio II se

aproveitou da resistência das tropas Rus' a climas severos (POPPE, 1976: 237). Segundo o cronista Asoghik (Estefano de Taron)<sup>85</sup>, na batalha de Crisópolis, as tropas de Basílio atacaram os revoltosos à noite, preferindo o momento quando as tropas adversárias estariam despreparadas. Atravessando o estreito do Bósforo com as embarcações Rus', difíceis de serem percebidas à noite<sup>86</sup>, eles se aproveitaram dessa vantagem e destruíram o acampamento das tropas de Phocas ao nascer do sol (POPPE, 1976: 202). Logo após o desfecho desses combates, a notícia da vitória de Basílio II em Crisópolis fez com que as tropas Ibéricas batessem em retirada, alegando já ter cumprido seu dever para com Bardas Phocas (POPPE, 1976: 236). Skylitzes aborda os eventos da seguinte forma:

Com efeito, Bardas Focas soube do retorno de Duro, quando este lhe enviou uma carta; era isto de fato que Duro desejava, após ter feito ainda um juramento aos presentes: prometia-se, a partir de sincera resolução, que o domínio sobre Antioquia, Fenícia, Síria, Palestina e Mesopotâmia haveria de ser cedido a Focas, à Constantinopla e ao restante dos protetorados. Duro, muito feliz, aceitou estas condições; e, cumprindo o juramento, partiu para a Capadócia, ao encontro de Focas, a fim de se perfazer aquilo que deveria constituir o restante do tratado. Quando Focas o atraiu até a armadilha, enviou-o, despojado das insígnias do Império e mantido sob forte vigilância, para o Castelo em Tiropaeum. Em seguida, entregou o comando de parte do exército para o nobre Calociro de Delfos e lhe ordenou que marchasse até Crisópolis, situada defronte à Constantinopla, na margem oposta do estreito. Com a outra parte das tropas atacou Abidos, esperando que, deste modo, a população de Constantinopla, oprimida pelo cerco, fosse subjugada em função da privação dos meios necessários para sua sobrevivência. O Imperador aconselhou inutilmente Calociro o delfino que se afastasse de Crisópolis e nem mantivesse seus acampamentos militares nas regiões próximas à cidade; durante a noite, porém, [o imperador] embarcou russos em naus bem armadas (de fato, conseguira a ajuda destes, porque dera a mão de sua irmã, Ana, a Vladimir, em casamento ao príncipe) e, sem que os inimigos percebessem que atravessavam o estreito, desferiu um ataque e os derrotou sem grandes dificuldades. O Imperador empalou Calociro, o delfino naquele mesmo lugar em que havia levantado sua tenda; manteve sob custódia o irmão de Focas, o cego Nicéforo e, tendo castigado o resto dos prisioneiros de acordo com sua vontade, retornou para Constantinopla (NIEBUHR II, 1889: 444).<sup>87</sup>

<sup>85</sup> Escreveu sobre os Rus' quando teve contato com as tropas enviadas por Vladimir quando Basílio II empreendeu sua campanha no oriente do Império, por volta do ano de 1005 (POPPE, 1976: 205).

<sup>86</sup> Principalmente por serem pequenas e silenciosas.

<sup>87</sup> Bardas vero Phocas ubi de reitu Duri cognovit, litteras ad eum mittit, hoc ipsum quod volebat Duro interposito etiam iurejurando offerentes. Promittebat autem, re ex animi sententia confecta, se Duro Antiochiae, Phoeniciae, Coelesyriae, Palaestinae et Mesopotamiae imperium cessurum, sibi Cpoli et reliquis gentibus servatis. Laetus admodum has condiciones accepit Duro; iurejurandoque fidem adhibens, in Cappadociam ad Phocam abiit, ut quod de societate componenda reliquum erit perficeret. Is cum eum in nassam illexisset, insignibus imperii exutum in castellum Tyropaeum mittit valida septum custodia. Inde partem exercitus Calocyro Delphiae patricio tradit et ad Chrysopolin, quae ab altera freti parte contra Cpolin sita est, mittit: ipso cum relicto Abydum petit, sperans hoc modo angustiis occupatis se Cpolitano rerum necessarium inopia subacturum. Imperator multis frustra hortatus Delphinam ut a Chrysopoli decederet, neque castra e regione urbis haberet, noctu navibus adornatis Rossos imponit (nam ab iis suppetias impetraverat, quod sororem suam Annam Bladimero eorum principi matrimonio conjunxisset), cumque his non sentiente hoste fretum trajecto, eos adortus nullo negotio opprimit.

A datação das duas batalhas também é objeto de especulação. Asoghik data a batalha de Crisópolis no final do ano 437 do Ciclo Armênio<sup>88</sup>, pois sua próxima menção a essas batalhas coloca a de Abydus como ocorrida no começo do próximo ano (ou seja, após 24 de Março). Sua datação da mesma é que a batalha aconteceu em 13 de Abril de 989. Léo, o Diácono aborda os eventos como se houvesse apenas um curto intervalo entre as duas batalhas (POPPE, 1976: 236). Dessa forma, apenas o tempo necessário para agrupar as tropas foi utilizado até o próximo combate em Abydus, que culminou com a derrota das tropas revoltosas e a morte de Phocas (POPPE, 1976: 238).

Nas batalhas de Crisópolis e Abydus o destino de Basílio II como Imperador foi decidido e este saiu vitorioso. Assim, com a ajuda dos soldados Rus', a vitória militar foi alcançada e a guerra civil vencida pelos imperadores.<sup>89</sup> No entanto, a pretensa inversão do papel dos Rus' com o ataque e o saque à cidade de Kherson por Vladimir ainda permanece sem uma explicação adequada. O que se deve notar é que este é o principal ponto de polêmica nas duas versões sobre os eventos do Batismo de Vladimir. Dessa forma, o argumento de Poppe - para entender que este acontecimento não foi uma represália do príncipe Rus' à demora de Basílio II em cumprir a sua parte, qual seja, enviar sua irmã, a princesa bizantina Ana Porfirogênita para se casar com Vladimir - se baseia em um histórico de rebeliões e sedições da cidade bizantina de Kherson. No tratado *De Administrando Imperio*, Constantino VII considerou a possibilidade de tais insubordinações de Kherson, e aconselhou seu filho a adotar medidas severas contra a cidade:

Caso os homens da cidade de Kherson se revoltarem ou decidirem agir contrariamente às ordenanças imperiais, todas as naus Khersonitas em Constantinopla devem ser apreendidas com suas cargas e os marinheiros e passageiros Khersonitas devem ser presos e confinados nas cadeias; e então três agentes imperiais devem ser enviados (...) para se apossar de todas as naus Khersonitas, e apreender a carga e as naus, e prender os homens e confiná-los em prisões públicas, e reportar sobre esses assuntos e como eles devem ser instruídos. Além do mais, esses agentes imperiais devem proibir os navios mercantes Bukhelários e Pã-phlagônios e navios costeiros do Ponto a cruzar rumo à Kherson com grãos ou vinho ou qualquer outro artigo ou

---

Delphinam in palo suffigit eo ipso loco, ubi tabernaculum is defixerat: fratrem Phocae Nicephorum caecum in custodiam dat, et reliquis captivis suo arbitrato punitis Cpolin redit (Tradução: Professor Alexandre Agnolon). Nota-se que, na fonte, Duro é Bardas Skleros. O fato de Skylitzes o chamá-lo assim é provavelmente um elemento literário.

<sup>88</sup> O ano inicial do Ciclo Armênio é o ano de 552 da era Cristã. O ano Armênio começava no dia 24 de Março e terminava no dia 23 de Março. Dessa forma, o ano 437 do ciclo Armênio em comparação com a Era Cristã se situava entre 24 de Março de 988 e 23 de Março de 989 (POPPE, 1976: 236).

<sup>89</sup> Psellus relata a participação do Co-Imperador Constantino VIII (Cf. Nota 5, acima) que, segundo ele, estava na linha de frente de batalha, portando uma lança longa e alegava ter matado o revoltoso Bardas Phocas (SEWTER, 1966: 36).

produto de primeira necessidade. Então, o governador militar também deve ser instruído para sequestrar as dez libras de tributo e então o governador militar deve fugir de Kherson e ir para outra cidade e tomar residência lá.

Caso os Khersonitas não viajem até a România para vender as peles e ceras que eles adquirem pelo comércio com os Pechenegues, eles não podem viver. Se os grãos não passem através de Aminosos e da Pã-phlagônia e dos Bukhelários e dos flâncos dos Armênios, os Khersonitas não podem viver (MORAVCSIK, 1993: 287).<sup>90</sup>

O que se vê na declaração imperial é um plano de ação coordenado para reprimir e isolar a cidade de Kherson comercialmente, visando que esta se renda e aceite se submeter às ordens de Constantinopla. No entanto, não era somente no campo da economia que as relações entre Kherson e Constantinopla eram tensas. Durante todo o século X houve motivos para preocupação da parte dos imperadores bizantinos quanto à lealdade da cidade. Várias rebeliões da cidade foram registradas durante todo esse século e culminaram, no início do século XI, com a ação conjunta de Bizantinos e Rus' destruindo-a em 1016 (POPPE, 1976: 223). A ação econômica contra a cidade de Kherson já era prevista por esse tratado, mas, ao analisar a situação política de Basílio II no final do século X, deve-se pensar que, com toda a Ásia Menor sob controle dos revoltosos, não havia meios de fazer valer o bloqueio comercial contra a cidade. Dessa forma, para submetê-la novamente à sua autoridade, Basílio II se valeu de um acordo já estabelecido em 944 entre o Príncipe Rus' Igor e Romano Lecapeno<sup>91</sup> junto a Constantino VII, acordo este que dispunha de duras restrições contra a cidade de Kherson:

E a respeito da província de Kherson, e todas as cidades nessa região, o Príncipe Rus' não tem o direito de fazer guerra contra ela. Mas se aquela região não se submeter a nós, então se o príncipe Rus' nos requisitar

---

<sup>90</sup> If ever the men of the city of Cherson revolt or decide to act contrary to the imperial mandates, then all Chersonite ships at Constantinople must be impounded with their cargoes, and Chersonite sailors and passengers must be arrested and confined in the gaols; and then three imperial agents must be sent: (...) in order to take possession of all Chersonite ships, and to impound the cargo and the ships, and to arrest the men and confine them in public prisons, and to report upon these matters and as they may be instructed. Moreover, these imperial agents must forbid the Paphlagonian and Boukellarian merchant-ships and coastal vessels of Pontus to cross to Cherson with grain or wine or any other needful commodity or merchandise. Then, the military governor too must be instructed to sequester the ten pounds of tribute, and then the military governor must withdraw from Cherson and go to another city and take up residence there.

If the Chersonites do not journey to Romania and sell the hides and wax they get by trade from the Pechenegs, they cannot live.

If grain does not pass across from Aminosos and from Paphlagonia and the Boukellarioi and the flanks of the Armeniakoi, the Chersonites cannot live.

(Tradução nossa).

<sup>91</sup> Imperador Bizantino (Co-Imperador com Constantino VII) de 920-944. Se casou com Zoe Karbonopsina, a Imperatriz legítima, viúva de Leo, o Sábio, se tornando regente do império. Detinha o poder de fato até o fim de 944, quando foi destronado por seus dois filhos, Constantino e Estefano. Quando esse tratado com os Rus' foi escrito, provavelmente Romano ainda estava no poder, por isso a datação desse acordo na *Crônica* (945) não é confiável. (KHAZDAN, 1991: 1806).

soldados para fazer guerra, nós lhe daremos tantos quantos ele necessita. (apud POPPE, 1976: 239).<sup>92</sup>

Retornando aos feitos de Vladimir, após sua chegada com Ana a Kiev, o batismo da população dessa cidade teve lugar. Segundo a lenda, isto ocorreu no rio Dnieper, após Vladimir destruir os templos pagãos, os mesmos que ele havia construído no começo do seu principado:

Todos eles [a população da cidade de Kiev] foram para a água: alguns ficaram com água até o pescoço, outros até seu peito, e os jovens próximos ao banco [de areia], alguns deles segurando crianças em seus braços, enquanto os adultos tentavam com dificuldade ir mais longe. Os clérigos se posicionaram lá e entoaram preces. Houve alegria no paraíso e sobre a terra em observar tantas almas salvas (CROSS, 1968: 117).<sup>93</sup>

Após o batismo da população de Kiev, Vladimir tomou as crianças das melhores famílias e as enviou – muito provavelmente para Constantinopla – para instruí-las na cultura escrita, com óbvias implicações catequéticas. A iniciativa demonstra seu intento em afirmar o cristianismo como religião na Rus', ao mesmo tempo em que sugere a necessidade de inculcar essa religião nas gerações posteriores, visto que, tal como se afirma na *Crônica*, a população ainda não era “forte na fé” (CROSS, 1968: 117).

O desenrolar desses acontecimentos tal como proposto por Andrzej Poppe aborda a questão do acordo diplomático entre os Rus' e os Bizantinos sob uma nova perspectiva. Contudo, a questão da iniciativa de cristianizar a Rus', se foi tomada pelo Imperador Bizantino ou pelo Príncipe Rus', ainda desperta polêmicas. Vários estudiosos acreditam que o batismo da Rus' foi uma iniciativa Bizantina, enquanto outros salientaram a importância da iniciativa de Vladimir sobre essa questão. No entanto, estudos recentes tendem a aproximar esses dois pontos de vista. O próprio Poppe toma a questão por um viés mais matizado. Ele observa que, a partir das considerações levantadas à exaustão pela historiografia sobre o plano de fundo político do batismo de Vladimir, apenas uma conclusão é possível: Vladimir se aproveitou de necessidades

---

<sup>92</sup> Existe uma intensa discussão quanto à tradução desse trecho a partir dos originais em Eslavo Eclesiástico. Shakhmatov aponta essa tradução como a melhor solução para o problema da transcrição da palavra *vam* (vocês, em Eslavo Eclesiástico) e *nam* (nós, em Eslavo Eclesiástico) e é confirmado por Poppe (1976). No entanto, Cross segue o modelo do texto Laurentiano e traduz o trecho de forma diferente. A transcrição do trecho e a tradução que adotamos aqui são baseadas em Shakhmatov e Poppe: “And concerning the country of Cherson and all the towns in that region the Russian Prince does not have the right to wage war against them. But if that country does not submit itself to us, then if the Russian prince asks us for soldiers to wage war, we shall give him as many as he needs” (Tradução nossa).

<sup>93</sup> They all went into the water: some stood up to their necks, other to their breasts, and the younger near the bank, some of them holding children in their arms, while the adults waded farther out. The priests stood by and offered prayers. There was joy in heaven and upon earth to behold so many souls saved (Tradução nossa).

urgentes de expediente político-militar<sup>94</sup> dos imperadores bizantinos para obter privilégios que, se pleiteados de outra forma e/ou em outra situação provavelmente não seriam concedidos - i.e. a condição de parceiro político de Bizâncio e o casamento com a princesa Ana Porfirogênita, irmã dos Imperadores Bizantinos (1976: 243), fato que aponta claramente para uma necessidade de apoio e legitimação da parte do príncipe Rus'. A própria conversão teria sido vista por Bizâncio como apenas uma manobra para manter as aparências do casamento da princesa com o príncipe Rus', um bárbaro aos olhos da civilização Bizantina.<sup>95</sup> Dessa forma, essa iniciativa teria como motor primordial a situação política internacional, visto que, se a ideia da conversão tivesse partido exclusivamente de Bizâncio, tal como a iniciativa do Patriarca Fócio em 867, que batizou um grupo de Varângios e acreditou ter batizado todo o povo dali, bem como o batismo de Olga, haveria inevitavelmente um novo retorno ao paganismo (POPPE, 1976: 243).

Tal como Simon Franklin e Jonathan Shepard ressaltaram, “qualquer que seja a hipótese que se prefira, o fato central é que Vladimir se aproveitou de um período de turbulência em Bizâncio para propor uma barganha sobre os imperadores e instituir um novo culto em termos de, mais ou menos, sua escolha” (FRANKLIN; SHEPARD, 1996: 162). A resolução desse problema de datação não interfere na percepção da habilidade política de Vladimir para conseguir se sobrepor nas relações internacionais do período casando-se com uma princesa bizantina – fator de imenso prestígio que seria negado se a situação dos imperadores não fosse tão desesperadora – adotar uma religião monoteísta que constituía em torno de si uma das comunidades políticas mais fortes do período medieval, capitaneada pelo Império Bizantino, que durante a segunda metade do século X e a primeira metade do século XI d.C., além de sua próspera condição econômica, também era visto como uma potência militar. Tal aliança visava consolidar sua posição de príncipe entre os Rus'. No entanto, a polêmica entre essas duas reconstituições de eventos continua a ressurgir em praticamente todos os trabalhos elaborados com nossa temática.

---

<sup>94</sup> Nas palavras do autor: “A aceitação do Cristianismo não foi imposta e nem instigada pelo governante Bizantino. A data e as condições do batismo do governante Rus' e seu séquito foi o resultado de uma situação política concreta. Todavia a entrada do estado de Kiev na Cristandade foi precedida por mais de cem anos de penetração do Cristianismo na área do médio Dnieper e por sua crescente influência na corte de Kiev, especialmente depois do batismo da avó de Vladimir, Olga-Helena, a então soberana de Kiev (POPPE, 1976: 243) (Tradução nossa).

<sup>95</sup> Conferir também a digressão sobre a percepção histórica de Léo, o Diácono, feita por Andrzej Poppe em seu trabalho “How the Conversion of Rus' Was Understood in the Eleventh Century, publicado na revista *Harvard Ukrainian Studies* 11 em 1987 e republicada no livro *Christian Russia in the Making* de 2007.



John Fennel, outro reconhecido estudioso da História da Rússia, aborda esse problema à luz de duas questões principais. A primeira é se a iniciativa da cristianização veio dos gregos e se o interesse de Basílio II era mesmo o de inserir a Rússia na chamada *Commonwealth* de estados cristãos orientais. A segunda é se a demanda dos Bizantinos pelo batismo de Vladimir seria apenas uma condição – admitidamente – essencial de seu casamento com uma princesa nascida na púrpura, tal como o acordo se encaminhava. Segundo o autor, a resposta para a segunda questão é inevitavelmente sim, com a iniciativa partindo de Vladimir ou mesmo de Basílio, quando Vladimir, ao ser abordado com o pedido inicial (o envio de tropas para auxiliar a suprimir a revolta de Bardas Phocas), decidiu os termos do acordo – o casamento com a princesa – que implicava necessariamente em seu batismo. Contudo, batismo apenas para si mesmo. Muito embora Bizâncio sempre atuasse em suas relações diplomáticas visando obter a conversão dos povos ao seu redor, a conjuntura em que se encontravam os imperadores tornavam as coisas mais difíceis no sentido de obter um acordo para o batismo da população do principado. Assim, a cristianização de seus súditos não estaria, inicialmente, na alçada de um acordo desse porte e, portanto, para esse autor, a iniciativa de batizar a população da Rus´ seria principalmente de Vladimir (FENNEL, 1995: 38-39).

Conclui-se, então, que o acordo político entre Basílio II e Vladimir teve significados diferentes para cada uma das partes. Para o primeiro o acordo foi uma ajuda militar necessária, em um momento de crise, que se desdobrou em uma realização para a propaganda imperial, defensora do ideal de expansão da fé cristã, uma grande vitória, política e religiosa (questão essa que será matizada no decorrer de nosso trabalho). Por outro lado, para o segundo, uma aliança importantíssima teve lugar,. Graças a ela o príncipe Rus´ fundou novo respaldo para sua autoridade, agora baseada na aliança matrimonial com uma princesa bizantina e em uma concepção de autoridade baseada na teologia política cristã, que o imbuiu de uma aura de santidade diante de seus súditos.

### **Capítulo 3: A *Crônica* e o *Sermão* e seus autores como agentes de transformação social. A educação pelo exemplo e o orgulho do pertencimento à comunidade.**

O objetivo desse capítulo é elaborar uma discussão a respeito do ambiente de produção das duas principais fontes analisadas em nossa pesquisa, nomeadas *Crônica dos tempos passados* e *Sermão sobre a Lei e a Graça*, interpretar e discutir seus principais argumentos, bem como mapear as possibilidades de inserção desses textos em seu ambiente de divulgação. Ao longo dessa análise, observaremos qual era o contexto de sua leitura e o papel desse tipo de escrita naquele ambiente, além de tentar identificar aspectos relevantes acerca do que foi e como se deu o batismo de Vladimir para cada um desses documentos. Finalmente, faremos uma abordagem sobre qual teria sido o público alvo dessas fontes, além de tentarmos identificar iniciativas pedagógicas<sup>96</sup> contidas na própria escrita das mesmas.

Pretendemos rastrear uma parte do processo de organização e consolidação da cultura escrita no território dos Rus', qual seja, o da atividade missionária e evangelizadora dos religiosos cristãos nesse contexto, com produção textual relacionada a essa atividade que se desenvolveu para basear essa atividade. A nova cultura religiosa, drasticamente diferente das práticas anteriores, trouxe consigo transformações à sua configuração política, cultural e econômica. Para isso, dedicaremos especial atenção às características e especificidades discursivas de dois – entre os poucos existentes – exemplares importantes do tipo de discurso elaborado por esses religiosos durante o período dos principados Rus', a *Crônica dos tempos passados* e o *Sermão sobre a Lei e a Graça*.

#### **3.1 Ambiente de produção**

Era de se esperar que, após o batismo de Vladimir (988, c.) e a consequente imposição do cristianismo a seus súditos na região do médio Dnieper algumas mudanças fossem necessárias naquela sociedade. Inicialmente a construção de igrejas foi incentivada:

[...] Ele [Vladimir] ordenou que igrejas de madeira devessem ser construídas e estabelecidas onde os ídolos pagãos haviam

---

<sup>96</sup> Da mesma forma que essas obras propagam uma filosofia da história pautada na providência divina (*Pronoia*) ou, em certa medida, pautada na ideia de destino (*Tyché*), como causas últimas de eventos. Nesse sentido, a tarefa de nossos documentos é a de divulgar e testemunhar a força da intervenção de Deus ao retirar os Rus' do caminho da idolatria (PODSKALSKY, *ODB*, 1991: 1733-1734; KAZHDAN, *ODB*, 1991: 938).

permanecido anteriormente. Então ele fundou a Igreja de São Basílio na colina onde o ídolo de Perun e as outras imagens estavam, e onde o Príncipe e o povo ofereciam seus sacrifícios. Ele começou a fundar igrejas e a designar padres para todas as cidades e a convidar o povo a aceitar o batismo em todas as cidades e vilas (CROSS, 1968: 117).<sup>97</sup>

Dadas as características intrínsecas ao cristianismo, dentre as quais destacamos a experiência religiosa embasada na leitura dos textos bíblicos, mudanças naquela sociedade foram extremamente necessárias. Para isso, como relata a *Crônica*, era imperativo educar pelo menos alguns de seus membros. Essa necessidade não deve, contudo, ser confundida com uma noção mais ampla da necessidade dessa educação. Seu relato narra providências tomadas em relação a isso e a partir dele podemos perceber algumas nuances desse esforço pedagógico:

Ele tomou as crianças das melhores famílias, e as enviou para instrução no aprendizado com livros. As mães dessas crianças choraram copiosamente por elas, porque ainda não eram fortes na fé, mas lamentaram como que pelos mortos. Quando essas crianças foram designadas para o estudo, foi cumprida na terra dos Rus' a profecia que diz, "Nesses dias, o surdo ouvirá as palavras da escritura e a voz dos gogos será tornada clara" (*Is.*, XXIX, 18) (CROSS, 1968: 117).<sup>98</sup>

Esse trecho demonstra, a princípio, a tentativa de dotar a população sujeita à autoridade de Vladimir dos atributos fundamentais da leitura e instrução para a participação na vida litúrgica cristã. Por outro lado, sua capacidade de impor uma conduta específica a seus súditos demonstra também uma situação sem paralelo entre os antepassados de Vladimir. Desfrutando de um poder militar incontestável – que nunca ficou tão concentrado nas mãos de um único príncipe como no período de Vladimir (SHEPARD, 2007: 380-381) – a ordem dada pelo príncipe para que seus súditos se batizassem no rio Dnieper e o consequente processo de incremento na cultura letrada da região fez, a longo prazo, com que Vladimir fosse alçado, pelos religiosos, monges,

---

<sup>97</sup> He ordained that wooden churches should be built and established where pagan idols had previously stood. He thus founded the Church of St. Basil on the hill where the idol of Perun and the other images had been set, and where the Prince and the people had offered their sacrifices. He began to found churches and to assign priests throughout the cities, and to invite the people to accept baptism in all the cities and towns (Tradução nossa).

<sup>98</sup> He took the children of the best families, and sent them for instruction in book-learning. The mothers of these children wept bitterly over them, for they were not yet strong in faith, but mourned as for the dead. When these children were assigned for study, there was fulfilled in the land of Rus' the prophecy which says "In those days, the deaf shall hear the words of Scripture, and the voice of the stammerers shall be made plain" (*Is.*, XXIX, 18) (Tradução nossa). Nas edições em língua portuguesa da Bíblia não há essa menção à voz dos gogos, e sim uma menção à cura dos cegos através da revelação. Tal como na Bíblia pastoral, onde se lê: "Nesse dia, os surdos ouvirão as palavras do livro; e os olhos do cego, libertos da escuridão e das trevas, tornarão a ver." De todo modo, a perspectiva da cura e da libertação permanecem nas duas versões.

padres, etc. à posição de “apóstolo entre os governantes” (CROSS, 1968: 124). No entanto, para além dessa passagem, poucos indícios da *Crônica* nos levam a pensar que houve um aumento significativo na produção cultural letrada associada à vida religiosa da região no período imediatamente posterior ao batismo de Vladimir e a consequente cristianização dos territórios mais diretamente controlados pelo príncipe, cerca de 50 anos a partir de 988 d.C.. Isso se transformou em um mito propagado por uma interpretação literal dessa passagem. Tal como o historiador Simon Franklin alertou:

Tal é o mito. Mas Vladimir não foi ele mesmo o produtor do mito, nem nenhum dos seus contemporâneos. A busca por respostas articuladas do século X para a conversão leva à frustração. Aliás, a busca por respostas articuladas do século X para *qualquer coisa* leva à frustração. Isto não é porque os Kievanos fossem desarticulados, mas porque eles ainda não haviam começado a gravar suas articulações por escrito. Em contraste com os vários paganismos, o Cristianismo, importado de fora, era a religião do Livro. Ao aceitar o Cristianismo, Vladimir aceitou o desejo, a necessidade, de uma alta cultura escrita. Todavia, não há evidência de uma alta cultura escrita *produtiva* por cerca de meio século após a conversão oficial. Fora uma mão cheia de inscrições arranhadas e, na maior parte, fragmentadas, nenhum espécime de antes da metade do século XI da escrita nativa sobreviveu (FRANKLIN, 1992: 157).<sup>99</sup>

O que o autor indica é claramente perceptível no corpus documental produzido nesse contexto. Não existem fontes e praticamente não existem referências à produção textual nessa região até meados do século XI. O primeiro texto produzido ali, de autoria de um nativo, provavelmente foi o *Sermão* – o mais antigo a sobreviver até nossos dias. Ou seja, apesar do cristianismo instaurar a necessidade de uma cultura escrita, não há evidências de que essa necessidade se converteu em prática durante pelo menos meio século após a conversão de Vladimir. O outro principal documento que analisamos em nossa pesquisa, a *Crônica dos tempos passados*, compilação finalizada no início do século XII, também demonstra o surgimento de textos escritos sobre o batismo do príncipe em um momento bem posterior ao evento (CROSS, 1968: 136-137).

---

<sup>99</sup> Such is the myth. But Vladimir was not himself the myth-maker, nor were any of his contemporaries. The search for articulated tenth-century responses to the conversion leads to frustration. Indeed, the search for articulate tenth-century responses to *anything* leads to frustration. This is not because tenth-century Kievanos were inarticulate, but because they had not yet begun to record their articulations in writing. By contrast with the various native paganisms, Christianity, imported from abroad, was the religion of the Book. By accepting Christianity Vladimir accepted the desirability, the necessity, of a written high culture. However, there is no evidence of a *productive* written high culture for about half a century after the official conversion. Apart from a handful of scratched and mostly fragmentary inscriptions, no specimens of native writing survive from before the mid eleventh century (Tradução nossa).

O período de elaboração desses documentos, bem como o de sua difusão, nos remete a questões sobre suas especificidades discursivas, além de nos conduzir também a questões sobre a natureza dos argumentos utilizados nessas produções textuais. Temos assim as seguintes questões: Por que textos laudatórios como o *Sermão*<sup>100</sup>, e a *Crônica*<sup>101</sup>, ambos de origem eclesiástica, se esforçam tanto por centrar em representantes da dinastia Riuríkida os principais desdobramentos através dos quais o cristianismo se estabeleceu na região? Tratava-se realmente de um esforço conduzido unicamente por representantes dessa dinastia? O que se esperava atingir com esse argumento? Essas são algumas questões que queremos discutir nesse capítulo.

Sabemos que durante o processo de cristianização conduzido no leste europeu na Idade Média as missões evangelizadoras procuraram a conversão dos líderes políticos, através dos quais as populações poderiam ser convertidas. Isso gerou uma disputa entre os ritos latino e grego no contexto medieval, no qual seus representantes procuravam, a todo o momento, obter tais conversões em nome de suas respectivas sedes episcopais. No entanto o período de elaboração dessas fontes aconteceu posteriormente ao batismo do príncipe, em um ambiente marcado pelo mecenato principesco, no qual as bases da religião cristã já se encontravam presentes e começavam a dar fruto.

Ademais, em sua obra *Writing, society and culture in Early Rus, c. 950-1300*, publicada em 2004, Simon Franklin demonstrou que a escrita foi utilizada em uma ampla variedade de formas entre os Rus', todavia também concluiu que o uso da escrita para fins de armazenamento de informações, mais próximo do que chamamos de prática documental nos dias de hoje, não foi praticado no contexto que estudamos (2004: 275). Essa constatação nos leva a pensar sobre qual era o papel do tipo de escrita elaborado pelos monges naquele contexto. Simon Franklin concluiu que alguns tipos de textos, entre os quais se encontram nossas fontes documentais, desempenhavam, de certa forma, um papel talismânico ou emblemático naquela sociedade (2004: 275). Nossa obrigação então se torna a de entender quais procedimentos foram adotados pelos religiosos que elaboraram nossos documentos para construir a imagem da dinastia riuríkida e da igreja entre os Rus' por escrito, estabelecendo de fato a aliança e o entrelaçamento entre a Igreja e o poder político nesse contexto.

---

<sup>100</sup> Que exalta as qualidades de Vladimir como o iniciador do cristianismo entre os Rus' (FRANKLIN; HOLLINGSWORTH, 1991: 985).

<sup>101</sup> dedicada a localizar os Rus' no contexto da história universal e traçar o desenvolvimento da dinastia Riuríkida (FRANKLIN, 1991: 1708-9).

Para responder a essas questões, inicialmente faremos um breve histórico do proselitismo cristão e das atividades missionárias cristãs entre os Rus', passando por sua constituição enquanto religião oficial do ponto de vista desses mesmos religiosos que, aparte poucos outros testemunhos de origem laica<sup>102</sup>, são os únicos autores de documentos existentes do período, de acordo com os poucos vestígios contidos nas fontes.

### 3.2 A chegada do cristianismo entre os Rus'

Como já discutimos anteriormente<sup>103</sup>, a mensagem cristã já se fazia ouvir na Planície Russa muito antes do batismo de Vladimir em 988 d.C. A encíclica aos patriarcas orientais do Patriarca Fócio (858-867; 877-886 d.C.), escrita em 867, exalta a cristianização dos Rus' e fala do envio de um bispo para lá (GRUMMEL, 1989: 119-120). Interpretada dessa forma, há indícios para acreditar que, pelo menos provisoriamente, na região de Kiev, alguns Rus' eram cristãos. Essa informação coincide com a relatada na *Crônica*, que no mesmo período dois Varângios, Askold e Dir, não pertencentes ao clã de Riurik, pediram permissão para ir ao sul, se estabeleceram em Kiev e de lá lançaram um ataque a Constantinopla (CROSS, 1968: 60), onde provavelmente conheceram e/ou aderiram ao Cristianismo, tal como afirmado pelo Patriarca Fócio e espalharam essa notícia na região de Kiev, ao retornar.

Posteriormente também temos referência ao cristianismo em Kiev no juramento proferido por Igor e seus seguidores em 945<sup>104</sup> sobre o acordo comercial alcançado entre os Rus' e o Império Bizantino:

Pela manhã Igor chamou seus enviados e foi até uma colina onde havia uma estátua de Perun. Os Rus' despiram-se de suas armas, seus escudos e seus ornamentos de ouro e Igor e seu povo fizeram juramento (ou algo parecido, visto que eram pagãos), enquanto os Rus' Cristãos juraram na igreja de Santo Elias [...] Essa era, de fato, a igreja matriz, pois muitos Varângios eram Cristãos (CROSS, 1968: 77).<sup>105</sup>

<sup>102</sup> Como a compilação de leis *Russkaia Pravda*, elaborada pela primeira vez por escrito em 1066 d.C.. Apesar de conter evidências da consolidação do cristianismo na terra dos Rus', por impossibilidade de analisar esse documento tão rico nesse estudo nos ateremos às fontes já citadas no primeiro capítulo.

<sup>103</sup> Conferir o capítulo 2.

<sup>104</sup> Há discordância quanto à data desse acordo. Embora a *Crônica* aponte 945 como a data de assinatura do mesmo, a referência a Romano Lecapeno (920-944) no texto demonstra que sua confecção provavelmente foi anterior a essa data, visto que Lecapeno, Imperador regente em nome de Constantino VII Porfirogênito, morreu em 944 (KAZHDAN, 1991: 1806).

<sup>105</sup> In the morning, Igor' summoned the envoys, and went to a hill on which there was a statue of Perun. The Russes laid down their weapons, their shields, and their gold ornaments, and Igor' and his people

De forma semelhante, vários achados arqueológicos demonstram que a fé cristã pelo menos convivia com práticas pagãs tanto na Escandinávia quanto na Planície Russa durante o século IX e boa parte do século X d.C. Tal como evidenciado por Jonathan Shepard, dada a característica itinerante daquelas sociedades, várias escavações trouxeram à luz símbolos religiosos tanto pagãos, os martelinhos de Thor, quanto cristãos, cruzes simples ou mais elaboradas (SHEPARD, 2009: 191-193).

Em meados do século X d.C. também dispomos do relato do livro II do tratado *De Ceremoniis* de Constantino VII Porfirogênito sobre a estadia de Olga em Constantinopla. O imperador inclui na sua descrição da comitiva da princesa em sua visita a Constantinopla um capelão chamado Gregório, o que indica a possibilidade de haver membros do clero entre os Rus' no período (NIEBUHR, 1829: 597). Apesar da discussão sobre o local e a data do batismo da princesa Olga, a simples presença desse religioso nos números dessa comitiva demonstra que era plausível aos olhos dos observadores da época que houvesse missões religiosas para a Planície Russa, ou seja, essa era uma região que já convivia com evangelizadores cristãos em seu meio. Evidência adicional dessa tendência é fornecida pela *Crônica* quando menciona, na passagem que descreve a morte de Olga, a vontade da princesa de ser enterrada com base nos ritos funerários cristãos, proibindo a realização de um festim funerário pagão, costume dos príncipes Rus' (CROSS, 1968: 86).

Ademais, Andrzej Poppe sugeriu<sup>106</sup> – com base em uma lista de eclesiásticos em missões em terras estrangeiras elaborada pelo Patriarcado de Constantinopla no período – que um bispo fora enviado para Kiev no período do batismo do príncipe Vladimir, em 987 (POPPE, 1976: 240). O autor ainda argumenta que provavelmente esse bispo foi o que provera o príncipe com lições sobre os princípios fundamentais do cristianismo e convertera-o, através dos sacramentos do batismo e da confirmação (POPPE, 1976: 240).

Finalmente, observemos a situação do cristianismo durante o principado de Iaroslav. Em 1037, logo após seu irmão Mstislav de Chernigov morrer durante uma expedição de caça, Iaroslav se tornou o governante único das terras dos Rus', visto que

---

took oath (at least, such as were pagans), while the Christian Russes took oath in the church of St. Elias, [...] This was, in fact, a parish church, since many of the Varangians were Christians (Tradução nossa).

<sup>106</sup> Em um artigo já discutido por nós no capítulo anterior onde propôs uma profunda revisão sobre o decorrer dos eventos que culminaram no batismo de Vladimir: *The political background to the baptism of Rus': Byzantine-Russian Relations between 986-89*, publicado em 1976 na revista *Dumbarton Oaks Papers*.

Eustácio, filho único de Mstislav havia morrido em 1031, deixando-o sem herdeiros. A primeira menção do governo de Iaroslav foi, após pacificar a região e estabelecer seu controle único, a de empreender um grande projeto de construções e incentivo a cópia e leitura de livros (CROSS, 1968: 137-138), coisa que aparentemente não se tinha notícia no texto da *Crônica*, com algumas exceções, como as igrejas de madeira construídas por Vladimir<sup>107</sup> e a Igreja do Redentor, fundada por Mstislav, que ainda estava em construção quando esse príncipe morreu (CROSS, 1968: 136).

Ele [Iaroslav] também fundou a Igreja metropolitana de Santa Sofia, a Igreja da Anunciação sobre o Portão de Ouro e também o Monastério de São Jorge e o Convento de Santa Irene. [...] Ele aplicou-se aos livros e os lia continuamente dia e noite. Ele reuniu muitos escribas e traduziu do Grego para o Eslavônico (CROSS, 1968: 137).<sup>108</sup>

Somente a partir dessa passagem existem notícias mais explícitas e concretas em relação à fundação de igrejas ou monastérios, o que nos leva a postergar ainda um pouco mais o início do uso mais amplo da escrita como ferramenta de difusão de ideias entre os Rus'. Alguns historiadores chamam esse período, que se estende desde o batismo de Vladimir em 988 d.C. até a década de 1040 d.C., de "Idade das trevas do Cristianismo antigo Rus'". Simon Franklin destaca que essa alcunha se deve principalmente ao pouco conhecimento que dispomos sobre esse período e também porque nossas impressões sobre ele são formadas através de retratos subseqüentes e suspeitos, além de esse período não ter fornecido nenhum documento que chegou a nossos dias, em comparação com o período de intensa atividade cultural que se seguiria (FRANKLIN, 1992: 157).

Nesse período posterior surge uma instituição que moldou praticamente toda a percepção dos pesquisadores acerca da história dos Rus': a fundação do Monastério das Criptas de Kiev<sup>109</sup>. Sua influência é tão grande que consegue definir sua relação com os dois principais documentos que dispomos de forma que qualquer tentativa de estabelecer seu contexto de produção de maneira independente sem levar em conta seu

---

<sup>107</sup> A distinção entre igrejas de madeira e igrejas de pedra se encontra no texto da *Crônica*, com clara preferência e prestígio superior da pedra como material de construção (CROSS, 1968: 136-137). A cidade de Kiev teve um grande período de construção de igrejas de pedra com Iaroslav (1016-1054) (FRANKLIN; CUTLER, 1991: 1128).

<sup>108</sup> He founded also the metropolitan Church of St. Sophia, the Church of the Annunciation over the Golden Gate, and also the Monastery of St. George and the convent of St. Irene. [...] He applied himself to books, and read them continually day and night. He assembled many scribes and translated from Greek into Slavic (Tradução nossa). No trecho, Eslavônico se refere ao Eslavo eclesiástico, língua elaborada a partir do Glagolítico de Cirilo e Metódio.

<sup>109</sup> Mosteiro fundado em 1051 nas proximidades da cidade de Kiev. É até os dias de hoje um dos principais locais de peregrinação religiosa da Ucrânia. Contém relíquias de diversos religiosos Rus'. No período desempenhou profunda influencia na consolidação do cristianismo entre os Rus'.



discurso se torna quase impossível. Dada essa dificuldade, faremos uma breve exposição acerca do pouco que se sabe sobre a fundação dessa instituição, além de tentarmos estabelecer sua relação com nossa documentação.

A *Crônica* possui um interessante relato sobre a instalação de religiosos em Kiev nesse período, ao mesmo tempo em que seu(s) autor(es) estabelecem claramente uma filiação com a regra e a conduta dos religiosos desse mosteiro, que acabou por se tornar o modelo para a vida monástica dos Rus'.

Além disso, a história do Monastério das Criptas de Kiev aponta uma relação entre o surgimento da prática monástica entre os Rus' e aquelas, já estabelecidas a muito tempo, do Monte Athos<sup>110</sup>, no Império Bizantino. O texto da *Crônica* estabelece também uma relação especial entre a indicação de Hilarion (1051-1054) como metropolita de Kiev e a fundação do Monastério. A escolha de Hilarion como metropolita foi um evento que pavimentou a identidade religiosa dos Rus', visto que este foi o primeiro metropolita dos Rus' que não era de origem grega, mas sim um nativo. Logo no início dessa passagem já é notável o esforço para solidificar essa associação:

Agora vamos contar o porquê do Monastério das Criptas de Kiev receber esse nome. O Príncipe Iaroslav gostava muito de Berestovo e da Igreja (156) dos Santos Apóstolos lá situada. Ele reuniu um grande grupo de padres, entre os quais havia um presbítero chamado Hilarion, um homem virtuoso, versado e ascético. Hilarion costumava caminhar regularmente de Berestovo até o Dnieper para uma certa colina, onde o antigo Monastério das Criptas agora se situa, e fazia suas orações ali, porque havia uma grande floresta a vista. Ele cavou uma pequena catacumba com dois braços de profundidade e ia muitas vezes de Berestovo para lá, para cantar as horas e oferecer suas preces para Deus em segredo. Então Deus inspirou o Príncipe a apontá-lo Metropolita em Santa Sofia; e a cripta permaneceu como estava (CROSS, 1968: 139).<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> Também chamado de Monte Santo, foi o mais importante centro do monasticismo cristão oriental a partir do final do século X d.C. Situado na península de Calcídia, era virtualmente deserto quando os monges ali se assentaram pela primeira vez, provavelmente em meados do século VIII d.C. Com a proliferação de mosteiros na região, se tornou um polo de cultura monástica. Tanto monges cenobitas (que vivem em comunidades religiosas) quanto eremitas (que vivem em isolamento) passaram a habitar a região, que desfrutou de vários favores e benesses imperiais enquanto durou o Império Bizantino e, após o fim deste, desfrutou de ampla autonomia sob os otomanos (KAZHDAN, 1991: 224-226).

<sup>111</sup> Let us now relate why the Monastery of the Crypts bears this name. Prince Yaroslav was fond of Berestovo and the church of (156) the Holy Apostles there situated. He gathered a large company of priests among whom was a presbyter named Hilarion, a virtuous man, learned and ascetic. Hilarion used often to walk from Berestovo toward the Dnieper to a certain hill, where the old Crypt Monastery now is, and made his orisons there, for there was a great forest on the spot. He dug a little catacomb, two fathoms deep, and often went thither from Berestovo to chant the hours and offer his prayer to God in secret. Then God inspired the Prince to appoint him Metropolitan in St. Sophia; and the crypt remained as it was (Tradução nossa).

Como já dissemos e achamos oportuno ressaltar, o esforço do(s) cronista(s) para estabelecer um vínculo direto entre a construção de uma igreja dos Rus' atribuindo valor igual ao trabalho dos religiosos monásticos e o dos religiosos do clero secular é notável na passagem, quando se esforça(m) para aliar a prática de oração de Hilarion com a do mosteiro, fundado posteriormente no terreno onde o futuro metropolita realizava suas preces. Também opera de forma a delimitar uma espécie de grupo de fundadores da identidade religiosa Rus' de origem eclesiástica, em adição à dos príncipes, implícita – mas ainda não explorada desde o momento da cristianização. A associação da obra do metropolita Hilarion com a do eremita Antônio é, na concepção de seu(s) autor(es), obtida através desses dois passos, que vão contribuir para a construção de uma identidade religiosa dos Rus' (FRANKLIN, 1991a: xix). Logo em seguida, a *Crônica* estabelece uma narrativa da fundação do monaquismo Rus' a partir do contato com o bizantino, unindo esse relato com o da escavação da cripta por Hilarion:

Não muitos dias depois, havia um certo homem, um leigo da cidade de Lyubech, em cujo coração Deus inspirou o desejo de sair em peregrinação. Ele foi até o Monte Athos, observou os mosteiros de lá e, ao examiná-los e se encantar pela vida monástica, ele entrou em um dos mosteiros locais e implorou ao prior para que conferisse sobre ele o hábito monástico. Este – o prior – aceitou seu pedido e o fez monge, chamando-o Antônio e depois de admoestá-lo e instruí-lo em suas obrigações monásticas, ordenou-lhe que retornasse à Rus' acompanhado pelas bênçãos do Monte Santo, para que muitos outros monges pudessem surgir por meio de seus exemplos. O prior o abençoou e despediu-se dele dizendo: “Vá em paz.” Antônio retornou a Kiev e refletiu sobre onde ele deveria viver. Ele foi aos mosteiros e não gostou de nenhum deles, já que Deus não queria assim e subsequentemente perambulou pelas colinas e pelos vales procurando o lugar que Deus deveria lhe mostrar. Ele finalmente chegou à colina onde Hilarion cavou sua cripta e gostou desse lugar, regozijando-se nele. Ele então levantou sua voz em oração a Deus, dizendo entre lágrimas: “Oh Senhor, fortaleça-me neste lugar, (157) e que possa pousar sobre ele as bênçãos do Monte Santo e do prior que me tonsurou.” Assim ele tomou seu domicílio ali, orando a Deus, comendo pão seco dia sim, dia não, tomando água moderadamente e cavando a cripta. Ele não se deu descanso nem durante o dia nem à noite, mas suportou seus trabalhos em vigília e em oração. Depois disso, bons homens ficaram sabendo de sua conduta e lhe proveram de recursos de acordo com suas necessidades. Assim ele se tornou conhecido como o grande Antônio e aqueles que se achegaram a ele suplicaram suas bênçãos (CROSS, 1968: 139-142).<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> Not many days afterward, there was a certain man, a layman from the city of Lyubech, in whose heart God had inspired the desire to go on pilgrimage. He made his way to Mt. Athos, beheld the monasteries there, and upon examining them and being charmed by the monastic life, he entered one of the local

Quando Antônio tomou esse lugar por sua moradia, logo a notícia de sua vida de eremita se espalhou e seguidores surgiram, querendo emular seu modo de vida. Um pequeno grupo se juntou ao religioso e passou a habitar a colina. A *Crônica* aponta que posteriormente ele escolheu Barlaam como prior desse grupo inicial e retornou aos seus costumes de eremita “Vivam por si mesmos separados de mim e eu lhes apontarei um prior; pois eu prefiro ir sozinho para além daquela colina, onde eu costumava estar quando vivia na solidão” (CROSS, 1968: 139-140).<sup>113</sup>

O estabelecimento do Monastério passou por mais duas etapas importantes: a primeira é a tentativa de Izyaslav (sucessor de Iaroslav no trono de Kiev) de atrair religiosos dessa comunidade que se formava para um monastério fundado por ele. O texto da *Crônica* faz uma discussão sobre as diferenças entre mosteiros criados pela riqueza de governantes, reis, príncipes, etc. e aqueles fundados somente através do sacrifício de seus fundadores. “De fato, muitos monastérios foram fundados por imperadores, nobres e magnatas, mas eles não são como os fundados por lágrimas, jejum, preces e vigílias. Antônio não tinha nem ouro nem prata, mas cumpriu seu propósito através das lágrimas e do jejum, como eu relatei” (CROSS, 1968: 141).<sup>114</sup>

O curioso dessa apresentação dos fatos feita pela *Crônica* é que o estabelecimento do próprio monastério das Criptas se deu por benesse do príncipe Izyaslav, que cedeu a colina para a instalação do monastério. Essa declaração de independência do Monastério pode ser lida como uma tentativa de impor à figura de

---

monasteries, and begged the prior to confer upon him the monastic habit. The latter complied with his request and made him a monk, calling him Antonius, and after he had admonished him and instructed him in his monastic obligations, he bade him return to Rus' accompanied by the blessing of the Holy Mount, that many other monks might spring from his example. The prior blessed him and dismissed him, saying, “Go in peace”. Antonius returned to Kiev, and reflected where he should live. He went about the monasteries and liked none of them, since god did not so will, and subsequently wandered about the Hills and valleys seeking the place which God should show him. He finally came to the hill where Hilarion had dug the crypt, and liked this site, and rejoiced in it. He then lifted up his voice in prayer to God, saying amidst his tears, “Oh Lord, strengthen me in this place, (157) and may there rest upon it the blessing of the Holy Mount and of the prior who tonsured me.” Thus he took up his abode there, praying to God, eating dry bread every other day, drinking water moderately, and digging the crypt. He gave himself rest neither day nor night, but endured in his labors, in vigil, and in prayer. Afterward good men noticed his conduct, and supplied him according to his necessities. Thus he acquired distinction as the great Antonius, and those who drew near to him besought his blessing (Tradução nossa).

<sup>113</sup> “Live apart by yourselves, and I shall appoint you a prior; for I prefer to go alone to yonder hill, as I formerly was wont when I dwelt in solitude” (Tradução nossa).

<sup>114</sup> “Many monasteries have indeed been founded by emperors and nobles and magnates, but they are not such as those founded by tears, fasting, prayer, and vigil. Antonius had neither silver nor gold, but accomplished his purpose through tears and fasting, as I have recounted” (Tradução nossa).

Izyaslav uma “condenação” em uma espécie de “juízo histórico”.<sup>115</sup> Esse “juízo histórico” provavelmente se deve à situação política à época da escrita da Crônica, na qual os descendentes de Izyaslav haviam perdido espaço em relação aos descendentes de Vsevolod, outro filho de Iaroslav.

O segundo acontecimento importante é a adoção, pelo monastério das Criptas de Kiev, da regra do monastério de Stoudios<sup>116</sup>, de Constantinopla que, segundo a *Crônica*, acontece quando Teodósio, o sucessor de Barlaam como prior do monastério, encontra um monge bizantino em Kiev:

Ele também se preocupava em seguir as regras monásticas. Nessa época havia um monge do Monastério de Stoudios em Kiev chamado Miguel, que veio da Grécia junto do Metropolita George e Teodósio o perguntou a respeito das práticas dos monges de Stoudios. Ele obteve sua regra desse monge, a copiou e a estabeleceu em seu monastério para regular o canto dos hinos monásticos, a prática das reverências, a leitura das lições, o comportamento na igreja, todo o ritual, a postura à mesa, comidas apropriadas para ocasiões especiais e para normatizar todo o resto de acordo com a prescrição. Após obter todas essas informações Teodósio então transmitiu isso para seu monastério, e a partir desse todos os outros adotaram as mesmas instituições. Dessa forma o Monastério das Criptas é reverenciado como o mais antigo de todos (CROSS, 1968:142).<sup>117</sup>

A reverência ao Monastério se impõe então a partir desses vetores: a ligação com o Metropolita Hilarion, a filiação espiritual ao Monte Athos através de Antônio e a adoção, por Teodósio, da regra do Monastério de Stoudios. Esses elementos são características da seleção de conteúdos operada pelo cristianismo entre os Rus', na qual a religiosidade bizantina foi importada, mas também passou por uma adaptação profunda por meio da experiência local. Uma clara demonstração do que aquela nova

---

<sup>115</sup> Discutiremos os pormenores das escolhas dos autores da *Crônica* mais adiante, mas o importante nesse momento é delimitar essa tentativa de separação entre a riqueza dos reis e a atividade pregadora dos religiosos, que não deve ser encarada como uma ruptura profunda – nesse contexto a união entre o principado e o corpo eclesiástico era fundamental e profunda para aquela sociedade.

<sup>116</sup> O Monastério de Stoudios, em Constantinopla, foi fundado no século V e desempenhou um papel importante na religiosidade monacal bizantina. Foi o principal pólo da movimentação de grupos iconófilos durante a crise iconoclasta em Bizâncio. Sua regra (*Tipikon*) foi a base da organização de vários mosteiros, dada a sua influência dentro e fora do Império Bizantino (KAZHDAN; TALBOT; CUTLER, 1991: 1960-1961).

<sup>117</sup> He also interested himself in searching out the monastic rules. There was in Kiev at the time a monk from the Studion Monastery, named Michael, who had come from Greece with the Metropolitan George, and Theodosius inquired of him concerning the practices of the Studion monks. He obtained their rule from him, copied it out, and established it in his monastery, to govern the singing of monastic hymns, the making of reverences, the reading of the lessons, behavior in church, the whole ritual, conduct at table, proper food for special days, and to regulate all else according to prescription. After obtaining all this information, Theodosius thus transmitted it to his monastery, and from the latter all others adopted the same institutions. Therefore the Crypt Monastery is honored as the oldest of all (Tradução nossa)

religião representaria para a comunidade através da constituição da principal instituição responsável por sua articulação e difusão ideológica.

A partir dessa breve exposição da expansão do proselitismo cristão entre os Rus' e da fundação do Monastério das Criptas de Kiev, futuro centro intelectual de difusão do cristianismo na região, podemos concluir que nossas fontes foram produzidas em um ambiente de ampla circulação e divulgação da mensagem cristã, que se fortaleceu e institucionalizou de maneira profunda na região de Kiev a partir do principado de Iaroslav. A indicação de Hilarion como Metropolita e a fundação do Monastério das Criptas de Kiev são corolários dessa expansão. No entanto nossa impressão desse corolário é construída em grande medida a partir dos relatos de nossos próprios documentos. Dessa forma, analisaremos agora os principais argumentos das duas a respeito do que foi a cristianização de Vladimir e de como se estabeleceu a dinastia riuríkida.

### **3.3 O *Sermão* e a *Crônica* como fundadores de uma percepção de comunidade entre os Rus'.**

Após o Batismo de Vladimir, como já dissemos, temos um período de relativa obscuridade no campo cultural dos Rus'. Esse período terminou na primeira metade do século XI d.C., com o início de um amplo projeto de construções de igrejas e monastérios, além das cópias de textos religiosos gregos e eslavos para os Rus'. Esse projeto é representativo do caráter “de cima para baixo” da adoção do cristianismo na região. Dessa forma, com o batismo funcionando como o início oficial dessa conversão, cabia aos religiosos a implantação e consolidação dessa nova orientação religiosa. Tal como em um casamento arranjado, onde o amor pode vir depois, as crenças poderiam ser estimuladas posteriormente (FRANKLIN, 2004: 96). Nesse sentido, esse processo de estímulo e incentivo à consolidação dessas crenças passou fundamentalmente pelo trabalho dos religiosos. Nas palavras de Simon Franklin,

O Cristianismo chegou com as ferramentas para o trabalho. Foi dito que os enviados de Vladimir foram especialmente afetados por seus ritos devocionais (ao visitar Santa Sofia em Constantinopla, eles ‘não sabiam se estavam no céu ou na terra’). O Cristianismo dispunha de ampla experiência organizacional e pessoal treinado. Trouxe consigo a tecnologia e a habilidade para transformar o espaço público, com grandes igrejas de alvenaria entre as habitações de madeira do local; para transformar o ambiente visual com suas imagens devocionais; para transformar o ambiente verbal/discursivo através da exploração

de seu domínio da escrita (uma tecnologia da informação parcamente conhecida entre os Rus' no período) para disseminar seus próprios textos (FRANKLIN, 2004: 96).<sup>118</sup>

Aos olhos do historiador, o principal papel desse esforço de consolidação do cristianismo nessa região foi o de criar um ambiente de normalidade social e de legitimidade para o poder de Vladimir e para a religião cristã. No entanto os historiadores devem observar esse fenômeno levando em consideração um ponto de extrema relevância para a leitura dos testemunhos deixados por essa sociedade. Os religiosos que elaboraram essas peças fundamentais para nossa interpretação se situavam embebidos dos conceitos e práticas que procuravam inculcar nessa sociedade. Isso quer dizer que qualquer leitura que considere esses discursos como objetos que visavam a adesão de seus ouvintes/leitores precisa estar atento para um dado importante: o “projeto de estado” percebido nessas fontes é fruto de uma concepção de matriz religiosa de como deveriam se organizar os grupos humanos. Os autores de nossas fontes faziam parte do campo cultural perceptível em seus textos, acreditavam no cristianismo e se posicionavam politicamente em prol de sua expansão entre os Rus'.

Além disso, devemos salientar que o tipo de religioso que começou a fazer parte da paisagem cultural dessa sociedade era oriundo (em sua maioria) do Império Bizantino, onde o cristianismo já estava profundamente arraigado à formação e às práticas de sua população. Esse novo tipo de personagem gerou, sem sombra de dúvida, um problema de adaptação, visto que em sua terra de origem esses religiosos ensinavam/praticavam o cristianismo em uma sociedade cristã, com costumes cristãos tradicionais e uma identidade cristã fortemente arraigada. Já entre os Rus', eles se depararam com um ambiente totalmente diferente, onde o cristianismo ainda não constituía a herança cultural desse povo e, dessa forma, deveria ser ensinado/praticado a partir de um nível primário. É como fazer a transferência desses textos para uma mentalidade primitiva, não acostumada com a mensagem. Aqui salta aos olhos o método através do qual a religião foi inserida, paulatinamente, na vida dessa sociedade: igrejas, monastérios e principalmente a educação dos jovens, para transformar a vida desse povo.

---

<sup>118</sup> Christianity came with the tools for the job. Vladimir's envoys are said to have been especially affected by its devotional rituals (visiting St Sophia in Constantinople they 'did not know whether [they] were in heaven or on earth'). It had huge organizational experience and a trained personnel. It Brought with it the technology and skill to transform the public space, with grand masonry churches amid the local wooden dwellings; to transform the visual environment with its devotional images; to transform the verbal environment through exploiting its mastery of writing (an information technology barely known to the Rus at the time) to disseminate its own texts (Tradução nossa).

Nosso estudo dessas estratégias não objetivam, no entanto, definir qual seria a “versão verdadeira” ou “versão autorizada” de nossas fontes. Pretendemos apenas evidenciar as como seus autores pretendiam que elas intervissem em seus respectivos contextos, com o objetivo de educar a população Rus’ a respeito da necessidade do cristianismo e da necessidade de exaltar os responsáveis por sua adoção, visto que eles atribuíam a esse feito uma importância crucial para a consolidação da entidade política na qual eles se situavam.

Voltaremos a esse tema mais adiante após nossas próximas considerações, onde faremos um balanço da construção argumentativa da *Crônica dos tempos passados* e do *Sermão sobre a Lei e a Graça* a respeito de um dos pilares fundamentais da constituição dessa sociedade, qual seja o evento do batismo de Vladimir. Pretendemos observar como nossos dois principais testemunhos organizam o conhecimento histórico de modo a dotá-lo de simbolismo, através do uso de metáforas, a exemplo dos evangelhos, para alçar o príncipe à condição de herói e/ou santo. Ou seja, a produção historiográfica alçando a trajetória daquele povo ao nível escatológico e metafísico da visão de mundo cristã. Também objetivamos compreender como esses documentos, a partir dos testemunhos sobre a vida de Vladimir e sua conversão ao cristianismo, constroem um modelo de conduta a ser seguida pelos príncipes e nobres Rus’ contemporâneos à escrita dessas fontes.

### **3.4 Os testemunhos da *Crônica* e do *Sermão* sobre a história da cristianização dos Rus’.**

Antes de iniciarmos essa discussão, gostaríamos de deixar claro o que entendemos por *Crônica* e o que entendemos por *Sermão* e também *Encômio*, os gêneros textuais de nossos documentos. Uma das definições do gênero *Crônica*, segundo o verbete de mesmo nome do *The Oxford Dictionary of Byzantium*, é a de “trabalhos históricos descrevendo a história do mundo desde a criação [...] ou grandes seções da história passada [...] que em sua maior parte não foram baseadas na observação pessoal do autor” (KAZHDAN, 1991: 443-444).<sup>119</sup> Também notamos um ponto interessante na interpretação medieval sobre o que seria uma *crônica*. Em Bizâncio – modelo cultural para os Rus’ em diversas áreas, inclusive nos gêneros

---

<sup>119</sup> Historical works describing world history from creation [...] or large sections of past history [...] that for the most part were not based on the author’s personal observation (Tradução nossa).

literários – não havia uma separação clara entre o gênero crônica e o gênero história. De acordo com Alexander Kazhdan, Teófanos, o confessor, utilizava os termos *historiographoi e chronographoi* para identificar os historiadores de maneira indistinta (KAZHDAN, 1991: 937). Essa mistura de definições sugere que não havia diferença explícita entre o que seria uma história e o que seria uma crônica nesse contexto. Dessa forma, apesar de existirem as duas definições: *historein*, que significava escrever sobre o passado; e *syngraphein*, que significava escrever sobre eventos contemporâneos, é comum encontrar obras dessa época consideradas do campo história no contexto que fazem uma retomada de eventos antigos e se concentram na narrativa de eventos contemporâneos ao período de vida do autor. De modo semelhante, também é comum encontrar obras chamadas crônicas que abordam a história em um recorte cronológico mais amplo, que normalmente se iniciava com a criação, ou com o dilúvio, ou ainda com outros eventos bíblicos considerados cruciais (KAZHDAN, *ODB*, 1991: 937-938).

Debruçaremos-nos agora sobre a definição de Sermão dada no mesmo dicionário por Robert F. Taft. Para ele, um Sermão ou Homilia é

“um discurso eclesiástico para a instrução, exortação, edificação, comumente no contexto de uma celebração litúrgica, costumeiramente a respeito das leituras recém-lidas. Originalmente o pregador deveria ser um bispo, mas a partir do século IV d.C., esse direito se estendeu aos padres. Posteriormente até mesmo imperadores proferiram eulogias. [...] **A era de ouro dos sermões, durante o século IV d.C., estabeleceu uma tradição de homilias baseadas no conhecimento teológico, das Escrituras e dos artifícios da retórica antiga.** Sermões, que normalmente eram iniciados por uma saudação e terminados com uma doxologia, constituíam diversos tipos padronizados. A maioria era de comentários das Escrituras Sagradas. **Outros eram heortológicos, em alguma festa;** teológicos, a respeito da doutrina; panegíricos, sobre algum santo; **eulogias, ou orações funerárias;** socioéticos, contra o circo, o teatro, orgias, a embriaguez, a avareza, ou a favor do jejum, da oração, da caridade, da modéstia, etc. (TAFT, *ODB*, 1991: 1880-1881).<sup>120</sup>

Utilizando essa definição como base, notamos que o *Sermão* se enquadra no segmento por nele seu autor expor um profundo conhecimento teológico em uma

<sup>120</sup> An ecclesial discourse for instruction, exhortation, edification, commonly in the context of a liturgical service, often commenting on the lections just read. Originally the preacher had to be a bishop, but by the 4th C. the right was extended to priests as well. Later even emperors gave eulogies. [...] The golden age of sermons in the 4th C. established a tradition of homiletics rooted in theological learning, knowledge of the Scriptures, and of the artifices of antique rhetoric. Sermons, which customarily opened with a set greeting and concluded with a doxology, comprised several standard types. The majority were commentaries on sacred Scripture. Others were heortological, on a feast; theological, on a point of doctrine; panegyrics, on a saint; eulogies, or funeral orations; socio-ethical, against the circus, theater, orgies, drunkenness, avarice, or in favor of fasting, prayer, almsgiving, modesty, etc (Tradução nossa. Grifos nossos).



ocasião festiva<sup>121</sup> feita para louvar os feitos do príncipe Vladimir, por ocasião de alguma festa religiosa importante. Temos também a definição de Encômio do mesmo dicionário, elaborada por Elizabeth M. Jeffreys e Alexander Kazhdan:

“Encômio ou panegírico, um discurso de louvor. Os autores dos manuais de retórica antiga identificavam *enkomion* com a epidítica do bem, em geral (assim em Theon na Retórica Grega, [...]), corroborada por Menandro Retor [...], que acreditava que *enkomia* incluía o louvor às cidades, homens, animais, realizações e artes; ele excluía apenas os hinos aos deuses. Como tipos especiais de *enkomia*, Menandro lista o *Basilikos Logos* e, relutantemente, o *Prospionetikos Logos*” (KAZHDAN; JEFFREYS, *ODB*, 1991: 700-701).<sup>122</sup>

Nessas subdivisões, nos interessamos especialmente pela definição de Basilikos Logos, que seria

“uma variedade de encômio endereçada ao imperador em algumas ocasiões notáveis. Menandro Retor [...] definiu as formas e os sentimentos considerados apropriados; os principais pontos eram a origem do imperador, sua aparência física (especialmente sua beleza), educação, hábitos, atos na paz e na guerra, as quatro virtudes (coragem, correção, prudência ou moderação e o bom senso), a filantropia e a boa fortuna (*Tyché*). [...] Eusébio de Cesaréia, em seu panegírico de Constantino I, estabeleceu os princípios da oratória encomiástica ao descrever um imperador ideal em detrimento de elaborar um relato factual” (KAZHDAN; JEFFREYS, *ODB*, 1991: 267).<sup>123</sup>

Identificamos a parte final do Sermão sobre a Lei e a Graça com esse estilo de encômio especialmente, visto que Hilarion se preocupa em louvar os feitos de Vladimir, bem como suas qualidades, seguindo, quase à risca, essa descrição. Ao longo de nossa exposição de seus argumentos, esperamos tornar perceptível a notável realização do metropolitano, que utilizou com extrema perícia os mecanismos discursivos desse gênero textual.

<sup>121</sup> Simon Franklin enumera várias estimativas feitas por historiadores para a data de escrita do Sermão. Entre elas temos duas datas que destacamos. A primeira é a do aniversário da morte de Vladimir, em 15 de julho. Outra data possível é a da festa da Anunciação, quando ela mais se aproximou da Páscoa, em 25 de março de 1049 (FRANKLIN, 1991a: xxi).

<sup>122</sup> Enkomion, or panegyric, a speech of praise. The authors of ancient rhetorical textbook identified *enkomion* with epideictic of the good in general (thus Theon in *RhetGr* [...]), and accordingly Menander Rhetor [...] believed that *enkomia* included praise of cities, men, animals, accomplishments, and arts; he excluded only hymns to the gods. As special types of *enkomia*, Menander lists the Basilikos Logos and, reluctantly, the Prospionetikos Logos.

<sup>123</sup> “Basilikos Logos, a variety of *enkomion* addressed to an emperor on some notable occasion. Menander Rhetor [...] set out the form and the sentiments considered appropriate; the major points were the emperor’s origin, physical appearance (esp. his handsomeness), upbringing, habits, deeds in peace and war, four virtues (courage, righteousness, prudence or moderation and good sense), philanthropy, and good fortune (*Tyché*). [...] Eusebios of Caesarea, in his panegyric of Constantine I, established the principle of encomiastic oratory as depicting the ideal emperor rather than giving a factual account” (Tradução nossa).

Dadas essas breves definições dos gêneros textuais de nossos testemunhos, passamos em seguida para um exame de alguns argumentos desses textos, de forma a perceber a construção de suas interpretações acerca dos principais temas propostos por eles. Ressaltamos que não se trata de uma abordagem exaustiva de sua argumentação, que continua a suscitar novos problemas para os historiadores que se dedicam a entender o processo de constituição dos principados Rus'. No entanto, como justificativa para nosso intento, destacamos exatamente o poder argumentativo dessas obras cuja agenda e principais pontos de referência “continuam reemergindo em narrativas subsequentes” até os dias de hoje, característica sutil percebida por Simon Franklin, (FRANKLIN, 2004: 12).<sup>124</sup>

### **3.4.1 Como Vladimir é caracterizado por nossos documentos no início de seu governo?**

A *Crônica dos Tempos passados* detém as poucas informações que dispomos acerca de traços da personalidade de Vladimir antes de se batizar. A primeira menção a ele se dá quando Sviatoslav, seu pai, deixa a região de Kiev para invadir a Bulgária, nos Bálcãs, deixando a cidade à mercê dos Pechenegues (CROSS, 1968: 85). Pouco depois a *Crônica* contém uma passagem que diz respeito a sua origem, como filho bastardo de Sviatoslav com uma criada de Olga (CROSS, 1968: 87), situação que deixa o príncipe sempre em desvantagem em relação aos seus irmãos no que diz respeito à legitimidade de sua autoridade (CROSS, 1968: 87; 91).<sup>125</sup> Em segundo lugar, temos o que é dito sobre como o príncipe chegou ao poder, após chamar seu irmão Iaropolk para negociar a paz entre eles (após sucessivos conflitos entre os irmãos Iaropolk, Oleg e Vladimir) e corromper um dos súditos de Iaropolk para que ele o levasse até seus domínios, os soldados de Vladimir assassinaram-no (CROSS, 1968: 93).<sup>126</sup>

Para a *Crônica*, assim que assumiu o poder em Kiev, Vladimir se viu forçado a abrir mão do serviço de boa parte dos guerreiros que o ajudaram a vencer seu irmão, Iaropolk. Como já vimos no capítulo anterior<sup>127</sup>, dadas as dificuldades em pagar seus

<sup>124</sup> “Continually re-emerge in subsequent narratives” (Tradução nossa).

<sup>125</sup> Como na já citada passagem de Rogneda, filha do príncipe Rogvolod que negou o pedido de casamento de Vladimir alegando sua origem bastarda: Eu não vou, ela respondeu, retirar as botas de um filho de escravas, todavia eu quero Iaropolk” (Tradução nossa). “‘I will not’, she replied, ‘draw off the boots of a slave’s son, but I want Iaropolk instead’” (CROSS, 1968: 91).

<sup>126</sup> Segundo a *Crônica*, Blud era o traidor de Iaropolk.

<sup>127</sup> Conferir o problema da falta de apoio para o poder de Vladimir no capítulo 2, subcapítulo 2.5.2.

soldados sem sobrecarregar a população da cidade, o príncipe os dispensou e enviou para Constantinopla, para se ver livre de um grupo grande de soldados que causaria problemas se ficasse em seus domínios sem receber o que consideravam justo por butim.

O príncipe os incitou a seguir seu caminho. Ele então selecionou entre ele os homens bons, sábios e bravos e lhes atribuiu cidades, enquanto o resto [deles] partiu para a Cidade do César [Constantinopla] na Grécia. Mas antes deles Vladimir enviou mensageiros portando essa mensagem: “Varângios estão a caminho de seu país. Não mantenha muitos deles em sua cidade, senão eles te causarão tanto dano quanto causaram aqui. Espalhe-os, então, em várias localidades e não deixe que nenhum deles volte por esse caminho (CROSS, 1968: 93).<sup>128</sup>

Essa dispensa dos Varângios e a entrada seguinte, a de que o príncipe instalou ídolos dos principais deuses da região para a adoração evidenciam, para nós, a situação que o(s) cronista(s) queria(m) deixar clara para seus leitores: o príncipe não dispunha de laços locais, nem de um séquito capaz de impor seu poder sobre a região. Nesse trecho, a *Crônica*, deixa a impressão de que Vladimir claudicava no poder, perambulava sem ter uma estratégia coerente para se estabelecer e expandir as suas glórias.

Ela também descreve o príncipe como um homem “insaciável no vício”, quando diz que Vladimir tomou para si a mulher de seu irmão, uma religiosa grega raptada nas expedições de seu pai aos Bálcãs. A *Crônica* descreve suas peripécias, dizendo que o príncipe seduzia mulheres casadas e violava jovens garotas, porque era um libertino tal como Salomão (CROSS, 1968: 94). Temos também sua vontade de expandir sua rede de tributos<sup>129</sup>, mas com cuidado em relação a guerras e campanhas, tal como nos episódios da dispensa dos Varângios, quando, logo após conquistar Kiev, Vladimir despachou seus aliados escandinavos para Constantinopla por não ter como pagá-los e temer uma rebelião em seus domínios (CROSS, 1968: 93). De forma semelhante, temos o momento em que Vladimir decide estabelecer um acordo com os Búlgaros do Volga que, segundo a *Crônica*, haviam sido conquistados por Vladimir, mas eram sofisticados e dotados de materiais (roupas e/ou utensílios) superiores aos de dele e de seu povo

---

<sup>128</sup> “The Prince urged them to go their way. He then selected from their number the good, the wise, and the brave men, to whom he assigned cities, while the rest departed for Tsar’grad in Greece. But in advance of them Vladimir sent couriers bearing this message: ‘Varangians are on their way to your country. Do not keep many of them in your city, or else they will cause you such harm as they have done here. Scatter them therefore in various localities, and do not let a single one return this way’” (Tradução nossa)

<sup>129</sup> O maior sinal de status para um príncipe nesse contexto era estabelecer uma rede tributária ampla. Conferir as campanhas de Vladimir antes do batismo: CROSS, 1968: 91-97.

(CROSS, 1968: 96).<sup>130</sup> Ou seja, no que diz respeito aos assuntos militares, de guerra e de conquista, a *Crônica* descreve um Vladimir prudente, que não age de forma temerária, temendo arriscar sua posição. Some-se a isso seu gosto pelo álcool, caracterizado em sua recusa à religião islâmica já na passagem da “investigação das religiões”, quando o Búlgaro Muçulmano o orienta na doutrina islâmica que instrui o crente a não comer carne de porco e a não beber vinho, quando ele responde que “Beber é a alegria dos Rus” (CROSS, 1968: 97).<sup>131</sup>

Em resumo, temos um Vladimir que carecia de laços com as elites da região de Kiev e também carecia de um séquito grande o suficiente para impor seu poder apenas pela força, enquanto em um nível pessoal era dominado pelos prazeres da carne, da luxúria e da gula. Por outro lado também notamos um príncipe dotado de temperança e dotado de perícia na negociação na guerra. Todos esses dados esparsos vão operar como base para a explicação da transformação santa do príncipe no momento em que ele se converte, pois o(s) Cronista(s) faz(em) uma associação entre seu personagem e o de Salomão. “Porque foi dito que Salomão tinha setecentas esposas e trezentas concubinas. Ele era sábio e, no entanto, no fim ele se arruinou. Mas Vladimir, apesar de inicialmente enganado, eventualmente encontrou a salvação” (CROSS, 1968: 94).<sup>132</sup> Essa referência ao Salomão bíblico objetiva evidenciar sua transformação a partir do batismo. Também temos outro trecho que corrobora nossa percepção da construção do personagem do príncipe pela *Crônica*, a passagem em que o emissário dos Búlgaros do Volga, de fé maometana, admoesta Vladimir a adotar o Islã como religião: “Apesar de você ser um príncipe sábio e prudente, você não tem religião. Adote a nossa fé e reverencie Maomé”

---

<sup>130</sup> Esse receio é claramente exposto na passagem: “Acompanhado por seu tio Dobrynya, Vladimir velejou para atacar os Búlgaros. Ele também levou os Torks por terra, a cavalo, e conquistou os Búlgaros. Dobrynya então comentou com Vladimir: ‘Eu vi os prisioneiros e todos eles usam botas. Eles não vão nos pagar tributo. Ao invés deles, vamos procurar inimigos com sandálias de palha.’ E então Vladimir fez a paz com os Búlgaros e eles a confirmaram por juramento. Os Búlgaros declararam: ‘Que a paz prevaleça entre nós até que as pedras flutuem e a palha afunde.’ E então Vladimir retornou a Kiev. (CROSS, 1968: 96). “Accompanied by his uncle Dobrynya, Vladimir set out by boat to attack the Bulgars. He also brought Torks overland on horseback, and conquered the Bulgars. Dobrynya remarked to Vladimir, ‘I have seen the prisoners, who all wear boots. They will not pay us tribute. Let us rather look for foes with bast shoes’. So Vladimir made peace with the Bulgars, and they confirmed it by oath. The Bulgars declared, ‘May peace prevail between us till stone floats and straw sinks.’ Then Vladimir returned to Kiev (Tradução nossa).

<sup>131</sup> “‘Drinkning,’ said he, ‘is the joy of the Russes. We cannot exist without that pleasure’” (Tradução nossa).

<sup>132</sup> He was insatiable in vice. He even seduced married women and violated Young girls, for he was a libertine like Solomon. For it is said that Solomon had seven hundred wives and three hundred concubines. He was wise, yet in the end he came to ruin. But Vladimir, though first deluded, eventually found salvation (Tradução nossa).

(CROSS, 1968: 96).<sup>133</sup> Ou seja, temos um príncipe que vivia de acordo com os costumes de seus ancestrais – principalmente na lógica do destaque guerreiro, que acumulava tesouros, mas era pródigo ao demonstrar sua riqueza, principalmente através da bebida, do jogo e das mulheres. Esse tópico foi ilustrado por Gurevich em sua obra *As categorias da Cultura Medieval*, onde o autor afirma que “a generosidade era uma qualidade determinante do chefe, não sendo menos importante do que o êxito militar” (GUREVICH, 1990: 257).

Essa lógica é perceptível em seu programa de conquista e imposição de tributo sobre diferentes tribos e povos vizinhos e também a partir das estratégias que o príncipe elabora para seu melhor posicionamento na rede de poder da região.<sup>134</sup> O(s) cronista(s) estabelece(m) um julgamento moral sobre a conduta de Vladimir antes do batismo, também como forma de estabelecer um contraponto entre a conduta aceita como correta para um príncipe pagão e para um príncipe cristão.

Esse cuidado com a delimitação da personalidade de Vladimir antes do batismo merece ainda mais algumas considerações. Encaramos a *Crônica* como um veículo de transmissão de informação muito profícuo em seu contexto, guardados os padrões da época. Escrita para ser lida nos mosteiros e nas cortes dos príncipes Rus', essa obra alcançava grande público a partir de sua leitura coletiva, visto que as cópias eram demasiado onerosas.<sup>135</sup> Dessa forma, expor as fraquezas de Vladimir antes do batismo é uma estratégia que revela o desejo do(s) cronista(s) corrigir os possíveis desvios de conduta de seus leitores ao mesmo tempo em que ensinava-os como deveriam se portar de acordo com os preceitos do cristianismo.

O contorno de continuidade dos costumes em relação aos seus ancestrais e as discrepâncias entre estes e os cristãos não são perceptíveis no *Sermão sobre a Lei e a Graça* do Metropolita Hilarion. O que se ressalta nesse texto é a continuidade da linha de nobreza entre eles, justificando a condição de Vladimir como príncipe único da

---

<sup>133</sup> “Though you are a wise and prudent Prince, you have no religion. Adopt our faith, and revere Mahomet” (Tradução nossa).

<sup>134</sup> Tais como as alianças de casamento, propostas para Rogvolod e para os imperadores Basílio II e Constantino VIII, a imposição do panteão pagão e a imposição do tributo sobre as tribos vizinhas, além da reimposição sobre as tribos conquistadas no período do principado de seu pai, ou anteriormente.

<sup>135</sup> A leitura nesse contexto era mais comum quando em grupo, em eventos importantes, em celebrações religiosas ou em festas. A leitura individual ainda era rara, principalmente dada a raridade dos livros e seu valor elevado. No caso de Bizâncio, talvez um dos lugares onde a leitura ainda era mais difundida na Europa Medieval, pelo menos até o século XII, Talbot e Gamillscheg citam N. Wilson, que estimou que durante os séculos IX e X d.C., um manuscrito médio chegava a custar entre 15 e 20 nomismata, o que equivalia a seis meses do salário de um servidor civil, com os materiais, papiros, pergaminhos e tintas chegando a um terço do valor total. Entre os Rus' o papiro ou o pergaminho provavelmente eram ainda mais caros. (TALBOT; GAMILLSCHEG, *ODB*, 1991: 305).

região e praticamente omitindo a guerra que este empreendeu contra seus irmãos, bem como uma série de outros elementos:

[...] toda terra e toda cidade e toda nação honra e glorifica seu professor que lhes ensinou a fé Ortodoxa. Nós também, dessa forma, louvemos o melhor de nossa força com nossas promessas humildes, aquele cujos feitos foram maravilhosos e grandes, nosso professor e guia, o grande kagan de nossa terra, Vladimir, o neto de Igor, o antigo, e o filho do glorioso Sviatoslav. Quando eles reinaram em seu tempo, seu renome se espalhou por sua coragem e valor; ainda assim eles são lembrados, renomados até hoje por suas vitórias e poder. Porque eles reinaram não sobre alguma terra débil, obscura e desconhecida, mas nessa terra dos Rus', que é conhecida e renomada até nos confins da terra.

(43) E Vladimir, nosso kagan, nascido o glorioso filho desses gloriosos pais, nobre descendente de nobres, cresceu e se fortaleceu para além de sua infância, amadureceu em sua força e poder, cresceu para a maturação da sua virilidade e razão e então se tornou monarca dessa terra; e as terras ao redor ele subjugou; os pacíficos em paz, os rebeldes ele conquistou com a espada. Assim ele viveu em seus dias, e tratou essa terra com justiça, valor e razão (FRANKLIN, 1991a: 17-18).<sup>136</sup>

O que podemos perceber com essa passagem é que o autor do *Sermão* não está preocupado em delimitar os pormenores da sucessão dinástica entre os Rus', tampouco descrever Vladimir como o homem vicioso que percebemos na leitura da *Crônica*. Essa omissão pode ser encarada principalmente como reflexo do próprio gênero textual do texto, um encômio contido dentro de um Sermão, que procura enaltecer as virtudes da pessoa homenageada em detrimento de outras questões. Temos, ao contrário, uma reafirmação da origem nobre de Vladimir enquanto continuador da dinastia de Igor e Sviatoslav, em uma obra elaborada em meados do século XI, quando a imagem histórica do príncipe começava a ser transformada no baluarte identitário e ideológico que se sustentou na “mitologia” do povo Rus', visto que esse é o papel do mito, o de criar uma identidade coletiva.

<sup>136</sup> [...] every land and every city and every nation honors and glorifies its teacher that taught it the Orthodox faith. We too, therefore, let us praise to the best of our strength, with our humble praises, him whose deeds were wondrous and great, our teacher and guide, the great kagan of our land, Volodimer, the grandson of Igor of old, and the son of the glorious Sviatoslav. When these reigned in their time, their renown spread abroad for their courage and valor; and still they are remembered, renowned even now for their victories and might. For they ruled not some feeble, obscure, unknown land, but in this land of Rus', which is known and renowned to the ends of the earth.

(43) And Volodimer, our kagan, born the glorious son of these glorious fathers, noble scion of the noble, grew up and grew strong out of childhood, grew mature in his strength and his might, grew to ripeness of manhood and reason, and so he became monarch of his land; and the lands all around he subdued: the peaceful in peace, the rebellious he quelled with the sword. Thus he lived in his days, and he tended to his land with justice, valor, and reason (Tradução nossa). Nessa passagem, o príncipe Vladimir é referido como Volodimer, um arcaísmo, baseado na pronúncia nórdica de seu nome. Provavelmente já estava em desuso no período de elaboração do sermão. No entanto foi mantida estranhamente, junto ao título de kagan, designação turca para o governante, na composição da obra (FRANKLIN, 1991: xl).

Outro ponto importante nesse trecho do *Sermão* é quando percebemos sua orientação centrada em Kiev em detrimento de outras regiões dos Rus' ao apontar Vladimir subjugando outros territórios inimigos, tal como apresentado no parágrafo 4, onde Hilarion reconhece a existência de estranhos, inimigos e hereges em seu território (FRANKLIN, 1991<sup>a</sup>: 4). É importante ressaltar que este sermão provavelmente foi proferido em uma Igreja frequentada pela corte principesca nas cercanias ao sul da cidade de Kiev, na Igreja dos Santos Apóstolos. Kiev se posicionava como a principal cidade dos Rus', a "mãe de todas as cidades russas" (CROSS, 1968: 54), mas já começava a encontrar resistência de outras regiões, graças ao grande desenvolvimento da atividade comercial e de construção proporcionada pelo fortalecimento dos riurikidas na região. Questionamentos a essa ordem vigente aumentariam em ocorrências e em complexidade a partir da metade do século XI d.C. Dessa forma, tal como conclui Simon Franklin, ser um padre em Berestovo<sup>137</sup> – na Igreja dos Santos Apóstolos – significava ser um padre para o príncipe, sua família e sua corte, visto que Berestovo era uma residência principesca, favorecida por Vladimir e Iaroslav, principalmente (FRANKLIN, 1991a: xviii). Ou seja, o discurso de Hilarion é um discurso com características de um discurso de estado centrado no papel da cidade de Kiev e de seu príncipe como governante de todos os Rus', reproduzindo o ponto de vista dos príncipes de Kiev.

Dessa forma, entendemos que a percepção da nobreza de Vladimir nesse trecho do *Sermão* é corolário da situação de produção desse texto. Segundo Simon Franklin, em sua introdução à tradução para a língua inglesa feita por ele do texto do *Sermão*: as datas mais aceitas pelos historiadores para a produção variam entre 1047 e 1050 (FRANKLIN, 1991a: xxi). Nesse período, o príncipe de Kiev era Iaroslav (1019-1054), filho de Vladimir, que chegou ao poder após uma longa guerra com seus irmãos, depois da qual ele dividiu, até 1036, a autoridade sobre os territórios dos Rus' com Mstislav de Tmutarakan, até sua morte. Após chegar à autoridade única, Iaroslav iniciou um intenso programa de construção de igrejas, fomentou o início de uma incipiente literatura religiosa e jurídica e apoiou a implantação de grandes comunidades monásticas. De acordo com Simon Franklin, a partir de 1040 onde quer que se procure, os espaços em branco – da "Idade das Trevas do cristianismo Rus' – estavam preenchidos" (FRANKLIN, 1992: 158).

---

<sup>137</sup> Residência principesca desde o período de Vladimir (CROSS, 1968: 94).

### 3.4.2 Quais foram as circunstâncias do batismo de acordo com a *Crônica* e o *Sermão*?

Chegamos então ao batismo de Vladimir enquanto evento. Nesse ponto nossos testemunhos propõem duas versões bem diferentes entre si para o desenrolar dos acontecimentos. Como já dissemos, ressaltamos aqui que não estamos fazendo essa sabatina com o intuito de estabelecer qual dos dois se aproxima mais de uma pretensa “versão verdadeira”, se trata apenas de evidenciar quais foram as estratégias de cada um deles para conseguir atingir seus objetivos naquela sociedade, ou seja, a evangelização dos Rus’. Delimitada essa ressalva, vamos aos argumentos.

A respeito da descrição da *Crônica* sobre a campanha de Vladimir contra os Búlgaros, tal como discutimos no tópico anterior, um dado importante merece ser retomado. Vladimir e seu séquito, na figura de seu tio Dobrynya, são descritos com hábeis guerreiros e homens com uma visão política perspicaz. A obra reforça essa percepção logo na próxima entrada, quando, durante o exame das religiões, vários religiosos vêm ter com o príncipe para propor que ele adotasse a religião de cada um, respectivamente. Nesse momento quase sempre há uma afirmação que demonstra que o príncipe não era desprovido de qualidades enquanto governante, no entanto não se encontrava no caminho correto. Tal como a afirmação dos Búlgaros, que já dissemos anteriormente, os germânicos disseram: “Assim diz o papa: ‘Sua terra é como a nossa terra, mas sua fé não é como a nossa’” (CROSS, 1968: 97). Esse estatuto de igualdade de condições com as terras cristãs é uma primeira estratégia da *Crônica* para estabelecer a grandeza do principado Rus’ e mais especialmente, de Vladimir. De forma semelhante, o diálogo do príncipe com os emissários judeus, onde ele percebe o “embuste” da fé judaica<sup>138</sup> demonstra mais uma vez a “inteligência” e “sagacidade” do príncipe, muito embora ele “ainda” fosse pagão. Finalmente, a ampla discussão com o sábio bizantino serve de corolário para que Vladimir entendesse qual era a fé verdadeira e se dispusesse a se batizar, com a iminência do fim do mundo e da vida após a morte, exposta na seguinte passagem:

Enquanto disse isso, ele [o sábio bizantino, após uma ampla exposição dos preceitos básicos do cristianismo] mostrou para Vladimir uma tela na qual foi retratado o Juízo Final do Senhor, apontando, na direita, os justos indo para suas bênçãos no Paraíso e, na esquerda, os pecadores

<sup>138</sup> De maneira muito similar com a elaborada em uma anedota sobre como o kagan Kázaro escolheu a religião judaica, a *Crônica* brinca com as palavras e denigre a imagem do judaísmo a partir de um diálogo semelhante (ZALDUENDO 2003: 33).



em seu caminho para o tormento. Então Vladimir suspirou e disse, “Felizes são aqueles da direita, mas aí daqueles na esquerda!” O sábio respondeu, “Se você quer tomar lugar à direita junto dos justos, então aceite o batismo!” Vladimir guardou esse conselho em seu coração, dizendo “Devo esperar ainda um pouco mais,” porque ele desejava investigar todas as religiões. Vladimir então deu ao sábio muitos presentes e o dispensou com grandes honrarias (CROSS, 1968: 110).<sup>139</sup>

Logo após essa passagem, vemos mais uma vez a tópica do bom conselho, quando o príncipe se reúne com seus vassallos e, em assembleia, pergunta qual religião ele deveria adotar. É importante notar aqui a dimensão da necessidade de adoção de qualquer uma delas para a *Crônica*, visto que em nenhum momento na narrativa dos feitos de Vladimir surge a possibilidade do príncipe ter pensado se deveria mesmo mudar de religião ou não. Desnecessário dizer que, de acordo com a *Crônica*, a preferência do príncipe foi pela exposição do sábio bizantino, visto que essa exposição é a que ocupa a maior parte da narrativa. No entanto, um elemento primordial surge nessa “assembleia”. Essa opinião está expressa na fala dos vassallos de Vladimir: “Você sabe, oh Príncipe, que nenhum homem condena suas próprias possessões, ao contrário, ele as glorifica. Se você deseja fazer o certo, você tem servos à sua disposição. Envie-os para investigar sobre o ritual de cada um e como eles adoram a Deus” (CROSS, 1968: 110).<sup>140</sup>

Tal como já discutimos no capítulo anterior, segue a narrativa da investigação das religiões. Após ouvir o relato dos seus enviados para investigar cada uma dessas religiões, Vladimir convocou novamente a presença dos seus boiardos (seguidores mais próximos) e dos anciões da cidade para discutir que rumo tomar. Nesse momento seus vassallos trouxeram para a discussão o nome da princesa Olga, avó de Vladimir. Ela foi tratada, ainda nas passagens sobre a sua vida na *Crônica*, como uma princesa sábia e bondosa, mas implacável com seus inimigos. Exatamente o tipo de imagem que se construía para Vladimir. Com a adoção do cristianismo por ela, em meados do século IX como exemplo para Vladimir, o(s) cronista(s) conseguiria(m) dialogar então com o princípio da senioridade, quando Vladimir deveria seguir o exemplo de boa conduta

<sup>139</sup> “As he spoke thus, he exhibited to Vladimir a canvas on which was depicted the Judgment Day of the Lord, and showed him, on the right, the righteous going to their bliss in Paradise, and on the left, the sinners on their way to torment. Then Vladimir sighed and said, “Happy are they upon the right, but woe to those upon the left!” The scholar replied, “If you desire to take your place upon the right with the just, then accept baptism!” Vladimir took this counsel to heart, saying, “I shall wait yet a little longer,” for he wished to inquire about all the faiths. Vladimir then gave the scholar many gifts, and dismissed him with great honor” (Tradução nossa).

<sup>140</sup> “You know, oh Prince, that no man condemns his own possessions, but praises them instead. If you desire to make certain, you have servants at your disposal. Send them to inquire about the ritual of each and how he worships God” (Tradução nossa).

oriundo de sua própria família, bem como perceber que aquela era a decisão correta a tomar visto que sua avó aceitou essa religião: “Então os boiardos tomaram a palavra e disseram: ‘Se a fé Grega fosse ruim, não seria adotada por sua avó Olga, que era mais sábia que todos os outros homens’” (CROSS, 1968: 111).<sup>141</sup>

Já discutimos as principais interpretações dos historiadores sobre como se deu o batismo de Vladimir em momentos anteriores, por isso vamos nos ater em como a *Crônica* desenvolve a necessidade do batismo para Vladimir. Após conquistar a cidade de Kherson, na península da Criméia, Vladimir entrou em negociações com os imperadores bizantinos, Basílio II e Constantino VIII, com o objetivo de conseguir uma aliança de casamento com Bizâncio. Percebemos nesse relato da *Crônica* que seu(s) autore(s) objetiva(m) dotar Vladimir de potência e capacidade de decisão. Demonstrar que ele saiu do “caminho ruim” do paganismo para o “caminho correto” do cristianismo por suas próprias capacidades é fundamental para ressaltar a mudança de vida do príncipe, renunciada na comparação que se estabeleceu entre ele e Salomão, que já discutimos anteriormente:

Vejam, eu capturei sua gloriosa cidade [Kherson]. Também ouvi dizer que vocês tem uma irmã solteira. A não ser que vocês a deem a mim como esposa, farei com sua própria cidade [Constantinopla] como eu fiz com Kherson. **Quando os imperadores ouviram essa mensagem eles estavam com problemas** e responderam, “Não é bom para cristãos se casar com pagãos. Se você for batizado, você a terá como esposa, herdará o reino de Deus e será nosso companheiro na fé. A não ser que você faça isso, todavia, não podemos dar nossa irmã a você em casamento (CROSS, 1968: 122).<sup>142</sup>

Possivelmente o(s) autor(es) da *Crônica* não sabia(m) ao certo qual era a situação dos imperadores bizantinos no momento dessa negociação. Mas a já discutida guerra civil que dividia o império teve como reflexo a ampliação da margem de negociação de Vladimir em relação a Bizâncio. O que era importante ressaltar para o(s) cronista(s) era exatamente isso: o príncipe dispunha de meios eficazes para fazer frente ao Império Bizantino em uma negociação e conseguir o que queria. Vemos em seguida uma passagem onde novamente se destaca a forte impressão que os Rus’ deveriam despertar em Bizâncio e se percebe pela primeira vez como os bizantinos enxergavam o

<sup>141</sup> “Then the boyars spoke and said, ‘If the Greek faith were evil, it would not have been adopted by your grandmother Olga who was wiser than all other men’” (Tradução nossa).

<sup>142</sup> “Behold, I have captured your glorious city. I have also heard that you have an unwedded sister. Unless you give her to me to wife, I shall deal with your own city as I have with Kherson.” When the Emperors heard this message they were troubled, and replied, “It is not meet for Christians to give in marriage to pagans. If you are baptized, you shall have her to wife, inherit the kingdom of God, and be our companion in the faith. Unless you do so, however, we cannot give you our sister in marriage” (Tradução nossa, grifo nosso e adição entre colchetes nossa).

que poderia se consolidar com a cristianização dos Rus'. Nesse trecho os imperadores admoestam sua irmã, Ana Porfirogênita, a aceitar o casamento com Vladimir para converter os Rus'.

“Através dos seus [de Ana Porfirogênita] atos Deus converte a terra dos Rus' ao arrependimento e você vai liberar a Grécia do perigo de uma dolorosa guerra. Você não vê quanto dano os Rus' já trouxeram sobre os Gregos? Se você não for, eles podem trazer esses mesmos infortúnios até nós” (CROSS, 1968: 113).<sup>143</sup>

A próxima passagem demonstra mais uma vez como o(s) cronista(s) se esforçou (esforçaram) para demonstrar que Vladimir não estava em boas condições enquanto pagão e o quanto o batismo seria/foi importante para a vida do príncipe como um todo. A doença funciona como uma alegoria de um momento de ruptura necessária para que o reinado do príncipe pudesse atingir seu ápice:

Por ação divina, Vladimir sofria, naquela época, de uma doença nos olhos e não podia enxergar nada, estando em grande sofrimento. A princesa declarou a ele que se ele desejava se livrar dessa doença, ele deveria ser batizado o mais rápido possível, do contrário ele não seria curado. Quando Vladimir ouviu a mensagem da princesa ele disse: ‘Se isso se provar verdadeiro, então com certeza o Deus dos Cristãos é grandioso’, e deu ordens de que ele deveria ser batizado. O bispo de Kherson, juntamente aos padres da princesa, após anunciar os informes, batizou Vladimir, e enquanto o bispo pousava sua mão sobre ele, o príncipe imediatamente recuperou sua visão. Ao experimentar essa cura miraculosa, Vladimir glorificou a Deus, dizendo ‘Agora eu percebi o Deus único verdadeiro.’ Quando seus seguidores testemunharam esse milagre, muitos também foram batizados (CROSS, 1968: 113).<sup>144</sup>

Esse milagre, de veras inverossímil visto que nenhum outro testemunho sobre o batismo de Vladimir sequer suponha alguma enfermidade do príncipe, serve como reforço para a necessidade do batismo. Por outro lado ele também opera como forma de justificar o papel catequético da princesa Ana enquanto modelo de natureza moral, que encarnou aqui o papel da boa esposa presente na digressão elaborada anteriormente pelo(s) autor(es) (CROSS, 1968: 94-95).

<sup>143</sup> Through your agency God turns the land of Rus' into repentance, and you will relieve Greece from the danger of grievous war. Do you not see how much harm the Russes have already brought upon the Greeks? If you do not set out, they may bring on us the same misfortunes” (Tradução nossa).

<sup>144</sup> “By divine agency, Vladimir was suffering at that moment from a disease of the eyes, and could see nothing, being in great distress. The princess declared to him that If he desired to be relieved of this disease, he should be baptized with all speed, otherwise it could not be cured. When Vladimir heard her message, he said, ‘If this proves true, then of a surety is the God of the Christians great,’ and gave order that he should be baptized. The Bishop of Kherson, together with the Princess’s priests, after announcing the tidings, baptized Vladimir, and as the Bishop laid his hand upon him, he straightway received his sight. Upon experiencing this miraculous cure, Vladimir glorified God, saying, ‘I have now perceived the one true God.’ When his followers beheld this miracle, many of them were also baptized” (CROSS, 1968: 113).

Depois desse milagre, chegamos às admoestações dos religiosos presentes ao evento. Estas são carregadas de reafirmações da doutrina cristã ortodoxa do período de escrita da *Crônica*. Nesse trecho, vemos a reafirmação dos principais dogmas cristãos, começando pela definição da Santíssima Trindade. O(s) autor(es) se preocupa(m) em elaborar uma fórmula cristológica coerente para o discurso dos religiosos em um momento propício para esse tipo de argumentação. Tratava-se de um período especialmente turbulento para o cristianismo. Após o cisma entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Bizantina, em 1054 d.C., polêmicas relativas aos dogmas do cristianismo que surgiram desde pelo menos o século IV d.C., tornaram as duas liturgias praticamente irreconciliáveis. O auge desse desgaste se deu quando o papado começou a aceitar publicamente o uso da partícula “*filioque*”<sup>145</sup> no credo cristão, durante o século IX d.C. Essa partícula foi adicionada ao credo desde o século VI d.C., em algumas regiões da Europa ocidental, mas ganhou maior aceitação entre o clero franco, que posteriormente pressionou o papado a aceitar a inserção dessa partícula no credo oficial de Roma.

Após Vladimir ser batizado, os sacerdotes lhe ensinaram os dogmas da fé Cristã, instando-o a evitar os enganos dos hereges ao aderir aos seguintes credos:

Eu acredito em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra; e também: Eu acredito em um Deus Pai, não concebido, e no único filho, que foi gerado, e no único Espírito Santo, que emana dali: três Pessoas completas e distintas, divisíveis em número e personalidade mas indivisíveis em divindade; porque eles são separados sem distinção e unidos sem confusão. Deus o Pai Eterno, habita na Paternidade, não concebido, sem início, ele mesmo o início e a causa de todas as coisas. Porque ele não foi gerado, ele é mais velho que o Filho e o Espírito. Dele o filho foi gerado antes de todos os mundos e dele o Espírito Santo emana intemporalmente e incorporeamente. Ele é simultaneamente Pai, Filho e Espírito Santo. O Filho, sendo como o Pai, é indistinto do Pai e do Espírito no qual nasceu. O Espírito é Santo, tal como o Pai e o Filho, e é eterno. O Pai possui a Paternidade, o Filho a Filiação e o Espírito Santo a Emissão. Porque o Pai não se transforma no Filho ou no Espírito, nem o Filho se transforma no Pai e no Espírito, nem o Espírito no Filho e no Pai, visto que suas características são invariáveis. Não três Deuses, mas sim um Deus, já que existe apenas uma divindade em três Pessoas (CROSS, 1968: 113).<sup>146</sup>

<sup>145</sup> “Palavra latina que significa ‘e do Filho’, adicionada no ocidente ao credo Niceno-Constantinopolitano em um concílio em Toledo em 589 d.C. Visava afirmar que o Espírito Santo era proveniente não apenas ‘do Pai’, mas também ‘do Filho’” (MEYENDORFF, *ODB*, 1991: 785-786).

<sup>146</sup> “After Vladimir was baptized, the priests explained to him the tenets of the Christian faith, urging him to avoid the deceit of heretics by adhering to the following creeds:

I believe in God, the Father Almighty, Maker of Heaven and Earth. And also: I believe in one God the Father, who is unborn, and in the only Son, who is born, and in one Holy Ghost emanating therefrom:

Tal como já dissemos, temos aí uma reafirmação de princípios contidos no credo Niceno-Constantinopolitano, que em sua formulação clássica se lê:

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos Deus de Deus, Luz da luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, da mesma substância do Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas. E, por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus: Se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, conforme as Escrituras; E subiu aos céus, onde está assentado à direita de Deus Pai. Donde há de vir, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o Seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele falou pelos profetas. Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica Confesso um só batismo para remissão dos pecados. Espero a ressurreição dos mortos; E a vida do mundo vindouro. Amém (CATECISMO, 2005: 185).

Essa formulação, elaborada entre os séculos IV e V é a que ainda desfruta de aceitação ampla entre as duas grandes vertentes do cristianismo, a grega e a latina. Durante o período de escrita da *Crônica*, a religião cristã vivia momentos turbulentos na discussão do dogma. O ocidente apontava para novos rumos na interpretação da relação entre as pessoas da Santíssima Trindade e o(s) autor(es) faz(em) questão de promover essa discussão na catequese do príncipe. Mais adiante há prosseguimento nessa tomada de posição:

Na consequência do desejo do Pai e do Espírito de salvar sua criação, ele veio do seio do Pai, no entanto sem sair dele, para o ventre puro da Virgem, como a semente de Deus. Entrando nela ele se fez carne, animada, vocal e pensante, de uma forma que não existia previamente, veio como Deus encarnado e nasceu inefavelmente, enquanto sua Mãe preservou sua virgindade imaculada. Sem sofrer combinação, ou confusão, ou alteração, ele permaneceu como era, se tornou o que não era, e assumiu o aspecto de um escravo na verdade, não em aparência,

---

three complete and thinking Persons, divisible in number and personality, but not in divinity; for they are separated without distinction and united without confusion. God the Father Everlasting, abides in Fatherhood, unbegotten, without beginning, himself the beginning and the cause of all things. Because he is unbegotten, he is older than the Son and the Spirit. From him the Son was born before all worlds, and from him the Holy Ghost emanates intemporally and incorporeally. He is simultaneously Father, Son, and Holy Ghost.

The Son, being like the Father, is distinguished from the Father and the Spirit in that he was born. The Spirit is Holy, like to the Father and the Son, and is everlasting. The Father possesses Fatherhood, the Son Sonship, and the Holy Ghost Emanation. For the Father is not transformed into the Son or the Spirit, nor the Son to the Father and the Spirit, nor the Spirit to the Son and the Father, since their attributes are invariable. Not three Gods, but one God, since there is one divinity in three Persons” (Tradução nossa).

sendo similar a nós em todos os aspectos exceto no pecado (CROSS, 1968: 113-114).<sup>147</sup>

Aqui notamos a aproximação da discussão com o dogma da Imaculada Conceição de Maria, ponto importante para a afirmação dos preceitos cristãos discutidos nos concílios. Precisamos ressaltar nesse ponto que, tal como a anedota da “Investigação das religiões” sugere, várias denominações religiosas se faziam presentes no contexto da adoção do cristianismo por Vladimir e esse quadro não deve ter se transformado radicalmente durante o século que separa o batismo do príncipe da finalização da primeira versão da *Crônica*. Dessa forma, consideramos essa reafirmação dos dogmas uma atividade fundamental para o(s) autor(es) que visava(m) estabelecer uma posição oficial acerca dos principais pontos da catequese cristã, para que os leitores/ouvintes pudessem se inteirar, ainda que indiretamente, sobre essas discussões.

Finalizando essa releitura do credo, o texto afirma:

Voluntariamente ele nasceu, voluntariamente ele passou necessidades, voluntariamente ele teve sede, voluntariamente ele suportou, voluntariamente ele temeu, voluntariamente ele morreu na verdade e não na aparência. Todas essas coisas foram sofrimentos humanos genuínos e incontestáveis. Ele deu a si mesmo para ser crucificado. Apesar de imortal, ele experimentou a morte. Ele surgiu em carne sem conhecer a corrupção; ele ascendeu aos Céus e tomou assento à mão direita do Pai. E tal como ele ascendeu em glória e em corpo assim ele descera novamente.

Além disso, eu reconheço o único Batismo na água e no Espírito Santo, me aproximo dos Santos Mistérios, eu acredito no Corpo e Sangue Verdadeiros. Eu aceito as tradições da Igreja e venero as imagens sacras. Reverencio a Árvore Sagrada e toda Cruz, as relíquias sagradas e os objetos sagrados (CROSS, 1968: 114).<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> In consequence of the desire of the Father and the Spirit to save his creation, he went out of the bosom of the Father, yet without leaving it, to the pure womb of a Virgin, as the seed of God. Entering into her he took on animated, vocal, and thinking flesh which had not previously existed, came forth God incarnate, and was ineffably born, while his Mother preserved her virginity immaculate. Suffering neither combination, nor confusion, nor alteration, he remained as he was, became what he was not, and assumed the aspect of a slave in truth, not in semblance, being similar to us in every respect except in sin (Tradução nossa).

<sup>148</sup> Voluntarily he was born, voluntarily he suffered want, voluntarily he thirsted, voluntarily he endured, voluntarily he feared, voluntarily he died in truth and not in semblance. All these were genuine and unimpeachable human sufferings. He gave himself up to be crucified. Though immortal, he tasted death. He arose in the flesh without knowing corruption; he ascended into Heaven, and sat upon the right hand of the Father. And as he ascended in glory and in the flesh so shall he descend once more. Moreover, I acknowledge one Baptism of water and the Spirit, I approach the Holy Mysteries, I believe in the True Body and Blood, I accept the traditions of the Church, and I venerate the sacred images. I revere the Holy Tree and every Cross, the sacred relics, and the sacred vessels. (Tradução nossa). Nessa passagem, a referência à árvore sagrada remete à árvore de Jessé, imagem metafórica da genealogia de Cristo, principalmente na linha de sua mãe, remetendo até a Jessé, pai de Davi (CARR, *ODB*, 1991: 2113).

Mais uma vez tocando em pontos nevrálgicos do rito e dos dogmas cristãos, o(s) cronista(s) retoma(m) a polêmica dos símbolos do cristianismo, que foi levada às últimas consequências no movimento conhecido como Iconoclasmo.<sup>149</sup> Há ainda um resumo sobre as principais decisões dos sete Concílios considerados ecumênicos pela Igreja Católica Apostólica Romana e pela Igreja Ortodoxa Bizantina. Nessa descrição, há um esforço para sintetizar as principais definições acerca da profissão de fé cristã:

Acredite também, eles disseram, nos sete concílios da Igreja: o primeiro em Nicéia, que compreendeu trezentos e oitenta Padres, que amaldiçoou Ário e proclamou a fé ortodoxa e imaculada; o segundo em Constantinopla, com a presença de cento e cinquenta Padres, que anatematizou Macedônio (que negou o Espírito Santo), e proclamou a unidade da Trindade; o terceiro em Éfeso, compreendendo duzentos Padres, contra Nestório, amaldiçoado por eles, enquanto também proclamaram a dignidade da Mãe de Deus; o quarto concílio de seiscentos e trinta padres que teve lugar em Calcedônia, para condenar Eutiques e Dióscorus, amaldiçoados pelos padres depois de terem proclamado o Deus perfeito e o Homem Perfeito, nosso senhor Jesus Cristo; o quinto concílio de cento e sessenta e cinco Padres, que teve lugar em Constantinopla, dirigido contra os ensinamentos de Orígenes e Evágrio, anatematizados pelos Padres; o sexto concílio de cento e setenta Santos Padres, do mesmo modo realizado em Constantinopla, que condenou Sérgio e Ciro, amaldiçoados pelos Santos Padres; e o sétimo concílio, que compreendeu trezentos e cinquenta Santos Padres, teve lugar em Nicéia e amaldiçoou aqueles que não veneram imagens (CROSS, 1968: 114-115).<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> Movimento religioso dos séculos VIII e IX que negava a santidade de ícones e rejeitava sua veneração. Os iconoclastas diziam que a veneração de ícones era diabólica e que a única forma de vislumbrar o Cristo era através da eucaristia. Ademais, diziam que uma imagem em ícone de Cristo – que como Deus é incircunscritível – ameaçava separar as naturezas humana e divina, plenamente realizadas nele, segundo as definições conciliares. Os iconoclastas aceitavam apenas a Eucaristia, a igreja, e o sinal da cruz como completamente sagrados, porque apenas esses objetos foram consagrados por Deus diretamente ou através de padres e eram, assim, capazes de colocar humanos em contato com o divino, enquanto ícones e relíquias eram ilegítimamente consagrados, por baixo, pela veneração popular. Enquanto isso, durante o movimento, os iconófilos formularam uma teoria segundo a qual os ícones eram veículos eficazes para o contato com o referido no ícone, no âmbito do sagrado (HOLLINGSWORTH; CUTLER, *ODB*, 1991: 975-976).

<sup>150</sup> Believe also, they said, in the seven councils of the Church: the first at Nicaea, comprising, three hundred and eighteen Fathers, who cursed Arius and proclaimed the immaculate and orthodox faith; the second at Constantinople, attended by one hundred and fifty Fathers, who anathematized Macedonius (who denied the Holy Spirit), and proclaimed the oneness of the Trinity; the third at Ephesus, comprising two hundred Fathers, against Nestorius, whom they cursed, while they also proclaimed the dignity of the Mother of God; the fourth council of six hundred and thirty Fathers held at Chalcedon, to condemn Eutyches and Dioscorus, whom the Holy Fathers cursed after they had proclaimed the Perfect God and the Perfect Man, our Lord Jesus Christ; the fifth council of one hundred and sixty-five Fathers, held at Constantinople, which was directed against the teachings of Origen and Evagrius, whom the Fathers anathematized: the sixth council of one hundred and seventy Holy Fathers, likewise held at Constantinople, which condemned Sergius and Cyrus, whom the Holy Fathers cursed; and the seventh council, comprising three hundred and fifty Holy Fathers, which was held at Nicaea, and cursed those who do not venerate images.

O esforço pedagógico desse resumo dos concílios é notável também em seu poder de síntese. A atividade evangelizadora que se seguiu ao batismo provavelmente teve diversos revezes e incluir esse apanhado das decisões conciliares é providencial nesse contexto. Essa insistência na afirmação dos principais tópicos da fé considerada verdadeira aos olhos da Igreja só pode sugerir, para os historiadores, evidências de desvios nessa conduta. E é exatamente nesse sentido que aponta a próxima admoestação à Vladimir presente na *Crônica*:

Não aceite os ensinamentos dos latinos, cuja instrução é viciosa. Porque quando eles entram na igreja eles não se ajoelham diante das imagens, mas eles ficam de pé antes de se ajoelhar e quando se ajoelham, traçam uma cruz sobre o chão e a beijam, mas ficam sobre ela quando se levantam. Assim, quando estão prostrados eles a beijam, e quando se levantam a pisoteiam. Essa não é a tradição dos Apóstolos. Porque os Apóstolos prescreveram o beijo a uma cruz em posição vertical e também prescreveram o uso de imagens. Porque o Evangelista Lucas pintou a primeira imagem e a enviou a Roma. Como Basílio disse, a honra rendida à imagem remonta ao seu original. Além do mais eles chamam a terra de mãe. Se a terra é a mãe deles, então o céu é seu pai, porque no início Deus fez o céu e a terra. Ainda assim eles dizem “Pai nosso que estais no Céu.” Se, de acordo com o entendimento deles, a terra é sua mãe, porque eles cospem sobre sua mãe e poluem quem eles consideram? [...] Após o sétimo concílio, Pedro, o Gago<sup>151</sup> veio com outros a Roma e corrompeu a fé, tomando a Santa Sé. Ele a separou das Sés de Jerusalém, Alexandria, Constantinopla e Antioquia. Seus partidários causaram distúrbios por toda Itália, disseminando seus ensinamentos em vários termos. Porque alguns desses padres que conduzem os serviços são casados com uma esposa, enquanto outros são casados com sete. Evite essa doutrina; porque eles absolvem pecados por pagamentos em dinheiro, o que é o pior abuso de todos. Deus o guarde desse mal, ó Príncipe! (CROSS, 1968: 115-116).<sup>152</sup>

Essas diversas críticas retomam a polêmica entre as igrejas do oriente e do ocidente europeu que remontava a séculos de querelas religiosas. A referência ao tipo de prostração comum aos eclesiásticos ocidentais, bem como sua posição corrente em relação ao celibato remontam a diversos choques entre as interpretações de Roma e de

<sup>151</sup> O(s) cronista(s) confunde(m) o período de vida de Pedro o Gago, patriarca monofisita de Alexandria, que viveu no século IV. Para a *Crônica*, a questão do “filioque” seria uma reminiscência monofisita praticada pela igreja latina (PAPADAKIS, *ODB*, 1991: 1638).

<sup>152</sup> Do not accept the teachings of the Latins, whose instruction is vicious. For when they enter the church, they do not kneel before the images, but they stand upright before kneeling, and when they have knelt, they trace a cross upon the ground and then kiss it, but they stand upon it when they arise. Thus while prostrate they kiss it, and yet upon arising they trample it underfoot. Such is not the tradition of the Apostles. For the Apostles prescribed the kissing of an upright cross, and also prescribed the use of images. For the Evangelist Luke painted the first image and sent it to Rome. As Basil has said, the honor rendered to the image redounds to its original. Furthermore, they call the earth their mother. If the earth is their mother, then heaven is their father, for in the beginning God made heaven and earth. Yet they say, “Our Father which art in Heaven.” If, according to their understanding, the earth is their mother, why do they spit upon their mother, and pollute her whom they caress? (Tradução nossa).



Constantinopla. Desde o Iconoclasmo, passando pelo Patriarca Fócio de Constantinopla (858-867, 877-896), vários desses pontos enfatizados pelo(s) cronista(s) são citados pelos bizantinos como desvios da conduta dos latinos na fé cristã. Em carta elaborada durante sua primeira passagem pelo patriarcado de Constantinopla, endereçada aos patriarcas orientais no exílio<sup>153</sup>, Fócio condena os ocidentais por várias práticas elencadas aqui, tais como o celibato, “Eles [...] detestam os sacerdotes legitimamente casados, eles que praticam a fornicação” (GRUMEL, 1967), e principalmente a já citada questão do *filioque*, “Quanto à blasfêmia contra o Espírito Santo, ela merece por si só mil anátemas” (GRUMEL, 1967), entre outras questões. O inovador no conteúdo dessas críticas na *Crônica* em relação às críticas do período de Fócio é a inclusão das indulgências<sup>154</sup>, prática comum entre alguns grupos religiosos ocidentais, usada como pagamento para pecados confessados para que os fiéis pudessem obter a absolvição completa (HERBERMAN, Enciclopédia Católica, 1912: Indulgências)

A respeito dessas passagens, podemos concluir que elas são como um detalhamento da religião escolhida pelo príncipe, como uma afirmação de um contrato, onde se declara qual é a obrigação das partes envolvidas. Nesse trecho, na voz dos religiosos que batizaram Vladimir, o(s) cronista(s) expõe(m) toda uma construção histórica do cristianismo ortodoxo bizantino, delimitando boa parte de seus posicionamentos por oposição às doutrinas da igreja católica.

Ressaltamos essa nossa percepção como forma de justificar nossa opção por considerar esses trechos parte fundamental no que chamamos de “caráter pedagógico” da *Crônica*. Embora ela não constitua em si um *Basilikos logos*, nem propriamente um *Enkomion*, contém elementos destes estilos e, de certa forma, contém elementos do que se convencionou chamar de “espelhos de príncipes”<sup>155</sup> pela historiografia. Esses elementos são coordenados através das ações de Vladimir e em como ele forjou essa nova aliança entre o poder do príncipe Rus’ e a religião cristã. Nesses trechos, vemos

<sup>153</sup> Com as invasões árabes, as sedes patriarcais de Jerusalém, Antioquia e Alexandria passaram a contar com patriarcas no exílio, para os grupos religiosos que ainda se filiavam à tradição da ortodoxia. Grupos como os que desenvolveram o Cristianismo Siríaco ou o Copta romperam com a organização eclesiástica capitaneada por Roma e Constantinopla.

<sup>154</sup> De forma muito diferente das normalmente utilizadas para acusação das práticas da Igreja Católica durante o período Medieval a respeito da concessão de indulgências, notamos que ainda persistem concessões desse tipo nos dias de hoje. Como exemplo, podemos citar a concessão de indulgência concedida pela igreja aos participantes de grandes peregrinações, tais como a jornada mundial da juventude ou ainda em ocasião de jubileus de santos em diversos lugares do mundo.

<sup>155</sup> Um tipo de texto onde deveriam se destacar características dos governantes tais como sólidos princípios morais, virtudes Cristãs e uma filantropia digna de um santo, além de origem nobre e heroísmo militar (JEFFREYS, KAZHDAN, *ODB*, 1991: 1380).

uma exposição concisa e muito poderosa, dos fundamentos da religião, com o objetivo de reforçar os vínculos da aliança entre o príncipe e a igreja, como se o religioso estivesse reafirmando ao príncipe qual fé ele deveria propagar, e qual religião ele deveria incentivar, rejeitando as outras formas do cristianismo, consideradas heréticas. Salientamos ainda o impressionante poder argumentativo da *Crônica*, visto que essa forma de estabelecer a aliança entre o poder político do príncipe e a religião cristã continua a nortear as principais interpretações a respeito desse desdobramento da história dos Rus' nos estudos acadêmicos. Ou seja, são modelos de como se comporta a Paideia cristã na formação da Rússia medieval.

Continuando nossa investigação da construção argumentativa da *Crônica* sobre a conduta de Vladimir nos eventos de seu batismo, notamos que após o mesmo, o príncipe levou consigo um grande número de sacerdotes de Kherson para Kiev, além de objetos sacros e imagens religiosas. Além de devolver a cidade para os Gregos, como uma forma de presente de casamento para a princesa Ana (CROSS, 1968: 116). Ao chegar à cidade, ele começou logo a desfazer a organização do culto pagão que ele mesmo instituiu anos antes:

Quando o príncipe chegou a sua capital ele ordenou que os ídolos fossem derrubados e que alguns fossem cortados em pedaços, enquanto outros fossem queimados. Então ele ordenou que Perun deveria ser amarrado ao rabo de um cavalo e arrastado até o [caminho de] Borichev até o riacho. Ele escolheu doze homens para bater no ídolo com bastões, não porque ele pensava que a madeira era sensível, mas para afrontar o demônio que enganou os homens nesse disfarce, para que ele pudesse receber castigo nas mãos dos homens (CROSS, 1968: 116).<sup>156</sup>

Essa ruptura com o paganismo é demonstrada de maneira ainda mais incisiva, quando o(s) cronista(s) afirma(m) que os “incrédulos choraram por isso, porque ainda não receberam o batismo” (CROSS, 1968: 116)<sup>157</sup>. Mais uma vez a perspectiva da realização por vir do texto da *Crônica* salta aos olhos como se fosse absurdo que as benesses oriundas do batismo ainda não pudessem ser percebidas da mesma forma por todos os habitantes de Kiev. Em nossa leitura desse trecho, ressaltamos a necessidade do(s) autor(es) de romper com os símbolos do passado de forma ampla e pública, desde o que deveria ser feito com os símbolos pagãos até a forma como deveria ser feito.

<sup>156</sup> When the Prince arrived at his capital, He directed that the idols should be overthrown, and that some should be cut to pieces and others burned with fire. He thus ordered that Perun should be bound to a horse's tail and dragged down Borichev to the stream. He appointed twelve men to beat the idol with stick, not because he thought the wood was sensitive, but to affront the demon who had deceived man in this guise, that he might receive chastisement at the hands of men (Tradução nossa).

<sup>157</sup> The unbelievers wept over it, for they had not yet received holy baptism (Tradução nossa).

Notamos aqui a substituição de uma crença por uma outra crença através desse interessantíssimo jogo de imagens. Bater no ídolo de Perun com bastões para afrontar o demônio que enganava os homens surge como uma atitude de um príncipe que conheceu a verdade e saiu da ilusão da idolatria, postura semelhante à salientada por Hilarion no *Sermão*. Da mesma forma, arrastar o ídolo de Perun para a água e deixar que a correnteza o levasse desponta como um ato de enorme importância simbólica, onde o(s) autor(es) reforçam o caráter de ruptura com a velha interpretação do mundo, que foi levada pelas águas na metáfora implícita.

Novamente notamos a potência do discurso da *Crônica* quando lemos a passagem seguinte a essa. Nela, vemos o caráter impositivo da adoção do cristianismo para todos os habitantes de Kiev. No entanto, apesar de toda a violência que essa ruptura poderia imprimir sobre a população da cidade, vemos que esse documento reitera sua interpretação dos acontecimentos, com a (inverossímil) aceitação plena do batismo por eles:

Depois disso Vladimir enviou mensageiros por toda a cidade para proclamar que se qualquer habitante, rico ou pobre, não se abalasse até o rio, iria correr o risco de causar o descontentamento do príncipe. Quando o povo ouviu estas palavras, eles choraram de alegria e exclamaram em seu entusiasmo, "Se isso não fosse bom, o príncipe e seus boiardos não o teriam aceitado." Na manhã seguinte, o príncipe foi ao Dnieper com os padres da princesa e aqueles de Kherson e uma multidão incontável se reuniu. Eles todos foram à água: alguns com água até o pescoço, outros até o peito, os mais jovens próximos à barragem, alguns deles segurando crianças em seus braços, enquanto os adultos patinhavam distantes. Os padres se postaram diante deles e ofereceram preces. Havia alegria no céu, e sobre a terra por observar tantas almas salvas. Mas o demônio gemeu, lamentando: "Que infortúnio para mim! Como sou expulso assim? Pensei que esta era minha morada, desde que os ensinamentos apostólicos não chegavam a esta terra. Esse povo nem conhecia a Deus, mas eu me alegrei pelos serviços que eles prestavam a mim. Mas agora eu sou vencido pelos ignorantes, e não por apóstolos e mártires, e meu reino nessas regiões está no fim" (CROSS, 1968:116-117).<sup>158</sup>

---

<sup>158</sup> Thereafter Vladimir sent heralds throughout the whole city to proclaim that if any inhabitant, rich or poor, did not betake himself to the river, he would risk the prince's displeasure. When the people heard these words, they wept for joy, and exclaimed in their enthusiasm, "If this were not good, the prince and his boyars would not have accepted it." On the morrow the prince went forth to the Dnepr with the priests of the Princess and those from Kherson, and a countless multitude assembled. They all went into the water: some stood up to their necks, others to their breasts, the younger near the bank, some of them holding children in their arms, while the adults waded farther out. The priests stood by and offered prayers. There was joy in heaven and upon earth to behold so many souls saved. But the devil groaned, lamenting: "Woe is me! how am I driven out hence! For I thought to have my dwelling place here, since the apostolic teachings do not abide in this land. Nor did this people know God, but I rejoiced in the service they rendered unto me. But now I am vanquished by the ignorant, not by apostles and martyrs, and my reign in these regions is at an end" (Tradução nossa).

Aqui temos o reforço e a concordância com a autoridade do príncipe expostos de maneira profunda. Quando o mensageiro de Vladimir impõe sua ameaça e a população responde de acordo, percebemos aqui a aceitação da aliança entre a igreja e o principado reforçada. Essa aceitação é a base da formação da cultura política dos Rus' e é notável ver sua reafirmação em um momento distante, mas com similaridades impressionantes. Devemos ressaltar que quando a Crônica foi finalizada (1116, circa), outro príncipe chamado Vladimir começava a reinar em Kiev. Vladimir Monômaco<sup>159</sup> (1113-1125) desfrutava de muito prestígio junto à população local e principalmente junto aos religiosos da região.<sup>160</sup> Lemos nessa passagem o sentido de reafirmar esse compromisso entre a igreja e o principado nesse novo contexto, onde esse texto quer demonstrar a aceitação desse novo príncipe. Dessa forma, acolher o príncipe Vladimir por sua decisão de romper com os costumes antigos pode funcionar como um convite a Vladimir Monômaco a seguir os passos de seu antepassado e romper com o ciclo de guerras entre os Riurikidas, atitude à qual se opunha terminantemente o clero dali.<sup>161</sup>

Esse trecho é notável também por expor uma metamorfose muito sofisticada da imagem do deus Perun, que passa a ser o demônio. É a projeção do demônio cristão para um deus pagão. Novamente, nessa guerra de símbolos, essa reapropriação continua. Na passagem, por se situar numa região periférica dentro da comunidade cristã medieval, o demônio se gabava da ignorância do povo e dizia que ali era o seu lugar, exatamente por eles não terem visto passar nenhum apóstolo na região. Também notamos que nessa afirmação, reitera-se uma característica de orgulho pelo pertencimento à essa comunidade. Ao ser vencido por ignorantes e não por apóstolos, o demônio acaba por exaltar esse povo, ainda que de maneira invertida. Visto que se em outros lugares ele foi vencido por grandes religiosos, mártires e apóstolos, agora ele foi vencido apenas pela vontade de um povo e por sua força através do ato de Vladimir, que estava adotando a verdadeira fé, relegando a ignorância ao passado. Temos ainda

---

<sup>159</sup> Filho de Vsevolod, neto de Iaroslav, bisneto de Vladimir. Foi príncipe de várias regiões dos Rus' antes de ocupar o trono de Kiev no período citado.

<sup>160</sup> Convém mencionar que o pai de Vladimir Monômaco, Vsevolod de Pereyaslavl, dividiu a soberania entre os Rus' com seus irmãos Iziaslav de Kiev e Sviatoslav II de Chernigov, durante o terceiro quarto do século XI d.C. Enquanto esse estado de coisas permaneceu, as cidades de Pereyaslavl e Chernigov alcançaram o estatuto de sedes de Metropolia, se tornando independentes de Kiev na hierarquia religiosa. No entanto, após 1078, Vsevolod assumiu a autoridade de Kiev e apoiou a reivindicação do metropolitano João II de Kiev para restaurar a soberania da sede episcopal da cidade sobre todos os Rus' (POPPE, *ODB*, 1991: 2188).

<sup>161</sup> Para discussão sobre as guerras fratricidas, ver a ampla digressão sobre a ira divina que recai sobre irmãos que se agridem, presente na própria crônica na passagem para o ano de 1068 (CROSS, 1968: 146 e sgs.).

evidência maior em relação a essa ruptura que se propunha aos príncipes na passagem onde o diabo lamenta perder terreno entre os Rus'. Abandonar os costumes – entre eles o de guerra entre os irmãos – seria como expulsar o diabo novamente da terra dos Rus', visto que quando eles guerreavam entre si, rompendo a harmonia da família, eles retornavam ao mal e mereciam castigo, recebendo-o de Deus toda vez que se afastavam do caminho correto e incorriam na violência e na traição. Esse reforço é perceptível no *Testamento de Vladimir Monômaco*, presente no manuscrito Laurentiano da *Crônica*, que reforça, na posição desse príncipe, o medo das guerras entre os riuríkidas (CROSS, 1968: 214).

Após o evento do batismo tomar lugar, a *Crônica* salienta que ali começou a nova vida de Vladimir, bem como começaram suas iniciativas no sentido de fazer com que aquilo que foi iniciado com esse ato se estendesse a todos os Rus'. Por outro lado, o *Sermão* lida com o acontecimento do batismo através de um discurso refinado, voltado para demonstrar como as consequências daquele evento se materializaram entre os contemporâneos de Hilarion:

(44) Então a visitação do altíssimo desceu sobre ele, e o olho misericordioso do Senhor olhou por sobre ele e o entendimento fluíu em seu coração, para que ele entendesse que os ídolos eram vãos, enganosos e falsos e ele procurou o Deus único, o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.<sup>162</sup>

Nessa passagem notamos a providência em ação dotando Vladimir de entendimento para que procurasse uma alternativa à fé que seus ancestrais praticavam. Essa percepção do conhecimento dado a Vladimir será fundamental nos desdobramentos posteriores do *Sermão*. O conhecimento sobre o engano dos ídolos obtido através dessa visitação do altíssimo demonstra para nós a importante questão da permeabilidade das relações entre a imanência e a transcendência na percepção do pensamento medieval. A intervenção divina deu esse conhecimento ao príncipe e exatamente por essa intervenção que podemos notar a racionalidade/santidade de Vladimir. Para os olhos contemporâneos pode parecer estranho que a intervenção divina seja prova de racionalidade de Vladimir, visto que hoje se considera o pensamento racional como uma atividade em separado do exercício da fé na maioria de suas manifestações, excetuada a reflexão filosófico/teológica especulativa mais aprofundada.

---

<sup>162</sup> (44) Then the visitation of the Most High came down upon him and the all-merciful eye of the good Lord looked down upon him, and understanding shone forth in his heart, so that he understood that the idols were vain and deceitful and false, and he sought the one God, the creator of all things visible and invisible (Tradução nossa).

No entanto, para os nossos documentos esse exercício de fé e razão/conhecimento percebido de maneira mais fluida e sem fronteiras tão nítidas tal como nós fazemos hoje. Exatamente por ter recebido essa visitação, Vladimir demonstrou o valor de suas virtudes, visto que a visitação do altíssimo seria associada a qualquer pessoa, demonstração de sua posição hierárquica privilegiada nas relações com o divino.

(45) E ainda houve mais: porque ele sempre ouvia falar sobre a devota terra dos Gregos, seu amor por Cristo e a força de sua fé: como eles honravam e reverenciavam o Deus único em três Pessoas; o quão poderosos eram os trabalhos e as maravilhas e os sinais que surgiam entre eles; como suas igrejas eram cheias de fiéis; o quão devotas eram suas cidades e vilas; o quão zelosos em oração eles se apresentavam diante de Deus. Quando ele ouviu tudo isso, sua alma se encheu de bondade e ele desejou em seu coração que tanto ele quanto sua terra fossem cristãos (FRANKLIN, 1991a: 18).<sup>163</sup>

Nesse trecho, o autor cita o Império Bizantino e sua conduta correta na fé. Os contatos entre os Bizantinos e os Rus' já aconteciam há pelo menos um século<sup>164</sup> com o envio de várias missões para cristianizar os Rus', de tal forma que o cristianismo já era bem conhecido no período. Porém, mais uma vez o autor quer exaltar o príncipe e dota suas ações de uma clareza de consciência digna da já citada visitação do altíssimo. Saber onde procurar a fé verdadeira entre os bizantinos que praticavam o cristianismo foi, mais uma vez, demonstração de sua relação próxima com o Deus cristão. No entanto, cabe aqui ressaltar uma diferença em relação à *Crônica*. Como já dissemos, o período mais provável para a composição do *Sermão* é o do final da primeira metade do século XI d.C., ou seja, antes do cisma entre a Igreja Bizantina e a Igreja de Roma. Dessa forma, não vemos aqui as referências às divisões do cristianismo tão presentes na *Crônica*. O conflito que se estabeleceu em torno da evangelização dos povos eslavos por toda a Europa Central, existente desde pelo menos o século VI, com o já citado Patriarca Fócio como um de seus grandes expoentes ressoa nessa passagem. No século IX d.C., Fócio se indignava contra as iniciativas ocidentais em território búlgaro, pregando para povos que já haviam sido convertidos por missionários bizantinos:

---

<sup>163</sup> (45) And there was more: for he often would hear about the devout land of the Greeks, their love for Christ, and the strenght of their faith: how they honor and revere the one God in three Persons; how mighty the works and the wonders and signs that are worked among them: how their churches are filled with people; how devout are their cities and villages; how zealous in prayer, all stand before God. When he had heard all this, his soul was enkindled, and he desired in his heart that both he and his land should be Christian (Tradução nossa).

<sup>164</sup> Tal como discutido no capítulo anterior.

“os Búlgaros, povo bárbaro, haviam abraçado a fé cristã. Mas, oh dor! Apenas dois anos após essa nação se converter, que homens execráveis, vindos do Ocidente, como bestas selvagens, despedaçaram e pisotearam essa vinha ainda suave. Eles os fazem jejuar no sábado, se recolher na primeira semana da quaresma, detestam os sacerdotes legitimamente casados, eles que praticam a fornicção e não tiveram temor de renovar a unção do crisma, dizendo que isso pertence apenas aos bispos. E em virtude de qual regra? O sacerdote poderá consagrar, poderá batizar, ele não poderá santificar pela unção! Meio-sacerdote, sacerdote que não tem mais do que o nome, para servir de ornamento ao bispo nas cerimônias públicas” (GRUMEL, 1967).

Esse ranço em relação ao ocidente não é, no entanto, reforçado no texto de Hilarion. No texto do metropolita, o crucial é a ruptura em relação ao paganismo e a escolha do cristianismo. Bizâncio aparece como um modelo de boa conduta e respeito à fé, mas não como o único pilar da fé verdadeira. Isso não constitui uma preocupação para Hilarion.

(46) E assim foi: Deus se condescendeu dele, no amor que Ele sente pela humanidade. Então nosso kagan despiu-se de suas roupas e, ao se despir de suas roupas ele se despiu de sua antiga corrupção, sacudindo a poeira da descrença e ele entrou no batismo sagrado e nasceu no espírito e na água. Então, batizado em Cristo, em Cristo ele se vestiu e saiu da fonte do batismo na imagem da brancura, um filho da incorrupção, um filho da ressurreição. Agora ele foi chamado pelo eterno nome de Vasilij [Basílio], um nome famoso geração após geração. Por esse nome ele foi incluído no livro da vida, na eterna Jerusalém do paraíso (FRANKLIN, 1991a: 18-19).<sup>165</sup>

Já neste trecho o metropolita descreve o batismo do príncipe com um vocabulário dotado de profunda simbologia. A metáfora da sujeira nas roupas, que é eliminada quando se entra na fonte do batismo e dá lugar à brancura da pureza da fé, da ressurreição é altamente emblemática da importância atribuída pelo autor à demonstração da santidade de Vladimir. Mais uma vez a ruptura é ressaltada. Dessa vez com especial atenção para o impacto que essa decisão teve sobre Vladimir em um nível pessoal.

---

<sup>165</sup> (46) And so it was: God deigned it so, in the love He bears mankind. So our kagan cast off his clothing; and with his clothing he cast off the old corruption and shook off the dust of disbelief; and he entered the font of holy baptism and was born of the spirit and of the water. Then, baptized into Christ, in Christ he clothed himself, and he departed the font in the image of whiteness, a son of incorruption, a son of the resurrection. Now he was named the eternal name of Vasilij [Basílio], a name which is famed from generation to generation. By this name he was written into the book of life, in the heavenly and eternal city of Jerusalem (Tradução nossa). É importante notar que nessa passagem o autor trata Vladimir pelo nome de Vasilij. Esse foi o nome que o príncipe escolheu quando de seu batismo, inspirado no do imperador bizantino Basílio II (976-1025). Era costume comum, quando um adulto se convertia, que ele escolhesse um nome cristão para adotar.

(47) Mas mesmo quando isso foi feito, ele ainda não havia terminado com seus atos de devoção; nem ainda nesse ato ele demonstrou todo o amor pelo Senhor que ele nutria. Ele fez ainda mais: ele ordenou que em toda a sua terra seu povo seria batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e que a Santíssima Trindade seria glorificada em alto e bom som em todas as cidades e que todos se tornariam Cristãos – o pequeno e o grande, o cativo e o livre, o jovem e o velho, o alto e o humilde, o rico e o pobre. E nenhuma pessoa ousou resistir a sua piedosa ordem. Porque se alguns foram batizados não por amor, mas por medo da ordem de Vladimir, foi porque sua piedade estava associada ao seu poder. E de uma vez toda a nossa terra começou a glorificar Cristo com o Pai e o Espírito Santo (FRANKLIN, 1991a: 19).<sup>166</sup>

Esse parágrafo do *Sermão* é o que demonstra mais claramente essa santidade, quando discute a ordem de Vladimir para que todos os seus súditos fossem batizados e para que todos se tornassem cristãos. O metropolitano faz ainda um importante elo entre a bondade e a piedade de Vladimir e a sua autoridade: “Porque se alguns foram batizados não por amor, mas por medo da ordem de Vladimir, foi porque sua piedade estava associada ao seu poder.” Esse medo levanta a preocupação: por quê o autor levanta a possibilidade de ter havido resistência? Ele admite-a explicitamente, mas encontra uma solução retórica na passagem ao atribuir à piedade de Vladimir a iniciativa de passar por cima da vontade do povo e empreender o batismo da população mesmo assim, porque seria benéfica para todos. Mais uma vez vemos a questão da proximidade do príncipe com o divino. Essa passagem procura estabelecer, para o público ouvinte, a santidade de Vladimir. Aqui vemos surgir a dimensão da providência divina (*Pronoia*) quando o príncipe ordenou à população que se batizasse: apesar de possivelmente encontrar resistência entre alguns setores da população, essa ordem foi dada de maneira piedosa levando em consideração o superior entendimento do príncipe, provido pela já referida visitação do altíssimo.

Finalmente temos a interpretação do autor para os desdobramentos posteriores à essa decisão:

(48) E então a escuridão da idolatria começou a se dissipar e os primeiros raios da piedade verdadeira brilharam. A sombra da

---

<sup>166</sup> (47) But even when this had been done, he was not yet done with his deeds of devotion; nor only in this did he show all the love for the Lord that was in him. He achieved even more: he commanded throughout all his land that his people be baptized in the name of the Father and of the Son and of the Holy Spirit, and that the Holy Trinity be glorified loudly and clearly in all the cities, and that all should become Christians – the small and the great, the bond and the free, the young and the old, the high and the humble, the rich and the poor. And no one single person resisted this pious command. For if some were baptized not for love, then in fear of Volodimer’s command, since his piety was coupled with power. And at one single time all our land began to glorify Christ with the Father and with the Holy Spirit (Tradução nossa).



demonolatria se extinguiu e a luz do sol dos Evangelhos iluminou a nossa terra: os santuários pagãos foram derrubados e igrejas construídas em seu lugar; os ídolos foram quebrados e ícones de santos instalados; os demônios retrocederam e as cidades foram agraciadas pela cruz; e bispos – pastores do rebanho espiritual de Cristo – trouxeram o sacrifício sem sangue diante do altar sagrado, padres e diáconos e todo o clero adornaram as santas igrejas e as vestiram em beleza; o trompete dos apóstolos – seus Atos e Epístolas – e o trovão dos Evangelhos ressoaram por todas as cidades; incenso subindo em direção a Deus encheu o ar; monastérios surgiram nas colinas; monges surgiram; homens e mulheres, pequenos e grandes e todo o povo, enchendo as santas igrejas cantaram hinos, dizendo: “Só um é santo, o único Senhor Jesus Cristo, para a glória de Deus Pai, Amém”; “Cristo conquistou, Cristo, maravilhosos são seus feitos! Glória a vós, nosso Deus” (FRANKLIN, 1991a: 19).<sup>167</sup>

No último parágrafo dessa passagem sobre as circunstâncias do batismo de Vladimir no *Sermão* o autor descreve o processo de entrada desse povo no plano da salvação, quando eles se desfazem de toda a sua idolatria anterior e todas as práticas erradas na perspectiva da doutrina cristã. Também ressalta a importância da presença do clero, a importância da oração e da vida religiosa. Esse tema é crucial para a construção argumentativa de Hilarion, visto que ao exaltar a importância de Vladimir ele cita exaustivamente o surgimento de elementos da prática religiosa cristã e os benefícios da presença destes na comunidade. Nessa ordem, esse parágrafo e o anterior refletem as intenções do autor, o de selar o vínculo entre o príncipe e a igreja de forma profunda. Notamos mais essa semelhança com o discurso da *Crônica* onde esse vínculo é ressaltado a partir da aproximação constante de Vladimir com a divindade, ainda que a partir de caminhos diversos, para a *Crônica* existem as circunstâncias do milagre e da mão de Deus atuando indiretamente nas circunstâncias e nos eventos do batismo. Para o *Sermão*, existe a visitação do altíssimo que instrui Vladimir sobre o caminho correto, culminando em sua decisão final de batizar a si mesmo e a seu povo.

### **3.4.3 O que significou sua vida após o batismo para a *Crônica* e para o *Sermão*?**

---

<sup>167</sup> Then the murk of our idolatry began to clear, and the first rays of true piety glimmered. The darkness of demonolatry dimmed, and the sunlight of the gospel illumined our land: pagan shrines were torn down, and churches set up; the idols were smashed, and icons of saints were installed; the demons retreated, and cities were graced by the cross; and bishops – shepherds of Christ’s spiritual flock – brought the bloodless sacrifice before the holy altar; priests and deacons and all the clergy adorned the holy churches and clothed them in beauty; the trumpet of the apostles – their Acts and Epistles – and the thunder of the Gospels resounded throughout all the cities; incense, wafting towards God, graced the air; monasteries rose on the hills; monks appeared; men and women, small and great, and all people, filling the holy churches sang praises, saying: “One alone is the holy, the one Lord Jesus Christ, to the glory of God the Father, amen”; “Christ conquered, Christ overcame, Christ became king, Christ was glorified! Great art Thou, O Lord, and wondrous are Thy works! Glory to Thee, our God” (Tradução nossa).

Após nossas considerações sobre a interpretação de nossas fontes documentais a respeito do batismo de Vladimir nos deparamos com um ponto que é de fundamental importância para a construção do significado desse evento do ponto de vista dos Rus': após o mesmo era necessário que houvesse uma ruptura tangível em relação aos modos de vida desse povo anteriores à conversão do príncipe. A descrição feita pela *Crônica* da vida e dos feitos do príncipe após o batismo sedimenta essa ruptura ao demonstrar a reconstrução de sua autoridade sob as novas diretrizes do cristianismo. As guerras de conquista, elemento constante da conduta do príncipe, continuam a ser evocadas no relato da *Crônica* (CROSS, 1968: 119-124). Já a respeito de suas esposas, convém dizer de antemão que o príncipe rompeu com suas esposas anteriores para viver com a princesa Ana Porfirogênita (CROSS, 1968: 115). Mas essa foi apenas uma, de várias mudanças ocorridas em seu modo de vida e nas práticas adotadas por ele. Outra, exaltada pelas fontes, foi a construção de igrejas e as doações e a caridade, características de um bom príncipe cristão aos olhos dos narradores:

Após esses eventos [do batismo do príncipe], Vladimir viveu na fé Cristã. Com a intenção de construir uma igreja dedicada à Santa Virgem ele trouxe artesãos da Grécia. Depois de iniciar a construção e completar a estrutura, ele a adornou com imagens e a confiou a Anastácio de Kherson. Ele designou sacerdotes de Kherson para servir ali e doou a essa igreja todas as imagens, objetos e cruzes que ele tomou naquela cidade (CROSS, 1968: 119).<sup>168</sup>

A fundação de igrejas se tornou um grande parâmetro para a governança de Vladimir. Notamos um curioso padrão nessas iniciativas. A historiografia aponta o príncipe como um importante incentivador da ocupação da região de Kiev a partir do relato da *Crônica*, que atribui ao príncipe a fundação de várias cidades na região (CROSS, 1968: 119-121). Associada a esse incentivo está a fundação de várias igrejas na região, à semelhança dessa, construída na cidade de Kiev, prática que impulsionava a importância dessas novas cidades, que se tornavam centros de difusão da nova religião do príncipe. Outra iniciativa do príncipe pode ser observada na passagem seguinte:

Ao ver sua igreja construída, Vladimir adentrou-a e entoou preces a Deus, dizendo: “Senhor Deus! Olhe do paraíso para baixo, observe e visite tua vinha e aperfeiçoe o que tua mão direita iniciou. Faça esse

---

<sup>168</sup> After these events, Vladimir lived in the Christian faith. With the intention of building a church dedicated to the Holy Virgin, he sent and imported artisans from Greece. After he had begun to build, and the structure was completed, he adorned it with images, and entrusted it to Anastasius of Kherson. He appointed Khersonian priests to serve in it, and bestowed upon this church all the images, vessels, and crosses which he had taken in that city (Tradução nossa).

povo novo, cuja coragem transformastes em sabedoria, conhecer a ti como Deus verdadeiro. Olhe sobre essa tua igreja que eu, teu indigno servo, construí em nome da Sempre-Virgem Mãe de Deus que concebeu a ti. Através da intercessão da Imaculada Virgem, ouça as súplicas de quem quer que ore nessa igreja.” Depois de oferecer essa prece ele emendou “Confio a essa igreja da Santa Virgem o dízimo de minha propriedade, e de minhas cidades.” Então ele escreveu uma doação e a depositou na igreja declarando “Se alguém violar essa promessa, que ele seja amaldiçoado.” Então ele deu o dízimo a Anastácio de Kherson e fez um grande festival naquele dia para os boiardos e anciões do povo, distribuindo também muitas esmolas aos pobres (CROSS, 1968: 120-121).<sup>169</sup>

O dízimo destinado à igreja também é fundamental na sedimentação dessas novas relações. A partir dele Vladimir deu meios para a ampliação da vida religiosa entre seu povo, o que é de fundamental importância aos olhos do(s) cronista(s), dada sua origem eclesiástica. A maldição a quem rompesse com seu compromisso, atribuída à oração do príncipe demonstra essa importância aos olhos dos narradores, que obviamente não presenciaram ou ouviram essa oração, mas acharam pertinente evocar nesse discurso um tom grave de afirmação da aliança do príncipe com a religião cristã. Os compromissos mútuos estabelecidos nesse novo “contrato” entre o príncipe e a religião mostram seus primeiros sinais no discurso da *Crônica* logo na passagem seguinte. Nela, vemos o príncipe cumprir uma promessa feita em campo de batalha:

Então os Pechenegues vieram a Vasil’evo e Vladimir foi ter com eles com uma pequena companhia. Quando as tropas se encontraram, ele não conseguiu suportar o inimigo, então fugiu e tomou posição sob uma ponte, onde ele se escondeu do inimigo com dificuldade. Então o príncipe jurou construir uma igreja da Sagrada Transfiguração em Vasil’evo, porque foi no dia da transfiguração do Senhor que a batalha teve lugar. Depois de ter escapado dessa forma, Vladimir fundou a igreja e aprontou um grande festival, para o qual ele mandou fermentar trezentos barris de hidromel. Ele convocou seus boiardos, seus lugares-tenente, os anciões pelas cidades e muitas outras pessoas e distribuiu para os pobres a soma de trezentas grivnas. Quando Príncipe havia celebrado assim por oito dias, ele retornou à Kiev para a festa da Assunção da Santa Mãe de Deus. Ali também ele organizou

---

<sup>169</sup> Vladimir, upon seeing his church completed, entered it and prayed to God, saying, “Lord God! Look down from heaven, behold and visit thy vineyard, and perfect what thy right hand has begun. Make these new people, whose heart thou hast turned unto wisdom, to know thee as the true God. Look upon this thy church which I, thine unworthy servant, have builded in the name of the Ever-Virgin Mother of God who bore thee. Through the intercession of the Immaculate Virgin, hear the supplication of whosoever shall pray in this church.” After he had offered this prayer, he added, “I bestow upon this church of the Holy Virgin a tithes of my property and of my cities.” Then he wrote out a donation and deposited it in the church, declaring, “If anyone violates this promise, may he be accursed.” So he gave the tithes to Anastasius of Kherson, and made a great festival on that day for the boyars and elders of the people, distributing also much largess to the poor (Tradução nossa).

um grande festival e reuniu consigo uma multidão incontável de pessoas (CROSS, 1968: 121).<sup>170</sup>

Aqui notamos a relação direta que o(s) próprio(s) cronista(s) tenta(m) estabelecer entre as ações de incentivo à religião e o sucesso militar. Essa promessa se torna garantia de sucesso para o príncipe, que constrói a igreja e organiza um festival grandioso em honra ao livramento que essa promessa feita a Deus lhe trouxe. Essa conduta de um bom fiel, pagador de promessas pode ser instrumental para se avaliar a já citada crítica aos príncipes que são acusados pela *Crônica* de fazer falsos juramentos e/ou promessas em desdobramentos posteriores. Mais uma vez Vladimir se torna exemplo de boa conduta após o batismo.

Para além dessas atitudes, a *Crônica* reforça a imagem de Vladimir como um príncipe caridoso e preocupado com os necessitados, ao mesmo tempo em que mostra sua preocupação em honrar seus seguidores mais próximos. Essa questão da distribuição de benesses é fundamental para o equilíbrio das relações entre o príncipe e seu povo, bem como entre o príncipe e seu séquito, além de ser uma interessante amostra da permanência de algumas práticas oriundas do modo de governar dos Rus' anterior ao batismo, ainda largamente baseada em relações de reciprocidade regidas pela noção de generosidade, tal como brilhantemente discutida por Aaron Gurevich, que notou que nas sociedades medievais, “um presente de um líder era a garantia [para ele] de serviço e um juramento da devoção daquele que o recebeu em ocasiões futuras” (GUREVICH, 1985: 222).

Quando ele viu que seu povo era Cristão, ele regozijou-se em alma e corpo, celebrando dessa forma todo ano. Porque ele amava as palavras das Escrituras e em uma ocasião ele ouviu ler nos Evangelhos, “Abençoados são os misericordiosos, porque eles obterão misericórdia (Mateus, 5, 7); E além, “Não ajunteis riquezas aqui na terra, onde a traça e a ferrugem corroem, e onde os ladrões assaltam e roubam. Ajuntem riquezas no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não assaltam nem roubam” (Mateus, 6, 19). E Davi disse: “Feliz quem cuida do fraco e do indigente” (Salmo 41, 1). Vladimir ouviu também as palavras de Salomão: “Quem ajuda o pobre

---

<sup>170</sup> Then the Pechenegs came to Vasil'ev, and Vladimir went forth against them with a small company. When the troops met, he could not withstand the enemy, so he fled, and took position under a bridge, where he concealed himself with difficulty from the foe. Then the Prince vowed to build a church of the Sacred Transfiguration in Vasil'ev, for it was upon this day of the Lord's transfiguration that this battle took place. After he had thus escaped, Vladimir founded the church, and made ready a great festival, for which he caused to be brewed three hundred kettles of mead. He summoned his boyars, his lieutenants, the elders throughout the cities, and many other people, and distributed to the poor the sum of three hundred *grivny*. When the Prince had thus celebrated for eight days, he returned to Kiev on the feast of the Assumption of the Holy Mother of God. There also he held a great festival, and gathered together a countless multitude of people (Tradução nossa). A localidade de Vasil'ev foi localizada onde hoje existe a cidade de Vasil'kov, a 35km a sudoeste de Kiev (CROSS, 1968: 248).

empresta a Javé, que lhe dará a recompensa devida” (Provérbios, 19, 17). Quando ele ouviu essas palavras, ele convidou cada mendigo e cada homem pobre para vir até o palácio do príncipe e receber o que quer que precisasse, tanto comida quanto bebida, e peles de raposa do tesouro.

Ao pensar que os fracos e os doentes não poderiam alcançar seu palácio facilmente, ele ordenou que carroças deveriam ser trazidas e, após carregá-las com pão, carne, peixe, várias frutas, hidromel em barris e kvass [bebida fermentada], ele ordenou que elas deveriam ser conduzidas pela cidade. Os condutores estavam sob instruções de chamar: “Há aqui um pobre ou um mendigo que não possa caminhar?” Para esses eles distribuíam de acordo com suas necessidades. Além do mais ele fez com que um festim fosse preparado a cada domingo em seu palácio para seus súditos e convidou os boiardos, os oficiais da corte, os centuriões, os decuriões e os cidadãos distintos, seja na presença do Príncipe ou em sua ausência. Havia muita carne, bifés e carnes de caça, e abundância de todos os víveres (CROSS, 1968: 123).<sup>171</sup>

Nesse trecho, notamos que a *Crônica* atribui algumas características importantes ao príncipe: ele estava profundamente influenciado pela ideia da Salvação das almas através da caridade. Esse enfoque, amplamente utilizado pelos religiosos cristãos em suas relações com potentados na Idade Média evidencia, para nós, a fortíssima perspectiva milenarista<sup>172</sup> que permeava o fim do século X d.C. e que é tratada apenas tangencialmente pela *Crônica*, na passagem já descrita do juízo final. Apesar das

---

<sup>171</sup> When He saw that the people were Christians, He rejoiced in soul and body, and celebrated likewise every year. For he loved the words of the Scriptures, and on one occasion he had heard read in the Gospel, “Blessed are the merciful, for they shall obtain mercy (*Matt.*, v, 7); and further, “Lay not up for yourselves treasures upon earth, where moth corrupts and thieves steal; but lay up for yourselves in heaven, where neither moth corrupts nor thieves steal (*Matt.*, 6, 19). And David said, “Blessed is he that considereth the poor” (*Ps.* Xli, 1). Vladimir listened also to the words of Solomon: “He that giveth unto the poor lendeth unto the Lord” (*Prov.*, xix, 17). When he heard these words, he invited each beggar and poor man to come to the Prince’s palace and receive whatever he needed, both food and drink, and marten-skins from the treasury. With the thought that the weak and the sick could not easily reach his palace, he arranged that wagons should be brought in, and after having them loaded with bread, meat, fish, various fruits, mead in casks, and kvas, he ordered them driven out through the city. The drivers were under instructions to call out, “Where is there a poor man or a beggar who cannot walk?” To such they distributed according to their necessities. Moreover, he caused a feast to be prepared each Sunday in his palace for his subjects, and invited the boyars, the court officers, the centurions, the decurions, and the distinguished citizens, either in the presence of the Prince or in his absence. There was much meat, beef, and game, and an abundance of all victuals (Tradução nossa).

<sup>172</sup> Tal como nas palavras de Bernhard Töpper, “Na tradição cristã, o termo ‘escatologia’ (do grego *eschata*, ‘as últimas [coisas]’) designa as ideias concernentes ao fim do mundo ou aos eventos que atingirão seu termo com o Juízo Final. As palavras ‘milenarismo’ ou ‘quialismo’ (derivadas respectivamente do latim *mille* e do grego *chilias*, ‘mil’) remetem, em seu sentido primeiro, à espera de um reino de mil anos sob a égide de Cristo, então de volta à terra antes do Juízo Final. Em sentido mais amplo, entende-se por elas todas as esperanças, todas as aspirações de conotações religiosas prevendo o surgimento sobre a terra de uma ordem perfeita, de certa forma paradisíaca” (TÖPPER, *DTOM*, 2006: 353). Essa percepção de que os mil anos sob a égide de Cristo estavam chegando ao fim e o consequente Juízo Final associado a esse término preocupavam os medievais sobremaneira e o batismo de Vladimir pode ser encarado pela historiografia sob a luz dessa perspectiva: era preciso se arrepender e viver a vida de acordo com os ensinamentos de Cristo antes que ele voltasse à Terra para julgar os justos e os pecadores.

profecias que indicavam o fim do mundo mil anos após a vinda de Jesus Cristo ao mundo não terem se concretizado, vemos aqui uma preocupação constante a respeito de que conduta deveria ser seguida para se obter a salvação nesse período. A caridade de Vladimir e, principalmente, às referências bíblicas dessa passagem nos remetem à percepção de como esses atributos continuavam fundamentais para o(s) autor(es) da *Crônica*: era preciso provar em vida que o crente era digno da salvação para quando o julgamento ocorresse.<sup>173</sup>

Em continuidade com essa interpretação, percebemos que essa aliança exige uma nova postura de governante do príncipe em outros aspectos, onde de certa forma, após o batismo ele demonstrava uma fraqueza que destoava da força e coragem atribuída a ele através do texto, de acordo com o discurso da *Crônica*. Em uma curiosa passagem da obra, Vladimir é descrito como amedrontado diante da possibilidade do pecado:

Enquanto Vladimir assim vivia no temor a Deus, o número de bandidos cresceu e os bispos, chamando sua atenção para a multiplicação de ladrões, perguntaram a ele porque não os punia. O Príncipe respondeu que temia o pecado vinculado a isso. Eles responderam que ele fora escolhido por Deus para o castigo dos malefícios e para a prática da misericórdia para com os justos, de forma que era completamente cabível a ele que punisse um ladrão condignamente, mas apenas após o processo da lei. De acordo, Vladimir aboliu a *wergild* [vingança de sangue] e se pôs a punir os malfeitores. Os bispos e anciões então sugeriram que como as guerras eram frequentes, as *wergild* poderiam ser propriamente gastas com a compra de armas e cavalos, o que foi aceito por Vladimir. Então Vladimir viveu de acordo com as prescrições de seu pai e de seu avô (CROSS, 1968: 122).<sup>174</sup>

<sup>173</sup> Deparamos-nos aqui com um exemplo claramente associável à interessante definição de profecia elaborada por Reinhart Koselleck em sua obra *Futuro Passado* (KOSELLECK, 2006: 79-94).

<sup>174</sup> While Vladimir was thus dwelling in the fear of God, the number of bandits increased, and the bishops, calling to his attention the multiplication of robbers, inquired why He did not punish them. The Prince answered that he feared the sin entailed. They replied that he was appointed of God for the chastisement of malefaction and for the practice of mercy toward the righteous, so that it was entirely fitting for him to punish a robber condignly, but only after due process of law. Vladimir accordingly abolished *wergild* and set out to punish the brigands. The bishops and the elders then suggested that as wars were frequent, the *wergild* might be properly spent for the purchase of arms and horses, to which Vladimir assented. Thus Vladimir lived according to the prescriptions of his father and his grandfather (Tradução nossa). A vingança de sangue (*wergild*) era uma prática comum entre vários povos até o início da modernidade. Era baseada na noção de reparação do sangue pelo sangue quando algum ato violento grave fosse cometido e várias tentativas foram feitas por vários estados para regular ou proibir essa prática. A *Russkaia Pravda*, compilação de leis consuetudinárias elaborada entre os Rus' em meados do século XI d.C., discute basicamente, em sua primeira versão, sobre como aplicar corretamente as reparações por crimes que anteriormente eram punidos com a vingança de sangue. É importante notar aqui a dimensão da honra na prática dessas vinganças, tal como salientado por Claude Gauvard, no verbete dedicado à questão da violência no *Dicionário temático do ocidente medieval*, organizado por Jacques LeGoff e Jean-Claude Schmitt (GAUWARD, *DTOM*, 2006: 612). No trecho em questão notamos a tentativa de aplicar uma multa a esse tipo de crimes, por oposição ao derramamento de sangue costumeiro entre famílias em conflito por crimes cometidos anteriormente (GUREVICH, 1985: 220).

Vemos aqui os bispos apresentando um ponto de vista surpreendente aos olhos contemporâneos. Ver algum religioso entendendo a violência como um componente comum e às vezes necessário da sociedade pode chocar o observador, mas é necessário considerar essa posição à luz de como se organizava a justiça entre os Rus' nesse momento. Se cabia ao príncipe julgar os crimes e promover a justa medida entre seus súditos, era necessário que Vladimir lidasse com a violência e soubesse tirar proveito dela para sustentar as bases de seu poder. É notável aqui a ênfase nas obrigações de governo do príncipe, nesse caso a mediação dos conflitos e punição dos culpados, como se os religiosos chamassem a atenção de Vladimir para sua parte na aliança estabelecida entre seu principado e a igreja. Também ressaltamos que esse trecho representa bem a interação entre a política e a religião, largamente discutida nos meios acadêmicos. Aqui vemos como as fronteiras entre as duas são tênues: religiosos alertam Vladimir quanto a qual era o principado que ele queria construir, para quê servia sua adoção do cristianismo, sendo que esse não pregava a injustiça por meio do pecado. Ambas as noções do que devia ser feito para o bem da comunidade, a do príncipe e a dos religiosos, passaram a ser embasadas pelo mesmo princípio, o do que o cristianismo definia enquanto correto e bom para o homem. Seguindo essa interpretação, notamos como essa indisposição do príncipe para fazer a justiça em seu tempo pode ter sido utilizada pelo(s) cronista(s) para exaltar as qualidades do príncipe ideal. Aqui temos novamente um modelo de conduta se delineando para o leitor.

Após essa breve exposição do discurso da *Crônica* sobre a conduta e o modo de vida de Vladimir, vemos que nossa fonte documental demonstra os percalços no caminho da construção da nova sociedade, proposta por Vladimir em seu batismo. Como implantar esse modelo, bem como as estratégias para sua realização são demonstradas e constituem, a nosso ver, importantes exemplos do que fazer e do que não fazer para os príncipes do tempo da escrita da obra.

\*\*\*

O *Sermão*, com seu já referido tom apologético pronunciado, não se detém muito na vida de Vladimir após o batismo. No entanto, os poucos momentos onde se refere a atitudes do príncipe em vida são de uma riqueza de significados e elegância impressionantes. O texto enumera também a prática da caridade e a construção de igrejas como os principais aspectos do governo do príncipe logo após sua conversão:

[...] quem poderá relatar toda a caridade noturna e a generosidade diurna que você mostrou para com os pobres, os órfãos, os doentes, os devedores e as viúvas e para todos para os quais a caridade era requerida? Porque ouvistes as palavras ditas por Daniel a Nabucodonosor: “Ó Rei Nabucodonosor, deixe que meu conselho te agrade e pague por teus pecados com a caridade e tuas iniquidades através da generosidade com os pobres.” Ó nobre, você ouviu essas palavras ditas; mas aquilo que ouviu, não contente em apenas ouvir, você fez de fato: dando à aqueles que suplicaram, vestindo os nus, alimentando os famintos e sedentos, consolando os doentes ao extremo, redimindo os devedores, libertando do cativeiro. Até hoje sua caridade e sua generosidade são lembradas entre os homens; de fato, são lembradas diante de Deus e seus anjos. Porque Deus viu sua caridade e ela o agradou: e através dela você tem acesso a Ele, intercessão com Ele, como um constante servo de Cristo (FRANKLIN, 1991a: 21-22).<sup>175</sup>

Nessa passagem vemos o metropolita estabelecer a caridade como característica de Vladimir. Novamente destacamos a importância desta para caracterizar as virtudes de um bom governante em sociedades cristãs. Traços desse *ethos*<sup>176</sup> podem ser sentidos até hoje, na propaganda política contemporânea. No entanto, nesse período era praticamente obrigatório associar o governante à sua capacidade de ajudar os outros e a sua bondade e generosidade. Notamos aqui mais uma semelhança com a cultura Rus' pré-batismo e com a dos povos indo-europeus ancestrais, revisitada a partir de um novo, e vastíssimo, arcabouço cultural. A generosidade para com os súditos e seguidores, promovida através de festins e distribuição de bens era uma virtude louvada no chefe viking e no chefe eslavo desde tempos ancestrais (GUREVICH, 1985: 218-219).<sup>177</sup>

Também é notável sua iniciativa de construir igrejas. Modificar a paisagem cultural da região era uma iniciativa visual de extrema importância, pois mostrava a ruptura no modo de vida daquela comunidade através de construções monumentais: “Sua devoção é bem testemunhada, Ó abençoado Vasilij [Basílio], pela qual a sagrada

---

<sup>175</sup> [...] And furthermore, who can recount all your nightly charity and the daily generosity that you showed to the poor, to the orphaned, the sick, and the debtors and widows and all by whom alms were required? For you heard the words spoken by Daniel to Nebuchadnezzar: “O King Nebuchadnezzar, let my counsel please thee, and atone for thy sin by alms, and thine iniquities by generosity to the poor.” O noble one, you heard these words spoken; but that which you heard, not content just to hear, you performed in deed; giving to those who entreated, clothing the naked, feeding the hungry and thirsty, consoling the sick to the utmost, redeeming the debtors, freeing from bondage. Even now are your alms and your generosity remembered among men, remembered indeed before God and His angels. For God saw your alms and was pleased: and through them you have access to Him, intercession with Him, as a constant servant of Christ (Tradução nossa).

<sup>176</sup> Caracterização ou percepção que os leitores/ouvintes têm do autor ou pronunciante de um discurso ou texto.

<sup>177</sup> Gurevich nota em seu texto: “A um líder que fosse moderado em seus presentes, simplesmente não valia a pena servir, porque ele estava escondendo, de maneira avarenta, os poderes mágicos e a boa fortuna da qual seus homens deveriam receber sua parte” (GUREVICH, 1985: 219).



Igreja de Santa Maria Mãe de Deus, fundada por você nas fundações da fé e agora o lar de seus restos mortais que aguardam o último trombetear do arcanjo” (FRANKLIN, 1991a: 23).<sup>178</sup>

Ou seja, aqui temos também a enumeração das credenciais necessárias para Vladimir ser caracterizado como um bom governante, atendendo ao gênero laudatório, que prescinde de elementos para expor quaisquer dúvidas ou fraquezas na conduta de Vladimir, à diferença da abordagem da *Crônica* para essa mesma questão. De todo modo, o texto do *Sermão* é pouco preocupado com a organização política do principado de Kiev, além de também não se concentrar em relatar – ou louvar – os feitos de Vladimir em sua vida após o batismo. No entanto, quanto aos significados do seu batismo, bem como os desdobramentos posteriores à morte do príncipe, em 1015 d.C. são louvados à exaustão por *Hilarion*. É exatamente sobre esses desdobramentos que nos dedicaremos em seguida.

### **3.5 A morte de Vladimir ou como sua trajetória de vida se tornou modelo para a *Crônica* e para o *Sermão*?**

A morte do príncipe Vladimir foi outro evento tratado com profundo esmero em nossos dois testemunhos. Como vimos nas páginas precedentes, quando se debruçam sobre esse tema decisivo nossos documentos possuem relatos semelhantes. No entanto, a *Crônica* se preocupa em demonstrar aspectos importantes sobre a sucessão principesca que o *Sermão* não inclui. Essa diferença, que se impõe devido ao gênero textual de cada um de nossos documentos é, também, oriunda da situação de produção do próprio *Sermão*, que provavelmente foi lido em uma situação pública na presença do príncipe Iaroslav, sucessor de Vladimir no trono de Kiev, que participara ativamente na guerra pela supremacia entre os Rus'.<sup>179</sup> Dessa forma, qualquer comentário nesse sentido, ainda que pontual, poderia causar complicações. Situando-nos, então, a partir desses comentários iniciais, vamos aos argumentos de cada uma de nossas fontes.

A *Crônica* relata a morte de Vladimir de forma hagiográfica. Na entrada para o ano de 1014, o texto relata que Iaroslav se negou a pagar os tributos devidos pela cidade

---

<sup>178</sup> Your devotion is well witnessed, O blessed Vasilij, by the holy Church of Holy Mary Mother of God, founded by you on foundations of faith and now the abode of your earthly remains which await the archangels' last trumpet (Tradução nossa).

<sup>179</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a especulação acerca da ocasião de declamação do *Sermão*, conferir a introdução crítica da tradução para a língua inglesa do *Sermão*, elaborada por Simon Franklin e presente no livro *Sermons and rhetoric of Kievan Rus'*, publicado em 1991 (pp. xviii-xxii).

de Novgorod, governada por ele, ao trono de seu pai, em Kiev. Ao saber dessa negativa, Vladimir ordenou: “‘Reparem as estradas e construam pontes’, porque ele pretendia atacar seu filho Iaroslav, mas ele caiu doente” (CROSS, 1968: 124).<sup>180</sup>

Essa tensão entre Iaroslav e Vladimir se converte em instrumento para a ação de Deus e do diabo. O reconhecimento dessa discórdia é importante para nós no sentido de que mais uma vez o(s) autor(es) reconhece(m) a existência de práticas que devem/deveriam ser combatidas até mesmo no período de Vladimir. Essa situação, a de guerra entre os príncipes da dinastia Riuríkida, perdurou enquanto os principados Rus’ existiram enquanto entidades políticas. Reconhecer que mesmo o príncipe Vladimir, dotado de santidade por ter “batizado a terra dos Rus’” estava inserido nessa grande querela entre o bem e o mal é fenômeno característico do modo de pensar medieval, ao demonstrar a batalha entre as grandes forças transcendentais ocorrendo simultaneamente a ações decisivas humanas do mundo imanente. É o que vemos no trecho a seguir:

Enquanto Vladimir estava desejoso de atacar Iaroslav, esse último enviou [mensageiros] além-mar e importou reforços [entre os] Varângios, já que ele temia o avanço de seu pai. Mas Deus não deu essa satisfação ao diabo. Porque quando Vladimir caiu doente, Bóris [filho de Vladimir] estava junto dele. Já que os Pechenegues estavam atacando os Rus’, ele enviou Bóris contra eles, porque ele mesmo estava muito doente e dessa doença ele morreu no dia 15 de Julho. Acontece que ele morreu em Berestovo, mas sua morte foi mantida em segredo, porque Sviatopolk estava em Kiev. Mas à noite seus companheiros abriram o assoalho entre dois cômodos e depois de enrolar o corpo em um tapete, eles o desceram à terra com cordas. Depois de deixar o corpo em um trenó, eles o levaram embora e o depositaram na Igreja da Virgem que o próprio Vladimir construiu (CROSS, 1968: 124).<sup>181</sup>

Depois dessa breve descrição da morte do príncipe, o texto prossegue em seu lamento, atento às possíveis representações que se fizeram de Vladimir quando de sua morte, mas que a nosso ver indicam o modo como alguns grupos sociais entre os Rus’

<sup>180</sup> “Repair roads and build bridges”, for he proposed to attack his son Yaroslav, but he fell ill” (Tradução nossa).

<sup>181</sup> While Vladimir was desirous of attacking Yaroslav, the latter sent overseas and imported Varangian reinforcements, since he feared his father’s advance. But God Will not give the devil any satisfaction. For when Vladimir fell ill, Boris was with him at the time. Since the Pechenegs were attacking the Russes, he sent Boris out against them, for he himself was very sick, and of this illness he died on July 15. Now he died at Berestovo, but his death was kept secret, for Sviatopolk was in Kiev. But at night his companions took up the flooring between two rooms, and after wrapping the body in a rug, they let it down to the earth with ropes. After they had placed it upon a sledge, they took it away and laid it in the Church of the Virgin that Vladimir himself had built (Tradução e adições entre colchetes nossas).

do início do século XII d.C. construíram a imagem de um príncipe que viveu quase um século antes da elaboração da *Crônica*.

Quando o povo ouviu essa [notícia], eles se reuniram em uma multidão e choraram-no, os boiardos [choraram Vladimir como] o defensor de sua pátria, os pobres como seu benfeitor e benemérito. Eles o puseram em um caixão de mármore e enterraram o corpo do santo Príncipe em meio ao seu pranto (CROSS, 1968: 124).<sup>182</sup>

Nesse trecho é interessantíssimo notar as diferentes representações de Vladimir que ilustram para nós, de modo indireto, algumas percepções sobre as obrigações do príncipe, que vislumbram dois aspectos fundamentais da construção do poder principesco entre os Rus': a primeira é a das obrigações guerreiras do príncipe, claras no lamento dos boiardos. A segunda é a representação das benesses do príncipe, voltadas para a população comum menos favorecida. A respeito dessas obrigações, temos outro testemunho do período que pode trazer um bom panorama a respeito do que se discutia sobre a conduta ideal de um príncipe para os autores da *Crônica: O Testamento de Vladimir Monômaco*.

Essa obra foi encontrada no mesmo manuscrito do texto Laurentiano da *Crônica*. Como o nome em russo indica (*Poučenie* = Instrução), trata-se de uma obra destinada a mostrar um modelo de comportamento do príncipe. Sua inclusão no corpo do manuscrito pode não ser mera coincidência, visto que provavelmente foi comissionada em 1124, em uma data próxima à da compilação da *Crônica*, o que nos leva a pensar que esse texto foi tomado como um exemplar importante da história da época, bem como da conduta cabível aos príncipes em outros contextos, tais como o da provável escrita do manuscrito Laurentiano, no fim do século XIV (FRANKLIN; HOLLINGSWORTH, *ODB*, 1991: 2184-2185).

Seu texto indica que uma das obrigações principais do príncipe era tomar parte nas guerras, tanto de conquista quanto de defesa do território. Vladimir Monômaco faz questão de enumerar suas principais campanhas militares como forma de demonstrar essa necessidade para seus filhos: “Entre todas as minhas campanhas, existiram oitenta e três maiores e eu não conto as aventuras menores” (CROSS, 1968: 214).<sup>183</sup> Ele também enumera os principais tratados de paz que ele estabeleceu junto aos

---

<sup>182</sup> When the people heard of this, they assembled in multitude and mourned him, the boyars as the defender of their country, the poor as their protector and benefactor. They placed him in a marble coffin, and buried the body of the sainted Prince amid their mourning (Tradução e adições entre colchetes nossas).

<sup>183</sup> “Among all my campaigns, there are eighty-three long ones, and I do not count the minor adventures” (Tradução nossa).

Polovetsianos (dezenove), os prisioneiros que ele tomou e libertou, etc (CROSS, 1968: 214). Essas e outras ações demonstram a necessidade do príncipe em se inteirar e tomar a liderança nos assuntos de defesa do território.

Por outro lado, esse texto também demonstra a preocupação de Vladimir Monômaco que a frugalidade, a caridade e a preocupação com os mais necessitados devem ser prioridades de um governante. A respeito das guerras e das caçadas que empreendeu o príncipe comenta: “Na guerra e na caça, de noite ou de dia, no calor ou no frio, eu fiz tudo que meus servos fariam e não me dei descanso. Sem depender de lugares-tenente ou mensageiros, eu fiz o que era necessário” (CROSS, 1968: 215).<sup>184</sup> A respeito do cuidado com os mais pobres ou menos poderosos, ele disse: “Eu não permiti que os poderosos afligissem os camponeses comuns ou as viúvas necessitadas” (CROSS, 1968: 215).<sup>185</sup>

Dessa forma, vemos aqui o espelho de príncipes surgir no relato sobre a conduta de Vladimir, onde o pranto de seus súditos se dá em resposta ao seu cuidado e zelo em relação às questões da administração principesca. A outra dimensão, essa muito mais elaborada e rebuscada no texto da *Crônica*, e a de sua qualidade de apóstolo entre os príncipes, graças à sua decisão de se batizar e a seu povo:

Ele é o novo Constantino da poderosa Roma, que se batizou e aos seus súditos; porque o Príncipe dos Rus', imitou os atos do próprio Constantino. Mesmo que ele anteriormente se entregava a más concupiscências, após isso ele se consagrou ao arrependimento, de acordo com os ensinamentos do apóstolo que dizem, “Onde foi grande o pecado, foi bem maior a graça” (*Rm.*, V, 20). Ainda que anteriormente ele cometesse outros crimes em sua ignorância, ele subsequentemente se distinguiu em arrependimento e caridade. Porque está escrito “Pois bem, casa de Israel! Eu vou julgar vocês de acordo com a maneira de viver de cada um” (*Ez.*, xxxiii, 20). Assim diz o Profeta, “Diga-lhes: Juro por minha vida – oráculo do Senhor Javé: Não sinto nenhum prazer com a morte do injusto. O que eu quero, é que ele mude de comportamento e viva.” (*Ez.* XXXIII, 11). Porque muitos daqueles que agem de maneira justa e correta saem do caminho virtuoso para a morte e são destruídos; enquanto outros vivem de maneira errônea, e ainda assim são admoestados antes de suas mortes e expiam seus pecados através de louvável arrependimento (CROSS, 1968: 124-125).

Assim o Profeta diz, “Nem a justiça do justo o salvará no dia em que ele pecar. Se eu disser que o justo vai sobreviver, e ele, confiando no que já fez de correto, começar a praticar a injustiça, tudo o que ele tiver feito de bom não será mais lembrado; ele morrerá por causa da

<sup>184</sup> In war and at the hunt, by night and by day, in heat and in cold, I did whatever my servant had to do, and gave myself no rest. Without relying on lieutenants or messengers, I did whatever was necessary” (Tradução nossa)

<sup>185</sup> “I did not allow the mighty to distress the common peasant or the poverty-stricken widow” (Tradução nossa).

injustiça cometida. Se eu disser ao injusto que ele vai morrer, mas ele se converter do seu pecado e praticar o direito e a justiça, devolvendo o penhor recebido, restituindo o que roubou, passando a viver conforme os preceitos que dão vida, de modo a não praticar mais a injustiça, ele sobreviverá e não morrerá. Ninguém vai lembrar a ele os pecados que cometeu; se fez o que é justo e direito, ele continuará vivo. Pois bem, casa de Israel! Eu vou julgar vocês de acordo com a maneira de viver de cada um” (*Ez.*, XXXIII, 12-16, 20).

Vladimir morreu na fé ortodoxa. Ele apagou seus pecados através do arrependimento e da caridade, o que é melhor do que todas as outras coisas. Porque o Senhor diz: “Eu desejo a caridade, e não um sacrifício” (*Mt.* IX, 13). A caridade é melhor e mais exaltada do que todas as outras coisas, já que ela nos leva à presença de Deus, até mesmo ao próprio paraíso; como o anjo disse a Cornélio “As orações e esmolas que você fez foram aceitas por Deus em seu favor” (*At.*, X, 4) (CROSS, 1968: 124-125).<sup>186</sup>

A respeito desse longo trecho, notamos a enorme importância atribuída ao arrependimento do príncipe de sua vida anterior ao batismo. Exemplo máximo disso para os historiadores e cronistas cristãos da Idade Média é o de Constantino, e Vladimir é comparado a ele, bem como Kiev é comparada a Roma, assim como séculos mais tarde Moscou será comparada com Constantinopla, como uma grande cidade que ouve a boa nova depois de sua revelação em outros lugares.

Ainda seguindo essa ideia do arrependimento, encontramos aqui o fechamento da proposição lançada durante a descrição da vida de Vladimir antes de conhecer e adotar o cristianismo. Aqui o(s) cronista(s) se esforça(m) para demonstrar a importância do arrependimento na vida do príncipe para sua salvação. De forma semelhante, o texto

---

<sup>186</sup> He is the new Constantine of the mighty Rome, who baptized himself and his subjects; for the Prince of Rus' imitated the acts of Constantine himself. Even if he was formerly given to evil lusts, he afterward consecrated himself to repentance, according to the teaching of the Apostle that “when sin increases, there grace abounds the more” (*Rom.*, v, 20). Even if he had previously committed other crimes in his ignorance, he subsequently distinguished himself in repentance and almsgiving. As it is written, “As I shall find you, so shall I judge you” (*Wis.*, xi, 17). Thus the Prophet says, “as I the Lord Adonai live, I desire not the death of a sinner, but rather that he shall turn from his way and live; turn in repentance from your wicked way” (*Ezek.*, xxxiii, 11). For many of those who act justly and live in righteousness turn from the virtuous road to death and are destroyed; while others live unrighteously, yet are admonished before their deaths, and atone for their sins through laudable repentance.

Thus the Prophet says, “The righteousness of the righteous shall not save him in the day of his transgression. When I say to the righteous man, ‘Thou shalt live,’ if he trust to his righteousness and commit iniquity, all his righteousness shall not be remembered, and he shall die in the iniquity that he hath committed. And when I say to the wicked, ‘Thou shalt die the death,’ if he turn from his sin and perform equity and justice, restore his pledge, and give back what he hath stolen, then all his sins that he hath committed shall not be remembered, because he performed equity and justice, and in them shall he live. I shall judge each of you according to his way, oh house of Israel” (*Ezek.*, xxxiii, 12-16, 20).

Vladimir died in the orthodox faith. He effaced his sins by repentance and by almsgiving, which is better than all things else. For the Lord says, “I desire alms, and not a sacrifice” (*Matt.*, ix, 13). Alms are better and more exalted than all other things, since they lead us into the presence of God, even to heaven itself; as the angel said to Cornelius, “Thy prayers and thy almsgiving are remembered before God” (*Acts*, x, 4) (Tradução nossa, exceto as citações da Bíblia, retiradas da edição pastoral da *Bíblia sagrada*, 1991).

ressalta a necessidade da manutenção da conduta justa e correta entre os crentes, visto que aponta para o perigo dos desvios no caminho de pessoas virtuosas. Aqui se ressaltam as características do arrependimento e da caridade do príncipe, enquanto se salienta que o caminho da aproximação com Deus é um caminho de vigília das virtudes. Novamente outro exemplo é rememorado, o do bíblico Salomão, que era dotado de grande favor da parte de Deus e caiu em desgraça por seguir caminhos errados. Essa eulogia pode, então, ser vista como um exemplo de vida a se seguir, ao mesmo tempo em que guarda essa diferenciação entre o caminho dos justos que caem em desgraça e o caminho dos injustos que se arrependem, visto que o texto da *Crônica* é endereçado a um público Rus' cristão do início do século XII, onde o cristianismo já começava a se consolidar como um elemento cultural crucial naquela sociedade, que ajudava a organizar e embasar a percepção daquela própria sociedade sobre sua terra, seu povo, os outros povos e o mundo de uma forma geral, uma percepção do universo e da realidade que organiza a realidade, além de tentar sempre universalizar seus termos, categorias e conceitos.

Um último dado salta a nossos olhos na leitura desse aspecto dos argumentos da *Crônica*. Ao se maravilhar pelo presente que Vladimir “deu” aos Rus', o(s) cronista(s) percebe(m) que os Rus' não renderam as devidas homenagens ao príncipe:

De fato, são maravilhosos os benefícios que Vladimir conferiu sobre a terra dos Rus' através de sua conversão. Mas nós, apesar de cristãos, não lhe rendemos homenagem em proporção a esse benefício. Porque se ele não tivesse nos convertido agora seríamos presas para as artimanhas do diabo, tal como nossos ancestrais pereceram. Se tivéssemos sido zelosos para com ele e tivéssemos oferecido nossas preces a Deus em seu nome no dia de sua morte, então Deus, observando nosso zelo, o teria glorificado (CROSS, 1968: 125).<sup>187</sup>

Essa constatação demonstra a necessidade de glorificar Vladimir entre os Rus'. Era imprescindível, do ponto de vista político religioso, que aquele povo prestasse as honras devidas ao homem que trouxe a fé verdadeira para os Rus' e a *Crônica* era uma forma de exaltar a população para a necessidade de atingir esse objetivo. Pois aqui percebemos que a comparação que se estabeleceu entre sua vida pregressa, anterior ao batismo, e sua vida após o batismo são ícones, para o(s) autor(es), da transformação que também ocorreu entre os Rus' como um todo: aquele povo, que vivia na ilusão da

---

<sup>187</sup> “It is indeed marvelous what benefits Vladimir conferred upon the land of Rus' by its conversion. But we, though Christians, do not render him honor in proportion to this benefaction. For if he had not converted us, we should now be a prey to the crafts of the devil, even as our ancestors perished. If we had been zealous for him, and had offered our prayers to God in his behalf upon the day of his death, then God, beholding our zeal, would have glorified him” (Tradução nossa).

idolatria, adotou a religião cristã por intermédio do príncipe. Dessa forma, sua mudança de vida levou à mudança de vida de todo um povo e isso merecia ser amplamente celebrado pelos Rus’.

Notamos então o significado da vida de Vladimir no contexto do testemunho da *Crônica*. Vladimir foi o grande causador da ruptura com o passado pagão. É fundamental para o significado do texto a percepção de que esse príncipe era um expoente de todas as características do príncipe pagão, tal como percebido pelos observadores cristãos. Da mesma forma, perceber a mudança de sua vida, de seus hábitos e costumes é idêntico a perceber e reafirmar a mudança naquela sociedade, de como ela foi se abrindo para a fé cristã até a decisão final do príncipe.

No entanto, essa mudança no âmago da comunidade foi apenas engendrada por Vladimir. Não se realizou em seu tempo. Os frutos dessa conversão – e a palavra “fruto” é significativa nesse trecho da exposição da *Crônica* – foram vistos e sentidos pelo(s) autor(es) da *Crônica* no período do principado de seu filho, o príncipe Iaroslav, quando, na passagem relativa ao ano de 1037 d.C., lemos uma digressão sobre o papel histórico desses dois príncipes de Kiev:

Porque enquanto um homem ara a terra e outro a semeia, outros ainda colhem e comem comida em abundância, assim fez esse príncipe [Iaroslav]. Seu pai, Vladimir semeou e arou o solo quando ele iluminou os Rus’ através do batismo, enquanto esse príncipe semeou os corações dos fiéis com a palavra escrita, e nós por nossa vez colhemos essa plantação ao receber os ensinamentos dos livros. Porque é grande o benefício do aprendizado com livros (CROSS, 1968: 137).<sup>188</sup>

Essa passagem demonstra bem o que queremos dizer a respeito dessa comparação que se estabelece entre a prática do plantio (com os termos arar, semear, colher, plantação) e as transformações na vida de Vladimir e dos Rus’. O agradecimento que se nutre por Vladimir na passagem toma a forma do agradecimento pelo alimento, o alimento espiritual que o príncipe trouxe para seu povo. Iaroslav surge aqui como o coletor da plantação de Vladimir, que através da atitude iniciadora dele (Vladimir) trouxe os ensinamentos da palavra escrita, ao incentivar a produção literária e a tradução dos textos sagrados entre os Rus’. Continuando essa metáfora o texto inclui nessa propagação da fé em cadeia o próprio grupo dos religiosos e das pessoas que foram

---

<sup>188</sup> For as one man plows the land, and another sows, and still others reap and eat food in abundance, so did this Prince. His father Vladimir plowed and harrowed the soil when he enlightened Rus’ through baptism, while this prince sowed the hearts of the faithful with the written word, and we in turn reap the harvest by receiving the teaching of books. For great is the profit from book-learning (Tradução nossa).

afetadas pela cultura escrita, os fiéis, se alimentando dos frutos da plantação do saber semeada por Vladimir e colhida por Iaroslav para ser distribuída pelos Rus'.

Dotada de uma profunda capacidade de impactar o leitor/ouvinte, essa metáfora perpassa todo o texto da *Crônica*, e é trazida à tona várias vezes. Nesse contexto da leitura do texto sobre a vida de Vladimir, temos aqui o significado da obra do príncipe, segundo o(s) autor(es) do início do século XII: a de criar a possibilidade dos Rus' de adentrar a economia da salvação cristã, a de fazer parte do plano da providência ao implantar as bases da fé cristã entre eles, abrindo caminho para o processo que começou a gerar seus resultados com Iaroslav. A decisão de Vladimir foi, para a *Crônica*, o evento que inseriu os Rus' no contexto da história universal, ou seja, a da fé cristã e a da própria construção histórica de uma "nação".

\*\*\*

Vimos até agora que a *Crônica* se vale desses instrumentos para trabalhar o batismo de Vladimir nos termos dessa ruptura oriunda de uma situação concreta, a partir de problemas políticos e de afirmação do príncipe, da mesma forma que atribui esse fenômeno à intervenção da providência divina para situar os Rus' no plano da Graça. Seguindo outra direção, o *Sermão* pensa o significado desse evento a partir de uma perspectiva mais associada à ideia do próprio caráter diferenciado de Vladimir para adotar essa nova religião. Hilarion se vale de uma ampla concepção teológica acerca da *Lei* e da *Graça* no âmbito das manifestações divinas para pensar na chegada do cristianismo entre os Rus'. Para perceber o significado atribuído à esse evento pelo metropolitano, passaremos novamente em revista a estrutura desse texto, que atribui a todo momento o significado desejado pelo autor.

Como já dissemos anteriormente, o *Sermão* é um texto apologético, pois apresenta um elogio ao príncipe Vladimir e enaltece virtudes características (ou cabíveis) a um grande líder. Esse texto surgiu durante o principado de Iaroslav (1016-1054 d.C.), que ficou marcado para a historiografia como um período de intensa produção cultural religiosa (NOONAN, 1999: 513). Nesse período, já existia uma ampla discussão em prol da dignificação de Vladimir como santo, por ser o fundador do cristianismo entre os Rus'.

Nesse sentido, o próprio título completo do *Sermão* pode nos ser útil, como já vimos, para entender que tipo de proposta estava em elaboração no texto do metropolitano. Em seu manuscrito, lemos: *A respeito da Lei dada por Moisés e da Graça e Verdade advindas de Jesus Cristo. E também sobre como a Lei se foi e a Graça e a Verdade*



*encheram toda a terra e a Fé se espalhou por sobre todas as nações, até a nossa nação dos Rus'. E também um encômio para nosso kagan Vladimir, por quem fomos batizados. E também uma prece para Deus por toda a nossa terra.*<sup>189</sup>

Esse título demonstra as aspirações do discurso do metropolita, sendo as principais as de comemorar o estabelecimento do cristianismo entre os Rus', bem como louvar os feitos do seu principal propagador, segundo Hilarion, o príncipe Vladimir. Nesse sentido, em concordância com o que já dissemos anteriormente, a tarefa de dotar o batismo de Vladimir de um significado glorificante para os Rus' foi encarada desde muito cedo por esse povo. Exponente desse processo foi a atividade dos religiosos, que elaboraram uma profunda interpretação de matriz teológica desse evento. Nesse contexto Hilarion se notabilizou por sua erudição e por seu estilo sofisticado. No intuito de saber quais os significados atribuídos pelo *Sermão* à vida, aos feitos e à morte de Vladimir, voltaremos nossa atenção para o discurso da obra, procurando compreender seus principais argumentos. Com esse objetivo, investigaremos as noções de *Lei* e *Graça*, bases da argumentação de Hilarion.

No início do *Sermão* o autor tenta delimitar o perfil de seu público, enquanto situa a si mesmo no mesmo contexto cultural deste. Ao propor o tema da *Lei* e da *Graça*, o Metropolita estabelece a distinção de seus ouvintes, o que constitui um argumento primordial para todo seu discurso: o do quão era – ou deveria ser – supérfluo falar sobre a pregação dos profetas a respeito de Cristo ou dos ensinamentos dos apóstolos a respeito da era que virá, visto que todo o seu povo era cristão e convertido desde Vladimir<sup>190</sup>, o príncipe que era o principal motivo daquela pregação:

(4) Ainda é supérfluo, chegando até mesmo a ser vaidade, lembrar esse trabalho ou as pregações dos profetas acerca de Cristo ou os ensinamentos dos apóstolos sobre a era que virá. É um tipo de presunção e desejo de glória mostrar aqui o que foi escrito em outros livros e conhecido por vocês. Porque nós não escrevemos para **ignorantes**, mas para aqueles que se banquetearam completamente na doçura dos livros! Não para os **heterodoxos**, nem para os **inimigos** de Deus, mas para seus filhos! Não para **estranhos**, mas para os herdeiros do reino dos céus (FRANKLIN, 1991a: 4).<sup>191</sup>

<sup>189</sup> O título *Sermão sobre a Lei e a Graça* é como o texto ficou conhecido pela historiografia. Na edição que utilizamos, por exemplo, esse título é dado para a obra de Hilarion. No entanto, no manuscrito da obra, o único título encontrado é esse, mais extenso (FRANKLIN, 1991a: 3).

<sup>190</sup> Uma afirmação muito otimista. Na verdade a conversão da região do Dnieper estava relativamente consolidada no período, no entanto as outras regiões sob domínio de Iaroslav estavam em etapas bem diferentes nesse processo.

<sup>191</sup> Yet it is superfluous, verging even on vanity, to recall in this work either the preaching of the prophets concerning Christ or the teaching of the apostles concerning the age to come. It is a type of presumptuousness and vaingloriousness to set forth here that which is written in other books and is known to you. For we do not write for the ignorant, but for them that have feasted to fulfillment on the

O objetivo desse trecho é captar a atenção do público para a realização plena da cristianização entre os Rus', deixando claro que a história cristã é de conhecimento da comunidade, tomando essa realidade como a *doxa*, a visão de mundo compartilhada por seus ouvintes, um conhecimento comum da comunidade que será comentado pelo metropolita. Essa afirmação é carregada de um caráter comemorativo. No entanto, sugere para o historiador uma série de questões sobre a validade dessas afirmações nesse contexto.

Notamos ainda algumas comparações que o autor estabelece nesse trecho: quando afirma a identidade cristã do seu público ouvinte, Hilarion diz que não escreve para os ignorantes, mas para os que se banquetearam na doçura dos livros. Essa passagem sugere que houve um incremento nas práticas da cultura letrada entre os Rus' após o batismo por oposição à “ignorância” e, no entanto, a ignorância ainda permanece como um horizonte possível, *i.e.*, nos parece que o metropolita sugere que ainda havia muito que fazer, apesar dos avanços celebrados por ele no incremento da cultura letrada na região. Da mesma forma, o metropolita afirma que não escreve para heterodoxos. Esses, que praticam a fé de formas diferentes das propostas pela igreja e são considerados nessa passagem provavelmente refletem a existência de diferentes ritos cristãos entre os Rus', o que nos leva a pensar na difusão de diferentes matrizes do cristianismo entre esse povo. E finalmente, quando Hilarion diz que escreve não para estranhos, mas para herdeiros do reino dos céus, aponta também para a existência de outras religiões no convívio dos Rus', situação que foi transposta para a anedota já citada sobre a “Investigação das Religiões” empreendida por Vladimir antes de se batizar, no texto da *Crônica* (CROSS, 1968: 96-111)

Também é importante notar o estatuto desse orador: Hilarion era o metropolita de Kiev, a maior sede religiosa dos Rus' submetida diretamente à autoridade de Constantinopla, cabeça da igreja daquele povo. A origem do metropolita Hilarion, um nativo dos Rus', tal como estabelecida pela *Crônica* na passagem do ano 6559 (1051 d.C.): “Jaroslav, reuniu os bispos em Santa Sofia e escolheu [I]larion, um *rusin*, como metropolita” (FRANKLIN, 1991a: xvi).<sup>192</sup> Esse dado é dos mais importantes, visto que

---

sweetness of books! Not for the heterodox, not for the enemies of God, but for His very sons! Not for strangers, but for the heirs to the kingdom of heaven (Tradução: Michele Rosado de Lima Castro. Destaque em negrito nosso).

<sup>192</sup> “Jaroslav assembled the bishops in St. Sophia and appointed [I]larion, a rusin, as metropolitan” (Tradução nossa). Simon Franklin traduziu essa passagem da *Crônica* dessa forma, no entanto, em sua tradução para a língua inglesa do texto Laurentiano da *Crônica*, Samuel Cross expõe uma versão diferente: “Jaroslav, after assembling the bishops, appointed Hilarion Metropolitan of Rus' in St.

durante todo o século XI e todo o século XII d.C. apenas dois religiosos de origem Rus', Hilarion e Klim Smoljatič conseguem ocupar a metropolia de Kiev. Acreditamos que esse dado revela sua importância quando averiguamos quais eram os significados que o autor pretendia inculcar no evento do batismo de Vladimir e da cristianização dos Rus'.

Um amplo debate se deu, na historiografia, em relação ao apontamento por Iaroslav de Hilarion como Metropolita de Kiev, fato desencadeador do início do Monastério das Criptas, segundo a *Crônica*.<sup>193</sup> Aqui surge o problema da leitura e da interpretação desses documentos ao longo do tempo. Quando se fala no apontamento de Hilarion como chefe episcopal dos Rus', várias razões são elencadas para demonstrar que essa iniciativa foi um desafio direto da metropolia de Kiev à hierarquia da religião cristã ortodoxa, bem como também são enumerados motivos para negar o fator desafiador dessa escolha.

Consideramos importante salientar alguns aspectos, nesse contexto: a origem Rus' de Hilarion; o modo através o qual chegou ao poder; o contexto histórico de guerras intermitentes recém findadas entre os Rus' e o Império Bizantino; sua não consagração por Constantinopla; o próprio “programa cultural” de Iaroslav, para emular a cidade de Constantinopla em Kiev que contou com Hilarion como um participante ativo. Esses aspectos e, finalmente, o próprio tom de sua obra podem ser evidências tanto para aqueles que acreditam que sua nomeação constituiu um desafio à autoridade do patriarcado, bem como para aqueles que pensam o contrário. No entanto, vale frisar que, tal como Simon Franklin propôs, nenhum desafio direto foi colocado na relação entre Kiev e Constantinopla, principalmente porque o objetivo de Iaroslav, o de consolidar o cristianismo em seus domínios, era uma tarefa impossível se desenvolvida isoladamente (FRANKLIN, 1991a: xxii-xxvii). Todos os modelos culturais do cristianismo oriental eram bizantinos. Todas as explicações históricas eram bizantinas. O “projeto civilizador” de Iaroslav passava necessariamente pela imitação e pela aplicação em Kiev dos modelos bizantinos. Dessa forma, um conflito no campo das ideias religiosas entre Constantinopla e Kiev era praticamente impossível no período, muito embora algum sentimento de autonomia permanecesse embasando as atitudes do príncipe e dos propagadores desse “programa cultural.”, o que não quer dizer que os

---

Sophia” (CROSS, 1968: 139). “Após se reunir com os bispos, Yaroslav apontou Hilarion o Metropolita dos Rus' em Santa Sofia (Tradução nossa). Essa diferença entre a tradução de Simon Franklin e a de Samuel Cross impõe uma alteração notável no significado da passagem, no entanto optamos por adotar a de Franklin pois é a que mais se aproxima do original que contém a partícula *rusina*, uma forma declinada posterior da palavra *rus* para “um russo.”

<sup>193</sup> Como já salientamos no tópico “A chegada do cristianismo entre os Rus'” nesse mesmo capítulo

Rus' desejassem subverter deliberadamente a hierarquia religiosa do patriarcado de Constantinopla (FRANKLIN, 1991a: xxii-xxvii).

Delimitada essa situação, continuemos a leitura do texto. No início do texto o autor anuncia seu primeiro objetivo: “Dessa forma, esse discurso diz respeito à Lei dada por Moisés e a Graça e a Verdade, que vieram por Jesus Cristo” (FRANKLIN 1991a: 4).<sup>194</sup> Em um primeiro momento, tomando como base o antigo testamento, Hilarion definiu de forma básica como interagiram as categorias de *Lei* e *Graça* através da história:

(3) [...] Enquanto a Lei foi a serva e precursora da Graça e da Verdade, também a Verdade e a Graça são servas da era que virá, da vida incorruptível. Porque a Lei trouxe a Graça do batismo para aqueles que viviam na Lei, assim também o batismo traz seus filhos para a vida eterna. E como Moisés e os profetas anunciaram a vinda de Cristo, assim também Cristo e seus apóstolos anunciaram a ressurreição e a era que virá (FRANKLIN, 1991a: 4).<sup>195</sup>

Acreditamos que a contraposição entre esses dois fenômenos se estabelece, para o autor, como características da relação de Deus com a humanidade: o período de predomínio da *Lei* na história da salvação simboliza uma época em que a humanidade ainda claudicava em sua relação com Deus. Ela se tornou necessária para educar o povo no caminho correto, para estabelecer a lei entre os homens e lidar com a barbárie e o caos dos grupos humanos primitivos. Por outro lado o momento da *Graça* simboliza uma nova relação entre a humanidade e Deus, através da encarnação de Cristo, onde se constituiu uma nova aliança entre Deus e a humanidade.

Esse trecho é significativo por sintetizar uma concepção do tempo que era presente em muitos textos de religiosos da Idade Média, conhecida como “o tempo das três eras.” O historiador Jacques Le Goff elaborou uma interessante definição do que seria esse tempo:

[...] A terceira característica do tempo cristão é de ser um tempo sagrado e orientado. Procede de uma dupla origem divina, de um duplo evento original: a Criação renovada pela Encarnação. Marcha em direção a uma consumação, um fim marcado pelo Juízo Final. O tempo dirige-se para a eternidade, que o abolirá. Este tempo que comporta dois outros tempos, o circular e o linear, também é, para o homem, o tempo do destino, no qual ele alcançará a salvação eterna-

<sup>194</sup> “This discourse, therefore, concerns the Law given by Moses, and the Grace and Truth which came by Jesus Christ.” (Tradução nossa).

<sup>195</sup> (3) [...] For as the Law was the servant and precursor of Grace and Truth, so Truth and Grace is the servant of the age to come, of life incorruptible. For as the Law brought to the Grace of baptism those who abided in the Law, so baptism brings its sons to eternal life. And as Moses and the prophets told of the coming of Christ, so Christ and his apostles told of the resurrection and of the age to come (Tradução nossa).

ou cairá na danação, igualmente eterna. É um tempo escatológico que sai do nada e vai em direção a seu aniquilamento. Mas deve ser precedido, na terra, de um período dramático, o dos “últimos tempos” anunciados pelo *Apocalipse*, que trarão, antes do Juízo Final, um longo período de retorno do Cristo sobre a terra e o reino dos santos, o Milênio. A crença num Milênio que estaria por vir foi intensamente combatida pelos Pais da Igreja, sobretudo por Santo Agostinho, e pela Igreja medieval. Tal crença suscitou movimentos para-heréticos ou heréticos: os milenaristas, cujo principal profeta foi Joaquim de Fiore, na passagem do século XII para o XIII. O tempo milenarista é um tempo perturbador do tempo da igreja, quase revolucionário (LE GOFF, *DTOM*, TEMPO, 2006: 534).

Essa definição demonstra como alguns pregadores e teólogos medievais concebiam o passar do tempo e, a partir dela, percebemos que Hilarion desenvolve uma interpretação que está surpreendentemente de acordo com essa definição levando-se em conta que ele escreveu na segunda metade do século XII. Ao fazer isso situamos as narrativas sobre o batismo de Vladimir em um contexto mais amplo do pensamento da Cristandade medieval. Le Goff relembra Joaquim de Fiore, teólogo do final do século XII e início do século XIII que pensava a passagem do tempo cristão de maneira semelhante na península itálica. Percebemos, com isso, uma característica que já ressaltamos na *Crônica*: a ressonância da perspectiva milenarista inculcada no cristianismo do período e no proselitismo cristão entre os Rus'. Aqui percebemos evidências de que a atividade missionária cristã na região da Planície Russa se deu a partir da ideia do fim do mundo iminente e que o batismo e a vida correta após o mesmo eram extremamente necessários para que os homens pudessem encarar o apocalipse que se aproximava. O cumprimento disso entre os Rus' foi o que alegrou Hilarion e o levou a escrever nesse tom comemorativo já demonstrado.

As características atribuídas por Hilarion à *Lei* e à *Graça* são esclarecidas a partir de uma analogia baseada na escolha empreendida por Abraão entre Sara e Hagar, onde o autor procura evidenciar a hierarquia entre as duas noções, com o predomínio da segunda sobre a primeira. A partir dessa comparação ele vai analisar as manifestações do Pai e do Filho da Santíssima Trindade através do tempo, de forma a demonstrar a diferença nas posições da humanidade em relação a essas manifestações, ao mesmo tempo em que, de maneira muito interessante, propõe uma filosofia da história baseada na manifestação de Deus entre os homens:

O que foi alcançado pela Lei e o que se alcança pela Graça? Primeiro houve a Lei, então houve a Graça: primeiro a sombra e então a Verdade. Como uma figura para a Lei e a Graça, considerem as

mulheres Hagar e Sarah: Hagar a escrava e Sarah a mulher livre; primeiro a escrava e então a mulher livre. Quem lê, que entenda.

Porque em sua juventude Abraão tomou Sarah como esposa, uma mulher livre e não uma escrava: assim, antes das eras, Deus permitiu e designou enviar para o mundo Seu Filho, para que através Dele a Graça pudesse se manifestar.

Mas Sarah era estéril [...] Então Sarah disse a Abraão: “Veja, o Senhor me impediu de ter filhos; Dessa forma, vá a Hagar, minha serva, e você terá filhos através dela”: assim, a Graça disse a Deus: “Se não é a hora para que eu desça à terra e salve o mundo, então desça ao Monte Sinai e estabeleça a Lei.”

E Abraão ouviu as palavras de Sarah e foi até Hagar, e Deus ouviu as palavras da Graça e desceu ao Monte Sinai. [...]

E Hagar, a escrava concebeu para Abraão um filho, um filho da escravidão, e Abraão o chamou Ismael: e Moisés trouxe para o pé do Monte Sinai a Lei, mas não a Graça; a sombra, mas não a Verdade.

E quando o senhor visitou Sarah, ele afrouxou seus laços e ela concebeu Isaac, o filho livre de uma mãe livre: assim, quando o Senhor visitou a humanidade, as coisas escondidas e secretas se tornaram manifestas. E esse foi o nascimento, não da Lei, mas da Graça e da Verdade, não do escravo, mas do filho (FRANKLIN, 1991a: 4-6).<sup>196</sup>

Aqui vemos o plano de Deus para os homens em seu início. O autor propõe que as manifestações da divindade no mundo seguem um plano primordial onde a *Graça* eventualmente sobrepunha a *Lei*, que, no entanto, é necessária para o estabelecimento inicial da relação entre os homens e Deus. Porém, como na comparação estabelecida com Hagar e Sarah o cristianismo (realização da *Graça*) é recebido com desdém pela ordem estabelecida, o judaísmo (realização da *Lei*). A resposta da Graça é a do castigo, tal como foi para Ismael, assim seria para o judaísmo:

Depois dessas coisas, quando Sarah viu Ismael, o filho de Hagar, brincando com seu filho Isaac e viu Isaac sendo caçoado por Ismael,

---

<sup>196</sup> What was attained by the Law, and what has been attained by Grace? First there was the Law, then there was Grace: first the shadow, then the Truth. As a figure of Law and Grace, consider the women Hagar and Sarah: Hagar the bondswoman, and Sarah the free woman; first the bondswoman, and then the free woman. And whoso readeth, let him understand.

From his youth Abraham took to wife Sarah, a free woman, not a bondswoman: thus before the ages God deigned and designed to send into the world His Son, that through Him Grace might be made manifest.

But Sarah was barren [...] And Sarah said to Abraham: “Behold, the Lord has restrained me from bearing; go therefore, to Hagar my maid, and you will obtain children by her”: thus Grace said to God, “If it is not the time for me to descend to earth and to save the world, then You descend to Mount Sinai and establish the Law.”

And Abraham hearkened to the voice of Sarah and went in to her bondswoman Hagar: and God hearkened the words of Grace and descended do Sinai.

And Hagar the bondswoman bore to Abraham a son, a son of bondage, and Abraham called the name of his son Ishmael: and Moses bore down from Mount Sinai the Law, but not Grace; the shadow, but not the Truth [...].

And when the Lord visited Sarah, He loosened her loins and she conceived and bore Isaac, the free son of the free mother: so when the Lord visited mankind, the secret and hidden things were made manifest. And this was the birth not of Law but of Grace and Truth, not the bondsman but of the son (Tradução nossa).

então ela disse a Abraão, “expulse essa escrava e seu filho, porque o filho da escrava não herdará junto do filho da mulher livre”: assim depois da ressurreição do Senhor Jesus, quando os discípulos e outros que acreditaram em Cristo estavam em Jerusalém, e quando Judeus e Cristãos viviam lado a lado, então a Graça que veio pelo batismo foi zombada pela Lei que vinha da circuncisão, porque a Igreja Cristã em Jerusalém se recusou a aceitar qualquer bispo não circuncidado e aqueles circuncidados, sob pretexto da sua senioridade, oprimiram os Cristãos – os filhos da escravidão oprimiram os filhos da liberdade – e houve muita discórdia e divergência entre eles. Então quando a Graça viu seus filhos, os Cristãos, sendo caçados pelos Judeus – pelos filhos da escravidão da Lei – ela rogou a Deus: “Expulse os Judeus e sua Lei! Espalhe-os entre as nações! Pois que comunhão há entre a sombra e a Verdade, entre o Judaísmo e a Cristandade? (FRANKLIN, 1991a: 6-7).<sup>197</sup>

O que caracteriza esse movimento é o choque e a disputa que se estabelece entre aqueles que acreditam na manifestação da *Graça* (o cristianismo, segundo o autor) e aqueles que permanecem exclusivamente fiéis às premissas da *Lei* (o judaísmo, segundo o autor), e essa querela atinge ambientes amplos, com a questão da evangelização dos gentios, momento no qual os judeus perdem o direito à Graça por não se comportarem de acordo com a Lei, mesmo sendo o único povo com conhecimento desta. É o momento onde Hagar, a escrava que deu a luz ao primeiro filho de Abraão dá lugar a Sara, a mulher livre que trouxe ao mundo o segundo filho de Abraão (FRANKLIN, *ODB*, 1991b: 985).

Essa sucessão de tempos históricos, apresentada através da comparação entre as duas mulheres de Abraão, quer trazer para o leitor uma melhor definição a respeito da *Lei* e da *Graça*, que já foram esboçadas anteriormente no texto do metropolita. No entanto, funciona também como uma chave de leitura que vai permear a obra, presente em toda a interpretação de Hilarion acerca da constituição e trajetória histórica da fé judaica e, posteriormente, da fé Cristã. Seu desenvolvimento é, de acordo com o *Sermão*, o da universalização da mensagem de Deus, que antes se limitava ao povo judeu. Esse povo, por sua vez, obedecia por obrigação aos desígnios de Deus,

---

<sup>197</sup> After these things, when Sarah saw Ishmael the son of Hagar sporting with her son Isaac and saw Isaac being mocked by Ishmael, then she said to Abraham, “Cast out this bondswoman and her son, for the son of the bondswoman shall not inherit with the son of the free woman”: so after the resurrection of the Lord Jesus, when the disciples and others who had come to believe in Christ were in Jerusalem, and when both Jews and Christians lived side by side, then the Grace which came of baptism was mocked by the Law which came of circumcision; for the Christian Church in Jerusalem refused to accept any uncircumcised bishop; and those of the circumcision, on the pretext of their seniority, oppressed Christians – the sons of bondage oppressed the sons of the free – and there was much discord and dissension between them. So when Grace saw her sons the Christians being mocked by the Jews – by the sons of the bondage of the Law – she cried out to God: “Cast out the Jews and their Law! Scatter them among the nations! For what communion is there between the shadow and the Truth, between Jewry and Christianity?” (Tradução nossa).

proclamados em tom de comando e não de diálogo. Daí a comparação com Hagar, que de acordo com o livro do Gênesis foi uma escrava tomada como concubina por Abraão, que teve um filho seu não por sua própria vontade e sim porque estava submetida às ordens do ancião e de sua esposa (*Gen. 16, 1-4*).

Essa analogia serve como base para que o autor desenvolva uma interpretação teológica da relação entre Deus e os homens. Enquanto no início a relação estabelecida é a da escravidão, a liberdade vem em conjunto com a *Graça* e o conhecimento dos planos de Deus para os homens. Os povos que aceitaram esses planos e se submeteram de espontânea vontade ao cristianismo se tornaram os legítimos seguidores de Deus, enquanto os que foram coagidos a fazê-lo e que não aceitaram a mensagem libertadora de Jesus Cristo foram destituídos de seu território e espalhados pela terra. Essa leitura da trajetória do judaísmo, inclusive de sua diáspora, era de uso corrente pelos pregadores da Idade Média e demonstra fortemente a influência da oratória religiosa bizantina entre os Rus’.

A já demonstrada (pelo autor) natureza inferior da *Lei* em relação à *Graça* é estabelecida através de outra analogia interessante, onde o autor associa essas duas categorias à uma contraposição entre Judaísmo e Cristianismo. Nessa associação, ele remete a diversas passagens bíblicas que evidenciam em tom profético a passagem de um estado para o outro, da *Lei* judaica para a *Graça* oriunda de e difundida pelo Messias, Jesus Cristo. Esse argumento, que estabelece uma sucessão direta entre essas duas presenças, traz a evidência da sobreposição necessária da *Graça* sobre a *Lei* e também é demonstrado através de uma analogia:

(18) Através dos Judeus a Bênção de Manassés foi completada [mas para os Cristãos a bênção de Efraim. Manassés,] o filho mais velho, foi abençoado pela mão esquerda de Jacó, enquanto Efraim, o filho mais novo, foi abençoado pela mão direita de Jacó. Apesar de Manassés ser mais velho que Efraim, ainda nas bênçãos de Jacó ele se tornou como o mais novo. Dessa forma, apesar do Judaísmo ter vindo antes, ainda assim na Graça de Cristo os Cristão se tornaram maiores.

(19) Dessa forma, quando José disse para Jacó, “Pai, repouse sua mão direita sobre [Manassés], porque ele é o mais velho” e Jacó respondeu “Eu sei, meu filho, eu sei; ele também gerará um povo e ele também será exaltado, mas este irmão mais novo será maior do que ele e sua semente se tornará uma multidão de nações.” E assim foi: a Lei veio antes e foi exaltada por um tempo e então partiu; mas a fé Cristã, apesar de revelada posteriormente, se tornou maior do que a que veio anteriormente e foi multiplicada para uma multidão de nações e a



Graça de Cristo abraçou toda a terra e a cobriu como as águas do mar (FRANKLIN, 1991a: 8).<sup>198</sup>

Nessa passagem, as bênçãos proferidas por Jacó simbolizam o estatuto posterior das duas religiões (que por sua vez integram a já estabelecida analogia da contraposição entre *Lei* e *Graça*). A predileção pelo cristianismo, simbolizada na preferência da bênção a Efraim era uma tópica corrente na visão teológica do período. Da mesma forma, o que poderia ser encarado como antissemitismo no discurso do metropolita pode, para além dessa leitura, ser encarado como uma demonstração do triunfo da religião cristã, que no contexto da cristianização dos Rus' reflete também a vitória daquela religião ali, contra o paganismo, nas terras dos Rus'. Como caracteriza Simon Franklin, os judeus eram alvo comum da pregação e da historiografia do cristianismo medieval, mas não necessariamente os judeus contemporâneos e sim os judeus do tempo de Cristo e seus atos que culminaram em sua crucificação (FRANKLIN, 1991a: xxxviii). Isso, no entanto, não caracteriza os ataques ao povo judeu como o objetivo último do metropolita nessa pregação. Encaramos essa passagem muito mais como uma reafirmação das virtudes do cristianismo em detrimento de um inimigo, que aqui foi o judaísmo, mas poderia ser qualquer outro.

Assim, continuando sua exposição, o Metropolita fala sobre as virtudes dos gentios que receberam a mensagem de Cristo sem ter o conhecimento das profecias messiânicas e dos costumes judaicos. Ele fala sobre a indistinção feita entre judeus e gentios (não judeus) quando estes aceitam os ensinamentos do cristianismo:

(24) Porque assim foi dito: “E eles não ensinarão todo o homem a seu vizinho e todo homem a seu irmão, dizendo ‘conheça o Senhor’; porque todos me conhecerão, do menor ao maior.” Como Cristo nosso Salvador disse ao Pai: Eu Te confesso, Ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque Tu escondestes essas coisas do sábio e do prudente, e revelastes aos bebês. Ainda assim Pai, porque isto pareceu bom a Teus olhos.” E tão grande foi a misericórdia do Senhor para a humanidade que pelo batismo e pelos bons feitos dos homens de carne e osso estão se tornando filhos de Deus e convivas na mesa de Cristo. “Todos

---

<sup>198</sup> (18) For the Jews the blessing of Manasseh was fulfilled, [but for Christians the blessing of Ephraim. Manasseh,] the elder son, was blessed by Jacob's left hand, while Ephraim, the younger son, was blessed by Jacob's right hand. Though Manasseh was older than Ephraim, yet in Jacob's blessing he became as the younger. Thus though Jewry came earlier, yet in Christ's Grace Christians became greater. (19) Thus when Joseph said to Jacob, “Father, lay thy right hand upon [Manasseh], for he is the elder”, Jacob answered, “I know it, son, I know it; he also shall be a people, and he shall be exalted, but his younger brother shall be greater than he, and his seed shall become a multitude of nations.” And so it came to pass: the law came earlier and was exalted a while and departed; but the Christian faith, though revealed later, became greater than that which came earlier, and it was multiplied to the multitude of nations, and the Grace of Christ embraced all the earth and covered it like the waters of the sea. (Tradução: Michele Rosado de Lima Castro).

quantos o receberam, Deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus, pelo Espírito Santo na santa fonte do batismo.” Tudo o que nosso Deus desejou no céu e na terra, Ele fez (FRANKLIN, 1991a: 9).<sup>199</sup>

Em seguida o autor exalta a recepção da nova mensagem pelos gentios, enquanto ataca a posição dos judeus, invertendo, no plano da salvação, a contraposição oriunda da diferenciação entre judeus (povo que conhece a Deus) e gentios (povo que desconhece a fé):

(31) Mas Ele foi recebido pelas nações [dos gentios]. Jacó disse: “E ele é a expectativa das nações”. Então, até mesmo no seu nascimento, os Reis Magos foram os primeiros a adorá-lo, enquanto os judeus solicitaram que o matassem, portanto eles mataram até mesmo as crianças. Ocorreu como nosso Salvador previu: “Muitos virão do leste e do oeste e se sentarão com Abraão e Isaac e Jacob no reino dos céus; mas os filhos do reino serão jogados nas trevas, e o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (FRANKLIN 1991a: 13).<sup>200</sup>

Essa comparação, que estabelece a *Lei* e a *Graça* para os leitores/ouvintes do *Sermão* é reforçada veementemente ao longo de toda a obra. A *Graça* chega até os Rus´ graças à atitude transformadora do príncipe Vladimir, que como já vimos foi alçado à categoria de apóstolo dos Rus´ nessa obra. Em seu elogio ao príncipe, Hilarion vai além da *Crônica* ao estabelecer uma comparação mais aprofundada entre o Vladimir e Constantino (306-337 d.C.), o imperador romano responsável por acabar com as perseguições aos cristãos. Demonstra-se aqui o objetivo claro de unir a imagem de Vladimir a de um apóstolo, comparação recorrente na pregação e no gênero de encômio *Basilikos logos*, dentro do gênero maior de encômio, ou eulogia retórica (FRANKLIN, 1991a: xxxiii), típico registro do elogio aos governantes.

<sup>199</sup> (24) Thus it was foretold: “And they shall not teach every man his neighbor and every man his brother, saying ‘Know the Lord’; for all shall know me, from the least to the greatest.” As Christ our Savior said to the Father: I confess Thee, O Father, Lord of heaven and earth, because Thou hast hidden these things from the wise and prudent, and hast revealed them unto babes. Even so, Father, for so it seemed good in Thy sight.” And so great was the good Lord’s mercy to mankind that by baptism and good words men of flesh are become sons of God and partakers in Christ. “As many as received Him,” said the evangelist, “to them gave He power to become the children of God, even to them that believe on His name; who were born not of blood, nor of the will of the flesh, nor of the will of man, but of God, by the Holy Spirit in the holy font of baptism.” All that our God willed in heaven and on the earth, He did (Tradução nossa).

<sup>200</sup> But He was received by the nations [of the gentiles]. As Jacob said: “And He is the expectation of nations.” So, even at His birth, magi from the nations were the first to worship Him, while the Jews sought to murder Him, wherefore they murdered also the infants. It was as our Savior foretold: “That many shall come from the east and the west, and shall lie with Abraham and Isaac and Jacob in the kingdom of heaven; but the sons of the kingdom of God shall be taken from you, and given to the lands bringing forth into the outer darkness, and the kingdom of God shall be taken from you, and given to the lands bringing forth the fruits thereof (Tradução nossa).

(57) Ó espelho de Constantino, o Grande, de semelhante sabedoria, semelhante amor a Cristo, semelhante honra para com Seus seguidores! Com os abençoados padres do Concílio de Nicéia, ele decretou a lei para o povo; e você, com seus novos padres – os bispos – em frequente assembleia e maior extrema humildade se aconselhou sobre como estabelecer a lei para esse povo novo em seu conhecimento de Deus. Ele entre os Helenos e os Romanos fez do reino um súdito de Deus. E você, ó abençoado Vasilij [Basílio] fez o mesmo entre os Rus', tanto que agora, tanto para nós quanto para eles, Cristo é chamado Rei. Ele e sua mãe Helena transportaram a Cruz para Jerusalém e transmitiram sua glória por todo o mundo e afirmaram e confirmaram a fé. E você e sua avó Olga transportaram a cruz da nova Jerusalém – da cidade de Constantino – e estabeleceram-na em sua terra e então você afirmou e confirmou a fé. E como você era a semelhança dele, Deus garantiu também a você que banquetearse com ele em semelhante honra e glória no paraíso graças à devoção que você demonstrou em sua vida (FRANKLIN, 1991a: 22-23).<sup>201</sup>

Essa comparação traz consigo o estabelecimento da ideia do *Isapostolos* (igual aos apóstolos), fórmula muito comum no Império Bizantino para reforçar o caráter santo dos imperadores. Mais uma vez, vemos a contraposição entre Lei e a Graça em mais uma faceta no texto do metropolitano: Constantino, e posteriormente, Vladimir incorporam uma parcela da *Graça* de seu agente máximo e portador, Jesus Cristo. Acreditamos que isso se dá em menor medida também na *Crônica*, no entanto o *Sermão* desenvolve melhor essa “comensalidade” entre Jesus Cristo, Constantino e Vladimir no plano da *Graça*. Aqui notamos que toda a história apontava para esse desfecho, que Vladimir fez o que ninguém mais fez por não ter notícias da vida de Jesus, por não viver em um local visitado por apóstolos, por não conhecer as tradições da comunidade onde a religião cristã se fundou e desenvolveu inicialmente:

Como você passou a acreditar? Como você se incendiou com esse amor por Cristo? Como tal entendimento entrou em você? Um entendimento maior do que o entendimento dos sábios mundanos: que você passou a amar o invisível e a procurar as coisas do céu? Como você procurou a Cristo? Como você veio a se comprometer com Ele? [...] Você não viu Cristo nem seguiu Seus passos; como, então, você

---

<sup>201</sup> O you likeness of Constantine the Great: of like wisdom, of like love for Christ, with like honor for His followers! With the blessed fathers of the Council of Nicaea, he set down the law for the people; and you with our new fathers – the bishops – in frequent assembly and utmost humility took counsel on how to establish the law for these people new in their knowledge of God. He among the Hellenes and the Romans made the kingdom subject to God. And you, O blessed Vasilij, did likewise in Rus', so that now, both for us as for them, Christ is called King. He and his mother Helen transported the Cross from Jerusalem, and transmitted its glory throughout all their world, and affirmed and confirmed the faith. And you and your grandmother Ol'ga transported the Cross from the New Jerusalem – from the city of Constantine – and established it throughout all your land, and so you affirmed and confirmed the faith. And as you were the likeness of him, so God granted you to partake with him in like honor and glory in heaven because of the devotion you showed in your life (Tradução nossa).

se tornou Seu discípulo? Outros o viram e ainda assim não acreditaram; você não O viu e ainda assim acreditou. Com certeza em você se tornou verdadeira a benção a Tomé: “Abençoados são aqueles que não viram e ainda assim acreditaram!”

Aqueles que conheciam a Lei e os profetas crucificaram-No; mas você, que não leu nem as Leis nem os profetas, adorou Aquele que foi crucificado. Como seu coração se abriu? Como o temor a Deus o inundou? Como você se juntou ao Seu amor? Você não viu apóstolo nenhum visitando a sua terra e inclinando seu coração à humildade através de sua pobreza e nudez, através de sua fome e sede [...] Ainda assim, sem ver nada disso, como você veio a acreditar?

Ó maravilhoso milagre! Outros reis, outros governantes, viram todas essas coisas, viram os feitos dos homens santos e ainda assim não acreditaram. Ao contrário, eles entregaram os homens santos ao sofrimento e ao tormento. Mas você Ó abençoado, sem nada disso, você veio correndo a Cristo: você entendeu, através do bom senso e do discernimento apenas, que há um Deus, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, o criador de tudo no céu e na terra; e que Ele enviou Seu amado filho para o mundo por nossa salvação. E você ponderou essas coisas. E assim entrou na fonte sagrada do batismo. O que outros consideraram tolice, você reconheceu como o Poder de Deus (FRANKLIN, 1991a: 20-21).<sup>202</sup>

Essa glorificação do ato de Vladimir – considerado sem paralelo e sem antecedentes, um milagre – seguiu no discurso dos príncipes Rus’ um rumo completamente diferente do dos imperadores bizantinos. Apesar de Hilarion situar Vladimir em uma situação privilegiada em relação a outros potentados, o discurso dos príncipes Rus’ nunca desenvolveu as mesmas tendências autocráticas e teocráticas presentes naquele dos imperadores bizantinos, o que mais alegava proximidade em relação à fé verdadeira no contexto medieval. A ausência dessas tendências, que por vezes culminaram inclusive na supremacia do imperador bizantino sobre o patriarca em

---

<sup>202</sup> How did you come to believe? How did you blaze up with that love for Christ? How did such understanding enter into you, an understanding higher than the understanding of earthly sages: that you came to love the Invisible and to strive for the heavenly things? How did you seek out Christ? How did you come to commit yourself to Him? [...] You neither saw Christ, nor did you walk in his footsteps; how then, did you come to be His disciple? Others had seen him, yet did not believe; you had not seen Him, yet you believed. Surely in you our Lord Jesus’s blessing to Thomas came true: “Blessed are they that have not seen, and yet have believed!” [...]

Those who knew the Law and the prophets crucified Him; but you, who had read neither the Law nor the prophets, worshiped Him who was crucified. How was your heart unsealed? How did the fear of God enter into you? How did you join yourself to His love? You saw no apostle visiting your land and inclining your heart to humility through his poverty and nakedness, through his hunger and thirst [...] Yet since you saw none of this, then how did you come to believe?

O wondrous miracle! Other kings, other rulers, saw all these things, saw the holy men’s deeds, yet did not believe. Indeed, they committed the holy men to suffering and torment. But you, O blessed one, without any of this, you came running to Christ: you understood, through good sense and discernment alone, that there is one God, the creator of all things visible and invisible, the creator of all both in heaven and earth; and that He sent His beloved son into the world for our salvation. And you pondered these things. And so entered the holy font of baptism. What others seemed foolishness, you discerned as the Power of God (Tradução e grifos nossos)

relação a assuntos religiosos (TAVEIRA, 2002: 66), levou a um profundo estreitamento das relações entre os príncipes e a igreja, pelo menos durante o período em que Kiev foi a principal cidade dessa entidade política.

Outro ponto importante que esse trecho quer ressaltar é o de que, exatamente por não fazer parte das comunidades que tiveram notícias dos feitos de Jesus, Vladimir merece ser ainda mais celebrado. As razões para isso são variadas, passando desde sua “iluminação” por Deus até a sua ignorância da cultura mediterrânea, da religião judaica (por oposição àqueles que conheciam a *Lei* e crucificaram Cristo). Ademais, o metropolita também condena os poderosos responsáveis pela perseguição aos cristãos no início da difusão dessa religião e ressalta que Vladimir não fez parte disso, mas que passou a acreditar em Deus sem vê-lo, ou a qualquer dos apóstolos ou mártires, mais uma vez reforçando a santidade do príncipe.

Finalmente, na última divisão do texto há uma série de elogios destinada a Vladimir, para que o príncipe contemple a beleza da obra iniciada por ele e completada por Iaroslav, seu sucessor, na primeira metade do século XI d.C. Ele enaltece a construção de igrejas e o embelezamento da cidade de Kiev, que começaram através de Vladimir. Enquanto ele glorifica essa atitude propagadora do Cristianismo, o Metropolita também elogia – tanto nessa última parte quanto na anterior – aspectos da nobreza do poder político do príncipe, que são herdados por seu filho, o príncipe Iaroslav (1018-1054), que governava a região no período de composição da obra:

Sua devoção é bem testemunhada e fidedignamente provada por George [nome de batismo de Iaroslav], seu filho, apontado por Deus herdeiro para governar depois de ti. Que não demoliu o que tu estabeleceste, mas ao contrário fortaleceu-o; que não diminuiu seus atos de devoção, mas ao contrário, os embelezou; que não debilitou, mas reparou; porque ele terminou seus trabalhos não terminados, tal como Salomão fez com os de Davi: porque ele construiu o grande templo da Santa Sabedoria de Deus para santificar e consagrar tua cidade; e ele a adornou com todos os adornos: com ouro e prata e pedras preciosas e com os objetos sacros. Essa igreja é admirada e reconhecida em todas as terras ao redor, porque nenhuma tal como essa pode ser encontrada nos confins do norte da terra, de leste a oeste. E ele envolveu tua cidade de Kiev em esplendor, como em uma coroa. E ele confiou teu povo e tua cidade à santa e gloriosa Mãe de Deus, a sempre pronta protetora dos Cristãos. Para ela ele também construiu uma igreja nos grandes portões, em nome da primeira das festas do Senhor, a festa da Anunciação, para que a saudação do arcanjo à Virgem possa tocar essa cidade também. Porque para ela o arcanjo disse: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco”, e

assim para a cidade “Ave cidade da fé, o Senhor é convosco” (FRANKLIN, 1991a: 24).<sup>203</sup>

O metropolitano também deseja que o príncipe ressurgisse de seu sepulcro e contemple a beleza da obra iniciada por ele: deseja que Vladimir veja os frutos de sua decisão e veja como está o seu povo, sua família e como eles glorificam seu nome ao continuar seu trabalho:

Levante-se, ó venerável chefe, levante-se de seu sepulcro e livre-se de seu sono! Você não está morto e sim dormindo até o tempo em que todos acordarão juntos. Levante-se você que não está morto; não é cabível a você o dever da morte, você que acreditou em Cristo, a luz do mundo. Livre-se de seu sono, erga seus olhos para observar que honra o Senhor te garantiu no paraíso; e na terra através de seu filho, Ele não o deixou sem a devida celebração. Levante-se e contemple seu filho George! (FRANKLIN, 1991a: 24).<sup>204</sup>

Além de continuar a louvar como a cidade se modificou graças à decisão de Vladimir, o metropolitano aborda um assunto que é, para ele, da maior importância: o da ruptura com o paganismo e com a “ilusão” dos ídolos graças ao batismo. Esse reforço constante no papel de Vladimir como o agente dessa ruptura é fundamental para essa caracterização do príncipe como fundador dessa realidade. Para o metropolitano, isso é a causa última de toda a bonança que se vive em seu tempo:

Regozije-se, Ó apóstolo entre os governantes: você não ressuscitou os mortos em corpo, mas nós que estávamos mortos em espírito. Nós estávamos mortos graças à doença da idolatria, e através de ti fomos revividos e viemos a conhecer Cristo, que é vida. Nós estávamos curvados pelo engodo da idolatria, e através de ti nos endireitamos e caminhamos a diante no caminho da vida. Éramos cegos nos olhos de nossos corações, cegos pelo engano demoníaco, cegos pela ignorância e através de ti vimos através da luz, os três sóis da cabeça de Deus.

<sup>203</sup> Your devotion is well witnessed and faithfully proved by Georgij, your son, whom God made heir to your rule after you; Who does not demolish what you established, but rather strengthens it; Who does not diminish your deeds of devotion, but rather embellishes them; who does not impair, but repairs; for he finished your unfinished works, as Solomon David's: for he built the great temple of God's Holy Wisdom, to sanctify and consecrate your city; and he adorned it with every adornment: with gold and silver and precious stones, and with holy vessels. This church is admired and renowned in all surrounding lands, for none such can be found within the bounds of the north of the earth, from east to the west. And he entrusted your people city to the holy, all-glorious Mother of God, the ready protectress of Christians. To her he built also a church on great gates, in the name of the first of the feasts of the Lord, the feast of the Annunciation, so that the archangel's salutation to the Virgin may touch this city as well. For to her the archangel said: "Rejoice, for joy is given thee, the Lord is with thee"; thus to the city: "Rejoice, city of faith, the Lord is with thee" (Tradução nossa).

<sup>204</sup> Arise, O venerable head, arise from your sepulcher, arise and shake off your sleep! You are not dead, but you sleep until such time as all shall rise together. Arise, you are not dead; it is not meet you should die, you who believed in Christ, the life of the world. Shake off your sleep, lift up your eyes to behold what honor the Lord has vouchsafed you in heaven; and on earth through your son, He has not left you uncommemorated. Arise and behold your son Georgij! (Tradução nossa).

Nós éramos surdos e através de ti encontramos a voz, de forma que agora, grandes e pequenos, todos nós glorificamos o único Deus em sua Trindade. Regozije-se ó nosso professor, nosso guia em devoção (FRANKLIN, 1991a: 25).<sup>205</sup>

O *Sermão* foi uma importante base para a posterior atividade pregadora entre os Rus'. Foi citado amplamente entre os autores posteriores desse tipo de obra. Simon Franklin, ao elencar os objetivos da posterior atividade literária Rus' que sobreviveu a nossos dias, enumera: primeiramente, essas obras tinham como objetivo explicar, justificar, e propagar os preceitos do Cristianismo em seu novo e, às vezes, hostil ambiente; e também o de reforçar a autoridade dos príncipes que o promoveram (FRANKLIN, *ODB*, 1991b: 1822). Esses objetivos saltam aos olhos na leitura do *Sermão*, e também na maior parte da produção literária entre os Rus', que herdaram esse modelo de Bizâncio e o utilizaram amplamente.

Essa obra foi produzida em um ambiente de intensa efervescência cultural e religiosa entre os Rus'. Acreditamos que o principal objetivo de seu autor foi o de demonstrar a efetiva inserção dos Rus' na comunidade cristã, por isso seu texto está carregado de exemplos dessa realização. A *Lei* e a *Graça* desempenham ainda outro papel em seu argumento, como baluartes temporais que demarcam o período anterior à aceitação da religião cristã por Vladimir e o posterior a esse evento. E esse evento é elevado – em absoluta consonância com o seu provável público ouvinte, o de membros da elite principesca e possivelmente o próprio príncipe – a tal patamar que ficam claras suas intenções de abalizar teologicamente a união entre a figura do príncipe e a igreja. O príncipe Vladimir é considerado santo por sua piedade e sua decisão de trazer todo aquele povo para a comunidade da fé. Sua autoridade ressaltada no trecho onde ele ordena o batismo é um sinal de concordância da igreja em relação a essa decisão, onde ela mesma se situa junto ao príncipe na vanguarda da evangelização e do ensino da fé a esse povo.

Finalmente, acreditamos que a principal “prova” do sucesso desse processo é o próprio Metropolita Hilarion, que demonstra profundo conhecimento bíblico e teológico e se situa, trazendo o público ouvinte para junto de si, em uma comunidade religiosa que conhece a fé verdadeira. Para o Metropolita, ele e sua erudição são porta-vozes da

---

<sup>205</sup> Rejoice, O apostle Among rulers: you raised not the dead in body, but us Who were dead in spirit. We were dead from the disease of idolatry, and through you we revived and came to know Christ, who is life we were bent by demonic delusion, and through you we stood straight and stepped forth in the way of the life. We were blind in the eyes of our hearts, blinded by demonic delusion, blinded by ignorance; and through you we saw through to the light, the three Suns of the Godhead (Tradução nossa).

realização de Vladimir, é prova de tudo aquilo que o autor desenvolveu durante todo o *Sermão*. Nesse caso, seu discurso, sua narrativa e sua descrição desses eventos contribuem para a adesão do público, mas também sua postura, sua origem, sua erudição, sua capacidade discursiva e a estratégia de equiparação com a plateia surgem como ferramentas discursivas riquíssimas, involucradas em uma obra com uma força impressionante, extremamente influente no período e que ainda traz profundo fascínio a seus leitores. O batismo de Vladimir ocasionou toda uma avalanche de acontecimentos, dos quais o metropolita descrevia e vivenciava os frutos, em uma visível participação nas benesses, o que evidencia em seu discurso o ambiente dialógico no qual se encontrava, caracterizado por Kazhdan, Jeffreys e Cutler a respeito do “estado da arte” da retórica medieval como um período onde “A força da lógica deu lugar à força da emoção: o papel do autor era participar dos eventos ao invés de explicá-los à audiência; indiferente à sua individualidade, ele associava-se a seus ouvintes sob um ‘nós’ sem rosto” (KAZHDAN, JEFFREYS, CUTLER, *ODB*, 1991: 1789-1790).<sup>206</sup>

Dessa forma, o significado do batismo para Hilarion foi um monumento para a inserção de todo um povo no plano da providência divina. O papel de seu texto foi transpor essa inserção para a metalinguagem mais prestigiada da Cristandade medieval, a da teologia cristã (FRANKLIN, 1991a: xliv). O que chamamos de Teologia aqui, no contexto medieval não foi apenas o campo de estudos com o qual a contemporaneidade está acostumada. Como definiu Aaron Gurevich, “A Teologia representou a maior generalização do comportamento social do homem medieval, ela forneceu um sistema semiológico geral em termos de como os membros da sociedade feudal apreendiam a si mesmos e viam tanto a motivação quanto a explicação do seu mundo” (GUREVICH, 1985: 9).<sup>207</sup> Acreditamos que essa definição, apesar de se restringir às regiões que desenvolveram o sistema de relações econômicas e sociais conhecido como feudalismo, se ajusta perfeitamente à situação na Europa Oriental, resguardando-se características específicas da região, onde assistimos o nascimento de uma civilização com os Rus’, enquanto no Ocidente testemunhava-se o amadurecimento de uma civilização que teve origem com a desagregação do Império Romano. Assim, os significados atribuídos por esse texto ao batismo de Vladimir são visíveis em seu povo, que os experimentava e

---

<sup>206</sup> The strength of logic gave way to the strength of emotion: the author’s role was to participate in events rather than explain to the audience; indifferent to his individuality, he associated himself with his listeners under a faceless “we” (Tradução nossa).

<sup>207</sup> “Theology represented the highest generalization of medieval man’s social behaviour; it provided a general semiological system in terms of which the members of feudal society apprehended themselves and saw their world both motivated and explained (Tradução nossa).



vivenciava a todo momento na nova dignidade dada aos Rus' por Vladimir e ampliada por Iaroslav. Se trata de orgulho por pertencer a uma história compartilhada por todos os cristãos, testemunhada por seus mais novos membros.

Dessa forma, chegamos ao final de nossa investigação sobre o significado da vida, dos feitos e da morte de Vladimir com a seguinte ideia. Tratava-se de um evento que foi alçado à categoria de monumento para aquele povo. Foi eleito o marco fundador daquele modo de vida e daquela sociedade que se ainda se organizava durante os séculos XI e XII d.C. O ato fundador de Vladimir deu nova identidade para aquele povo, alçou-o à uma situação sem precedentes em termos de prestígio e reconhecimento pelos outros povos do período e também repercutiu intensamente em sua dinâmica interna, ao trazer um novo grupo social para a construção desse novo estado: os sacerdotes. Eles tomaram para si o dever de construir uma narrativa que dotasse esse povo de características próprias e de um orgulho próprio. Esse novo grupo social era proveniente de uma sociedade onde ele estava profundamente arraigado na vida da comunidade, no entanto foi levado para outro ambiente, onde o cristianismo ainda não se assentara completamente, obrigando-os a repensar suas fórmulas e afirmações tradicionais para lidar com a diversidade de modos de vida daquela região e oferecer a eles uma alternativa para que aderissem à religião verdadeira, em sua opinião, o Cristianismo Ortodoxo Bizantino. Cabia a eles demonstrar ao povo como fazer isso e o exemplo de Vladimir como um dos principais expoentes dessa procura pela fé verdadeira foi o principal deles.

## Conclusão

Na primeira parte de nosso trabalho (capítulo 2) percebemos que o processo de constituição político-cultural da autoridade dos príncipes Rus' foi marcado por uma crescente organização e alcance da autoridade de Kiev sobre as regiões da Planície Russa. Vimos como a região iniciou sua integração com os Kázaros, a partir do século VI d.C., que impuseram tributo às populações eslavas do sul e estenderam seu controle até a região do Cáucaso. Graças a essa imposição de tributo, o primeiro fenômeno integrador na região, populações de origens diversas se organizaram em torno de um determinado regime de trocas (DELEUZE, 1987: 429-430). Essa integração os colocou em contato entre si: os caçadores-coletores de origem Báltica e Fino-Ugriana, os agricultores Eslavos, os nômades Kázaros, etc. Desse contato, suas configurações socioeconômicas sofreram algumas alterações mútuas: os Kázaros se assentaram em uma região e se semi-sedentarizaram; os Eslavos desenvolveram, em concomitância com a agricultura, práticas de caça e coleta, visto que os tributos que esse povo devia aos Kázaros eram pagos principalmente em peles de animais selvagens; assim como os Fino-Ugrianos, que eram caçadores-coletores, mas pagavam esses tributos com espadas e outros produtos de metalurgia.

Vimos também que após os Kázaros, Escandinavos se aventuraram na região e expandiram a rede de cidades ligadas, configurando a rota comercial “dos Varângios aos Gregos” e ademais, vimos como os contatos estabelecidos por essa rede comercial logo passaram a servir de ponte para contatos mais profundos, da alçada dos modos de vida e visões de mundo. A interação entre vikings e eslavos trouxe a formação de cidades-estado com alta organização militar e capacidade de defesa, que se unificaram em algum momento no final do século IX e início do século X d.C. Também vimos como a historiografia, através dos últimos dois séculos, sempre se viu às voltas com a questão das origens desse povo e se dividiu entre normandistas e anti-normandistas em uma extenuante polêmica nacionalista, que interpretou a história dos Rus' como história das origens da Rússia atual.

Vimos o estabelecimento de um complexo de rotas comerciais com grandes centros do período medieval, como o Califado Árabe e, posteriormente, o Império Bizantino. Esse comércio atraiu um sem número de povos que objetivavam seu controle e os que eventualmente conseguiram estabeleceram um domínio tributário na região, exercendo um controle rudimentarmente coordenado da produção de itens

comercializados com esses grandes centros, configurando o primeiro domínio tributário mais ou menos estável na região (NOONAN, 1999: 507).

Pudemos observar, no contexto dessas rotas, o surgimento de uma nova entidade política Rus', que passou a fazer parte do mundo medieval, alternando momentos de interação pacífica, razias e guerras com os grandes centros comerciais do período. Esses contatos influenciaram a população dessas regiões, quando os guerreiros que voltavam das expedições comerciais/militares traziam ideias novas e, entre essas, diferentes visões de mundo. Na esteira desse processo, a religião cristã em seus diferentes ritos, bem como o islã e o judaísmo, passaram a fazer parte do campo dialógico dessas populações, com crescente adesão da população a uma ou outra dessas religiões.

Nesse sentido percebemos o movimento dessas ideias religiosas quando comparamos o primeiro tratado comercial assinado entre os Rus' e Bizâncio em 911-913, com o segundo, que já inclui entre os signatários representantes de potentados Rus' alguns cristãos, que prestaram juramento em uma igreja cristã. Além dessa evidência, também elencamos em nossa pesquisa o batismo de Olga no rito bizantino do Cristianismo. Essa princesa foi peça fundamental no processo de cristianização do principado, pois foi a primeira entre os Riurikidas a apoiar publicamente o cristianismo. Por outro lado, pudemos perceber que esse processo estava em contínua mutação, com o retorno do predomínio de práticas pagãs e a influência de povos turco-tártaros no governo de Sviatoslav. Também notamos a complexidade das relações entre o mundo imanente e o transcendente na própria percepção do que constituía a religiosidade na visão de mundo medieval. Percebemos como as relações de troca com o sagrado se impunham como condição essencial para várias atividades da vida do homem da Idade Média.

Essa percepção, caracterizada pela historiografia como uma forma de perceber a realidade de forma integral, tendendo a não separar os fenômenos e acontecimentos da vida em diferentes aspectos, tal como é feito na contemporaneidade (GUREVICH, 1985: 9) é notada quando percebemos um famoso guerreiro, como Vladimir, cogitando a possibilidade de adotar outra religião devido à sua possível falha em conquistar os Búlgaros do Volga, levantando a questão sobre como se orientava a relação dos indivíduos com o sagrado e o que podia se esperar dela. Aqui se institui o problema das trocas com o sagrado, que retomam uma ampla discussão sobre como se alteram as relações entre os homens em comunidades e grupos humanos e a partir disso vemos

alterações correspondentes nas relações entre os homens e o sagrado nesses mesmos ambientes.

Vimos também como a *Crônica* tipifica o contato do príncipe Rus' com as diversas religiões praticadas por seus vizinhos mais próximos através de uma anedota conhecida pela historiografia como “a investigação das religiões”. Vimos como uma conjuntura política específica pode reunir as condições ideais para o florescimento da religião cristã entre os Rus'. O Império Bizantino passava por uma guerra civil, enquanto Vladimir se via sem as bases para o apoio a seu poder entre os Rus'. Através de um acordo entre o Vladimir e os imperadores Basílio II e Constantino VIII, um grupo de guerreiros foi enviado para Constantinopla, para ajudar os imperadores a combater os revoltosos Bardas Phocas e Bardas Sklerus, enquanto eles deram sua irmã em casamento ao príncipe Rus', com a condição que ele se batizasse no cristianismo.

Também vimos como as principais interpretações historiográficas sobre o batismo do príncipe interpretam os eventos associados a essa conjuntura, principalmente a respeito das razões para o cerco e o saque à cidade de Kherson. Elencamos os principais pontos desse debate historiográfico, bem como notamos a característica multifacetada do evento do batismo, quando pensamos em suas implicações políticas imediatas. Para os bizantinos, o acordo foi extremamente útil para reprimir os revoltosos, enquanto para Vladimir, o casamento com uma princesa bizantina nascida no púrpura trouxe legitimidade para seu governo e o cristianismo trouxe toda uma nova concepção do poder e da autoridade do príncipe diante de seu povo e dos povos vizinhos.

Notamos nesse evento algumas características fundamentais para a alteração dos quadros políticos e sociais dos Rus' e percebemos que a partir dele, alcançou-se um novo patamar de organização política ali, com a crescente atribuição de novos significados às atribuições do príncipe. Com a instituição do cristianismo como religião oficial Vladimir, que passava por profundos problemas de legitimação do seu governo passou a ter à sua disposição um manancial de conceitos e definições do poder dos governantes baseados na tradição cristã, que justificaram de maneira mais efetiva seu poder, instituindo uma nova interpretação de sua condição de príncipe e fortalecendo sua posição hierárquica na sociedade. Essas transformações no governo do príncipe e de seus sucessores vão de encontro à definição de Gauchet de um estado que age como transformador sacral, visto que as mudanças nas crenças de Vladimir vão culminar com alterações na forma como os homens se relacionam em seu principado, alterando a

estrutura política naquela sociedade: transformações transcendentais refletindo transformações imanentes (GAUCHET, 1997: 36-37).

A adoção do cristianismo no território Rus' forneceu subsídios para a consolidação e ampliação do poder dos príncipes, que se deu através de um processo com características culturais e civilizatórias, ou seja, que modificou as percepções, emoções e visões de mundo de sua sociedade, por meio da religião, que agiu como um agente dinamizador e que foi capaz de inserir essa sociedade num contexto mais amplo e profícuo de relações entre povos europeus (NOONAN, 1999: 512).

Na segunda parte, adotamos uma abordagem diferente, nos concentrando em como nossos dois principais testemunhos desses eventos constroem seus argumentos e dotam de significados os eventos que narram. Com esse objetivo, retraçamos alguns aspectos das possibilidades de leitura desses documentos em seu contexto de produção e difusão, bem como tentamos estabelecer os principais pontos de contato e divergências entre a *Crônica* e o *Sermão* na definição do significado histórico do batismo de Vladimir. Tentamos também, entender como cada uma delas se aproximava de seu público e levantamos a hipótese de que o objetivo delas era o de “educar” seu público para considerar o batismo de Vladimir e a consequente cristianização dos Rus' como um evento transformador, digno de um milagre para aquele povo.

Inicialmente fizemos uma retrospectiva da atividade evangelizadora entre os Rus' a partir do início do século X d.C., procurando colocar em pauta os principais pontos da consolidação do cristianismo na região, a parte o próprio batismo de Vladimir, considerado separadamente. Também pensamos sobre como se daria a interação entre os quadros da religião cristã e seu público ouvinte no contexto imediatamente posterior à conversão do príncipe, que é caracterizado pela interação entre um grupo de intelectuais, os religiosos que vão para as terras dos Rus' para evangelizar esse povo recém-convertido e constituir a igreja entre eles e um povo heterogêneo e com várias heranças culturais diferentes. Destacamos em nosso texto que qualquer abordagem historiográfica desse fenômeno deve levar em consideração a interação entre essas duas forças na sociedade. Isso quer dizer que o pesquisador que se dedicar a esse tema deve considerar que os religiosos, oriundos de uma sociedade onde o cristianismo estava arraigado na essência da conformação social, pregavam agora para um público que acabara de ser, provavelmente, trazido à força para o cristianismo.

Fizemos um balanço da delimitação formal dessas obras em termos de seus gêneros textuais. Percebemos que suas características discursivas trazem implicações

para nossa abordagem das mesmas, de forma que para compreendê-las em sua especificidade devemos nos atentar para as formas de construção de seu discurso.

A *Crônica* se insere em um grupo de textos que pretende recontar a história universal desde os tempos bíblicos até os eventos contemporâneos ao(s) narrador(es). Dessa forma, entendemos que o esforço de registro historiográfico ou analítico empreendido na construção dessa obra teve como objetivo trazer os Rus' para dentro da temporalidade iniciada no tempo bíblico. Por outro lado o *Sermão* faz parte de outro gênero, aquele dos Sermões comemorativos, se aproximando muito dos encômios ou eulogias, que comemoram os feitos de um soberano e louvam suas características de destaque para o público ouvinte. Nesse sentido, notamos desde o início que o texto do *Sermão* não traria contribuições aprofundadas para a questão da interpretação factual dos eventos que estudamos, mas traria, por outro lado, valiosíssimas contribuições para que pensássemos sobre qual era a percepção que os religiosos, enquanto parte do conjunto social desse lugar, desenvolveram sobre o seu passado histórico recente.

Dadas todas essas delimitações, começamos a esmiuçar o que dizem os textos sobre o príncipe e como poderíamos interpretar essas afirmações. Notamos que a descrição inicial de Vladimir na *Crônica* é marcada por pesadas críticas a seus modos e costumes, onde salta aos olhos o repúdio do(s) cronista(s) à bebida e à quantidade de mulheres de Vladimir. A guerra entre os irmãos e a traição também é ressaltada como crítica ao príncipe, no que constitui como que um preâmbulo da salvação que viria quando o príncipe se convertesse, utilizando uma comparação interessante com o Salomão bíblico. Essas críticas aos modos do príncipe constituem, a nosso ver, um prelúdio necessário para demonstrar, através do discurso da *Crônica*, a transformação operada na vida do príncipe por sua adoção do cristianismo. Por outro lado, o *Sermão* confirma o que dissemos sobre as especificidades do seu gênero e exalta características positivas de Vladimir desde antes do batismo. Essas características são, para a obra, fundamentais em sua lógica que estabelece a natureza diferenciada e destacada do príncipe para ser o agente da Graça entre os Rus'.

Depois vimos também que a questão das circunstâncias do batismo de Vladimir é tratada de maneira bem diferente entre as duas obras. Para a *Crônica*, uma situação específica na qual o príncipe se sentiu ameaçado em seu poder foi fundamental para que ele procurasse outro fiador divino para suas ações. Ele encontrou uma possibilidade de negociação ampla quando percebeu que os imperadores bizantinos estavam “com problemas”, na verdade uma guerra civil. A partir dessa constatação, o príncipe teve

margem para obter dos imperadores um amplo acordo que incluía ajuda militar, a conversão do príncipe, a conversão de seu povo e o casamento com uma princesa bizantina. Em suma, tratou-se de uma situação política específica que forneceu as possibilidades para que o príncipe se convertesse e a seu povo.

O mesmo não se passa no *Sermão*, quando notamos que o príncipe percebeu seu “engano” através de uma *visitação divina*, que lhe abriu os olhos para a “ilusão da idolatria”. O que percebemos aqui foi uma característica importantíssima da visão medieval sobre o que era a razão, e também sobre o que era o indivíduo. Notamos que a intervenção divina não diminuiu a capacidade intelectual de Vladimir em perceber o erro da idolatria. Ao contrário, exatamente por ser veículo da ação da providência divina, Vladimir foi considerado excepcional, coisa que provavelmente não acrescentaria na percepção da intelectualidade de alguém na contemporaneidade. Trata-se de uma concepção ampla da realidade, que durante a Idade Média foi pensada em sua unidade, tal como nas palavras de Gurevich:

“os medievais percebiam e concebiam o mundo como uma unidade, ou seja, suas partes constituintes eram concebidas não como unidades independentes mas como cópias do todo, cada uma carregando uma impressão do todo. Tudo que existe é derivado do princípio regulador central; todas as coisas estão organizadas na hierarquia estrutural e estão em relação harmônica com os outros elementos do cosmos. Visto que o princípio regulador do mundo medieval é Deus, concebido como o bem maior e como o que é perfeito, o mundo e tudo nele é visto a partir de um ponto de vista moral. Na visão de mundo medieval não existem forças ou coisas eticamente neutras; todas as coisas e todas os agentes são elementos ativos no conflito cósmico entre o bem e o mal e no processo de salvação universal (GUREVICH, 1985: 288).<sup>208</sup>

Concordamos com a abordagem do historiador russo e, a partir dela, acrescentamos: Vladimir era excepcional exatamente por ser o agente da providência divina, por espalhar na terra a religião verdadeira. Dessa forma, a exaltação da capacidade de Vladimir quando se fala da visitaçã do altíssimo sobre ele quer dizer exatamente que, no plano da ordem natural do universo, onde Deus é o motor principal de todas as coisas, “os instrumentos” de Deus são louvados por estarem em uma posição

---

<sup>208</sup> “medieval people perceived and construed the world as a unity; that is to say, its component parts were conceived not as independent entities but as copies of the whole, each carrying the imprint of the whole. All that exists is derived .from the central regulating principle; all things are arranged In the structural hierarchy and are in harmonic relationship with other elements of the cosmos. Since the regulating principle of the medieval world is God, conceived as the highest good and as that which is perfect, the world and everything in it is seen from a moral standpoint. In the medieval world model there are no ethically neutral forces or things; all things and all agencies are active elements in the cosmic conflict between good and evil and in the universal process of salvation” (Tradução nossa).

mais próxima da divindade. Essa descrição se aproxima da delimitação do líder carismático, proposta por Max Weber. Para ele o líder carismático é respeitado por seus dotes sobrenaturais e suas capacidades mágicas, como revelações ou heroísmo (WEBER, 1986: 134). Nesse caso, notamos que ao tornar Vladimir um receptáculo da manifestação do desejo da divindade, ele torna-se um portador de uma qualidade irrefutável, nessa nova realidade.

Isso nos leva a outra de nossas conclusões. Nesse ponto, tanto o relato da *Crônica* quanto o do *Sermão* sugerem a mesma ideia. Ainda que por vias diferentes, Vladimir foi o agente da graça para as duas obras. Essa agência o fez galgar um degrau acima nessa hierarquia universal, se concordamos com Gurevich. Essa diferenciação propôs e justificou toda uma reavaliação da hierarquização entre os Rus', onde Vladimir passou a desfrutar de um novo estatuto, como o agente da vontade divina, a mão de Deus entre os Rus'. Essa reavaliação tende a ser muito difícil e merece ainda mais algumas considerações.

Para o historiador Marcel Gauchet, em sua obra *Le disenchantment du monde* (1985), a constituição político-religiosa das sociedades é marcada por um profundo conservadorismo, onde qualquer indivíduo que queira desafiar a ordem vigente deve se valer de um discurso extremamente eficaz (GAUCHET, 1985: 34). Nesse sentido, para Gauchet, o que se configura como um desafio ao princípio fundador da sociedade é principalmente o surgimento do Estado. Essa violência em relação aos costumes herdados dos antepassados míticos transforma as sociedades humanas e as insere em uma nova etapa “as insere decisivamente *na história*” (GAUCHET, 1985: 34). Nesse sentido, acreditamos que conseguimos aplicar coerentemente as ideias de Gauchet para analisarmos nosso objeto, como dissemos anteriormente, onde pudemos afirmar que a decisão de Vladimir foi, para a *Crônica*, o evento que inseriu os Rus' no contexto da história universal, ou seja, a da fé cristã e a história da própria construção histórica do povo eslavo.

Podemos perceber então, importantes semelhanças entre o discurso de nossas fontes e as proposições de Gauchet, que ressalta que para que essas transformações ocorram (a do surgimento do Estado), é necessário que uma enorme força seja aplicada para mudar os parâmetros vigentes. Uma transformação radical na percepção de mundo das pessoas seria imperativa para que elas abraçassem a nova realidade e para que a sociedade resultante dessa transformação tivesse condições mínimas de sobrevivência. Uma das formas de estabelecer essa transformação é a imposição de uma hierarquia



dentro dos grupos sociais. Abandonar os ídolos seria, dessa forma, uma ruptura com a antiga linguagem que instauraria as bases para o novo posicionamento de Vladimir enquanto príncipe. Isso toma uma dimensão simbólica na passagem onde o príncipe ordena que se jogasse a estátua de Perun no rio Dnieper, correnteza abaixo.

Esse estabelecimento da hierarquia entre os homens, com o surgimento do Estado foi o pilar fundamental da instituição da linguagem como forma de justificação, ordenação e transformação da realidade. A partir dessa linguagem, outras direções para a conformação dessas sociedades se tornou possível: a de impor a dominação de um povo sobre outro. Nesse sentido, a linguagem, que age enquanto mecanismo de codificação do comportamento de uma nova sociedade, adquire caráter valorativo quando passa a julgar outros agrupamentos humanos. Segundo Gauchet,

A dominação política não apenas produz ou gera grande instabilidade e transformações mais efetivas, ela também remolda tanto as relações intrasociais quanto as intersociais de tal maneira que a ação recíproca de suas forças mais substanciais tende a afrouchar os laços humanos previamente inalteráveis (GAUCHET, 1985: 35).<sup>209</sup>

Diante dessa ideia a respeito da dominação política, vimos que a separação estabelecida pelo surgimento do Estado, quando associada ao empreendimento de conquistas que geram dominação política de um povo sobre outro, deriva em uma separação ou em um aprofundamento da separação dentro da sociedade humana onde imediatamente os dominantes se associam aos deuses, enquanto os dominados estão fora dessa relação, ou mais afastados dela (GAUCHET, 1985: 35). No entanto, para transformar esse próprio estado de coisas, notavelmente encontramos novas expressões e novos fundamentos do divino.

Nesse sentido, a religião de fora, o cristianismo, com seu corpo de crenças, dogmas e visões de mundo, além de uma vasta tradição de discursos elaborados para a conduta humana, a ordenação do universo e a justificação da hierarquia entre os homens foi fundamental para que Vladimir tivesse justificada e ampliada sua posição política entre os Rus'. Percebemos aqui que, muito embora os motivos para a necessidade dessa ruptura permaneceram pouco elucidados pelos documentos, esse novo discurso teve participação fundamental na consolidação do poder dos príncipes Riuríkida. Pudemos

---

<sup>209</sup> “So political domination not only produces or generates greater instability and more effective transformations, it also reshapes both the intra – and inter – social relations in such a way that the interplay of their most substantial forces tends to loosen the previously unchallengeable human bonds” (Tradução nossa).

perceber o quanto os discursos contidos na *Crônica* e no *Sermão* são fruto desse esforço de consolidação de um principado entre os Rus’.

Notamos também que, para Gauchet, a linguagem é a ferramenta fundamental para que essa reorganização tenha lugar. Deleuze e Guattari acreditam que o desenvolvimento da linguagem enquanto ferramenta de estado se dá exatamente para solidificar a ruptura instaurada por seu surgimento. É a partir da linguagem que se estabelece o discurso do novo estado, um discurso capaz de justificar a ruptura da ordem anterior:

Não é somente a escrita que supõe o Estado, é a palavra, a língua e a linguagem [...]. As próprias falas e as línguas, independentemente da escrita, não se definem por grupos fechados que se compreendem entre si, mas determinam primeiro relações entre grupos que não se compreendem: se há linguagem, é antes entre aqueles que não falam a mesma língua. A linguagem é feita para isso, para a tradução, não apenas para a comunicação (DELEUZE; GUATTARI, 1987: 429-430).

Dessa forma, uma nova linguagem para a transformação do meio teria a consequência de consolidar um novo padrão de interação entre os indivíduos, uma nova codificação da ordem.<sup>210</sup> Ainda segundo essa proposição, a linguagem do estado surgiria principalmente com o objetivo de fazer grupos heterogêneos se comunicarem, dotá-los de um campo dialógico comum. Nesse sentido, percebemos que o discurso contido na *Crônica* e no *Sermão* é fruto desse esforço entre os Rus’.

Quando Vladimir chegou ao poder, precisou subjugar novamente várias tribos que estavam sob o controle de seu pai, precisa reestabelecer sua autoridade sobre diversos setores da população e ainda precisa criar um estado de normalidade social. A instauração do panteão pagão quando de sua posse nos fez refletir sobre isso. No entanto, como percebemos, não se mostrou suficiente para cumprir os objetivos do príncipe e foi seguida pela adoção do cristianismo. Esse é o fato a se destacar aqui. O(s) cronista(s) e Hilarion trabalharam no sentido de dar a esse novo estado um discurso homogêneo. A nosso ver o sucesso disso veio mais tarde, depois de Vladimir e aqui encontramos o que dissemos, em nossa proposta inicial, se tratar de “propaganda” ou “pedagogia” nesses testemunhos. Vladimir se tornou um ícone para essa comunidade, ao reunir em si as qualidades necessárias, segundo os autores, para a ruptura que ele próprio inaugurou, e as qualidades necessárias para a manutenção desse estado de coisas, dessa nova ordem.

---

<sup>210</sup> Sobrecodificação, de acordo com os autores.

É importante nisso tudo notar como religiosos acostumados a definir o mundo a partir de uma ordem harmônica e imutável, baseada na tradição (IOGNA-PRAT, *DTOM*, 2006: 305), são inseridos nesse novo contexto e passam a elaborar, dentro desse ambiente, uma concepção tão sofisticada do que seria essa nova ordem entre os Rus'. Acreditamos que o esforço desses religiosos foi o de operar o traslado de ideias profundamente arraigadas no cristianismo e, mais especificamente, em Bizâncio, para os Rus' e o de integrá-lo ao passado pagão (FRANKLIN, 1992: 159), de antes da decisão de Vladimir. Transformar essas duas origens em um todo harmônico foi o principal objetivo desses autores que, a nosso ver, conseguiram estabelecer essa unidade com maestria, onde a ruptura temporal, operada por Vladimir, passou a funcionar como um divisor de eras.

Testemunho do sucesso desses autores é a notável permanência de sua influência em vários níveis, sobre qualquer tentativa de estabelecer um relato sobre a história do principado Rus' de Kiev e da conversão do povo Rus' ao cristianismo, através de Vladimir. A força de seus argumentos é tão forte que mesmo para discordar, a grande maioria de seus comentadores herda sua estrutura de tópicos e boa parte de seus pontos de vista básicos. O monumento à posteridade criado por eles continua com muito de seu vigor e, ainda que vários outros influxos culturais tenham transformado a realidade dos países que contém territórios que constituíram os antigos principados Rus', é notável que ainda se evoque o príncipe Vladimir como um dos pontos centrais da articulação histórica desses povos. No final de nossa caminhada reconhecemos que, em larga medida, em nossos estudos fomos desafiados o tempo todo pelo poder dos argumentos desses dois testemunhos. Obrigados a nos policiar vimos que, aparte as enormes diferenças entre o pensamento medieval e o contemporâneo, as sequências narrativas criadas pelo(s) cronista(s) e por Hilarion permanecem com um enorme poder de persuasão. A iniciativa individual, a despeito das diferenças de percepção que desfrutou desde a escrita dessas obras continua sendo o elemento chave para descrever a decisão do príncipe, seja ela atribuída à intervenção divina, seja atribuída às virtudes e visão política do príncipe.

## Bibliografia

### Referências documentais

*Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral, 1991.

*Catecismo da Igreja Católica* Libreria Editrice Vaticana, 2005

CROSS, Samuel. H; SHERBOWITZ-WETZOR, Oleg P. *The Russian Primary Chronicle*. Cambridge: Mediaeval Academy Of America, 1968.

FRANKLIN, Simon C. *Sermons and Rhetoric of Kievan Rus'*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

GRUMEL, Venance. *Les registes des actes du Patriarcat de Constantinople*. Vol. 1. Paris: Institut Français D'Etudes Byzantines, 1989.

MIGNE, J. P.(Ed.) *PATROLOGIA CURSUS COMPLETUS SERIES GRAECA*. GEORGIUS CEDRENIUS, Compendium Historiarum. Paris: Garnier Fratres, Editores et J. P. Migne Sucessores, Vol 127, 1889. Disponível em: [www.documentacatholicaomnia.eu](http://www.documentacatholicaomnia.eu). Acessado em: 13/06/2010.

MORAVCSIK, Gyula, (Ed.) & Jenkins, R. J. H. (Tr.) *Constantine Porphyrogenitus. De Administrando Imperio*. Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1993.

NIEBUHRII C. F., B. G. (Ed.). *CORPUS SCRIPTORUM HISTORIAE BIZANTINAE: LEO DIACONUS Historiae Libri Decem*. Bonn, Ed. Weber, Vol. XI, 1828. Disponível em: [www.documentacatholicaomnia.eu](http://www.documentacatholicaomnia.eu). Acessado em: 13/06/2010

PEREIRA, Carlos S. (trad.). *A Gesta do Príncipe Igor*. Lisboa: Edições Cotovia, 1992.

SEWTER, E. R. A. *Fourteen Byzantine Rulers: the Chronographia of Michael Psellus*. London: Penguin Books, 1966.

### Obras de referência

HERBERMAN, Charles G., et al., (ed.) *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company, 1912.

KAZHDAN, A.; TALBOT, A.-M.; CUTLER T. E.; A. GREGORY, T. E.; SHEVCHENKO, N.P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1991. 3 vols. (Obs: na referência rápida no corpo do texto, sempre que recorremos a algum verbete dessa edição, exibimos a abreviatura da obra: ODB).

LE GOFF, Jacques; Schmitt, Jean Claude (orgs). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006. (Obs: na referência rápida no corpo do texto, sempre que recorremos a algum verbete dessa edição, exibimos a abreviatura da obra: DTOM).

MILLAR, James R. (Ed.). *Encyclopedia of Russian History*. Nova York: Thompson &

Gale, 2004.

PERRIE, Mauren (ed.). *The Cambridge History of Russia*. Volume I: From Early Rus' to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

### Referências bibliográficas

BEREND, Nora (ed.) *Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus', c. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BLONDAL, Sigfus. *The Varangians of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CROSS, Samuel H. "The Scandinavian Infiltration into Early Russia". In: *Speculum*, Vol 21. No. 4 (Oct. 1946), pp. 505-514. Medieval Academy of America. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2856771> acessado em 31/05/2009.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. São Paulo: Ed. 34, 1997, v. 5.

DVORNIK, Francis. *The Slavs: Their early History and Civilization*. Boston: American Academy of Arts and Sciences, 1958.

FENNEL, John. *A History of the Russian Church to 1448*. London: Longman, 1995.

FRANKLIN, Simon. "Borrowed Time: Perceptions of the Past in Twelfth Century Rus'." In: MAGDALINO, Paul. (ed.) *The perception of the Past in Twelfth Century Europe*. Londres: The Hambledon Press, 1992.

FRANKLIN, S.; SHEPARD, J.. *The Emergency of Rus': 750-1200*. New York: Longman Publishing, 1996.

FRANKLIN, S. *Writing, Society and Culture in Early Rus, c. 950-1300*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GAUCHET, Marcel. *The disenchantment of the world*. A political history of religion. Princeton: Princeton University Press, 1997.

GROUSSET, René. *L'empire des steppes: Attila, Gengis-Khan, Tamerlan*. Paris: Payot, 2001. 6ªed.

GUREVICH, Aaron. *As categorias da cultura medieval*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.

\_\_\_\_\_. *Categories of medieval culture*. London; Boston, Melbourne & Henley: Routledge & Kegan Paul, 1985.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTIN, Janet. *Medieval Russia: 980-1584*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MILLAR, James R. (Ed.). *Encyclopedia of Russian History*. Nova York: Thompson & Gale, 2004.

NOONAN, Thomas S. "European Russia c.500-c.1050. In: REUTER, Thimoty (Ed.). *The new Cambridge medieval history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

OBOLENSKY, Dmitri. *The Byzantine Commonwealth: Eastern Europe 500-1453*. London: Phoenix Press, 1988.

OSTROGORSKY, Georg. *Historia del Estado Bizantino*. Madrid: Akal Editor, 1963.

OSTROWSKI, Donald. *The Povest' vremennykh let: An Interlinear Collation and Paradosis* Cambridge, Harvard University Press, 2003. 3 vols.

PIPES, Richard. *Russia under the old regime*. London: Penguin Books, 1995. 2<sup>a</sup> ed.

POPPE, Andrzej. "The Political Background to the Baptism of Rus': Byzantine-Russian Relations between 986-89". In: *Dumbarton Oaks Papers*, Vol 30 (1976), pp. 195-244. Washington: Dumbarton Oaks, Trustees for Harvard University. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1291395>, acessado em 25/05/2008.

POPPE, Andrzej. *Christian Russia in the making*. London: Variorum Reprints, 2007.

PORTAL, Roger. *Os eslavos: povos e nações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1968.

SHAW, Denis J. B. Russia's Geographical environment. In: *The Cambridge History Of Russia*. Vol. 1. From early Rus' to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SHEPARD, J. "The origins or Rus'". In: *The Cambridge History of Russia*. Vol 1: From Early Rus' to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SHEPARD, J. "Marriages towards the millennium." In: MAGDALINO, Paul (ed.). *Byzantium in the year 1000*. Leiden; Boston: Brill, 2003.

SHEPARD, J. (ed.). *The expansion of Orthodox Europe: Byzantium, the Balkans and Russia*. London: Ashgate Variorum, 2007.

STEPHENSON, Paul. *Byzantium's Balkan Frontier: A Political Study of the Northern Balkans, 900-1204*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TAVEIRA, Celso. *O modelo político da autocracia bizantina*. Fundamentos ideológicos e significado histórico. 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

TAVEIRA, Celso. *Da primeira à terceira Roma*. A Commonwealth Bizantino-Eslava e

seu impacto na formação da Rússia. Relatório final de projeto de pesquisa em nível de pós doutorado. Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis, 2008.

WEBER, Max. “Os três tipos de dominação legítima.” In: COHN, G. *Max Weber: sociologia*. 3ª ed. Col. “Grandes Cientistas Sociais.” São Paulo: Ática, 1986. Pp. 128-141.

ZALDUENDO, Eduardo A. *Las seis Rusias: Sociedad, política y economía*. Buenos Aires: EDUCA, 2003.